

642-4

N.º 1

NOVEMBRO — 1876

A EVOLUÇÃO

REVISTA QUINZENAL DE LITTERATURA, DE CRITICA E DE VULGARISAÇÃO SCIENTIFICA

REDACTOR—ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

SUMMARIO

- | | | | |
|-----|---|-----|---|
| I | INTRODUÇÃO, por Alexandre da Conceição. | V | A VOZ DO SEculo (poesia), por M. Sardenha. |
| II | QUESTÕES SOCIAES, pelo dr. A. Z. Candido. | VI | N'UM TUMULO (poesia), por Alexandre da Conceição. |
| III | No CAMPO (poesia), por Barros de Seixas. | VII | BIBLIOGRAPHIA, por Alexandre da Conceição. |
| IV | MR. RENAN, por Alexandre da Conceição. | | |



COIMBRA
 IMPRENSA ACADEMICA
 1876

1911

3-24-1911

A ETIOLOGIA

REVISTA QUINZINAL DE LITTERATURA DE LINGUA PORTUGUEZA E DE ALGUMAS CIENCIAS

REDACTOR: ALEXANDRE DE GONCALVES

SUMARIO

- I. O problema da etimologia
- II. A etimologia da palavra "etologia"
- III. A etimologia da palavra "etologia"
- IV. A etimologia da palavra "etologia"

EDITORA
LIVRARIA S. PAULO
1911

A EVOLUÇÃO

Novembro

1876

NUMERO 1

INTRODUÇÃO

Assistimos na Europa a uma das transformações mais decisivas e brilhantes, que haverá a registar na historia do espirito humano, qual é a da substituição lenta, mas constante e gradual, do velho espirito theologico e metaphysico pelo espirito verdadeiramente scientifico da philosophia positiva. Estamos apenas no começo d'esta gloriosa transfiguração e os seus resultados fazem-se já sentir por toda a parte com uma energia promettedora dos mais fecundos e altissimos triumphos. Começam finalmente os espiritos a penetrar-se da idéa de que a evolução é o grande principio regulador das transformações e dos progressos da sociedade, como o é dos individuos, como o é talvez de toda a serie organica. Principia a comprehender-se que nas instituições, como nos povos, os elementos principaes e caracteristicos da sua vitalidade e do seu desenvolvimento não são systemas de convenção ou productos artificiaes gerados pela vontade individual e consciente, mas o resultado de todas as forças organicas da sociedade, subordinadas na sua actividade evolutiva ás diversas e multiplicadissimas influencias do meio historico, geographico e ethnographico. Da comprehensão d'este alto principio de critica, devido immediatamente aos trabalhos do positivismo contemporaneo, derivam as mais fecundas consequencias.

Banido das consciencias o velho supranaturalismo theologico e as impalpaveis e arbitrarias concepções da metaphysica espiritualista, aquellas adquirem a serena e fecunda tranquillidade que sempre lhes costumam dar as convicções fortes e bem definidas. A grande noção moral e juridica da justiça apossou-se de todos os espiritos elevados e d'estes irradia quotidianamente em esplendores de verdade por sobre todas as almas, elevando-as para o bem e ungiendo-as para o dever.

A sciencia, levantada finalmente acima da atmospheria asphyxiante em que se finam as antigas seitas e as velhas escolas metaphysicas, abandona para sempre o terreno movediço das hypotheses, reduzindo-as á sua verdadeira condição secundaria de concepções provisórias, destinadas, quando muito, a guiar o observador na investigação dos factos, mas nunca a servir de base a theorias scientificas, em quanto hypotheses.

A politica perde de dia para dia o caracter flu-

ctuante, convencional e aventureiro que lhe imprimira o espirito juvenil e impaciente, posto que generoso, de jacobinismo francez, para se tornar uma verdadeira sciencia, cujas leis, como as de todas as sciencias, são rigorosamente deduzidas da observação intelligente e despreocupada dos factos.

A litteratura despe a desbotada tunica romantica, expressão artistica das etherisações incoerciveis do espiritualismo philosophico, e, conscia da sua grande missão evangelisadora, apossa-se das altas verdades da philosophia e do movimento scientifico contemporaneo para as mostrar, adornadas com todos os primores da poesia e com todos os esplendores do enthusiasmo, ás multidões sequiosas de novos ideaes.

Em Portugal—digamol-o sem devaneios de patriotismo obscuro, mas tambem sem pessimismo rabujento—esta immensa transformação nas idéas e no ponto de vista critico acha-se já brilhantemente affirmada nos estudos historicos e litterarios e nas concepções poeticas e artisticas; para o demonstrar bastará, entre muitos, citar os nomes dos srs. Anthero do Quental, Theophilo Braga, Oliveira Martins, Luciano Cordeiro, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, etc., etc.

Ha dez annos apenas que se manifestaram os primeiros symptomas d'esta formosa evolução litteraria e já hoje a nova escola conquistou o direito de cidade, posto que seja ainda olhada como suspeita pelos espiritos timidos e educados no velho regimen auctoritario. E' preciso confessar, porém, que a velha escola romantica alguma razão tem para olhar como desordeira e cegamente revolucionaria a pleiade dos novos conquistadores do ideal.

Acontece com effeito que estes, offuscados pelo enthusiasmo da luta e pelos hymnos dos primeiros triumphos, tratam em geral com tal acrimonia e desdem os representantes mais gloriosos do periodo litterario anterior, que dão bons motivos para serem taxados de injustos. O jacobinismo em litteratura teve o seu tempo, como o teve em politica e em religião; hoje, além de ser de mau gosto, é indicio manifesto de falta de senso critico. E' preciso que todos nos compenestremos da idéa de que as escolas litterarias não realisam o mytho de Minerva, que sabiu armada e prompta para o combate da cabeça de Jupiter. Se ha serie

de phenomenos sociaes em que o principio da evolução seja rigoroso e palpavel são esses os da producção artistica e litteraria. O laço que prende as diversas escolas é tão visivel e robusto que só os espiritos inteiramente alheios aos processos da critica o podem desconhecer. A ala dos namorados do ideal não caminha para a victoria collocada toda n'uma só linha de batalha. Ha sempre espiritos, que, por indole, por educação litteraria e até por habitos adquiridos, ou ficam immobilizados na corrente natural da evolução que impelle os outros para as primeiras filas do combate ou caminham com menos impetuosidade que estes, formando a transição gradual entre os lutadores mais avançados e os ultimos representantes da escola anterior. O que a critica, a critica imparcial e justa deve exigir de todos é conformação stricta e honrada entre o que se pensa e o que se escreve. O contrario d'isto produz o convencionalismo, o defeito por excellencia, o defeito capital de todas as instituições e de todas as litteraturas mortas para a consciencia publica.

Sejamos pois justos para com todos os grandes

lutadores que nos prepararam a comprehensão dos novos ideaes. Se elles não tivessem sido os românticos, eramol-o nós hoje e estaríamos atrazados meio seculo. Devemos-lhes, por isso, esse meio seculo de lutas e glorias. E' um patrimonio sagrado que devemos receber com o respeito filial e com o orgulho viril com que os antigos fidalgos recebiam a espada gloriosa de seus avós para com ella irem conquistar nas lutas contra os infieis as suas esporas de cavalleiros.

Vae n'estas leves considerações a justificação do titulo adoptado para este jornal.

Hão de ser estes os principios que nos hão de guiar na derrota mais ou menos curta, mais ou menos obscura que esta publicação tiver de fazer. Não temos exclusivismos intolerantes de escola, nem rancores obscuros de seita litteraria. O nosso ideal social é a justiça, o nosso ideal artistico é a verdade.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

QUESTÕES SOCIAES

Resumo: Problema sociologico. — Estudo do objecto; exposição da questão.—Mecanica social, como sciencia abstracta.—Fôrmas concretas do problema.—Estado social; desequilibrio d'este estado com a lei.—Evolução da humanidade; suas phases, e causas determinativas.—Mezologia; sua importancia e estado actual.

A humanidade é um homem que vive sempre, dizia Pascal.

Sentença profunda, que, na sua simplicidade de fôrma, comprehende a apologia completa da nossa especie.

Só o homem vive sempre, porque só elle possui a maravilhosa faculdade de transmittir as condições da sua existencia.

A sociabilidade, multiplicando as forças individuais, creando outras, producto exclusivo da aggragação, consegue resultados a que nunca chegaria o esforço de cada um. A faculdade da transmissão do pensamento, pelos variados modos da sua representação, permite armazenar, em cada dia, novos meios de desenvolvimento, unificar existencias de todos os tempos e espaços.

Cada geração recebe da que a precedeu o legado que deve entregar ampliado e enriquecido. A parcella que lhe junctar será o titulo da sua nobreza na justa apreciação da historia.

Por isso a vida do homem eterno é cada dia mais adulta, em cada hora mais complexa.

As leis da vida social são, pois, variaveis no tempo, como as condições do organismo que ellas regem e encaminham.

As phases da vida collectiva, são as phases da vida individual. A humanidade vestiu as faxas da infancia nos tempos da sua primitiva existencia; alevantou-se gigante na força da juventude porque vae passando; e arrastará, por ventura, no futuro que se não sabe fixar, a decrepitude da velhice, que lhe virá por seu tempo.

O facto da morte é um incidente imperceptivel neste organismo complexo. As condições da vida collectiva são independentes do acto que ahi se repete em cada hora.

Cada homem é uma causa, um agente de cooperação. Orgãos, em geral, gastos e ociosos, substituem-se por outros, vigorosos e activos. Com o desaparecimento coincide a renovação; o numero é progressivamente crescente; a resultante é, portanto, uma força que vae crescendo tambem, não obstante, e em consequencia, do desaparecimento de cada membro.

Se a morte não fosse condição essencial da vida, a mesma civilização a crearia, como instrumento indispensavel da sua marcha de progresso.

O problema social tem uma representação abstracta que fixa o limite de que se deve aproximar o trabalho de cada um, o caminho que nos deve guiar no nosso esforço cooperativo.

A humanidade é um systema mecanico, composto de muitos pontos a que se applicam outras tantas forças. Cada uma d'estas forças representa o estado de cada individuo. Augmental-as é, portanto, aperfeiçoar a vida individual.

As resultantes d'estas forças, duas a duas, tres a tres, etc. dão o estado de cada sociedade elementar. Dão a familia, dão a parochia, o municipio, o distri-

cto, a nacionalidade. A sua resultante universal dá a família universal, dá a humanidade.

Tornar maxima cada uma das forças elementares, seria atingir o maximo progresso individual.

Tornar maxima cada resultante, seria conseguir o mesmo fim para cada sociedade que essa resultante domina.

Achar o maximo, emfim, da força total, seria determinar a lei do maximo progresso social.

A sociologia é, pois, uma sciencia abstracta.

Difficil e complexa na verdade, no primeiro periodo ainda da sua organização, filha legitima de estudos e investigações, mal feitos ou por fazer, a sciencia social é, por em quanto, mais uma concepção do que uma realidade, uma aspiração do que um facto consummado.

O espirito começa ainda agora a reunir os materiaes donde deduzir com segurança as suas leis.

Mas nem por isso poderá negar-se-lhe o seu character abstracto, que lhe é fixado naturalmente no quadro hierarchico das sciencias, primorosamente desenhado pelo auctor da *Philosophia positiva*.⁽¹⁾

A exposição do problema social, como fica feita, fixa o caminho que nos deve guiar no nosso trabalho. A mecanica social ahi fica desenhada a largos traços, com character conciso e rigoroso.

O caminho analytico começa no individuo para findar na humanidade.

Aperfeiçoar a vida individual, com o fim de tornar o homem órgão proficuo de collectividade; estudar as melhores condições de agrupamento das sociedades fundamentaes pela sua ordem natural; fixar-lhes as leis do seu desenvolvimento, para que cada uma consiga o maximo fim, na esphera que lhe pertence; agrupar as collectividades d'uma certa ordem em grupos de ordem mais elevada, com minimos choques e maximos effeitos; aproximar, emfim, pela communhão de pensamentos, de interesses, de aspirações, os órgãos da família universal; taes são as diversas formas que reveste o problema sociologico.



Seja qual fôr o estado de cultura do espirito de cada um, o rumo da sua educação, não ha hoje quem desconheça que a grande machina social soffre desarranjos profundos, que ameaçam formidaveis desagregações, traduzidas no movimento das sociedades por esses cataclysmos lamentaveis que a historia nos menciona.

Os que analysam de mais perto este oscillar continuado, ao mesmo tempo que reconhecem a existencia d'este mal, como que respiram no meio que os envolve, como que presentem na atmosphaera social o fluido d'uma nova vida, o germen d'uma transformação que se antevê, que se reconhece, que é fatal no

¹ A Comte—Cours de Philosophie—Tom. 1.º—Deuxième leçon.

tempo, embora a ninguem seja licito fixar-lhe o momento e o logar da sua primeira aparição.

As idéas atropellam-se; as luzes chocam-se; os systemas centuplicam-se; a critica recrudescce dia a dia; o ataque politico cada vez é mais violento; a luta pessoal dos individuos, das collectividades, das associações, agrava-se; a desconfiança cresce d'uma maneira assustadora; o egoismo estende a sua manta desprezível, pretendendo cobrir a terra; e tudo espreita, e tudo está preparado para o dia de amanhã, que ninguem adivinha, que todos, porém, esperam, que todos receiam.

Que o systema politico que rege o mundo não é o que o mundo reclama, não é o que o estado actual da civilisação exige, como laço que prenda todos os individuos num pensamento, num fim, numa aspiração commum, sabe-o todo o homem; demonstra-o a observação.

A lei é esse iman poderoso que faz gravitar os órgãos d'este grande corpo em torno d'um mesmo ponto.

A lei é a traducção do pensamento commum, do estado social, a que se applica.

Formava-se a lei quando se constituia a primeira sociedade. E' para ella o que é a força para a materia, o alimento para o corpo.

Mas a humanidade caminha; mas as suas forças evolutivas, proprias, impreteriveis, produzem as phases da sua derrota.

A lei, se é a bussola que dirige, se é o pharol que encaminha, não é, nem pôde ser, a força que determina, o impulso que origina a marcha da humanidade.

A lei é essa luz que, atravessando o corpo social, manifesta a immensa variedade das suas côres, como a luz do sol quando atravessa os corpos que a refractam.

Por isso a lei deve modificar-se, revestindo todas as formas conducentes a estabelecer a sua harmonia com os corpos que influencia.

E este desequilibrio averiguado, que existe, que todos reconhecem, ha de provir, em ultima analyse, da desharmonia d'esta força e d'este corpo, da lei social e da sociedade que ella dirige, que ella encaminha, mas que ella não pôde dominar, porque não pôde aniquilar as forças proprias, as actividades naturaes d'este grande organismo social.

Pretendel-o, é ver na historia a humanidade levantar-se gigante, esmagando a lei.

Pretendel-o, é ver a onda terrivel que arrasa todos os diques formados contra o seu caminhar.

Aos homens que se collocam á frente da marcha social compete, pois, o imperioso dever de se affieçoarem a essa marcha, de a estudarem, de conhecerem as forças virtuaes do seu movimento, para lhe não pôrem estorvos, antes aplanarem as difficuldades da sua dorrota.

Quando um certo estado social não comporta uma certa imposição da lei, derogada está ella logo. O governo que decretasse a sua immediata abolição era o

melhor dos governos, como é o peor d'elles o que a conserva e pugna pela sua continuação.

E este desequilibrio actual, e esta alternativa que por toda a parte se observa, provem, como vamos mostrar, de vicios organicos da lei, que não é, como devia ser, o producto do trabalho que acabamos de descrever.

Analysemos para podermos concluir.



No estado primitivo o homem, selvagem, nem tinha leis nem costumes.

A natureza que o cercava era um mysterio insondavel, e devia de ser grande o terror que os seus quadros produzissem nesta imaginação embryonaria.

O instincto da conservação levou-o naturalmente a procurar com que satisfazer as suas necessidades corporaes, e d'ahi vem o seu primitivo agrupamento.

Desarmado, sem instrumentos de trabalho, sem recursos intellectuaes, extremamente reduzido em meios, procurou naturalmente os logares onde a Alma natureza mais lhe podesse produzir. Os climas equatoriais, funcções de calor e humidade, elementos principaes de fertilidade do solo, foram, portanto, os primeiros centros de civilização, como a historia indica e comprova.

O Egypto, a India, a America central, nomeadamente o Peru e o Mexico, são os pontos onde se encontram os primeiros passos da actividade humana, os primeiros vestigios da sua força collectiva, os primeiros focos de civilização.

Neste estado rudimentar o homem pôde ver satisfeitas as suas mais urgentes necessidades, e então começou de adquirir os primeiros instrumentos do seu trabalho. Os poucos momentos que sobravam dos seus labores, deviam, conduzindo-o á contemplação, desenvolver-lhe e pensamento, e com elle os recursos da sua primeira actividade.

A linguagem abria-lhe as portas do seu espirito incipiente; a analyse das coisas ensinava-lhe os meios da sua aquisição; e a união de esforços grangeava-lhe os productos bem remunerados d'este primitivo trabalho.

Procurando descanso d'esta labutação continua, conseguiu-o certamente, quando o producto do seu trabalho excedeu o material preciso para a sua conservação.

A sociedade humana começava ahi a sua vida economica; a civilização recebia o seu primeiro progresso.

O excesso de producto, accumulado cada vez mais, dava o descanso, e só o descanso podia dar o trabalho do pensamento.

As artes, as industrias, os costumes, as leis, deviam de começar todas ahi.

A evolução economica é a primeira evolução.

E quem mais ajuntasse mais descansava.

D'ahi a luta, a conquista, nascida do desejo de possuir mais.

D'ahi o principio do individualismo a destacar-se d'esta communidade primitiva.

D'ahi a guerra; d'ahi o vencedor e o vencido; d'ahi a imposição da vontade do primeiro ao segundo.

D'ahi, pois, a lei, dictada pelo mais forte, traduzindo a sua vontade e o seu interesse. D'ahi, emfim, o escravo e o senhor.

A escravatura é originaria da civilização. E' um producto necessario d'aquella idade, que não um capricho ou um desvio das sociedades que a receberam.

E' uma das leis sociaes, fataes na sua evolução, que a mesma sociedade devia mais tarde aniquilar, quando lhe fosse antagonica.

E foi o que succedeu, diz a Historia.

Antes que a lei decretasse a alforria do escravo, liberto estava elle na consciencia da humanidade.

Ahi, como sempre, a lei ia atraz da evolução, que se cumpre independentemente da sua existencia.

A idéa que se traduz em principio social pela sancção governativa, respira-se na atmosphera, absorve-a a consciencia, que a cumpre, que a respeita, antes, e depois da sua promulgação.

As condições climatericas, se produziam abundancia, mortificavam o corpo. O calor e a humidade eram o flagello continuo.

D'ahi esse caminhar das primitivas sociedades em procura d'outros logares, onde a vida se passasse mais isenta dos excessos do clima, embora á custa de maiores esforços para substituir a diminuição da riqueza. E era a escravatura quem favorecia este desejo, quem produzia este caminhar.

Sem ella a marcha seria absurda.

A diminuição da fertilidade do solo obrigava o homem a esforço proporcionalmente maior; perderia, pois, em trabalho o que alcançara em allivio climaterico.

A emancipação d'uns, a sujeição d'outros, dá a solução do paradoxo.

Os primeiros sugavam os esforços dos segundos, e felizmente que assim era, porque assim se desenvolvia a curva da peregrinação, e se povoava a terra, e se dilatava a esphera da vida social.

Explicar a dispersão da humanidade pelo unico motivo do augmento da população, é ver as coisas a meio, é não conseguir perfeita representação d'este estado inicial.

Se assim fosse, a dispersão seria um castigo, um acto coagido, e nunca uma expansão livre, um facto meditado dos que se afastavam. E então, nada nos pôde convencer de que esta emigração fosse pacifica. A guerra começaria ahi como unico tribunal que decidisse quem se devia afastar. Os mais fortes ficariam, e os mais fracos seriam os desertores.

E fracos, e pobres, e os mais despreziveis, em clima menos propicio, o seu estado seria em muito inferior ao dos pontos de partida. A curva da evolu-

ção social caminharia para o minimo, em vez de se aproximar cada vez mais do seu maximo.

As costas africanas do mediterraneo, as regiões meridionaes da Europa: Tyro, Carthago, Roma e toda a Italia, a Grecia emfim, não deverião ser, como diz a historia, centros de civilisação, secundarios na ordem do tempo, mas muito superiores aos primitivos.

Assim, pois, a influencia do clima como agente, a escravatura e os primeiros rudimentos de conhecimentos adquiridos como meios, fazem da humanidade esse Asheverus infatigavel, que marcha incessantemente, deixando em cada logar uma testemunha da sua passagem, um documento do seu progresso.

Da zona torrida passa-se á zona temperada, do Oriente ao Occidente.

Da India á Italia, á Grecia, aos paizes meridionaes da Europa, e emfim para o norte, onde hoje se fixam as curvas de maxima civilisação, é sempre primeiro motor o clima, misturado com essas muitas condições, onde a vida economica occupa um dos mais distinctos logares.

O meio climaterico é assim o primeiro objecto de estudo para quem pretende fixar o rumo da civilisação, como, portanto, o deve ser para quem pretende determinar as condições estaticas d'um dado povo, d'uma dada collectividade.

A *Mesologia* é uma sciencia de vastissimos horizontes.

Hippocrates lançára os seus fundamentos, no tractado do ar, agua e logares.

A idéa, porém, adormeceu ignorada, até que o grande reformador moderno, auctor da *Philosophia positiva*, chamou de novo, e com verdadeiro empenho, as atenções sobre ella.

Hoje, se é curto ainda o caminho andado, é claro já no espirito de quem pensa e julga, a importancia de tal estudo, e a avaliar pelo empenho com que tantos espiritos se dedicam ao assumpto, muito devemos esperar em utilissimos conhecimentos que nos estão chegados.

(*Continúa*).

DR. A. ZEFERINO CANDIDO.

NO CAMPO

(Ao sr. Bernardino Pinheiro)

Não ha nuvens no ceu, nem convulsões no mar:

É primavera. O sol começa a despontar.

Por toda a parte a vida. As veigas verdejantes

Parecem plantações bordadas a diamantes,

Batendo-lhes o sol, varridas pelo vento,

Sereno, irregular, triste com um lamento,

—Cortado a intervallos.

Ouvem-se além cantar sonoramente os gallos.

As aldéas ao longe, alegres, rudes, francas,

Parecem estendaes de roupas muito brancas.

Esvoaçam a chilrar em bando as andorinhas;

Accordam nos casaes as meigas criancinhas,

E correm para o campo, alegres e felizes,

Sem sentirem no peito as fundas cicatrizes

Da espada da justiça. E em quanto andam brincando

A' beira dos vallados,

Indiscreto, curioso;—o sol vae espreitando

Maliciosamente ás frestas dos telhados:

As graças da mulher: os seios. . . . e depois

Sorri aos aldeãos, que vão atraz dos bois.

Que alegria infinita a natureza encerra!

As sérenas manhãs, a boa paz da terra

No campo onde ha mais ar e as aguas são mais puras!

No emtanto tambem ha no campo desventuras,

Tambem ha afflicções e lagrimas e lutas,

Ha sorrisos de luz e ha trevas absolutas!

Ha dores bem cruéis e ha grandes soffrimentos:

Miseria que soluça os casos macilentos

Da sorte arida e má.

Não são só as cidades

Que sentem no seu seio as fortes tempestades

Da inclemencia e do mal! Tambem pelas aldeias

Circula o mesmo sangue e com as mesmas veias.

Olhae aquella casa alli n'aquelle combro:

Que tristeza lá vae! Que anceios e que assombro!

Lá dentro um velho afflicto, um velho desolado,

E uma mulher que chora amargamente ao lado.

Não sabem se pensar na triste e dura sorte,

Ou se pensar na vida, ou se pensar na morte.

É marido e mulher: tiveram simplesmente

Uma filha: um sorriso,

E viviam assim, felizes como um crente,

Que depois de morrer tem certo o paraíso.

Ella era muito linda e meiga e ingenua e loira!

Um anjo d'affeição, uma criança ideal,

Singela como a flôr, que, meigamente, doira

O sol da primavera em tardes de crystal.

Chamavam-lhe na aldeia a mãe dos desvalidos,

E quando via alguém trazendo os hombros nus,

Com frio, a tiritar, despia os seus vestidos

E dava-os:—uma esmola em nome de Jesus.

Bella! No seu olhar havia um brilho suave!

Grande alma de mulher,

Tão pura, que lembrava a candidez d'uma ave,

A graça do luar e a paz do rosicler.

Mas como tudo acaba, a pobre da criança,
Que era um anjo de luz e um seio d'esperança,
—No abysmo hoje cahiu, deixando n'um casebre
A vergonha, a desgraça e os paes a arder em febre.

Havia alli na aldéa um D. Juan farçante
Devasso, bestial, altivo, petulante,
—Uma alma de malandro: um coração mordaz,
E um cerebro vasio.

—O pae era visconde: o filho era vadio.
E ella amava-o por fim, julgando-o um bom rapaz!
Costumava encontral-o, alli pela tardinha
Ao pé da fonte, e alegre ás vezes se detinha
Um pouquinho mais,

Olhando-o com o ardor dos olhos virginaes.
E fallavam depois das grandes tardes boas,
Da merenda no campo, á beira das lagôas,
Do ar saudavel, puro e fresco das manhãs,
Do aroma dos rosaes, da graça das romãs
E dos quadros reaes da terra grave e seria,
Onde ha quem veja Deus nas formas da materia!
E a elle em vez do amôr profundo e respeitavel,
Vinhã-lhe então á mente os lubricos desejos
D'agarrar-lhe a cintura e como um miseravel
Lançal-a sobre o chão e seduzil-a aos beijos.

Mas como tinha medo, alli, que alguém o visse,
Fazendo por tornar-se o menos saliente,
Tratava-a com meiguice,

E ao mesmo tempo austera, honesta e gravemente,
Até que um dia em fim a hora desejada
Chegou ardente e calma . . .

Ella—vencida então—ouviu-lhe uma risada
—Como um remorso antigo a causticar uma alma!
E assim fugiu de casa, afflicta e contrahida.

Agora está perdida,
Perdida pelo amôr, calcada pelo vicio,
Esquecida, lutando em vão contra o supplicio
Do erro que a lançou na maxima abjecção!
Não foi Romeu beijando a Julietta. Não.
Foi Caim contra Abel! O tigre contra a corça!
A fraqueza d'um lado e do outro lado a força!
A guerra contra a paz! O mal d'encontro ao bem!

Que importa que ella seja em pouco tempo mãe,
E que o seu filho saiba, ou não o que é ter pae?
Elle, o tartufo, ri. . . . Ella entretanto chora. . . .

É a alma feita noite, e a carne feita aurora!

Bandidos triumphae!

A honra geme? Embora. O vicio tripudia. . . .
É noite negra em vez do sol do meio dia.
Aurora que escurece e treva que sorri!
O punhal supplantando o rijo bisturi!

E elle—o devasso—foi que indifferentemente
Fez da mulher ideal—a victima innocente,
Da honra sem ter mancha—o opprobrio não pequeno,
Da taça da saude a taça do veneno,
Da moral e do amor, o desespero e a luta,
D'uma mulher honesta, uma mulher corrupta.

E elle ha de ser feliz e hão de chamar-lhe heróe!
Cuspir n'uma criança os gozos sensuaes,
—Se não houver dinheiro—é coisa que não doe
A' grande corrupção dos nossos tribunaes.

No emtanto ella ha de ouvir a ebria populaça
Chamar-lhe meretriz—n'um rubido epigramma,
Depois de ser lançada aos fossos da desgraça,
Onde a miseria habita em saturnaes de lama.

E os paes gemem a dôr que o seu coração chora!
E lembram-se do Christo e lembram-se da Cruz!
Em quanto pelo azul, o pavilhão da aurora
Espalha sobre o mundo um grande mar de luz.

.....
Largos cantos d'amôr vibram as cotovias!
Sente-se a robustez no ondular das searas!
Ha como que, no ar, alegres melodias
E o ceu tem a attracção das grandes almas raras!

BARROS DE SEIXAS.

MR. RENAN

Mr. Ernesto Renan, que, a par da sua vasta erudicção de orientalista, é seguramente um dos escriptores mais correctos e mais elegantes da França contemporanea, apezar do seu mysticismo philosophico, filho do seu talento essencialmente artistico e entusiasta, termina com estas bellas e eloquentes palavras o seu discurso de abertura do curso, profesoado o anno passado no collegio de França, das linguas hebraica, chaldaica e syriaca:

«Não nos tornaremos a encontrar, meus senhores. Da proxima lição em diante terei de immergir

nos estudos da philologia hebraica, onde a maior parte de vós me não poderá acompanhar. Que os que são moços, porém, e com os quaes por isso posso permittir-me a liberdade d'um conselho, me attendam com benevolencia. O entusiasmo que vos anima é que se revelou por vezes no decurso d'esta lição em manifestações de apreço que me honram, é louvavel nos seus impulsos e de bom auspicio; não o deixeis, porém, degenerar em agitação frivola. Entregae-vos do coração aos estudos sérios e fecundos, convictos de que a cousa liberal por excellencia é a cultura do

espírito, que dá a nobreza do caracter e a independencia intellectual. Preparaê á França gerações robustas e dignas para tudo o que ha de glorioso e de bello na vida. Fugi dos enthusiasmos irreflectidos e lembrae-vos de que a liberdade só pôde conquistar-se

pelo respeito de si proprio e dos outros e pela dedicação á cousa publica e á obra especial, que cada um de nós está encarregado na terra de fundar ou de continuar».

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A VOZ DO SECULO

(CONFORME UM DISCIPULO DE COMTE)

Um filho das modernas theorias

Ousa dizer aos filhos do Evangelho:

—Ante a cruz postos sempre de joelhos! . . .

Tenho pena de vós, ó almas pias!

Chega a hora das grandes agonias!

Orae, que está a aluir-se o mundo velho. . .

Mas aos sectarios do pendão vermelho.

Oh! não chameis *atheus*, *gentes impias*;

Que nem o grito d'—*Ecrasons l'infâme!*

Nem o *sarcasmo*, nem o *livre exame*

Dizem hoje atheismo, impiedade.

Sim, podeis crer, ó tristes viadores:

Tambem os que são livres pensadores

Tem um Deus, e que Deus!—a Humanidade!

Miranda do Douro.

MANUEL SARDENHA.

N'UM TUMULO

Envolve-se a existencia em dois mysterios

Berço e campa, dois ovulos diversos;

Dos berços faz-se o pó dos cemiterios,

Das campas sae o pollen dos berços.

Mysterioso circulo da vida

Que esmaga em cada giro uma alma, um ente,

Que rasga em cada volta uma ferida,

Que deixa em cada sulco uma semente.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

BIBLIOGRAPHIA

CARICATURAS EM PROSA

A casa Moré editou ha tempos no Porto um livro do sr. Luiz de Andrade, *Caricaturas em prosa*, que tem excitado uma certa curiosidade, graças ao escandalo que os jornaes catholicos, com uma simplicidade de espirito verdadeiramente apostolica, se encarregaram de fazer em volta do livro, apontando-o, rubros de colera e congestionados de horror e de rethorica, como um montão de impiedades, ás almas dos seus angelicos leitores. Seriam virginalmente ingenuos estes grandes catholicos se atravez das chammas da sua colera theatral se não estivesse divisando o sorriso finalmente jesuitico com que elles riem da propria indignação.

Ainda assim é para se lhes agradecer estas grossas e bulhentas coleras, que são a melhor e ás vezes unico *reclame* em favor dos escriptos liberaes.

E' certo que o livro do sr. Luiz de Andrade tem sufficientes merecimentos litterarios para ser digno de

se tornar conhecido e recommendado pela critica despreoccupada. Vive-se, porém, n'uma tal indifferença pelas cousas da arte, é por tal fórma absorvente e despotico o interesse da grande massa do publico portuguez pelas futilidades de noticiario e tão exclusivo e obsecado o amor pelos engrandecimentos materiaes, que o livro do sr. Luiz de Andrade passaria talvez desaperecebido se a descomposta indignação do jornalismo catholico se não encarregasse de o recomendar á consideração d'um certo publico, avido de escandalos pelo embotamento do sentimento moral e guloso de escriptos *voltaireanos* pela ausencia de convicções fortes e de senso critico.

O sr. Luiz de Andrade é com effeito um escriptor sufficientemente jacobino. Elegante na fórma e por vezes original e sempre vivo no traço artistico e na observação critica, falta-lhe a comprehensão scientifica do espirito dos grandes symbolos religiosos.

Ao seu juvenil e impetuoso sentimento de justiça e de verdade repugnam por tal fôrma as altas concepções do catholicismo, que se ergue, como Voltaire, n'um impeto de colera sagrada para esmagar o *infame*. E' por isso irreverentissimo com esses symbolos, pois confunde o convencionalismo meramente politico e baixamente explorador que para ahi temos com o nome de religião official, morta para um grande numero de consciencias, com as grandes concepções primitivas do christianismo espontaneo e vivo, que foi o educador do mundo moderno.

E' um pessimo e errado systema de ataque este, pois provoca na maioria dos espiritos, ainda não desprendidos inteiramente das influencias da nossa geral educação domestica, reacções que atrasam pelo terror esses espiritos no trabalho emancipador da educação extra-official. Este defeito, commum a muitos dos nossos escriptores modernos, parece-nos simplesmente uma illusão de optica. Educados no meio positivo do estudo das sciencias modernas, das quaes foram banidas de uma vez para sempre todas as hypotheses mais ou menos imaginosas e gratuitas de origem e de finalidade, tomam um tal horror ás concepções theologicas do catholicismo, que o consideram simplesmente um systema de absurdos, trabalhosa-mente architectado por uma classe previligada, para com elle explorarem a consciencia e a bolsa da humanidade ignorante. E' falso este ponto de vista, pelo menos na sua generalisação critica. Toma-se aqui o estado da consciencia publica pelo da propria consciencia. A maioria dos espiritos em Portugal e mesmo na Europa vive ainda na atmospha tepida e somnolenta da auctoridade theologica ou, quando muito, na infancia da critica religiosa. Haja vista ás lutas religiosas da nova Allemanha, paiz onde aliás a analyse scientifica applicada ás concepções religiosas e philosophicas mais alto se tem erguido.

E' certo que o character essencialmente revolucionario e negativo d'esta critica aos velhos symbolos do catholicismo, que perderam toda a primitiva signifi- cação moral pela sua petrificação dogmatica e pela elevação da consciencia da humanidade, tem uma larga influencia nos espiritos não inteiramente desprendidos do auctoritarismo theologico, mas que não chegaram ainda ás convicções scientificas do positivismo contemporaneo.

Agrada a esses espiritos, envoltos no crepusculo do espiritalismo, a suprema liberdade de exame a que taes processos de critica o auctorisam.

Considerados sob este ponto de vista, os escriptos como o do sr. Luiz de Andrade tem uma certa influencia salutar, porque preparam e affirmam uma das phases necessarias da evolução por que tem de passar o espirito humano para chegar ás convicções positivas. O perigo do emprego de tal arma está apenas na eventualidade do golpe ir até ás raizes do senso critico e tornar assim a consciencia publica, por uma agitação excessiva e frivola, impropria e esteril para a fecundação dos novos principios e das novas affirma-

ções, que tem de ser o trabalho complementar e indispensavel da obra essencialmente destruidora e negativa do jacobinismo.

Em religião, porém, como em tudo, é preciso distinguir entre critica e polemica. A' critica vão mal os enthusiasmos juvenis da polemica, como a esta não diz bem a frieza analytica d'aquella.

Fez o sr. Luiz de Andrade, na parte do seu livro relativo a cousas religiosas, critica ou polemica? Se fez critica foi insufficientissimo, se fez polemica foi excessivamente aggressivo, transigindo talvez um pouco com os grosseiros e atrasados gostos *voltaireanos* do nosso publico mais do que com as tendencias, manifestamente delicadas e superiores, do seu proprio espirito.

Disse alguém que o atheismo é ainda uma seita religiosa, e uma seita, perante a critica positiva, egual em valor scientifico a qualquer outra.

Estou a ver o sr. Luiz de Andrade reclamar indignado contra o termo *atheismo* e envolver-me no mesmo anathema com que fulminou os tartufos da *Palavra*. E' preocupação geral entre os escriptores anti-catholicos protestarem pela pureza e sinceridade das suas convicções espiritalistas, o que, no estado actual do adiantamento do espirito humano, nos parece falta de disciplina intellectual ou ausencia de probidade scientifica. No sr. Luiz de Andrade ha apenas falta de disciplina intellectual. Vê-se que os seus estudos litterarios versaram sobre as generalidades da philosophia, da historia e da litteratura sem a preparação dos estudos scientificos propriamente ditos, que dão á intelligencia a robustez tranquilla e serena de que tanto carecem as organizações artisticas e impetuosas, como a do sr. Luiz de Andrade.

Em quanto á parte meramente litteraria do livro, concordamos com as apreciações do sr. Guerra Junqueiro, expostas na carta que acompanha aquella publicação. O sr. Luiz de Andrade, que se revela em todo o livro uma fina e distinctissima individualidade litteraria, sacrifica por vezes o seu bello estylo moderno e pittoresco a uns effeitos communs de folhetinista domingueiro, transigindo ainda n'este ponto com o mau gosto do nosso publico, que se morre por tudo o que é banalmente espectacular. Um escriptor dos merecimentos do sr. Luiz de Andrade não deve sacrificar o seu bello futuro litterario a estes pequeninos triumphos de occasião. Tem talento para ir adiante do publico e por tanto não vá com o publico, porque podem ás vezes os que o não conhecerem tomalo por um dos da turba, e não o é.

Temos sido demasiadamente exigentes n'esta rapida apreciação do livro do sr. Luiz de Andrade. Não é nossa a culpa, mas sim do talento eminentemente progressivo do auctor das *Caricaturas em prosa*. Exige-se muito sómente de quem muito pode dar.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO

Novembro

NUMERO 2

A INSTRUÇÃO PUBLICA

E

O SR. RAMALHO ORTIGÃO

No ultimo numero das *Farpas* o sr. Ramalho Ortigão faz ao sr. ministro do reino a resenha do estado da nossa instrucção secundaria, e indica os diversos pontos e maneiras como, no seu entender, ella deve ser reformada.

Agora, que os poderes publicos parecem dispostos a olhar com seriedade para esta, mais que todas, importante fonte de prosperidade nacional; agora, que o convencimento da nossa anarchica legislação a este respeito, veio, pela eloquencia dos factos, despertar a apathia assustadora, que nos tem reduzido a um lastimoso viver, as idéas do sr. Ramalho deviam de ser rapidamente assimiladas pelos muitos leitores das *Farpas*, em cujo numero entrámos nós, como um dos maiores admiradores d'esta importante publicação. Bem merece o sr. Ramalho a muita consideração em que é tido por quantos têm visto a variedade dos seus conhecimentos, a liberdade da sua apreciação, e a maneira elegante e clara como nos torna conhecidas as suas variadissimas produções.

No pequeno tempo de existencia d'esta publicação utilissima, temos assistido a uma prodigiosa transformação, operada no espirito do sr. Ramalho pela sua elevada capacidade, sujeita decerto a uma energia e trabalho bem raros no nosso paiz.

D'uma publicação litteraria, reduzida á analyse de factos de mediana cathegoria, vê-se o espirito audacioso do sr. Ramalho Ortigão elevar-se rapidamente nos horisontes indefinidos das concepções scientificas, e, por ultimo, discutir os pontos mais delicados, os problemas mais transcendentales que a sciencia social nos offerece!

Serriamente affeiçãoado á moderna escola franceza fundada por A. Comte, como em varios logares nos declara, vemol-o, intrepido soldado da esplendida cruzada *comteana*, affirmando juizos, traçando reformas, nos pontos mais melindrosos que fazem o objecto das discussões d'esta escola.

Para nós, humilde mas convicto apostolo d'esta re-

ligião sublime, prégada pelo illustre auctor da Philosphia positiva, o sr. Ramalho Ortigão é um dos espiritos mais cultos d'este paiz.

Pena é que a rapidez com que os seus trabalhos são feitos, a accumulacão por ventura d'esses trabalhos, e mesmo, quem sabe, se a rapidez com que se precipitou no estudo d'estes problemas delicados, produzam algumas incorrecções, que no sr. Ramalho são tanto mais salientes, quanto é certo que s. ex.^a se considera immaculado d'ellas quando julga a ignorancia geral que, no seu entender, lavra no nosso paiz.

O numero das *Farpas* a que nos estamos referindo, por nós lido com tanto mais cuidado, quanto nos é sympathico o assumpto, é uma das maiores provas do que deixamos dito.

A maneira, realmente severa, porque o sr. Ramalho aprecia a ignorancia do nosso paiz, a ponto de nem ao menos encontrar na nossa terra quem possa estudar os vicios da nossa instrucção, e reformar a sua decadente organisação (1), justificaria, á falta de mais poderosas razões, o trabalho que tivesse por fim mostrar a sua ex.^a a pouca cautela com que escreveu, cahindo em notaveis contradicções com as idéas que pretendeu expôr, em lastimosos absurdos que não podem ser attribuidos senão aos motivos apontados.

Tem muita razão o sr. Ramalho emquanto se limita a descrever o estado anomalo da nossa instrucção secundaria, e egual razão lhe daria eu se o visse descrever no mesmo estylo, verdadeiro e frisante, o estado tambem lastimoso da nossa instrucção primaria e superior. Analysar o que existe, descrevel-o com cores verdadeiras, sabe fazel-o o sr. Ramalho, como se não faria talvez melhor. Facto de primeira necessidade no estudo da questão; facto, porém, que está no espirito de quantos se interessam pela instrucção nacional.

(1) *Farpas*, pagina 23.

Nenhuma das especies de instrucção satisfaz ao seu fim. A primaria, é pouca, e pouco vulgarizada; a secundaria, é pessimamente regulada e pessimamente transmittida; a superior, é velha na sua distribuição, luxuosa em grande parte, omissa n'outras, sempre anachronica e nada regular.

Até aqui estamos de accordo todos os que conhecemos os factos deploraveis que são da analyse constante.

Quando, porém, sahirmos d'esta analyse da doença para procurarmos o remedio que todos reconhecemos urgente, precisamos mais do que espirito investigador, mais do que facilidade de exposição, mais do que severidade da critica; precisa-se uma cultura muito especial, um pensamento muito educado para a formação do diagnostico.

O primeiro ponto da refórma é incontestavelmente a fixação da área de cada especie de instrucção. Os programmas da instrucção primaria, secundaria e superior, hão de fixar-se dentro de certos limites que determinam a extensão de cada uma. E esta área depende de varias circumstancias que é preciso fixar, entre as quaes podemos mencionar: *os fins proprios da instrucção, a idade dos que aprendem, a sua posição social, o estado geral da civilisação, o estado emfim da sociedade particular para que se applica.*

Os fins da instrucção são muitos e muito diversos. E' a instrucção que habilita o homem para ser um membro proficuo de collectividade, ensinando-lhe os seus deveres e os seus direitos, que determinam a norma das suas acções na esphera geral da humanidade, e, mais particularmente, na esphera da sociedade a que pertence. E' ella que, tornando conhecidos os factos do mundo physico, as leis que regem estes factos, as circumstancias especiaes da sua producção, dirige o homem na applicação d'essas leis em seu beneficio e em beneficio commum.

E' ella, enfim, que, além dos utilitarios productos que incessantemente nos alcança, dá ao espirito de quem a cultiva a satisfação mais completa que o homem póde possuir na terra.

A idade dos que se instruem é outra poderosissima circumstancia. A instrucção é o alimento do espirito, como a substancia digerida é o alimento do corpo. Mas, assim como o corpo tem a sua hygiene, e a alimentação deve ser por ella regulada, assim a instrucção deve ser ministrada com cuidado, pouco a pouco, hora a hora, dia a dia, tornando-se cada vez mais complexa conforme a idade e o desenvolvimento do espirito.

A posição social, diversa até ao infinito, é uma variavel de primeira importancia tambem. Os fins que têm a desempenhar os diversos membros da corpo social são extremamente variados, como são variados tambem os elementos de que cada um póde dispôr, a sua comprehensõ, as suas tendencias naturaes. A instrucção hade, portanto, ser diversa para os diversos individuos, habilitando-os a desempenhar muito diversas funcções.

O estado da civilisação em geral, e em particular do paiz para que se legisla são outras causas que modificam a distribuição da instrucção. A verdadeira instrucção, a que produz proficuos resultados, é a que se afeiçoa ao presente. As doutrinas do passado, como as utopias, são extremos necessarios, mas dentro de certos limites, e concentrados em espiritos privilegiados.

Na instrucção completa ha uma primeira parte que todo o homem deve possuir. Esta parte constitue o primeiro grão da instrucção.

Ha outra onde deve chegar quem pretender proseguir no caminho da sciencia com fins mais elevados.

Ha uma terceira onde deve chegar quem quizer completar a sua instrucção com applicações especiaes.

Ha finalmente o estado superior e completo da sciencia que só póde ser seguido por espiritos que se encontrem em condições excepcionaes.

A estas diversas partes corresponde a classificação em tres especies: a instrucção primaria com dois grãos; a instrucção secundaria com dois fins; a instrucção superior com fins diversos. E' esta a classificação geralmente accete por todos os espiritos que se dedicam a este estudo, e geralmente seguida em todos os paizes.

Vejamos como o sr. Ramalho resolve a difficuldade da fixação das diversas especies de instrucção que acabamos de considerar.

■■■

«Na instrucção primaria, diz s. ex.^a a paginas 24, *entra o que ha de puramente elementar na área de todos os conhecimentos humanos.*»

A infinita variedade dos conhecimentos humanos, constitue, como o sr. Ramalho sabe, uma serie, segundo a qual elles devem ser adquiridos por quem procede com methodo. Nesta serie cada termo é o elemento do seguinte. Não se póde convenientemente conhecer um sem conhecer o que o antecede. A proposta do sr. Ramalho significaria a comprehensão na primeira especie do ensino, de toda a serie, com a unica exclusão do ultimo termo.

Segundo a classificação hierarchica das sciencias feita por A. Comte, classificação que o sr. Ramalho accete e reproduz, o alumno da instrucção primaria deve estudar *elementarmente* todos os conhecimentos que compõem a Mathematica, todos os que compõem a Astronomia, a Physica, a Chimica, a Biologia, a Sciencia social, e além disso a parte *elementar* de todos os conhecimentos que constituem as sciencias concretas, como a Mineralogia, a Geologia, a Agricultura, a Medicina, a Arte do engenheiro, etc., etc., etc.

Poderíamos dispensar quaesquer outras provas do absurdo de tal idéa, além do desdobramento que acabamos de fazer.

Quem faria o programma para este estudo? O mesmo sr. Ramalho lutaria com graves difficuldades para o elaborar. Até que ponto estenderia s. ex.^a um

dados conhecimentos para que ficasse com a certeza: 1.º de que esse conhecimento era sufficientemente elementar para que podesse ser comprehendido, 2.º de que esse conhecimento era sufficientemente profundo para que permittisse a aquisição dos conhecimentos mais elevados?

Em que estabelecimentos se deveria professar um curso d'esta natureza? Esta instrucção é universal, pois que universal quer o sr. Ramalho que seja a instrucção secundaria, como diz a paginas 29, e, por força de razão, a sua instrucção primaria. O numero dos estabelecimentos seria pelo menos igual ao numero actual das escolas de instrucção primaria. Estes cursos ou haviam de ser professados por um unico professor ou por muitos. No primeiro caso, aonde encontraria s. ex.ª o numero de homens precisos para todo o paiz? Quando havia de alcançar tanto homem encyclopedico? Quanto deveria dispendir, compensando a estes homens o custo da sua habilitação? E como distribuiria s. ex.ª o serviço d'este unico homem para que podesse preleccionar em aulas de grande concorrência, sobre tal variedade de doutrinas? No segundo caso a falta de pessoal augmentaria; as despesas do mesmo modo; e o tempo dispendido pelos alumnos cresceria prodigiosamente.

Ora o sr. Ramalho deve saber que um dos maiores obstaculos que o nosso povo oppõe ao ensino obrigatorio é justamente a falta que lhes faz o trabalho das creanças no tempo que vão á escola. Calcule por ali a utopia de que se lembrou.

Acreditamos demais nos conhecimentos do sr. Ramalho para ficarmos convencido de que s. ex.ª se equivocou, escrevendo uma coisa e ficando com outra no pensamento. Nem outro pôde ser o nosso juizo, comparando a completa opposição da sua doutrina com a dos sectarios da Philosophia positiva a que tanto se refere no seu trabalho.

A. Comte, como o sr. Ramalho deve saber, insiste constantemente na idéa do estudo e da instrucção segundo a sua fórmula encyclopedica, considerando a ordem hierarchica das seis sciencias fundamentaes, como a unica verdadeiramente methodica e racional porque ellas devem ser estudadas. Mas tambem não deve ignorar que o auctor da Philosophia positiva tinha por fim indicar o caminho que deve seguir o homem na sua educação intellectual e scientifica. «A propriedade mais interessante da nossa fórmula encyclopedica, diz elle a paginas 80 do seu Curso, é determinar directamente o verdadeiro plano geral d'uma educação scientifica inteiramente racional. E' visivel que antes de emprender o estudo *methodico* d'algunha das sciencias fundamentaes, se torna absolutamente preciso estar preparado com o conhecimento das sciencias relativas aos phenomenos anteriores na nossa escala encyclopedica, pois que estes influem d'uma maneira preponderante sobre aquelles cujas leis se pretende conhecer».

E, mais adiante. «Como taes condições não são satisfeitas ainda hoje, não existindo uma instituição

regular organizada para a realizar, podemos asseverar que não existe, *para os sabios*, educação verdadeiramente racional».

Ora decerto o sr. Ramalho não pretende fazer passar rapidamente o nosso paiz, de ignorante, como em varias partes o appellida, ao eden da sabedoria, como o mesmo A. Comte entende que seria aquelle onde todos seguissem a sua formula.

Ainda assim note s. ex.ª que A. Comte é menos difficil de contentar, porque, para os seus *sabios*, limita-se a aconselhar o estudo das sciencias fundamentaes pela sua ordem, ao passo que o sr. Ramalho quer que os seus *ignorantes* estudem *todos os conhecimentos humanos*.

Mas a discordancia das idéas expostas pelo sr. Ramalho com as dos auctores e textos a que se refere, e em geral com as da escola de que se diz discipulo, augmenta e torna-se cada vez mais saliente. No magnifico artigo publicado por Lafargue no tomo X da Revista de Philosophia positiva, sustenta este primoroso apostolo da instrucção a necessidade para a França do ensino encyclopedico. Algumas passagens, porém, convencerão o sr. Ramalho de que seria o sr. Lafargue o primeiro a impugnar as idéas expostas nas *Farpas*, na parte em que allude a este notavel artigo, cuja erudicção foi tão impropriamente reproduzida.

A paginas 221 do volume a que nos referimos faz o sr. Lafargue uma transcripção de A. Comte, que se encontra a paginas 56 do I volume do Curso, a proposito do estabelecimento da differença entre as duas especies de sciencias naturaes que considera.

Esta transcripção não é fiel com o original, como se pôde verificar, e essa differença reproduziu-a o sr. Ramalho a paginas 31 das *Farpas*.

Ha, porém, nesta transcripção um erro, e esse é só do sr. Ramalho que não foi tão cauteloso como o sr. Lafargue.

A. Comte, estabelecendo a differença entre as duas especies de sciencias, abstractas e concretas, diz: «as primeiras, abstractas, geraes, têm por objecto o descobrimento das leis que regem as diversas classes de phenomenos, considerando todos os casos que se podem conceber.» Foi assim que Lafargue reproduziu o pensamento de A. Comte. O sr. Ramalho, para abreviar a phrase talvez, limitou-se a dizer: «uma, geral, abstracta, tem por objecto o descobrimento das leis que regem as diversas classes de phenomenos *que se podem conceber*.»

Se a omissão não é um engano, é indifferente para o sr. Ramalho estudar todos os phenomenos que se sujeitam á analyse da intelligencia humana, encarando-os por todos os aspectos com que elles se podem offerer á sua contemplação, ou estudar todos os phenomenos que se podem conceber.

Toda a intelligencia comprehende, concebe, que entre o crime e a pena ha uma relação, deve existir uma necessaria dependencia; que, averiguada essa relação, o problema da penalidade, que tanto tem

preocupado os sabios de todo o mundo, estava mathematicamente resolvido. Aqui tem o sr. Ramalho um phenomeno, nitidamente concebido, e de impossivel resolução. E como este poderia citar-lhe tantos quantos fossem precisos.

Mas, pondo de parte este visivel erro, ou omisão, prosigamos no confronto com o artigo de Lafargue.

A paginas 231 da Revista, diz o sr. Lafargue, a proposito das *lições das coisas*, tão vantajosamente empregadas pelos americanos do norte: «Mas as lições das coisas não constituirão todo o ensino das escolas primarias superiores. O estudo elementar de *todas as sciencias abstractas*, facilitado por estas lições, deverá ser o seu necessario complemento.»

Talvez que este pensamento de Lafargue fosse uma das inspirações para a proposta do sr. Ramalho, mas é facil de ver a completa opposição dos dois pensamentos.

Lafargue, fazendo notar a immensa lacuna que existe entre a escola primaria e os estabelecimentos de instrucção secundaria, aconselha um segundo gráo de instrucção primaria, que chama *superior*, tendo por fim preencher esta lacuna, preparando convenientemente para o ensino secundario.

E neste curso recommenda o estudo elementar das *sciencias fundamentaes*, mas ainda assim sendo facilitado pelo methodo do *estudo das coisas*. Este methodo é, como o sr. Ramalho sabe, todo analytico, todo independente de qualquer classificação previa dos conhecimentos humanos. Por elle o alumno adquire simultaneamente noções geraes sobre phenomenos de muito diversa cathegoria.

Lafargue, para a França, onde o ensino, mau na verdade, é muito superior ao nosso, mórmente na instrucção primaria, n'um projecto de refórma, que tem por fim levantar a França acima de todas as outras nações do mundo, como diz a paginas 236, por uma aspiração considerada utopia, como geralmente ainda se considera na França o ensino integral proposto por esta escola, pede o ensino elementar das sciencias fundamentaes, como complemento da instrucção *primaria superior*, tendo por fim preparar os alumnos que se destinam aos estudos de ordem mais elevada.

O sr. Ramalho para Portugal, onde ninguem sabe nada, nem sequer medir a profundidade d'aquillo que ignora; onde não ha quem trate uma questão, seja ella qual fôr (1), pede o ensino elementar de *todos os conhecimentos humanos!*

Infeliz substituição foi esta de conhecimentos humanos por sciencias fundamentaes.

IV

«Na instrucção secundaria cabe a parte chamada *abstracta* de todas as grandes sciencias que constituem «a exegese moderna segundo a admiravel genealogia

(1) *Farpas*, pagina 23.

«de A. Comte: a mathematica, a astronomia, a physica, «a chimica, a biologia e a sociologia.

«Na instrucção superior tem lugar a parte concreta das referidas sciencias ou a sua applicação a «qualquer dos ramos da actividade intellectual» (1).

Aqui o sr. Ramalho assumiu as proporções d'um semi-deus. Fugiu da terra com a sua universalidade scientifica, collocou-se á mão direita de Deus Padre Todo Poderoso, e legislou para os bem aventurados espiritos d'aquella celeste mansão!

Desgraçada educação scientifica é esta, colhida nos livros de A. Comte e seus discipulos, se ella leva o homem a taes resultados!

No entender do sr. Ramalho a instrucção secundaria ou ensino medio, que se deve prolongar até aos 18 ou 19 annos, deve ser universal. «E' por meio de um forte ensino medio, commum a todos os cidadãos, qualquer que seja o estado, a profissão ou a gerarchia de cada um, que uma verdadeira democracia se affirma na civilização e no progresso» diz s. ex.^a a paginas 29.

A. Comte escreveu um curso de philosophia positiva, que é um estudo de todas as sciencias fundamentaes por elle classificadas na segunda lição. O curso de philosophia positiva deve ser, portanto, o livro que se deve collocar na mão de todo o cidadão, qualquer que seja o seu estado, profissão ou gerarchia, quando vae estudar a instrucção secundaria. N'um paiz sabiamente governado, como o sr. Ramalho deseja que seja o nosso, deve o livro de A. Comte ser o livro de estudo de todos os portuguezes, desde o filho das serras que tem de cultivar o casal para sustento dos seus, até ao sr. Ramalho que estuda os problemas mais audaciosos da sciencia para nos dizer tudo isto, para nos dirigir e ensinar d'este modo, para ensinar a commissão que o governo encarregou d'estes estudos, para ensinar o governo, para ensinar um paiz onde a ignorancia é universal, crassa e supina.

O sr. Ramalho teve a idéa magestosa de formar do paiz dos ignorantes, um paiz de sabios, como A. Comte se não cança de chamar aos que seguirem e comprehenderem o seu plano de estudo.

Grande e louvavel patriotismo é este que só podia ser produzido «por um banhista da Cruz Quebrada, escrevendo *sobre o Joelho*, á sombra d'um parreiral, sem livros, sem suggestões litterarias, inspirado por um *moinho de vento*, ou pelas rolas que imigram, cortando o sereno azul com a palpitação do seu vô». A confissão justifica o confessado.

Estes problemas, sr. Ramalho Ortigão, não se estudam á sombra dos parreiraes, com a inspiração dos moinhos de vento e das aves. Estes problemas estudam-se seriamente nos gabinetes.

Colhidos os dados pela observação, pensam-se e discutem-se as leis a que esses dados se sujeitam, contraprovam-se em seguida essas leis pelo juizo d'outros analysadores, e só depois de maduro pensar, de

(1) *Farpas*, paginas 24 e 25.

rigorosa verificação, se entregam ao mundo da publicidade, se expõem á extranha apreciação.

O sr. Ramalho incorre na falta de quem reproduz mais do que produz. Se pelo seu trabalho proprio, pelo seu bem dirigido pensamento, assimilasse a justa idéa do ensino integral, como hoje elle é recommendado e exposto por todos os apóstolos da Philosophia positiva, não viria fazer de tão util medida uma exposição falsa, e tão falsa que seria a sua completa condemnação.

Veja o sr. Ramalho com cuidado os artigos escriptos por Paulo Robin na esplendida exposição d'este ensino, publicados nos numeros 5, 7 e 9, da Revista de Philosophia positiva.

Na exposição que faz Littré no tomo 7.º d'esta mesma publicação, d'um projecto de refôrma apresentado pelo dr. Picot em 1871, tendo por fim a reorganisação da instrucção publica na França, verá o sr. Ramalho que o ensino superior que Picot quer seja professado em dez universidades, é distribuido em sete faculdades, contendo as cinco primeiras o estudo das seis sciencias fundamentaes, a sexta comprehendendo uma faculdade de medicina e a setima uma faculdade de direito.

Nesta exposição diz Littré: «Nos paizes mais adiantados, apenas é obrigatorio o conhecimento da leitura e escripta. O sr. Picot quer aproveitar o ensejo da reorganisação para collocar a França não só ao nivel, mas acima das regiões que têm levado mais longe a diffusão popular da instrucção».

Veja o sr. Ramalho que para tão alto fim o dr. Picot colloca o estudo das seis sciencias fundamentaes na instrucção superior, que é perfeitamente facultativa, ao passo que o sr. Ramalho quer o estudo d'estas sciencias obrigatorio para todos, e o seu estudo unico, completo, na instrucção secundaria!

A instrucção superior, no entender do sr. Ramalho, limita-se ás escolas de applicação!

Falta-nos tempo para proseguirmos neste trabalho. As proporções d'este jornal não nos permitem mostrar ao sr. Ramalho a nossa discordancia em muitos outros pontos.

Perguntariamos ao sr. Ramalho, por exemplo, como uniformisa as suas idéas sobre a escolha de livros para o ensino, expostas a pagina 44, com as idéas a respeito da escolha de professores a pagina 45.

Para os livros quer o sr. Ramalho o monopolio de cinco annos; quer o concurso e o premio ao que escrever melhor. Para os professores nada de concurso; completa liberdade.

Não quer o concurso para o professorado por dois motivos. Em primeiro logar, porque escolhe uns e

põe fóra outros, quando n'um paiz avisado se não deve excluir ninguem que tenha capacidade para ensinar. «Ensinar, diz s. ex.ª, é um direito que o estado não pôde, sob qualquer pretexto que seja, coarctar a ninguem».

Em segundo logar, porque é impossivel aquilatar com segurança o merito do concorrente pela qualidade da prova no acto de um só exame.

«Um sabio modesto, de temperamento nervoso, tímido, *confinado* por muitos annos nos trabalhos do gabinete, sem facilidade de palavra, corre o risco de ser batido n'um exame por um talento mediocre, mas de temperamento arrojado, palavroso, facundo, habituado ás palestras do club e do botequim, e tanto mais ligeiro de argumentos e de palavras quanto mais leve de principios e de idéas».

Ora o primeiro inconveniente dá-se na sua proposta para a adopção dos livros, em mais subido grau. O concurso não exclue senão os inhabeis. O concurso affasta do ensino a perigosa intervenção das incompetencias. O estado tem todo o direito, e obrigação de fazer isto. O direito de ensinar é por certo um direito legitimo, mas que assiste tão sómente aos que têm capacidade para o exercicio de tal direito.

O individuo competente para ensinar, tem o diploma de capacidade que obteve no concurso, de que pôde usar no ensino livre, com direito sancionado pelo Estado, e no ensino publico, onde pôde ser chamado por esse titulo. E na adopção dos compendios por concurso, os livros que forem postos de lado, serão completamente desprezados.

O segundo inconveniente é ainda mais insignificante e contraproducente. O sabio modesto, sem facilidade de palavra, que dá inferior prova no concurso, provou *ipso facto* a sua incompetencia para o ensino, a necessidade da sua exclusão. Ignora o sr. Ramalho que o dom do ensino não é para todos? Que os sabios não são sempre os melhores mestres? E esse inconveniente não se dá na escolha dos livros? Pois ignora o sr. Ramalho que este inconveniente se dá em subido grau na prova escripta? Homens de reconhecido merito, de subida consideração scientifica, escrevem de fórma que ninguem os comprehende, ao passo que outros menos, muito menos instruidos, escrevem com clareza e methodo muito superior.

Pomos ponto aqui, repetindo ao sr. Ramalho os nossos protestos da subida consideração em que o temos, mas pedindo-lhe mais cuidado, mais uniformidade nas suas idéas com os textos e auctores a que se refere, com o bom senso, e com a verdade.

DR. A. ZEFERINO CANDIDO.

A DEBIL

Eu, que sou feio, solido, leal,
A ti, que és bella, fragil, assustada,

Quero estimar-te, sempre, recatada
N'uma existencia honesta, de crystal.

Sentado á mesa d'um café devasso,
Ao avistar te, ha pouco, fraca e loura,
N'esta Babel tão velha e corruptora,
Tive tenções de offerecer-te o braço.

E, quando déste esmola a um miseravel,
Eu, que bebia calices de absintho,
Mandei ir a garrafa, porque sinto
Que me tornas prestante, bom, saudavel.

«Ella ahi vem!» disse eu para os demais;
E puz-me a olhar, vexado e suspirando,
O teu corpo que pulsa, alegre e brando
Na fresquidão dos linhos matinaes.

Via-te pela porta envidraçada;
E invejava,—talvez que o não suspeites!—
Esse vestido simples sem enfeites,
N'essa cintura tenra, immaculada.

La passando, a quatro, o patriarcha.
Triste, eu deixei o botiquim, á pressa;
Uma turba ruidosa, negra, espessa,
Voltava das exequias d'um monarcha.

Adoravel! Tu, muito natural,
Seguias a pensar no teu bordado;
Avultava, n'um largo arborisado,
Uma estatua de rei n'um pedestal.

Sorriam, nos seus trens, os titulares;
E ao claro sol, guardava-te, no emtanto,
A tua boa mãe, que te ama tanto,
Que não te morrerá sem te casares!

Soberbo dia! Impunha-me respeito
A limpidez do teu semblante grego;
E uma familia, um ninho de socego,
Desejava beijar sobre o teu peito.

Com elegancia e sem ostentação,
Atravessavas branca, esvelta e fina,
Uma chusma de padres de batina,
E d'altos funcionarios da nação.

«Mas se a atropella o povo turbulento!
Se fosse, por acaso, ali pisada!»
De repente, paraste embaraçada
Ao pé d'um numeroso ajuntamento.

E eu, que urdia estes faceis esbocetos,
Julguei ver, com a vista de poeta,
Uma pombinha timida e quieta
N'um bando ameaçador de corvos pretos.

E foi, então, que eu homem varonil,
Quiz dedicar-te a minha pobre vida,
A ti, que-és tenue, docil, recolhida,
Eu, que sou habil, pratico, viril.

CEZARIO VERDE.

CHRONICA DRAMATICA

O nosso ideal social é a justiça, o nosso ideal
artístico é a verdade.

EVOLUÇÃO—INTRODUÇÃO.

As musas do theatro andaram quasi sempre
comnosco mal avindas e avaras. Numeramos al-
guns bons talentos, que, por excepção, cultivaram
o drama e a comedia, mas foi sempre n'este ge-
nero mal herdada e quasi mendicante a littera-
tura nacional.

LATINO COELHO. A QUESTÃO DO THEATRO NORMAL

Encetamos hoje a tarefa sobremodo ardua de
chronistas quinzenaes do movimento theatral n'esta
cidade de Lisboa. As condições especialissimas do
theatro contemporaneo em Portugal, as peculiares ao
critico da scena portugueza e as do exiguo espaço
destinado n'este jornal para as revistas theatraes incu-
tem-nos temor de sossobrar nestes encapellados mares
da analyse fria, austera e inspirada pelos inexoraveis
dictames da verdade e da consciencia. O theatro portu-
guez, como avisadamente assevera o eminente escriptor
e erudito critico o sr. Latino Coelho—é a scena franceza
transplantada aos nossos palcos...—os interpretes
das peças, se a natureza os fadou com vocação e talento
a alguns d'elles, pelo geral não possuem a instrucção
artística e litteraria, requerida para tão complexa e

sublime arte. As apreciações do merito das obras re-
presentadas e do de quem as declama, são na gene-
ralidade gafadas de nimia benevolencia, e deleteria
complacencia. O paiz é pequeno. É mister não que-
brar relações d'amizade. Cumpre proteger os artistas;
são pobres, muito bem representam elles... sem es-
cola, sem guia, sem norte... etc... e assim se vão
enumerando todas quantas razões, umas pueris outras
de alguma valia, com que as artes dramatica e a de
representar ficam absolvidas do pouquissimo que dão
em fructos opimos.

Ensaíamos, pois, n'este periodico de critica um
modo de dissecar a obra de theatro, consentaneo com
a divisa que o seu fundador lhe estampou nas linhas
que rematam a *Introdução* Esse criterio temol-o posto
sempre em acção nos nossos juizos criticos, inseridos
na *Democracia*, desde que ha anno e meio n'essa fo-
lha implantamos a analyse das peças representadas
nas palcos da capital. Não fugiremos n'estas chronicas
á investigação dos meios que o actor deve exercer
para crear os seus personagens, e, sempre que vier de
molde, apostolaremos as sans doutrinas sobre uma arte
que tantos exercitam e que tão poucos sabem. Não
molestaremos os leitores com seccantes theorias, que
são de mais particular interesse para quem as devêra

reflectir maduramente e executar discretamente; sem embargo, tentaremos manter n'estes modestos escriptos o caracter de juizos baseados nas regras, preceitos e na propria natureza psychologica e physiologica do homem, apontando sempre para um ideal de nobreza intellectual e de aristocracia artistica, a que o actor deve incessantemente mirar, e arredar-nos-hemos quanto ser possa da critica, que se resume em o auctor d'ella divulgar o que sentiu individualmente no decurso da representação. No crisol das theorias elaboraremos o nosso ponto de vista pessoal, e se d'esse criterio scientifico não dimanarem alguns raios de luz, com que esclareçamos a marcha de auctores nacionaes, quando houvermos de escrever de alguns que surgirem, e dos seus auxiliares na scena, é porque, não o desconhecemos, o clarão do nosso entendimento é mui baço e as nossas faculdades analyticas são acanhadas. Intenções sinceras, amor á arte, culto do bello sobejam-nos, e isso por ventura nos indultará, quando errarmos nos pareceres e não acertamos com a nota e com o traço caracteristico da producção subjeita á disseccção.

Iniciando a revista pelo theatro de D. Maria 2.^a, rapidamente registraremos o que tem subido á scena n'aquelle palco, que deu começo á sua existencia na epocha actual, pondo em scena um drama do sr. Cesar de Lacerda—*O Botão d'ancora*. É uma peça de espectáculo maritimo nos 2.^o e 3.^o actos. Tem as qualidades e defeitos inherentes a todas as composições theatraes do sr. Lacerda, o qual sendo habilissimo em urdir a acção, dispor scenas e architectar situações, não vae além d'esse mecanismo, não penetra no dominio da genuina arte dramatica, no estudo da genese, do desenvolvimento, da evolução e do embate das paixões humanas. Outrosim não debuxa com firmeza e verdade os caracteres dos seus personagens. Na peça, de que tractamos, ha o pensamento dominante de engrandecer a profissão do maritimo. Não condemnamos o auctor por alimentar tão sympathica predilecção, e mormente, tendo Portugal sido, por largos annos, potencia naval de primeira ordem e numerando nós tantissimos navegadores illustres. Como o drama tem sido representado innumeradas vezes e o seu entrecho é demasiadamente notorio, tão somente insistiremos em que o desenlace d'elle é absurdo: um pae, o protogonista, cede ao pedido d'um homem que lhe tinha deshonrado a filha, para reparar a feia acção, casando com ella, não por elle ter adquirido esse direito batalhando intrepidamente em longinquos paizes e conquistando as dragonas de official superior através das lutas titanicas com o mar e com o inimigo; mas porque descobre n'esse homem, rehabilitado, um superior! É subtil, talvez sublime, esse fanatismo pela disciplina. Além d'esse desfecho incomprehensivel, os caracteres não são productos naturaes e logicos. Ha comtudo um padre e um contramestre, excellentemente debuxados. E foram precisamente esses dois personagens e a mulher do official, protogonista, os que obtiveram por parte de Pinto de Campos, Cesar de Lima e Carolina Falco, mais fiel interpretação.

Apoz o *Botão* veio o *Genro de Poirier*, um modelo de alta comedia, uma gloria dos dois abalisados dramaturgos e academicos, Augier e Sandeau. É uma obra de primeira plana. Desenho irreprehensivel de caracteres, unidade em cada um d'elles, fluencia e pro-

funda naturalidade de dialogo, desenvolvimento magistral da acção, desfecho eloquente, naturalissimo e contido nas premissas.

Um pae, burguez, ambicioso de honrarias estrepitosas, uma filha casada com um fidalgo arruinado pelo jogo e pelos demais vicios e prodigalidades, em que se atolam e se deshonram innumerados sujeitos, cujos pergaminhos se lhes afiguram arnez onde julgam aparar com segurança os golpes certos que a sociedade indignada lhes vibra a acção resume-se nas antitheses da burguezia, vaidosa dos milhões e gulosa de titulos e distincções, com a fidalguia carcomida pelas dividas e vasia de pensamentos elevados e sentimentos generosos. A mulher é a conciliadora, e representa o bom senso. O burguez continúa, além do ultimo acto, prelibando o pariato que se estampa no horizonte do futuro com as mais seductoras côres, e o patricio, o descendente dos que lidaram tanto e produziram o inepto marquez, entra na vida conjugal, depois de ter observado, ainda que tarde, quão formosa e rica de ternura e abnegação é a mulher até quem elle baixára, pedindo-lhe a mão, a fim de reparar as temerosas avarias do seu estado economico.

O *Genro*, apezar d'esses solidos e delicadissimos dotes e tendo sido representado excellentemente por Pinto de Campos, João Roza e Virginia, sustentou-se pouco tempo em scena.

Este desfavor do publico, manifestado ante uma obra prima, coroada pela academia franceza, é profundamente desalentador. O paladar do espectador demanda, para ser excitado, as especiarias fornecidas pelo adulterio, incesto, e outras tantas torpezas sociaes e domesticas, que inundaram o theatro e n'elle assentaram dominio incontrastado. Além de quasi não haver peças originaes portuguezas, em numero e qualitates taes, que nos dêem direito a afirmar que possuímos scena nacional, os dramas francezes de primeira qualidade, as joias da litteratura dramatica actual da França e da Italia são desdenhadas e postergadas, se aos seus merecimentos litterarios não addirem o de aquecer a imaginação ardente das meninas, povoando-lh'a de diabolicos ponsamentos, não produzirem titilações no peito arrefecido das mulheres passantes de 50 annos e não electrísarem os cerebros ossificados dos homens, que tiveram por norma salutar e beatifica da existencia, o prescindir do labor intellectual, que nos espiritalisa e engrandece.

Retirada, como timida e envergonhadamente, para os bastidores a formosa producção dos dois delicados dramaturgos francezes, veio a musa da travessura, da graça d'opera comica consubstanciada na Anna Pereira, e ouvimos esta doidejante e petulante actriz-cantora, em duas peças; o *Capitão Carlota* e as *Tres Estrellas*, em que a fugitiva da Trindade se nos antolha buliçosa, jovial, com o seu talento particular para os papeis *travestis*. Da valia das comedias não diremos nada. São peças sem pretensões litterarias, e, ao que parece, compostas no intento especialissimo de se encontrar uma actriz, que lhes dê vida com a representação.

Tambem o empregario do theatro do Rocio desenterrou a velha, insipida, e mediocre comedia-drama do sr. Mendes Leal—*A Corte na Aldeia*.

Emilia das Neves, representando a protogonista, exhibiu-se com as suas brilhantes qualidades drama-

ticas naturaes e com os seus erros, defeitos e senões pertinazes, que á critica desassombada importa notar e pôr em relevo. É de feito Emilia uma artista de extraordinario talento. Os mentecaptos que lh'o deneguem. Mas o que é mister dizer alto, bem alto e desafogadamente, é que o fulgente resplendor, que pôr vezes como que lhe irradia da fronte e dos olhos negros e scintillantes e traduz as paixões ardentes e borrascosas, não nos offusca tanto que não observemos frequentemente a carencia de comprehensão, de estudo methodico e de identificação do personagem. e que, emballados pelo timbre extremamente sympathico e caracteristico da sua voz, ora meiga e arru-lhadora, ora vibrante e potente, não ouçamos centos de erros de declamação, a qual é quasi sempre emphatica e por isso antinatural. De resto Emilia das Neves proseguirá avante no resto da sua brilhante e dilatada carreira e nós seremos acimados de *aristarchos* e *zoilos*.

Chegamos á *Andréa*. É ella que chama agora ao theatro as multidões, que nunca olvidam o preito de vassalagem ao feiticeiro da scena franceza, Victorien Sardou. Esse dramaturgo não é um homem de letras que ame, verse e trate a lingua de Renan, de George Sand e de Sandeau com subido esmero; é incorrecto, vae até aos erros imperdoaveis na linguagem, tem desmazelos reprehensiveis de estylo. São falsos alguns dos seus personagens, é certo. Arranja situações incongruentes; mas as suas obras tem o cunho do talento poderosamente inventivo e n'algumas ostenta-se a observação sagacissima do escarpellista do coração humano e dos vicios, erros e ridiculos da humanidade. É porém desigualissimo o seu engenho. No que accordam todos os julgadores d'aquelle notavel dramaturgo, é que nenhum sabe tirar mais effeitos d'uma situação, do que elle: todos lamentam que Sardou, depois de escrever a *Patria*, porventura a sua obra prima, não seguisse esse veio inexgotavel.

Andrea é uma das suas mais lindas producções, mas não das melhores. Está criticada até á saciedade. A sua feição mais sympathica é a de ter um alto fim moral, o de proclamar uma verdade, que tem sido a redempção d'alguns casados. A mulher que ama seu marido profunda e persistentemente, e que junta a esse immenso amor, o tacto e a energia na manifestação d'elle, alcança quasi sempre victoria sobre a amante sensual, impudica e venalissima que momentaneamente avassala os sentidos do esposo desvairado. Esse o facto psychologico. Desenvolvel-o, dar-lhe forma, colorido, acção, eis a synthese da *Andrea*.

A traducção do drama é do talentoso auctor da *Alma Nova*, e por ser escripto de tão apreciavel poeta punge-nos termos que registrar-lhe reparos no tocante á construcção syntactica, que é muito afrancesada e até quanto á versão d'algumas phrases, como a de... *bruler ses vaisseaux*, que por forma alguma se traduz litteralmente. Não sômos nimiamente exigentes. Não esperaríamos do illustre poeta uma versão tão aprimorada como a do *Demi-monde*, devida á penna castiga e elegantissima do sr. João Pinto Carneiro, ou como a dos *Solteirões* do grande escriptor o sr. Latino Coelho; todavia ousamos rogar ao espirituoso e intelligente traductor, que expurgue o seu escripto dos erros e lapsos que o inquinam.

A representação da parte de Andréa por Virginia é magnifica, não só quanto ao dezenho e côr do caracter e expressão geral do personagem, mas tambem na manifestação da paixão. Falco tambem traduziu perfeitamente a frieza glacial e a ambição cruel da bailarina. João Roza não comprehendeu mal o seu papel e disse-o com naturalidade. O seu trabalho quando regressa, arrependido, ao lar domestico é finissimo.

Os demais artistas tentaram, e Pinto de Campos conseguiu satisfazer os seus encargos.

ALFREDO OSCAR MAY.

À IMPRENSA

A redacção d'este jornal agradece cordealmente a toda a imprensa portugueza o acolhimento lisonjeiro que ella fez ao 1.º numero d'esta publicação. Tomamos tal acolhimento como um generoso estimulo, e havemos de empregar sinceros esforços para tornar esta revista digna da benevolencia com que o seu apparecimento foi recebido. Um jornal de Coimbra, o *Conimbricense*, dirigindo-nos palavras de muita cortezia, estranha que entre os nomes, apontados na introducção do nosso 1.º numero, dos homens que introduziram em Portugal, nos estudos historicos e nas concepções litterarias e artisticas, os principios da critica moderna, não appareça o nome do sr. dr. Manuel Emygdio Garcia. Conhecemos o sr. Manuel Garcia como um distincto lente da Universidade e como um publicista talentoso, fluente e erudito. Nunca, porém, o sr. Manuel Garcia teve nem, parece-nos, aspirou a ter nome litterario. E sendo a indole d'este jornal essencialmente litteraria—posto que a este campo tenté le-

var as suas convicções e os seus principios de critica positivista—é certo que não podiamos citar um nome, aliás glorioso em outra ordem de assumptos, mas alheio ao movimento e á direcção da nossa litteratura. Sabemos ainda que o sr. Manuel Garcia é discipulo de A. Comte, e em Portugal um dos primeiros propugnadores, em data e em merecimento, da philosophia positiva. A *EVOLUÇÃO*, porém, não é um jornal de philosophia, mas simples e modestamente uma revista litteraria, com a comprehensão, talvez vaga e irrealisavel, das elevadas exigencias e responsabilidades da litteratura moderna, toda impregnada do movimento scientifico contemporaneo.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO

Dezembro

1876

NUMERO 3

QUESTÕES SOCIAES

RESUMO: — Novas influencias do meio—Evolução religiosa; suas phases e causas determinativas—Evolução philosophica; suas phases e comprehensão — Vícios sociaes; legados de antigas civilisações—Conclusões da doutrina exposta; origens legitimadas da lei; ordem hierarchica do estudo que antecede a sua formação.

(Continuado do numero 1)

IV

A influencia do clima, as multiplices acções do meio, principal agente da dispersão das primitivas sociedades humanas, produzem não menor actividade nas fórmulas do seu pensamento religioso e intellectual.

No estado primitivo para o homem quasi selvagem, nos sitios onde a natureza mais imponente, mais deslumbra os sentidos, a contemplação dos seus quadros, devia de ser motivo de prodigiosos pavores.

O fetichismo foi e devia ser a religião primordial, e o terror a sua primeira affirmação. *Timor fecit deos*, dizia Lucrecio, exprimindo esta verdade.

O homem collectivo era então o infante de todos os tempos, que treme á mais simples apparição.

Pouco a pouco a familiaridade com os espectaculos naturaes, repetidos e multiplicados; a aquisição de meios preservativos dos males, dos perigos que assaltavam o homem por todos os lados, fez comprehender que essa coisa miraculosa, que se impunha á imaginação, não podia ter fórmula conhecida. O homem começava a desenvolver o espirito generalizador. A abstracção produzia o seu primeiro resultado. A fórmula material do pensamento religioso perdia-se pouco a pouco, sendo substituido pela fórmula espirital. A idéa de Deus levanta-se á altura do sobrenatural.

A exploração do homem pelo homem reveste uma nova phase. Os sacerdotes, que se dizem dilectos do Deus invisivel para todos, menos para elles, que são os seus instrumentos, os legitimos vehiculos dos seus mandados, surgem com o privilegio da casta.

D'ahi a primeira fórmula de governo accumulado n'estes procuradores, arrogando-se o direito divino.

Novo vicio social que a mesma civilisação devia de aniquilar a seu tempo.

Nova influencia do meio, agente de tão notaveis effeitos.

E esta religião, filha d'este vicio, proprio das primitivas edades, ahi vinha como imperioso meio de progresso, porque era o laço que prendia os homens, a ordem que os submettia ao mesmo fim, o estimulo que os animava a grandes commettimentos.

O fetichismo cahia diante das transformações polytheistas e monotheistas que se lhe succedem no tempo.

A India torna-se e é ainda hoje a patria das religiões. Todas as fórmulas do pensamento religioso, que se tem especializado no mundo em todas as épocas e logares, lá tem a sua origem. E' que o clima indiano é o mais proprio para esta fascinação do mysticismo.

Os Vedas, primeiros documentos escriptos das primitivas religiões, attestam uma religião universalizada em tempos de remotissima antiguidade para nós. Antes d'este periodo, nada de positivo, nada certo, tudo conjectural e hypothetico, apenas a certeza do fetichismo, de que os mesmos hymnos vedicos são ainda testemunhas (1).

A concepção fundamental, em volta da qual se desenvolvem as lendas encantadoras d'esta poesia oriental, resume-se na idéa da trindade, dos tres elementos, *terra* ou *Agni*, *ar* ou *Vayu* ou *Indua*, e *ceu* ou *Srya*.

A idéa que o Christianismo dogmatizou é uma exacta representação d'esta mythologia indiana. Nem a perfeita egualdade das tres pessoas da trindade falta no código vedico. «Não ha entre vós, ó deuses, nem pequenos, nem novos, sois todos grandes» diz o Rig-Veda (2).

Mais tarde, por uma evolução natural, por uma abstracção legitima e comprehensivel, a primeira trindade, subsistindo na sua representação symbolica, transforma-se e aperfeioa-se, comprehendendo idéas de mais elevada cathegoria.

Brahma, Vischnu e Civa são as tres pessoas divinas, como a *creação*, a *existencia* e a *destruição* são as tres affirmações objectivas da sua realidade.

E' esta nova phase, producto d'uma investigação intellectual, d'um aperfeioamento relativo da classe sacerdotal brahmanica, que amplia os códigos religio-

(1) G. Wyruboff — *Civilisation de l'extreme Orient* — Max Müller — *La Science de la Religion*.

(2) Wyruboff — Logar citado.

sos, funda seitas e escolas philosophicas de que se encontram vestigios oito seculos antes de Christo. O celebre codigo de Manu, a Vedanta, e outras producções hoje consideradas como outros tantos attestados eloquentes d'esta remotissima idade, são productos evolucionarios d'este tempo.

Entre esta variedade de seitas philosophicas, uma merece especial menção, porque se torna a origem d'uma nova religião, sem duvida a mais notavel de quantas tem dominado na India.

Notavel pela sua rapida vulgarisação, notavel pelo espantoso numero de seus adeptos, notavel emfim e principalmente pelo seu character evolucionario, que a torna perfeita representação d'uma phase caracteristica.

Kapila passa por ser o fundador da notabilissima seita de Sankhja, que rapidamente se divide em muitas escolas, entre as quaes apparece a religião de Buddha, a que nos estamos referindo.

Budda fez na India a mais notavel revolução das antigas civilisações.

A sublimidade das suas practicas de moral, o interesse dos seus preceitos, a sua extrema conformidade com o meio em que se desenvolvia, torna o Buddismo a religião mais seguida do mundo, a despeito da implacavel guerra dos Brahmanes, que durou mais de mil annos, sendo expulsa do seu primitivo berço e reduzindo-se a Ceylão, China e Thibet, *onde ella existe ainda hoje, contando mais crentes do que qualquer outra religião conhecida* (1).

O Buddismo, cuja antiguidade excede oito seculos antes da nossa era, representa o producto mais elevado da civilisação indiana. Similhante em muitos pontos, inteiramente equivalente ao Christianismo pela sua sublime moral, pela reforma social que operou, é completamente distincto d'elle pela materialidade das suas affirmações fundamentaes. O Buddismo não tem Deus, nem nada de sobrenatural.

Esta apathia de tantos seculos, esta constancia miraculosa da civilisação indiana, que tem o Buddismo por mais alto, por unico producto, é um attestado eloquente da lei evolucionaria da civilisação, como o é simultaneamente das influencias caracteristicas do meio.

As civilisações antigas, que precederam a moderna civilisação europea, destacam-se na apreciação historica das suas manifestações, por um frisante character de unidade que as torna estacionarias, senão decedentes no seu velho viver.

Parece que cada uma é dominada por um principio unico, exclusiva origem dos seus costumes, instituições e crenças (2).

Na civilisação europea, a multiplicidade dos principios que se atropellam e equilibram, sem conseguirem exclusivo predominio, produzem, no entender de Guizot, a extrema variedade porque ella tem passado, variedade notavel que se traduz nessa multiplicidade

(1) Wirouboff—logar citado.

(2) Guizot—Historia da civilisação na Europa.

de systemas, que todos e promiscuamente se desenvolvem nas lutas continuas que temos presenciado nos dezenove seculos da sua existencia.

Acceitando o facto, com a incontestavel verdade da sua affirmação, não acceitaremos a explicação do sr. Guizot, que não passa d'um adiamento.

As civilisações indianas são hoje marcos da civilisação universal, que attestam a sua passagem n'aquelles climas especiaes. As causas superiores, que determinam a sua peregrinação, são a legitima origem d'esta fórma variada com que ella se apresenta. Essas causas, que n'aquelle primitivo clima tiveram a sua maxima desenvolução, são as mesmas que em novas condições se modificam e produzem novos e multiplicados principios.

O facto que o sr. Guizot contempla sem explicar, é a traducção rigorosa do nosso pensamento evolucionario.

No Egypto, na India, no extremo Oriente, as causas evolucionarias da civilisação dão-nos successivamente os tres periodos, fetichico, polytheista e monothesta da primeira idade humana. As sociedades passam no decurso d'esta peregrinação pela sua phase *theologica* que abrange aquelles tres estados.

Mas n'este grande cyclo, que leva milhares de seculos a percorrer, o pensamento passa por notaveis transformações. Da contemplação passa ao exame, d'aqui eleva-se á explicação, e as seitas succedem-se e desenvolvem-se com uma actividade prodigiosa. Uma vez gravado no espirito o principio da causalidade, como axioma da observação, o entendimento espraia-se, e o pensamento afina-se, apura-se n'este labutar entre causas e effectos.

O homem abusou das proprias forças.

Porque era magestoso o seu juizo sobre as coisas que observava, e porque as pôde comprehender, induziu a magestade da força, que nelle reside, e que lhe alcança esse conhecimento.

A essa força chama-lhe *espirito*, que passa a ser uma entidade sobrenatural; ao principio pensante e cognoscente, chama-lhe *razão*; e, sem reparar no grosseiro circulo vicioso em que se ia perdido, termina por se adorar a si proprio.

Era ao mesmo tempo inconsequente e consequente.

A sublimidade do que observava residia no juizo por elle formado, e, se era magestoso esse juizo, a conclusão legitima a tirar seria a inferioridade relativa dos instrumentos com que o formára. D'ahi a sua inconsequencia. A sua elevação, nivelando-se com o ente sobrenatural da sua adoração, era a consequencia legitima da idéa que erradamente formára.

Para comprehender o infinito era preciso ter infinita comprehensão.

O mesmo homem resolve a difficuldade dividindo-se em duas coisas distinctas, uma das quaes é o reflexo do infinito, a outra toda finita.

A humanidade entrava na sua segunda idade; atravessava a sua *phase metaphysica*.

E' n'esta idade transitoria que os grandes genios apparecem. A abstracção, o repetido trabalho intellectual, consegue productos gigantes. As forças individuaes crescem d'uma maneira prodigiosa.

Bacon, Leibnitz, Descartes, Spinoza, Kant, Hegel, são outros tantos centros onde as forças attingem valores immensamente consideraveis. As raças apuravam-se, e o grande principio da hereditariedade devia produzir grandes maravilhas, se o considerarmos actuando na collectividade.

E esta grande reacção do homem sobre si mesmo, e esta grande abstracção do mundo, ao mesmo tempo que era um desvio, era um grande progresso.

Producto da civilisação, se não dava a expressão da verdade nas coisas sobre que actuava, educava o homem, apressava a sua disposição para o estudo real e scientifico das coisas da natureza.

Levado ao seu ultimo extremo, o homem começou de observar que o terreno que pisava era todo imaginario. A phantasia tinha occupado o lugar da realidade.

A razão, affastada dos objectos sensiveis, criava entes, propriedades, causas, effeitos, que se pediam de balde ao meio, ao mundo physico.

Então começou essa nova época da humanidade. Olhou-se para o passado e a historia alumiu os espiritos. As phases da humanidade attestavam o seu caminhar de progresso em progresso, embora as curvas descriptas passassem por pontos imaginarios. Começou a observação, a experiencia, o exame e a conclusão, tirada dos factos observados.

A reacção, começada nos factos do mundo physico, passava aos factos do mundo social.

Copernico, Kepler, Newton, Laplace fazem a réforma da astronomia. A physica, a chimica têm o seu renascimento com os trabalhos de muitos genios. A biologia perde o character de empirismo para se constituir n'uma sciencia racional.

A sciencia social era a ultima a reformar-se, e grande esforço era preciso para o conseguir.

Aqui a reacção é activa. No proprio objecto encontram-se forças complexas que embaraçam a revolução. Por isso nós vemos, hoje que a humanidade se encontra no seu periodo positivo, ou verdadeiramente scientifico, hoje que a lei da evolução conseguiu já o renascimento das sciencias abstractas em todos os seus ramos, uma diversidade de pensar sobre as coisas sociaes do lugar para lugar.

A organisação social é um producto hybridico onde as idéas theologicas ainda se encontram enraizadas de

em volta com os productos da phase metaphysica, e aluminando este estado um clarão scientifico que por toda a parte vae transparecendo por sobre este montão de heterogeneas concepções.

A lei social é um hybridismo. Aqui reveste a exclusiva fórma theologica; além é um mixto das duas primeiras phases; n'este logar é a traducção d'um racionalismo puro; n'outro accusa a cambiante das tres edades. E no mesmo ponto é mais theologica uma, outra menos, nenhuma completa e verdadeiramente scientifica.

▼

Podemos agora concluir.

O homem individuo, como o homem collectividade, é um producto evolucionario.

A evolução é a lei suprema da marcha da humanidade.

A evolução é a resultante de duas forças capitaes: as forças proprias da especie, as leis organicas, primitivas ou modificadas pelo tempo e transmittidas pela descendencia; e a acção do meio onde as transformações se operam.

Estudar as leis do desenvolvimento social é estudar estas duas forças; é entender as suas manifestações; é determinar os seus effeitos; é emfim aproveitá-los e amplia-los: é constituir a lei.

A Biologia faz o estudo do homem como organismo, como individualidade, como ser natural.

A Historia dá o estado de cada organismo uno, ou multiplo, no tempo e no espaço. Dá a lei da evolução. Dá o sentido da curva.

A Mesologia dá a influencia de cada meio sobre o individuo e sobre a collectividade.

A Sociologia é a synthese d'estes estudos. E proceder d'este modo, é marchar scientificamente.

As leis são em geral, ainda hoje, coacções sobre o individuo. As refórmias sociaes actuam todas sobre elle; e o principio que as determina não vem do estudo do objecto sobre que tem de influenciar.

Por isso as leis produzem os desarranjos e os cataclismos que a historia nos menciona.

A lei deve actuar sobre o individuo, na parte que tem por fim abolir os vicios que vem só d'elle.

Os meios precisam de ser estudados, medidas as suas influencias para se saber até onde a lei ha de ser modificadora d'elles.

DR. A. ZEFERINO CANDIDC.

LYRA-MODERNA

Senhora! E' tempo! O menestrel romantico
Depõe, curvando-se ante vós, a lyra;
Já nos coxins do murmuroso atlantico
A houri celeste a bocejar se estira...

Soprou do norte um vento rijo, agreste,
Que os velhos sonhos arrojou no abysmo;
E á sombra já do tumular cypreste,
Dorme o fatal, o gasto romantismo.

Coveiros-bardos da moderna idade,
Que andámos a enterrar tudo o que é velho
E a cantar, no alaúde da Verdade,
De justiça e de luz novo evangelho,

Fomos nós que as defunctas Julietas
E os lividos Romeus já combalidos
Demos á valla, ungingo-os de violetas,
—Por amor da hygiene e dos sentidos.

Quem dissera, ao deixál-os sepultados,
D'hervas coberta a sepulchral jazida,
Que inda houvera de vêl-os, desgrenhados,
Rôta a mortalha, reclamando a vida!

E, comtudo, é bem certo! Se morreram
Não descansam tranquilos em seus leitos,
Que do fundo jazigo onde os metteram,
Inda se ouvem sahir uns ais desfeitos....

Inda os vemos passar, sombras errantes,
Muda a guitarra nos inertes braços,
Perseguindo os phantasmas das amantes,
Debruçadas de espectros de terraços....

Inda julgam ouvir dôces toadas,
Gemendo á noite na deserta rua....
E empolgar as amantes, desmaiadas
Aos venenos lethargicos da lua!

Mas, ah! esses momentos deliciosos
Passam depressa, que —*les morts vont vite*....
E recolhem-se á campa receosos,
Talvez d'algunha posthuma bronchite...

Hoje os sonhos que embalam os poetas
São da Sciencia os altos devaneios;
Sentimos, sim, as amorosas settas,
Um infinito amor em nossos seios....

Nem renegámos, nem renegaremos
Das nossas afeições o intimo culto,
E os fóros pessoaes sustentaremos,
Mau grado as vaías d'um realismo estulto.

Cavalleiros, porém, da Ala-moderna,
Ungidos para a luta das idéas,
Hoje, adorámos a Beatriz eterna,
Como outr'ora as formosas Dulcinéas.

E, cheios de confiança no futuro,
D'aquella fé que aos bons protege e ampara,
Já presentimos, atravez do escuro
D'esta comprida noite, a aurora clara,

A dôce aurora—esplendida alegria—
Que deve ser madrinha do noivado
Da forte, da viril Democracia
Com o Direito, o heroico expatriado!

É de combate o ar que se respira!
De toda a parte um vento se levanta,
Que as purpuras reaes por terra atira
Para passar a Liberdade santa!

Não são fabulas já, nem phantasias
De utopistas, de imbelles visionarios....
É a guerra ás antigas tyrannias,
Travada pelos novos legionarios.

Guerra de morte e de exterminio! O repto,
Que já nem busca a sombra de um pretexto,
Do movimento ao quietismo inepto,
Do espirito moderno ao velho texto.

Redobram-se as phalanges inimigas,
Que vae ferir-se o ultimo combate!
Já pelo ar as marciaes cantigas
Se casam aos clangores de rebate!

Como os antigos bardos na vanguarda,
Nós entoámos as canções guerreiras;
E, só quando a victoria oscilla ou tarda,
É que vamos unir-nos ás fileiras.

Não que em odios refervam nösses peitos
Ou queiramos que o ferro apostolise!
Se é força correr sangue n'estes pleitos,
Seja o nosso que a terra fertilise!

Não queremos rasgar novas feridas
No coração da triste humanidade;
Podemos ser, sem commoção, deicidas,
Mas, dos homens, só temos—piedade!

Elles trazem comsigo o peso immenso
Dos erros das passadas gerações;
São responsaveis, sim; comtudo, penso
Que nos crimes das cegas multidões,

Nas tendencias dos maus, na Culpa, emfim
Deve antes ver-se a dura condição
D'um estado social que os torna assim,
Do que a sua incuravel preversão.

Eu creio no progresso indefinido.
O movimento historico não cessa!
Das nuvens, que o traziam envolvido,
Ainda agora a despontar começa

O astro-rei, em tórno ao qual gravita
Todo o systema das humanas sciencias,
O fecho d'essa abobada infinita,
A luz d'estas sombrias consciencias!

Sim! a sociologia, em seu percurso,
Que os evos do porvir verão passar,
Ha de mudar inteiramente o curso
Dos nossos velhos modos de pensar!

E ha de levar seu facho luminoso
 Ás mais profundas regiões do Mal,
 E descobrir no facto criminoso
 A simples resultante social,

O producto fatal, indeclinavel,
 De mil causas complexas e geraes:

—A solução que a turba miseravel
 Acha aos graves problemas sociaes!

Porto.

M. DUARTE D'ALMEIDA.

AS ONDINAS

H. HEINE

AO VISCONDE DE CASTILHO II

Na praia tranquilla, murmuram sonoras
 As ondas do mar.

E ao doce das agoas murmurio palreiro,
 Na areia dormita gentil cavalleiro
 Á luz do luar.

As bellas ondinas immergem das grutas
 De vivo coral.

Accorrem ligeiras e apontam, sorrindo,
 O moço que julgam devêras dormindo
 No fulvo areal.

Vem esta e prepassa do gôrro nas plumas
 As mãos de setim.

E aquella com gesto divino e gracioso
 Nos ares levanta do joven formoso
 O aureo telim.

Essa outra, que lava, que fogo não vibram
 Seus olhos de anil!

Debruça-se, e arranca-lhe a rutila espada,
 Nos copos brilhante se apoia azougada,
 Travêssa e gentil.

A quarta, saltando, retouça lasciva
 Do moço em redor.

Suspira mansinho, de manso murmura:
 «Podesse eu em vida gozar a ventura
 Do teu fino amor!»

A quinta rebeija-lhe as mãos enlevada
 N'um sonho feliz.

E a sexta com tremula e doce esquiva
 Perfuma-lhe a bôcca, formosa creança!
 Com beijos febris.

E o joven fingindo que dorme tranquillo,
 Não quer accordar.

E deixa que o abracem as bellas ondinas.
 E languido goza caricias divinas,
 A' luz do luar.

G. CRESPO.

CHRISTO

(IMITAÇÃO D'ARMAND SILVESTRE)

Oh! Christo, a tua cruz insulta os visionarios,
 Que souberam morrer tambem crucificados;
 E ficaram do ceu e da terra ignorados,
 Ao insulto da plebe infame dos falsarios.

Soffreram, como tu, ó Redemptor do mundo,
 N'um sonho divinal das cousas immortaes:

Quem lhes seguiu, ó Christo, os grandes ideaes?
 O que é feito, Jesus, do seu pensar profundo?!

Havia em seu olhar bem vastos horisontes,
 E foram-se sumir n'um mar d'esquecimento!
 Só tiveram do ceu a musica do vento,
 Jazigo sepulchral na vastidão dos montes!

Cercaram-te na morte os entes teus queridos:
O discipulo amado, e tua mãe—Maria. . . .
O sol teve mais luz no doloroso dia,
De Magdalena ouviste os fervidos gemidos. . . .

O sabio Galileo, heroe que ninguem chora,
A sciencia vencida á força pela fé,
Que vence a tradição, e vence Josué,
Só tem na sepultura as lagrimas d'aurora!

SERGIO DE CASTRO.

1.º DE DEZEMBRO

Não temos o patriotismo espectacular e rethorico que se desata em lyrismos sedícios e em discursos apopleticos ao som dos trombones do hymno da Carta: mas temos pela independencia politica do nosso paiz o amôr reflectivo e tranquillo, que nos dá a convicção de que a absorpção da nossa nacionalidade, presentemente e provavelmente por muito tempo, n'um grande estado iberico é um facto extemporaneo, aventureiro, imprudentissimo e evidentemente ruinoso e oppressivo.

As nacionalidades não se fazem por combinações de gabinete ou por ambições de diplomacia. As nações não são seres inertes que possam combinar-se n'um producto estavel e definido, como se combinam dois corpos inorganicos no fundo d'uma retorta.

As leis da vida, com a sua infinita complexidade, e as leis da historia, com a sua immensa variedade, devem presidir e presidem sempre a esse grande phenomeno da fusão de diversos povos n'uma só nacionalidade.

Desconhecer essas leis, violentar essas fusões é dar provas, pelo menos, de incapacidade politica, pois que apenas se consegue uma agglomeração cahotica, um producto hybridado, que, por um atavismo fatal, ha de mais tarde ou mais cedo reverter aos productos originaes, ou perturbar por muito tempo a vida dos dois povos violentamente ligados, perturbando-lhes o natural desenvolvimento. E depois, nós sômos, talvez um pouco por sentimento, pelas pequenas nacionalidades, porque é n'ellas que vemos actualmente na Europa mais consolidada a democracia, mais respeitada a liberdade, mais honrada a po-

litica e mais honesta a administração. Nos grandes estados o augmento das despesas improductivas não é prôporcional á superioridade dos recursos economicos, mas quasi sempre relativamente superior.

E comprehende-se.

No presente estado de cousas, em que uma grande nação precisa de afirmar a sua importancia politica e diplomatica por grandes ostentações de força material, a concentração do poder e a centralisação administrativa são necessidades impreteriveis e como que as suas despesas de representação externa.

D'ahi um depotismo mais ou menos tranquillo e legal, um parlamentarismo mais ou menos ficticio e convencional. D'ahi as grandes infracções da liberdade, os grandes ataques á justiça, as grandes oppressões mansas, que todas se justificam pelas circumstancias extraordinarias, que tomam o nome de *razões de estado*, as eternas responsaveis de todos os crimes contra o direito.

A Hespanha tem diante de si um immenso trabalho de regeneração politica e economica, que a inibe moralmente, senão materialmente, de se dar mesmo o facil direito diplomatico de nos absorver para se constituir n'uma grande nação, com papel preponderante no alto jogo da diplomacia européa. Não tem jus a tal importancia politica em quanto estiver nas mãos sacrilegas d'um clericalismo repugnante e inepto, de um despotismo canceroso e imbecil e de um militarismo devorador e faustoso, que é a sua ruina e a sua vergonha.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

BIBLIOGRAPHIA

Contos Singelos, por Gabriel Pereira.—*Comedia do Campo*, por Bento Moreno.—*Conversão de São Paulo*, por José Romano.

A litteratura d'um paiz é incontestavelmente o instrumento mais sensivel e mais exacto para a avaliação da intensidade e da direcção da corrente das idéas e em geral do estado dos espiritos n'esse paiz n'uma dada epocha.

Occupando uma posição intermedia ás altas especulações de sciencia—da qual toma o espirito e as grandes afirmações geraes—e á rotina intellectual das classes estranhas ao movimento scientifico, a litteratura, nas suas concepções e nas suas tendencias, accusa rigorosamente, tomada nos seus productos caracteristicos, as mais elevadas conquistas da intelli-

gencia e as aspirações vagas e inconscientes do espirito publico.

É na litteratura que se reflectem, como espectros luminosos na superficie invisivel d'uma lamina de vidro, todas as transformações por que vae passando a alma d'um povo n'esta eterna ascensão do homem para a verdade.

É por isso que um litterato—na elevada accepção do termo—poeta, romancista, dramaturgo, folhetinista, critico, não pode ser estranho ao movimento social, e mais particularmente ao espirito philosophico e scientifico do seu tempo, sob pena de incapacidade fundamental para produzir obra duradoura.

Segue-se d'aqui que um litterato ha de ser por força um sabio, um espirito profundamente versado nas es-

pecialidades da sciencia? Não; e acontece mesmo que não são os sabios, os eruditos, os especialistas que dão os litteratos, á parte rarissimas excepções. O que o poeta, o romancista, o dramaturgo e sobretudo o critico precisam indispensavelmente é de ser homens do seu tempo; e chamam-se homens do seu tempo os que estão na corrente das grandes idéas da sua epocha, os que têm a comprehensão luminosa e fecunda das altas verdades scientificas, os que se prendem por todas as energias do seu talento e por todas as raizes do seu espirito ao solo convulsionado da vida contemporanea e que lhe bebem a seiva e que lhe assimilam as mais profundas aspirações para as transformarem nos grandes productos da arte, que são como a condensação, a incarnação missianica das esperanças d'uma epocha ou de uma nacionalidade.

A litteratura accentua de dia para dia o seu character vulgarizador, ou melhor evangelizador, e ao mesmo tempo que se levanta ás altas regiões da sciencia, procura novas formas, inventa novos processos e reveste-se de novos encantos para se tornar, na sua elevação, sympathica e accessivel á grande maioria do publico, que deseja saber, mas que não tem tempo para estudar.

É sob o influxo d'esta idéa geral que evidentemente foram escriptos os dois livros de contos que temos á vista, o do sr. Gabriel Pereira e o do sr. Bento Moreno.

O sr. Gabriel Pereira é um moço estudioso e erudito, que tem um formoso trabalho de investigações prehistoricas sobre as *antas* e *dolmens* dos arredores de Evora, e que vive na gloriosa obscuridade a que em Portugal estão condemnados a maioria dos homens mais positivamente prestadios e trabalhadores.

Em Portugal arranjam-se, pelas mezas dos cafés e pelas antecamaras dos noticiarios umas reputações estrondosas, que hão de dar uma deploravel medida da nossa cultura intellectual e mesmo da nossa probidade jornalística aos que de futuro se derem ao trabalho de estudar a litteratura portugueza contemporanea; e são taes as decepções por que a opinião publica tem passado com estas reputações de botequim, impingidas á admiração geral pelo entusiasmo theatral e pela rethorica dos noticiaristas, que o epitheto de *litterato* está sendo irrisorio e quasi offensivo, pois que é quasi synonymo de vadio e farçante,

Digamos, pois, que o sr. Gabriel Pereira é *litterato* na alta e genuina accepção do termo. Os *Contos Singelos* são uma afirmação brilhante da copiosa variedade e seriedade dos seus conhecimentos e da admiravel disciplina do seu talento, que se molda com igual facilidade ás mais cruas e aridas investigações scientificas como aos devaneios do conto suave e commovente, da narrativa marítima ou da historia ideal e ingenua d'uns amores infelizes.

Da *Comedia do Campo*, do sr. Bento Moreno, pouco diremos, porque foi livro que excitou uma certa curiosidade, e a critica occupou-se d'elle, e algumas vezes com comprehensão e delicadeza.

A *Comedia do Campo*, pela firmeza da execução litteraria, pela admiravel justeza da observação, pela correccção e verdade das paysagens, pela novidade entre nós, em obras d'esta natureza, do ponto de vista artistico, por uma certa originalidade e frescura no contorno da phrase e sobre tudo da adjectivação, que se affasta dos moldes consagrados, e na verdade já um

pouco gastos, é seguramente uma das mais auspiciosas estreias litterarias d'estes ultimos tempos.

A proposito d'este livro levantou-se ahi, posto que timida e modesta, a questão dos *realistas* e *romanticos*, como a proposito do admiravel livro do Sr. Eça de Queiroz—*O Crime do Padre Amaro*, do qual nos occuparemos detidamente n'um dos nossos proximos numeros. Parece-nos achar-se mal comprehendido o assumpto, ou, pelo menos, mal definidos os pontos da discussão. Precisa saber-se o que seja realismo, em litteratura, e qual a diversidade dos pontos de vista e dos meios de observação e de systemasição artistica e philosophica que separam os realistas dos romanticos. Sem nos entregarmos por hoje a tal genero de investigações, que nos parecem menos transcendentales e abstrusas do que, á primeira vista, as podem fazer suppôr as discussões desordenadas e sobretudo a paixonadas que ahi vão a proposito do assumpto, diremos apenas que entre as duas escolas, em nosso entender, ha com effeito a differença, ou melhor, o progresso que vae da metaphysica espiritualista ao positivismo scientifico, de que as mesmas escolas são a affirmação litteraria.

Deixaremos para outra occasião o desenvolvimento d'esta idéa, em que nos parece residir toda a questão.

O sr. José Romano, auctor e traductor de varias cousas theatraes, acaba de dar á carolice portugueza um grande *regalorio* na fórma de um livro, cujo rosto diz assim: *Conversão de São Paulo, romance sacro, visto e approvado pelo reverendo sr. padre Conceição Vieira e offerecido á illustrissima e excellentissima senhora condessa d'Edla, por José Romano*:

É um livro de folego, como se vê. Já o titulo se presta a grandes meditações piedosas. Depois um livro approvado pelo reverendo Conceição Vieira, cuja auctoridade scientifica e litteraria eguala a do Santo Officio, e dedicado á ex.^{ma} condessa d'Edla, deve ser indispensavelmente um bom livro, cheio de doçuras evangelicas, de arrebatamentos mysticos e de extasis celestiaes. Tem a gente vontade de se preparar com uma confissão e tres dias de jejum para saborear condignamente os favos de tão piedosa cousa.

O livro com effeito vale o titulo, e o titulo está á altura do livro. Tudo ali é extraordinario e piedoso, como a approvação que o sanctificou. A comprehensão da epocha, o estudo dos caracteres e em geral a assimilação historica é tão verdadeira e profunda que a apostolos tem uns ares sornas e semsaborões de comparsas da Trindade; as matronas parecem centros comicos da rua dos Condes; as virgens tem os ares dolentes, romanticos e pretenciosos das leitôras dos annuncios amorosos do *Diario de Noticias* e os martyres são parentes proximos do padre Pancada. As paysagens são evidentemente copiadas dos pannos do fundo do theatro lyrico. As arvores abanam a cada passo dos actores e as montanhas estremezem e ondulam a cada entrada de córos. Os velludos são de panninho ver-vermelho e o ouro é casquinha. Todos aquelles rostos estão cheios de alvaiade e de carmim. Conhecem-se-lhes os bigodes postiços e as sobranceiras de cortiça. Vê-se que toda aquella gente veio ali para ganhar o seu dinheiro e retirar-se depois para suas casas, tomando de passagem *meio forte* n'um botiquim da Ribeira Nova. Os milagres são todos copiados dos dramas espectaculosos do sr. Braz Martins. Ha apenas um que nos parece original do sr. José Romano:

é o milagre da orelha de Malcho, que pôde ler-se Macho, com menos esforço lingoal.

Consiste o sobredito milagre n'uma comichão extraordinaria que o sobredito Malcho sente na sobredita orelha, quando está para acontecer algum caso estupendo. E' um milagre que faz coegas, como se vê.

Um dos caracteres que nos parece bem estudado é o de Simão Syrineo. Senão vejamos. A scena passa-se ás portas de Jerusalém, no anno I.

—«Muito tardam nossos irmãos, exclama afflicta Maria Magdalena, elevando a voz para ser ouvida por todos do grupo. Receio novas perseguições, novas vinganças. O Synedrio ha de buscar punil-os (*os apóstolos*).

—Punil-os!—disse Maria Jacob—De que? Quem os accusa? De que são réos?

—Não condemnaram elles o Justo?!—ponderou a Salomé.

—Bem disseste, irmã;—tornou a Magdalena—A malvadez dos homens vae tão longe!

—Terei de carregar com mais cruces?—exclamou em fôrma de interrogação, Simão de Syrene, com voz e gesto de afflicto.»

E' esplendido este traço da physionomia moral de Simão. Sancho Pança não dizia melhor e nem era mais amigo da propria pelle.

E eis como o sr. José Romano trata o apparecimento do Christianismo, o maior acontecimento da historia; eis como elle estuda aquella grande epoca de reformação religiosa, a mais espantosa da humanidade. E são estes os livros *approvados* pelo clero portuguez, encarnado na vermelha pessoa do reverendo padre Conceição Vieira, que tem escripto na *Nação* umas cousas deliciosas contra a impiedade dos *macaqueiros* de Coimbra.

O sr. José Romano tambem dá a sua unhada nos *philosophos* e nos *livres pensadores*, tambem lhes atira a sua punhalada. Conhece-se porém que o punhal é de lata e que a sua indignação é theatral, por que o travesso vae a rir-se para dentro dos bastidores. Todo o livro se resente d'estas travessuras de *vaudevillista*.

O sr. José Romano escreveu a *Conversão de São Paulo* como quem escreve o *Alto Vareta* para o Antonio Pedro, ora assobiando uma aria da *Gran Duqueza*, ora trauteando um *rondó* da *Giroflé*. E' por isso que o livro é delicioso de seriedade comica. Devidido em actos e em scenas era seguramente a melhor comedia do sr. José Romano. Porque não aproveita a idéa? Estão em moda as operetas... o sr. Cardim que lhe faça a musica.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

Á CRITICA

A *Correspondencia de Coimbra*, excellente jornal politico e de muita competencia litteraria que se publica n'esta cidade, accusando a recepção do 2.º numero da *Evolução*, á qual dispensa expressões de extrema benevolencia, diz a proposito da poesia *A debil*, do nosso amigo e intelligente collaborador Cesario Verde:

«A poesia do sr. Cesario Verde é aberração monstruosa d'um poeta, que pôde ter talento, mas que não possui gosto, nem senso, nem arte, nem escola.» E para comprovar o asserto, que se nos afigura sobremodo dogmatico, aponta o verso:

Adoravel! Tu muito natural

Por mais que attentámos n'este verso não podemos descobrir-lhe nem monstruosidades, nem falta de gosto, nem falta de senso, nem falta de arte, nem falta de escola. Pareceu-nos simplesmente um verso como qualquer outro regularmente metrificado, um verso constitucional, um verso ordeiro e fazendo até parte d'uma quadra que se nos antolha aceitavel. É esta pelo menos a nossa opinião tanto ácerca do verso em questão, como de toda a poesia em geral.

O nosso intelligente collega da *Correspondencia de Coimbra* aponta tambem como absurda a expressão *existencia de crystal*, que nos parece tão absurda como *existencia luminosa*, *existencia dóce*, *olhar brando*, *sorriso claro*, *estyllo alto*, *expressões duras*, *luz crua*, *olhar de fogo*, e mil outras que seria fastidioso enumerar e que andam por ali já em prosa chã e sem levantar reparos de ninguem. Não nos parece me-

thodica a critica, que tomando do producto litterario que se aprecia uma expressão isolada, que por si só pôde não dizer nada ou tornar-se mesmo absurda sob um certo ponto de vista, firma sobre ella observações, que perdem ás vezes muito do seu valor, logo que se applicam a toda a composição. Em litteratura não se conhecem os gigantes pelos dedos, e nem a critica litteraria é trabalho de anatomia comparada, que permita a reconstituição de todo um ser pela analyse de uma só das suas partes.

Não estamos auctorizados pelo nosso amigo e collaborador Cesario Verde a defender-lhe as suas composições litterarias e nem entrariamos nesta discussão, se o nosso estimado collega da *Correspondencia* não accusasse a *Evolução* de falsear o seu programma, publicando aquelles versos. Parece-nos mais falseada a critica, que, avançando proposições tão absolutas, não tenta ao menos justifical-as com o preciso desenvolvimento para que os leitores se convençam com conhecimento de causa e os accusados se defendam com vista do processo.

Não podemos tambem comprehender a razão por que uma revista theatral é contraria á indole da *Evolução*, revista de litteratura e de critica. Será isto um fino epigramma ao theatro e á litteratura dramatica nacional, que já nem litteratura é, mas simplesmente um commercio repugnante de especiarías eroticas e adulterinas, vertidas do francez para o calão fadista dos marialvas do Dá-fundo?

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO

Dezembro

1876

NUMERO 4

A SUPPOSTA NECESSIDADE DA RESOLUÇÃO DO PROBLEMA METAPHYSICO DAS CAUSAS PRIMARIAS E FINAES

(A THEOPHILO BRAGA)

Apenas a philosophia theologica da Edade-Media perde a preponderancia, que durante alguns seculos tivera sobre os espiritos, surge como nova tentativa de explicação do universo a metaphysica, philosophia revolucionaria, sob um certo ponto de vista progressiva, e que devia apressar a eliminação definitiva da doutrina anterior, cada vez mais decadente á medida que a sua rival florescia em novos e mais ousados systemas.

A metaphysica, ou se considere como um estado mental, se bem que provisorio, no entanto sufficientemente caracterizado, ou se considere, como o proprio Comte o dá a entender, uma decomposição do theologismo sob o influxo das primeiras noções positivas das sciencias, não tem cessado desde então de bater a primeira em brecha, vingando-se por sua vez do affrontoso epitheto de *ancilla theologiae*, a qual oppoz por tanto tempo á liberdade das suas especulações a insuperavel barreira da fé.

Apossou-se successivamente de todos os problemas que a theologia resolvia pela auctoridade da revelação e procurou demonstral-os racionalmente, enfeitando o criterio da fé, que substituiu pelo criterio infallivel da razão (segundo o seu ponto de vista) auxiliada pelas idéas absolutas e innatas ao espirito humano, que ella elevou acima da experiencia, a qual nada tem que vêr com ellas, conforme affirmam os metaphysicos.

Durante muito tempo foi esta a posição da philosophia. Estando as sciencias ainda n'um estado de verdadeira infancia, não podendo dos seus resultados deduzir-se ainda uma concepção superior, as construcções metaphysicas *à priori* seduziam na verdade o espirito, ao qual poupavam as arduas fadigas da experiencia e da observação.

Não tendo elementos para construir o universo real e para explicar as leis da sua phenomenalidade, a philosophia metaphysica lançou-se no campo da divagação, da hypothese phantasiosa, e apresentou-nos

os seus resultados puramente subjectivos, como a expressão da realidade.

D'ahi a desprezar as sciencias, que não podiam aspirar por então a construcção alguma synthetica, ia apenas um passo.

Foi o que aconteceu.

A verdadeira philosophia, como naquella epocha se lhe chamava, sorriu desdenhosamente ante a genial tentativa de Bacon de dar á sciencia por base a observação e a experiencia.

Reservou para si o vasto dominio do *à priori*, povoado de principios absolutos e immutaveis, e d'elles deduziu uma philosophia inteira, que pôde sustentar-se com diversas vicissitudes até que as sciencias, com os seus progressos lentos mas constantes, mostraram a inanidade de taes especulações.

Mas estes mesmos progressos, levando a physica, a chimica e a biologia a constituirem-se definitivamente, do mesmo modo que a astronomia, como sciencias positivas, ameaçaram a metaphysica com uma eliminação completa, se por ventura persistisse no seu primitivo isolamento.

Do mesmo modo que a theologia vira pouco a pouco cada uma das suas soluções auctoritarias substituída por uma solução racional, assim tambem agora a cada uma das soluções phantasticas de uma philosophia idealista, a sciencia oppunha, escudada pelo irresistivel testemunho da observação, uma descoberta experimental de todo o ponto irrefutavel.

O phlogistico desapareceu da chimica, do mesmo modo que a theoria dos turbulhões desaparecera da astronomia, que o horror ao vasio desaparecera da physica, e que mais tarde havia de desaparecer da biologia o principio vital, e da psychologia uma alma distincta do corpo.

A metaphysica teve que ceder o terreno n'estas questões.

Mesmo dentro d'esta philosophia houve uma reacção a favor da sciencia, representada pelo syste-

ma materialista, contra o espiritualismo que mais propriamente ficou representando a doutrina da escola.

Collocada, pois, no dilemma de abandonar o campo ou de reconhecer a supremacia da sua rival, julgou poder salvar-se com uma meia transacção, que não pôde de fórma alguma satisfazer os espiritos verdadeiramente scientificos. Reconheceu os progressos das sciencias, reconheceu-lhes os seus methodos particulares, aceitou todos os seus resultados, sem reserva, diz ella, guardando para si a missão de colher todos esses resultados e d'elles deduzir uma philosophia.

É a posição do moderno espiritualismo em face da sciencia.

Infelizmente esta escola tem hoje ainda na Europa um certo numero de illustres philosophos que lhe prestam o realce dos seus nomes. Na França, Vacherot, que no seu livro intitulado—*Metaphysica e sciencia*—se esforça por estabelecer o enlace entre a philosophia metaphysica e a escola experimental; Paul Janet, Caro, Thomaz Ribot, etc.; na Inglaterra, Hamilton, Flint, etc.; na Allemanha, sobretudo, grande numero de espiritos eminentes, com Hartmann á frente, o celebre philosopho do Inconsciente, discipulo e continuador de Schopenhauer, cujas obras tão grande sensação têm produzido recentemente do outro lado do Rheno.

Como se vê, a posição actual da metaphysica não é apezar d'isso das mais lisonjeiras, porquanto feita *amende honorable* da sua repugnancia pelo realismo da sciencia, tem a final que se lhe lançar nos braços.

Mas vejamos qual é a objecção que a metaphysica formúla contra a sciencia, e com a qual pretende legitimar a sua existencia.

«As sciencias, diz ella, reconhecemol-o, com os seus methodos experimentaes estudam as leis dos phenomenos e páram ahi. Por mais que se esforcem nada mais podem, e portanto nada mais desejam alcançar. Pelo contrario, julgam até prejudicial á sua marcha todas as questões de origem e finalidade.»

«O astrónomo estuda as leis da gravitação, sem se importar saber se existe realmente uma *atracção*, ou se uma impulsão universal não será, pelo contrario, mais provavel, como o proprio Newton parece dal-o a entender.»

«O physico estuda as leis da electricidade, do magnetismo, do calor, da luz, sem se importar saber qual é a essencia d'estes phenomenos, a realidade d'estas apparencias.»

«O chimico estuda as leis das combinações e decomposições dos corpos, sem procurar saber o *porque*, mas simplesmente o *como* d'estas transformações moleculares.»

«O biologo, pelo menos o moderno, deixa de parte como ociosa a questão do principio ou essencia da vida, para se occupar das leis estaticas e dynamicas do organismo, etc. E assim nas demais sciencias.»

«Mas porventura o espirito humano pára ahi, e se a sciencia positiva se contenta com a lei do phenomeno, não tenta elle, pelo contrario, comprehender o *miomeno*, a sua essencia e o porque da sua existencia?»

«A astronomia positiva pára no systema solar, e quando muito, avança algumas hypotheses a respeito da nebulosa, a cujo systema nós pertencemos. Mas porventura o espirito detem-se ahi e não se esforça por *imaginar* toda a serie infinita de mundos e de espaços?»

«A biologia não vae além das leis estaticas e dynamicas do organismo. Deixa de parte o problema da essencia da vida, isto é, da força que faz mover o organismo, e o problema da finalidade, isto é, da razão porque elle foi creado. Mas acaso o espirito se accomoda com tal limitação, e não procura saber mais alguma cousa?»

«Eis para que serve a metaphysica (além da physica, como significava na encyclopedia de Aristoteles), isto é, um gráo mais transcendente do que a sciencia, e que serve no momento em que a sciencia se cala.»

«E estes problemas, verdadeiro dominio da metaphysica, são reaes, não são illusorios. Formulou-os pela primeira vez o espirito humano ha tres mil annos e ainda hoje os repete com a mesma pertinacia e egualancia.»

«Não ha, pois, que duvidar da realidade de taes problemas.»

(*Continúa*).

Z. CONSIGLIERI PEDROSO.

LEMBRANÇA

Lembro-me bem de ti, eras franzina e airosa,
Teu rosto era d'um talhe insigne e esculptural,
E nunca a estatuaria erguera em pedestal
A vulto mais gentil, ó criação formosa.

A trança de ouro e luz, cahindo caprichosa,
Cobria-te do seio a curva virginal
E vinha brandamente em fórma de espiral
Beijar tua cintura esbelta e primorosa.

Porém... tudo cahiu na immensa ruinaria,
E eu desde ha muito em vão procuro noute e dia
A tua branca sombra, o teu olhar piedoso.

Só, muitas vezes, creio ouvir na voz sombria
Dos ermos pinheiraes, o vago da harmonia
D'aquelle teu cantar tristonho e suspiroso.

M. DA COSTA PINTO.

A SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Ha cerca d'um anno escrevemos para a mallograda *Revista Occidental* um extenso artigo, cujo assumpto era definir pela voz dos grandes mestres as sciencias geographicas e marcar-lhes o campo d'acção, os limites, a correlação com as suas outras irmãs e affins, e *ipso facto*, evidenciar com o maximo relevo a altissima importancia d'um ramo do saber humano, que, apropriando-se das multiplices noções dos outros seus congeneres, lhes ministra subsidios valiosos e elementos de vitalidade d'uma pujança e alcance inestimaveis. Deploravamos amarga e profundamente o desamor, com que olhavam para aquelles estudos, lamentavamos a carencia reprehensivel de bons methodos de ensino geographico, de livros, de compendios, de manuaes, de revistas, e apontavamos para a lacuna imperdoavel de não haver em terra portugueza uma sociedade geographica, timida, modestissima, balbuciante sequer.

Hoje, porém, o mal reparou-se; accordámos para a vida geographica com o estabelecimento da *Sociedade de geographia de Lisboa*. Os manes de Ritter, de Malte-Brun, de Pomponio Mela, de Strabão, nos perdoem o tardio despertar.

Aquella associação conta limitado numero de mezes de vida. Affirma-a comtudo pondo em acção todos os proficuos meios, e aproveitando os poucos recursos de toda a especie, capazes de produzir os beneficios, de que tanto havemos mister, para se operar uma revolução no cultivo official e particular da geographia.

Dividida como está em tantas secções, quantos os departamentos, que constituem os dominios d'aquella formosa sciencia, a sociedade excita os seus membros á applicação da actividade d'elles para o que lhes fôr mais predilecto e familiar.

As varias secções já se organisaram. As de geographia militar e a de ensino iniciaram os seus trabalhos, a primeira nomeando a commissão que redigirá o programma da complexa missão, que á secção releva exercer, e a segunda ouvindo d'uma sub-commissão a leitura dos programmas de ensino elementar e secundario.

Este assumpto é de tal magnitude e por conseguinte merece tão desvelada attenção, que fiamos dos poderes publicos lh'a concederão inteira e persistente.

Quando contemplamos a transformação radicalissima, operada quanto aos modos e methodos d'ensino da geographia e ethnographia nos varios paizes, ainda

nos que não caminham na vanguarda da civilização, e pensamos nos poderosos meios e processos, executados sob mil fórmãs, á custa de quantiosas sommas, — tendentes aos progressos multiformes do conhecimento accurado, scientifico, fecundo, do globo terrestre e de quanto respeita ás linguas e raças da especie humana, e depois volvemos os olhos, offuscados por tamanho resplendor, para este paiz, revesso ás lutas incruentas da intelligencia em actividade febril d'investigação e critica, percorre-nos momentaneamente as veias o frio do amargo e lethal desanimo, e perguntamos melancolicamente onde buscar remedio para tamanho mal? Será elle curavel? É-o seguramente.

Assim como em outras sciencias vamos a par e passo com os estranhos, por ventura com tenacidade no assimilar os fructos sasonados, colhidos pela Russia, Estados Unidos, Allemanha, Inglaterra, Suissa e França, das suas vigalias e canceiras, assim amanhecerá para nós a aurora da regeneração. E já despontou. A semente lançou-a a *Sociedade de geographia de Lisboa*.

Ha muito por ahi quem no silencio do seu gabinete esteja lidando em não se deixar para retardario na marcha accelerada do movimento geographico da Europa e da America. Envidem-se esforços, congreguem-se os elementos productivos e postos elles em elaboração activissima surgiremos — para a vida de applicação séria á geographia.

Iniciemos a cruzada sacrosanta pela reforma completa no ensino; adoptemos os processos e methodos já provados bons em terras estrangeiras. Urge abolir de vez o fazer da geographia resenhas de nomes fastidiosos, e voltemos olhares de curiosidade scientifica para o relevo do terreno, sua structura geologica, bacias hydrographicas, fauna, flora, condições climatericas variadas e diversissimas do meio, o qual, actuando poderosamente nas sociedades humanas, lhes imprime feições moraes, que as caracteriza e lhes dá papeis diversos na historia da civilização.

A geographia é uma sciencia, ao presente, de tal vastidão, que nos assombra esta, por incompativel com a brevidade da vida do homem; comtudo não invadamos os limites marcados ás outras, onde ella tenta dessedentar-se da sua insaciabilidade de assimilação, e usando de tão discreta maneira de obrar, ainda nos sobrarão immenso para ver e esquadrinhar no campo proprio da sciencia do globo terrestre.

ALFREDO OSCAR MAY.

FATALIDADES!

Tinha o garbo phantastico das cobras
A gentil fada das *soirées* da móda,
Quando arrastava n'um salão as dobras
Da longa saia—a sua graça toda!

No *high life* aristocratico moderno,
O nome honroso d'essa gloria viva
Tinha attingido o pedestal eterno
Da grande fama de rainha altiva.

Era d'uma elegancia na *toilette!* . . .
Trajava sempre no rigor do estylo
A veste e o riso, a posição *coquete*
A phrase e o gesto e o seu olhar tranquillo.

Por isso quando alguém lhe perguntava
Um nome ou outro do rebanho ingente
Das borboletas que febril queimava
A chamma azul do seu olhar ardente;

Ella curvava a fronte e respondia
Com toda a magua d'uma negra ideia:
—Eu sei lá da ave que arrebatou o dia?
—Conheço agora cada grão d'areia?! . . .

Hoje, cousas do mundo, desaparece
Toda essa gloria que viveu da . . . saia (?)
Porque um sugeito a fulminou, parece,
Mostrando-a apenas de manhã na praia.

NUNES DA PONTE.

AS FESTAS LIBERAES

A commissão patriotica lisbonense do 1.º de Dezembro solemnizou este anno, como em todos os anteriores, o anniversario da restauração de 1640, com uma missa cantada e o indispensavel sermão gratulatorio.

O pregador da festa, o sr. Padre Serrano, aproveitou o ensejo e despejou do alto da preveligiada tribuna do pulpito um diluvio de maldições sobre o liberalismo e sobre a irreligiosidade dos governos republicanos e constitucionaes, attribuindo a essa irreligiosidade todas as nossas calamidades e dando pelo contrario á influencia do clero e das ordens religiosas, que Deus guarde, as honras de todos os factos mais gloriosos da nossa historia e particularmente da restauração de 1640. Parece-nos que é levar muito longe o espirito de seita, e que a critica despreoccupada da historia portugueza não auctorisa conclusões tão absolutas; é certo, porém, que se nos antolha perfeitamente coherente e honrado o procedimento do sr. Padre Serrano, sobretudo se o confrontamos com o dos promotores de todas as nossas festas liberaes, posto que a solemnisação do 1.º de Dezembro tenha mais character patriotico do que liberal.

Em Portugal, com effeito, o liberalismo rethorico dos partidos constitucionaes dá ás suas festas o character lithurgico das funcções aos oragos de freguezia: *te-deums*, missas cantadas e sermões, do mesmo modo que o clericalismo e a Igreja romana, a infallivel, celebra as suas datas memoraveis. Ora a Igreja e o partido catholico estão perfeitamente dentro da logica das suas doutrinas, das suas convicções e do seu programma imprimindo ás suas alegrias o character religioso, e nem mesmo lhe podem dar outro. O partido liberal é que commette um acto de torpe hypocrisia, por que em sua consciencia não acredita na efficacia real de taes manifestações de jubilo.

O partido catholico tem por base de todas as suas douctrinhas a crença na intervenção permanente e directa da divindade nos negocios da vida.

O mundo foi creado por Deus por um acto espontaneo da sua vontade suprema e segundo uma intenção moral.

A vida das sociedades desenvolve-se segundo um plano providencial anteriormente concebido.

Tanto os grandes como os pequenos acontecimentos da historia, estavam previstos pela omnisciencia divina e são a realisacão fatal e indeclinavel do programma concebido pela divindade na sua impenetravel sabedoria ao formar do nada o universo das cousas. É isto o que diz, é isto o que defende, é isto o que proclama alto e com louvavel coragem o partido catholico, hoje como ha mil annos, contra todas as impugnações mais ou menos decisiveis da sciencia e da philosophia.

Por isso o partido catholico é coherente, é logico e como tal é digno e é honrado, agradecendo á divindade os favores com que lhe apraz confundir os seus crentes.

É ainda coherente e logico o partido catholico attribuindo as honras de todos os grandes acontecimentos da nossa historia á energia da fé, ao enthusiasmo religioso, não só por que isso é com effeito uma verdade, dentro de certos limites e com algumas restricções, mesmo perante a critica despreoccupada e scientifica, mas principalmente, e sob o ponto de vista das convicções catholicas, porque não podem taes acontecimentos attribuir-se senão aos favores da divindade, preparadora e motora d'esses acontecimentos.

Os partidos liberaes é que não acreditam n'isto, e commettem por tanto um acto de baixa hypocrisia agradecendo á divindade, segundo o ritual da lithurgia romana, acontecimentos, aos quaes suppõem a divindade estranha, pelo menos como despensadora immediata de taes acontecimentos.

Todos os partidos liberaes tem por base das suas convicções, e não podem deixar de ter sob pena de incoherencia fundamental, a liberdade, e porisso a negação da fatalidade, a independencia da vontade individual, dentro dos limites da intelligencia humana, das condições historicas, das condições sociaes e das condições do meio. Podem porisso ser deistas, acreditar na personalidade consciente de Deus, nas origens divinas do universo, nas intenções moraes da sua

formação; mas o que não podem é aceitar a acção immediata e permanente da divindade nos acontecimentos da vida, mas, quando muito, a acção remota, por intermedio das leis immutaveis que regem os phenomenos do universo.

Para os liberaes deiistas o milagre é o absurdo, é a negação da propria divindade, que elles atiram para as profundidades metaphysicas e insondaveis d'um quietismo asiatico.

Para os catholicos o absurdo é a negação do milagre, que é a manifestação mais clara da omnipotencia divina, á qual nada é impossivel.

O partido liberal perde por isso com taes incoherencias e hypocresias banaes, que já não illudem ninguém, o direito de chamar hypocrita ao partido clerical. É preciso pois que o partido liberal, como partido, como collectividade politica, busque outros meios mais serios, e por isso mais dignos para memorar as suas datas gloriosas.

Em quanto os patriotas liberaes celebravam com missas e sermões o anniversario do 1.º de Dezembro a familia real, a personificação do direito divino, o rei de Portugal, *por vontade de Deus*, como o affirma a Constituição, solemnisava o mesmo anniversario presidindo á instituição d'uma *creche!*

É d'esta incoherencia, d'esta duplicidade, d'esta ausencia de character, d'esta falta de energia moral em moldarmos os nossos actos pelas nossas convicções que provêm a esterilidade organisadora, a debelidade incuravel e a feição hesitante, convencional, aventureira e lyrica que tem todos os partidos constitucionaes, que pensam transigir pela moderação velhaca e não fazem mais, pelo menos presentemente, do que comprometter pela hypocresia lorpa. É ainda d'esta ausencia de probidade dos partidos constitucionaes na affirmação das proprias convicções que provêm a vitalidade teimosa do partido clerical, o ar dominante e soberbo com que elle ainda combate, hoje que tem a negal-o e a destruil-o todos os grandes interesses

da politica e todas as grandes affirmações da sciencia.

É que o partido clerical tem uma fé, tem um credo, tem uma philosophia, tem um fim, tem unidade, tem uma disciplina intellectual, tem uma auctoridade moral, tem uma organização forte, sábia e maduramente estudada; e os partidos constitucionaes debatem-se na impotencia d'um fraccionamento infinito, sem unidade de intuitos, sem programma confessado, sem disciplina, sem auctoridade historica, sem philosophia professada, sem finalmente nenhuma das grandes energias moraes que caracterizam os partidos robustos e bem constituidos. É uma desvantagem enorme e que dá, melhor que nenhum outro symptoma, a medida exacta da esteridade actual das doutrinas theologicas, que perdem terreno de dia para dia, apesar de tão mal combatidas.

O partido clerical tem o grande merecimento da coragem das suas opiniões: é preciso que os partidos liberaes saibam adquirir egual vantagem, sob pena d'esta luta secular entre o espirito theologico e o espirito positivo se prolongar indefinidamente, com prejuizo da natural evolução da sociedade portugueza, a cujo desenvolvimento espontaneo o moderantismo burguez e somnolento d'estes partidos, longe de servir, está prejudicando. Para isso é preciso que os partidos liberaes, como collectividades, se desprendam, mesmo aparentemente, de todos os interesses religiosos, entregando-os á consciencia individual, unica auctoridade legitima para gerir taes interesses. Quando não seja opportuno desde já estabelecer na legislação a liberdade de cultos, é indispensavel desde já que os partidos liberaes dêem á solemnisção extra-official das suas festas um carecter puramente civil.

Vae n'isso uma questão de seriedade e de dignidade, e é de dignidade e de seriedade que a partidos vivem.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

OFFERTA

Eis aqui um *bouquet* e uma violeta escura,
Marqueza, não traduz por fórma alguma, creia,
Este mimo gentil a mais pequena ideia
De conseguir o fim que o meu rival procura.

Feriu-me a austera luz da sua formosura,
—A graciosa altivez dos typos da Judêa—
Mas quanto á distincção que de mim fez, tomei-a
Como uma cousa ideal, muito innocente e pura;

Por consequencia eu fico alegre e satisfeito,
Se vir o meu *bouquet* nas curvas do seu peito,
Sobre os flócos subtis das rendas transparentes.

E a violeta (meu Deus! que phantasia louca!)
Entre os finos carmins da sua fresca bôca,
Sob a casta pressão dos seus pequenos dentes.

ANTONIO DE MACEDO PAPANÇA.

O SEGREDO MEDICO

Novella por—ROBERT HALT

(TRADUÇÃO DE ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

—Uma tumefacção no nariz e um lenço com sangue é o que afinal restará da aventura.

—O lutador poderia ter passado a noite na casa da guarda, que é aqui perto. E, como vizinho, não me custava nada trazel-o cá.

—E o outro combatente?

—Foi-se a rir, como tinha vindo. E foi mesmo por causa do riso que elles se pegaram de razões. Quer V. Ex.^a ouvir a historia, emquanto o ferido se arranja no seu gabinete? É uma historia deliciosa, e de que os jornaes só amanhã fallarão.

—Vamos a ella.

—Não é uma historia, é uma questão celeste resolvida a murro.

—É como todas essas questões se resolvem.

—Eu estava, ha uma hora, no tribunal da policia correccional, onde se julgavam tres espiritistas accusados d'uma insigne patifaria. Um era um photographo, que confessou tudo com uma boa fé admiravelmente tranquilla, e de que raras vezes usam os exploradores da credulidade publica. É o caso que o homem vendia aos feis a sua photographia d'elles emparelhada com a do defuncto mais querido que se lhe pedia: pae, irmã, irmão ou mulher.

—Bem sei, já vi d'isso: uma imagem um tanto vaga envolvida n'um sudario. Adeante.

—O caso, porém, não é esse. O photographo mostrou sôbre a mesa do tribunal dois objectos encontrados em sua casa, e que eram uma boneca sem cabeça e uma caixa contendo duzentas ou trezentas photographias. «Eu sou photographo espiritista, disse o homem; o crente que procura o meu estabelecimento é recebido pela minha caixeira, uma mulher intelligente, que, primeiro que tudo, se ajoelha e ora com elle para invocar o espirito. Acabada a oração obriga-o a fallar e sabe assim qual a idade e a figura do defuncto que eu devo photographar miraculosamente. Envia-me por isso á socapa uma pequena explicação. Eu procuro então n'esta caixa que aqui está uma photographia que não destoe das informações da minha caixeira, fixo essa photographia com um alfinete n'esta boneca sem cabeça, envolvo-a n'um pedaço de pano branco em fórma de sudario, e passo-a para um cliché n'um gabinete secreto. Levo em seguida este cliché para o objectivo deantê do qual deve collocar-se o crente e a sua imagem juncta-se á primeira, e eis toda a partida, que, espero-o, meus senhores, não vos parecerá muito digna de castigo. Finalmente, eu trabalho e com isto não faço mais do que comer e beber da parvoice humana tão honradamente como muitos outros».

—E essa proibidade valeu-lhe alguma cousa?

—Um anno de cadeia; mas ainda isto não é o

melhor da historia. O melhor está nas vinte e cinco testemunhas, nos vinte e cinco logrados que desfilaram diante do tribunal.

O juiz conta a cada uma d'ellas os promenores da mystificação, mostrando-lhes e fazendo-lhes apalpar a boneca e a caixa das photographias. Nenhuma das testemunhas acredita o juiz. O photographo levanta-se e repete lucidamente a confissão das suas prácticas, explicando-as com a boneca; mas nenhuma das testemunhas dá crédito ao photographo. Todos ficam convencidos do milagre photographico; muitos zangam-se.

Tres coroneis, e entre elles dois de artilheria, replicam com entono militarmente feroz que se não rendem, que estão promptos a verter o seu sangue! Paulo Didier—o ferido que está lá dentro—e que era segunda testemunha, ergue-se irado contra os mofadores das cousas sagradas e pede para demonstrar que o tribunal labora em erro. O auditorio estava estupefacto, consternado. Como se annullaria a confissão do accusado, as provas da mystificação, a evidencia emfim de tudo isto? A que levava o amor proprio, a vergonha de confessar a burla, a impotencia para se rirem de si mesmos!

—A fé!,.. a fé!,.. exclamou o doutor. A fé é uma doença mental. E aqui basta ella pena a explicação do facto. Tenho visto muitos casos semelhantes. O cerebro humano é capaz de tudo.

—Pois bem, doutor, como medico alienista tractará o sr. Paulo Didier. Eu devia ter trazido a procição inteira das testemunhas.

—Devagar, meu caro, porque seria preciso então trazer-me toda a humanidade sobre-naturalista.

—Emfim a audiencia terminou, e o bom do photographo foi condemnado a um anno de cadeia. E' este que elles encarceram! Sahi do tribunal, e no fim da Ponte-Nova encontro o sr. Paulo Didier, de olhar incendiado, fallando com uma animação selvagem a um sujeito, que ria a bandeiras despregadas. Este sujeito, espectador da audiencia, tinha sido arpoado pelo nosso homem, que o queria convencer da patifaria do photographo e da seriedade dos espiritos. O espectador continuava a rir como uma criança; Didier fila-o pela gola, sacode-o; esmurram-se....

—A materia exalta-o, a metaphysica foi sovada.

—Aqui debaixo das suas janellas, doutor; e em quanto o vencedor se retira a rir como um doido, conduzo eu a metaphysica para aqui. Acabe agora com ella.

E dicto isto o attencioso guia de Paulo Didier despediu-se.

(Continúa.)

UM DEMOCRATA... THEORICO

(A MANUEL DUARTE D'ALMEIDA)

Eu vi-te hontem de tarde, ó grande democrata,
 Declamador banal, rethorico soez,
 las de luva branca e rendas na gravata
 Na grande procissão, grave como um chinez.

Pendia-te do peito o habito de Christo,
 Luzia-te no rosto o jubilo alvar
 De te mostrares bem no pallio, de ser visto
 Roçando nos galões d'um velho titular.

Depois vi-te beijar a mão á Magestade,
 Humilimo e boçal. curvado para o chão,
 E ouvi dizer a alguém: «Este homem, na verdade
 Nasceu para lacaio e aspira a corteção.»

Tinhas em cada gesto o acanhamento idiota
 E o plebeismo audaz que tem os *parvenus*;
 A mão dentro da luva e o pé dentro da bota
 Suavam de afflicção para se verem nus.

No outro dia á tarde o teu jornal, monturo
 Da tua consciencia, a enorme podridão,
 Vinha insultando o rei, que, espirito obscuro,
 Inda se não lembrou de te fazer barão.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

PUBLICAÇÕES

O SECULO

PUBLICAÇÃO DE PHILOSOPHIA POPULAR E DE CONHECIMENTOS
PARA TODOS

REDACTORES

F. A. Corrêa Barata, lente de philosophia e A. Zeferino Candido,
 doutor em mathematica.

É quasi vergonhoso que Coimbra, centro official
 do nosso movimento scientifico, tenha apenas um jornal
 dedicado a sciencias—*O Instituto*—e nenhum es-
 pecialmente destinado á philosophia e á vulgarisação
 dos grandes trabalhos da sciencia contemporanea.

Destina-se a preencher esta importante lacuna
O Seculo, cujo primeiro numero temos á vista e que
 é rigidido pelo nosso amigo e collaborador Dr. Zeferino
 Candido e Dr. Augusto Corrêa Barata, lente de
 chimica na Universidade, onde, pelo seu saber, pela
 elevação do seu talento, pela integridade do seu car-
 acter e pela coragem das suas opiniões scientificas,
 tem conquistado um lugar que lhe promette farta col-
 heita de louros e de sympathias intelligentes na car-
 reira que tão brilhantemente encetou.

Tanto o sr. Dr. Corrêa Barata como o sr. Dr.
 Zeferino Candido são dois moços perfeitamente mo-
 dernos, cheios de entusiasmo e dedicação pela sciencia,
 educados na forte meditação dos estudos mathe-
 maticos e das sciencias physicas, e sectarios convictos
 e confessados da philosophia positiva, a grande phi-
 losophia que está regenerando moral e intellectual-
 mente a França e que promette regenerar o mundo.

O 1.º numero do *Seculo* traz os seguintes artigos:
Preambulo—*Sciencia e catholicismo*, por Corrêa
 Barata—*Instrucção publica*, por A. Zeferino—*A ul-
 tima viagem em volta do globo*—*A imprensa nos Es-
 tados-Unidos da America*.

O artigo do sr. Corrêa Barata é a defesa e a jus-
 tificação das idéas expendidas pelo auctor n'um ar-
 tigo publicado n'um dos ultimos numeros do *Instituto*
 ácerca das origens do Homem e da sua lingoagem.
 O auctor é sectario das theorias de Darwin, ampliadas
 e completadas em parte pelos trabalhos ds Haeckel,
 e mereceu por isso as coleras sagradas e rubras de
 um dos mais divertidos collaboradores da *Nação*.

O artigo do sr. Dr. Zeferino Candido é o desen-
 volvimento e o complemento indispensavel das idéas
 expendidas pelo auctor no folheto publicado ha dias
 e que tem por titulo *Resposta ao questionario da*
Commissão de Instrucção Secundaria.

Reservamos para mais tarde, e quando estes di-
 versos artigos se acharem publicados integralmente,
 mais demorada opinião sobre cada um d'elles.

Por hoje lemitamo-nos a recomendar a leitura do
Seculo como a de um jornal utilissimo.

CARTA A M.^{elle} PREZIOSI

POR

JOÃO TRIGUEIROS

A litteratura portugueza está tendo a preocupação
 da graça, do dicto, da phrase coceguenta. Dá tratos
 á imaginação empobrecida e esteril para encontrar
 assumpto que faça rir os leitores de 10 reis. Esgota
 todos os seus recursos inventivos para achar um dicto,
 uma comparação, um traço grotesco que nos descerre
 os labios n'um grande sorriso expansivo.

Lança mão de todos os expedientes, toma conta
 de todos os assumptos, de todas as questões, de todos
 os successos, de todos os escandalos, revira-os, vol-
 ta-os de baixo para cima, de um lado para o outro,

de dentro para fóra até lhes encontrar um lado irrisório, uma feição burlesca que se preste a um graço de mais ou menos mau gosto, com tanto que faça rir os srs. caixeiros, os grandes estroinas dominigueiros que vivem nas orgias do peixe frito e que se entregam ás devassidões do meio bife.

Parece-nos um pouco humilhante esta posição da litteratura lusitana barata perante a seriedade maior do leitor portuguez.

Não queremos por certo que a litteratura corrente e fugitiva da nossas publicações periodicas tenha os ares compostos e pesados d'um doutor em theologia ou de um embaixador turco; mas parece-nos tambem ridiculo o proposito de arranjar facecias por empreitada e de collocar ao serviço das cocegas dos nossos burguezes ou da hypochondria dos nossos guardas-livros o nosso talento, a nossa penna e mesmo as nossas convicções para que elles se dignem lêr-nos e acharem que temos pilherias.

Esta posição de litteratura jornalística é um symptoma característico do abaixamento intellectual do nosso publico e da sua futilidade de espirito.

Não ha questão politica por mais grave, interesse nacional por mais momentoso, successo litterario por mais interessante que possa excitar-lhe a sua infantil e grosseira curiosidade. Tudo isso é nada perante uma local piccaresca, um dito de graça, um successo ridiculo, um traço grotesco, uma palhaçada ou uma partida grosseira de estudante *rué*.

A politica corrompe-se, a administração abandona-se, o commercio arruina-se, a industria definha-se, a agricultura empobrece-se?

O publico não quer saber d'isso... lá está o governo para tractar de todas essas cousas como poder e souber.

O governo em Portugal é uma especie de imperador celeste, que o publico não vê nem conhece, mas que reina e governa ao sabor dos seus caprichos, e da sua compleição mais ou menos lymphatica, nervosa ou sanguinea; é uma especie de *deus ex machina* das tragedias antigas, que tem obrigação de nos resolver todos os casos complicados: de nos dar a carne barata, as casas em conta, a agua de graça, o theatro com subsidio, os divertimentos com luxo, os transportes rapidos, o dinheiro para os nossos bancos, os recursos para as nossas crises, as machinas para as nossas fabricas, os utensilios para as nossas industrias, enquanto nós lemos o *Diario de Noticias* e tractamos de arranjar um emprego publico, o modo de vida por excellencia em Portugal.

Os governos sabem isto e fazem por tanto o que lhes apraz, sem contarem com o publico para cousa nenhuma, a não ser para o regalar de quando em

quando com uma parada ou com uma funcção patriótica theatral por descargo de consciencia de lhes pedirem o costeo d'essas exhibições apparatusas. Os governos em Portugal são por isso liberaes, ou fingem sê-lo unicamente por que perderam de moda os governos despoticos, e Portugal quer por força andar na moda.

O publico, de facto, está tão disposto para ser governado pelo conde de Basto como pelo sr. Marquez d'Avila.

Lisboa, que é o cerebro d'este paiz, está apaixonada pelo theatro. A capital envenena-se pelo enfecionamento da sua atmospherá, a vida encarece espantosamente, a familia corrompe-se, os escandalos multiplicam-se, mas Lisboa diverte-se, enriquecendo as casas de penhores.

A paixão do theatro mesmo não é uma paixão de artista, é uma paixão de brasileiro gasto e corrupto. Não se ama o theatro pela arte, mas pelo escandalo, pela excitação erotica. Vae-se ao theatro para vêr a perna a M.^{elle} Preziosi, para gozar o decotado das figurantes, para apreciar os equivocos grosseiros e pôdres da baixa opera comica franceza. A belleza insolente de M.^{elle} Preziosi, a sua carnação abundante, o contorno esculptural da sua perna tomam por isso a importancia d'uma questão nacional, d'uma questão exclusiva e absorvente. Escrevem-se por isso locaes, artigos do fundo, communicados, folhetos a proposito do assumpto, como se a litteratura estivesse ao serviço do *quartier Breda* lisbonense ou do empresario do *Mabille*.

Que os brasileiros arruinados pela devassidão, que os marialvas corrompidos por toda a sorte de excessos amem o genero e applaudam freneticos estas corrupções nojentas e baixas, entende-se; mas que a litteratura se colloque ao serviço dos brasileiros e dos marialvas é o que não podemos perceber.

A carta a M.^{elle} Preziosi é um escripto com que ninguem adianta nada, nem o auctor nem o publico. É uma bagatella escripta com talento litterario e com sentimento da fórma. Mas nós não comprehendemos a arte pela arte. A arte tem um fim, um destino social, que é a elevação do sentimento e da intelligencia. Aconselhamos por isso ao auctor que dê uma direcção mais práctica, mais elevada e mais digna aos seus aliás excellentes dotes artisticos e litterarios. Ficam muito mal á litteratura os ares faceis e os gestos equivocos e provocantes das *cocottes* vagabundas. É outro o destino da arte, é outra a dignidade da litteratura, é outra a tarefa dos talentos como o do sr. João Trigueiros.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

EXPLICAÇÃO

A poesia publicada no nosso numero anterior com o titulo de *Lyra moderna*, do nosso amigo e collaborador Manuel Duarte d'Almeida, é o fragmento d'um trabalho mais completo e mais desenvolvido do auctor. Por uma inexplicavel irreflexão deixámos de fazer

esta observação quando publicámos aquelles excellentes versos, que precisam d'ella para sua melhor intelligencia.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO

Janeiro

1877

NUMERO 5

A SUPPOSTA NECESSIDADE DA RESOLUÇÃO DO PROBLEMA METAPHYSICO DAS CAUSAS PRIMARIAS E FINAES

(A THEOPHILO BRAGA)

(Conclusão)

Eis a argumentação da moderna metaphysica e o novo terreno em que ella se colloca em frente do movimento scientifico contemporaneo, que já não pôde negar.

Vejam os valor d'esta objecção.

Dizem os metaphysicos, que sendo impossivel ao espirito humano renunciar aos problemas de origem, de finalidade e de essencia, devem estes problemas forçosamente ter uma realidade, que convem a todo o custo indagar, não merecendo o nome de philosophia todo o systema que não dê uma satisfação a aspiração tão legitima e além d'isso tão constante.

Ora, tal argumentação é evidentemente viciosa; primeiro: — porque conclue do que até hoje se tem passado para o que se ha de passar no futuro, quando a inducção em taes termos não é legitima; segundo: — porque affirma que ainda hoje os problemas metaphysicos se impõem como uma necessidade a todos os espiritos, quando, pelo contrario, a immensa maioria dos homens de sciencia já d'elles se emancipou. E não é legitima a inducção no primeiro caso, porque a opposição contra as especulações metaphysicas vae todos os dias augmentando com as novas descobertas scientificas, podendo prever-se, com bastante certeza, ou pelo menos com grandes probabilidades, o momento da sua eliminação completa.

E não é isto mesmo o que nos mostra a historia?

Durante seculos consideraram-se tambem como problemas urgentes a resolver, e n'isso se gastaram tantas discussões estereis — as virtudes occultas dos numeros, a essencia do movimento, a alma dos magnetes, a pedra philosophal e tantas outras superstições que a propria metaphysica hoje engeita como ridiculas.

Dizia-se então que esses problemas tinham uma

realidade incontestavel, por isso que se impunham a todos os espiritos.

No fim de contas não passavam de devaneios subjectivos, filios de uma educação intellectual defeituosa.

Em identico caso estão hoje os problemas de origem, finalidade e essencia. São restos de um estado mental inferior, que estão condemnados a desaparecer do quadro da sciencia.

Dizem os metaphysicos que ha tres mil annos que elles pela primeira vez foram formulados, e que ainda hoje o espirito moderno os formula de igual modo. Poderá adduzir-se prova mais frisante da sua inanidade?

Desde Platão até Hegel, o ultimo dos grandes metaphysicos, que é o que se tem adiantado ácerca das idéas absolutas de Deus, da essencia da alma humana, da origem da materia, da finalidade da criação e ácerca dos demais problemas da alta especulação idealista?

Que progresso se manifesta do Logos do philosopho-poeta grego á IDÉA do metaphysico germanico?

Esses problemas estão exactamente no mesmo estado em que estavam ha trinta seculos. Cada nova escola que os apresenta limita-se a adornal-os, por assim dizer, com os trajes da época; o fundô persiste essencialmente o mesmo. Que argumento mais concludente poderá adduzir-se contra a sua supposta necessidade?

É na verdade extraordinario, que aquelles que combatem a sciencia positiva por pretender limitar as forças investigadoras do espirito, passem tal diploma de impotencia á intelligencia humana, que a supponham capaz de andar tres mil annos em torno de um problema sem conseguir, não dizemos já resolvel-o, mas sequer enuncial-o de um modo claro e evidente!

E, comtudo, no mesmo espaço de tempo essa mesma intelligencia logrou constituir o enorme edificio da sciencia, logrou surprehender, desde o immenso dos céos até ao microscopico da terra, as leis da evolução do universo!

Que differença de resultados, e como ella deve fazer cahir em si os apóstolos do *à priori*!

Não existe, pois, tal necessidade de resolver problemas que estão fóra do alcance da experiencia e da observação, e ainda quando o nosso espirito se obstinasse em formulal-os, era mister corrigir essa aberração, evidentemente filha de uma educação defeituosa e producto de uma perniciosa illusão.

As causas primarias e as causas finaes são inacessíveis ao nosso espirito. Pertencem ao dominio do incognoscível, e portanto nada têm que vêr com a philosophia nem com a sciencia, sob o ponto de vista humano, por isso que nós nada conhecemos em absoluto.

Como Berkeley o demonstrou com toda a evidencia contra Locke, n'este ponto em manifesto erro, nós sómente conhecemos o mundo exterior por intermedio dos sentidos, isto é, sómente o conhecemos pelas nossas sensações, e estas sensações são-nos despertadas pela phenomenalidade externa e nunca pela essencia das cousas.

Como é, pois, que podemos afirmar aquillo para que não temos elementos? Podemos, sim, phantasiar hypotheses sobre a natureza e a extensão dos infinitos mundos do espaço; podemos perder-nos em conjecturas mais ou menos improvaveis com relação á causa primaria do universo, á essencia da vida, etc., etc., mas como não temos elemento algum experimental para equilibrar taes especulações, não passarão essas hypotheses nunca de ficções imaginativas, e como taes serão inadmissíveis no campo da sciencia.

Nem têm que desconsolar-se, com esta asserção, os espiritos ávidos de sciencia e desejosos de descortinar todos os segredos.

Pelo contrario. O estudo positivo das leis da na-

tureza, a synthetisação das leis particulares a cada sciencia n'uma harmonia superior, n'uma hierarchia racional, crêmos que é campo bastante vasto para saciar os desejos de saber, ainda mesmo os mais ardentes.

Pois não resta ainda tanto que fazer em cada sciencia particular?

A mathematica não tem ainda tantas fecundas deducções que tirar dos seus principios fundamentaes?

A astronomia e a physica celeste não têm ainda que investigar o nosso systema solar, penetrando mais intimamente na constituição e nos segredos de cada astro?

A physica não tem ainda tantas hypotheses que corrigir como a do ether, e tantas outras que confirmar, por exemplo, como a da unidade das forças physicas?

A' chimica não lhe restam tantas syntheses que effectuar, tantas analyses que emprehender, tantas composições e tantas decomposições, cujas leis é mister fixar?

A biologia, sobretudo na sua parte dynamica e taxonomica, não tem tantas theorias e factos que precisar, emancipando-se de hypotheses prejudiciaes para os progressos da sciencia?

E finalmente a sociologia não é um campo, por assim dizer, virgem, onde quasi tudo ha a fazer, apesar dos eminentes trabalhos de Comte e d'alguns dos seus discipulos e successores, como Littré e Herbert Spencer?

Eis aqui a tarefa de muitas gerações de trabalhadores, sem ser preciso irmos lançar-nos em especulações, onde nos falta o unico guia seguro—a observação. A todos aquelles que nos fallárem, pois, de causas primarias, causas finaes, essencia, substancia, primeiro motor, etc., respondemos-lhes como o auctor do *Systema do Mundo* respondeu a Bonaparte: «são hypotheses desnecessarias para os progressos da sciencia.»

Z. CONSIGLIERI PEDROSO.

AS FESTAS LIBERAES

(CARTA A EDUARDO AUGUSTO FALCÃO)

Meu caro Falcão.

Dirigiu-me v., por intermedio do excellente jornal *A Actualidade* e a proposito do meu artigo *As festas liberaes*, publicado no numero 4 da *EVOLUÇÃO*, uma carta, que, salva a consideração que me deve o seu admiravel talento, me parece escripta com uma

precipitação, que está pouco na sua indole, essencialmente reflectida e séria, e nos seus habitos de estudo e de concentração de espirito.

Quem lêr a sua carta e não tiver lido o meu artigo, ha de fazer de mim o deploravel conceito de um jacobino exaltado e ardente, que pretende subordinar os complicadissimos factos da vida social e a

morosa evolução das instituições politicas ao ideal de uma organização theorica, desprendida de todas as considerações positivas e estranha a todos os dados prácticos do problema. Ora eu venho pedir-lhe que rectifique tão errado juizo a meu respeito, por que se ha cousa que eu deteste, como anti-scientifica e rethorica, é o jacobinismo dos partidos theoricos, que julgam resolver todos os problemas sociaes pela exhibição das suas idealidades abstrusas e ermas de todo o senso evolucionista.

Eu, em politica como em muitas outras cousas, destingo o que é puramente especulativo e theorico do que é práctico e applicavel nas condições do meio social.

Sou tambem *relativista* e tomo como minhas aquellas admiraveis palavras do manifesto do *centro eleitoral republicano democratico do Porto*:... «nos trabalhos politicos ha a distinguir entre o ideal e o immediatamente realisavel. Muitas revoltas e revoluções provieram de não se ter feito esta importante distincção. Nós não esquecemos as condições da sociedade humana; por isso, ainda que tendo sempre em vista um ideal bem definido, iremos, sem impaciencia de utopistas, marchando para elle segundo as circunstancias reaes e positivas da sociedade. Reconhecendo a impossibilidade da immediata applicação integral dos nossos principios, preferimos ser uteis realisando pouco, a ser prejudiciaes tentando tudo.»

Estas formosas palavras traduzem o meu pensamento mais intimo e mais fundamental em materia politica.

Que havia de contraditorio a esta profunda convicção no meu artigo *As festas liberaes*?

Chama-me v. dogmatico e pergunta-me pela procuração que os partidos liberaes me deram para formular a sua nova crença.

Onde viu o meu amigo dogmatismo n'um escripto essencialmente critico e pessoal?

Que novas crenças formulei eu collocando os actos publicos de um partido defronte das suas convicções politicas e concluindo pela contradicção entre estas convicções e aquelles actos?

Que procuração precisava eu para formular o meu juizo, meramente individual, ácerca de convicções confessadas altamente por uns certos grupos politicos e os actos publicos e solemnes d'esses grupos?

Eu tenho pelas crenças religiosas, logo que estas se mantenham dentro da moral commum, todo o respeito que me devem as convicções sinceras. Esse respeito, porém, votado á sinceridade não vae até á inviolabilidade da hypocrisia, que detesto e que estou no meu pleno direito de apontar com nojo ao escarneo das almas justas e dos espiritos rectos. Ora é hypocrisa o partido liberal, que, como collectividade, como partido, agradece com *te-deuns*, *sermões* e outras fórmulas consagradas pela lithurgia romana, os acontecimentos prosperos da sua historia á Providencia, como *dispensadora immediata* d'esses acontecimentos.

Isto é o que eu affirmo e que sustento com todos os recursos de que possa dispôr a minha critica, cuja

independencia não precisa de procuração de ninguem para affirmar uma proposição de que acceto a plena responsabilidade.

Pergunta-me v. ainda se é ponto decidido no meu programma liberal acabar com o catholicismo, se vou estabelecer nova religião ou se na *minha nova ordem de cousas* prescindindo d'essas bagatellas!

Palavra de cavalheiro que lhe não respondia a sério se não tivesse pela sua amizade e pela sua intelligencia a alta consideração que ambas me merecem.

Se o meu amigo se tivesse dado ao improductivo trabalho de ler este jornal desde o seu primeiro numero, e nomeadamente a Introducção, não faria ao meu espirito a humilhante injustiça de o suppor ainda envolto nas nebulosidades coruscantes da metaphysica dos *phalansterios*. Tenho a ambição, talvez illegitima, de me considerar um pouco mais *positivo*, e o proprio titulo d'este jornal lhe indicaria isso, se o meu amigo tivesse olhado para elle com alguma attenção.

Para mim a religião, quando mesmo conseguisse demonstrar-se *scientificamente* — o que julgo impossivel — que todas as suas idéas fundamentaes não passam de méras concepções theoricas sem realidade objectiva nem significação real, havia de impôr-se ao meu respeito e á minha veneração como uma das mais altas especulações do espirito humano, como a instituição mais culminante e mais dominadora da historia das civilisações, como a grande educadora do mundo moderno, como a consolação de muitas almas boas, como o amparo de muitas fraquezas, como a unica recompensa de muitos heroismos obscuros, como a iniciadora da Moral, como a fundadora do Direito, como a defensora da Justiça, no tempo em que a moral era o roubo, o direito a força e a justiça o assassinato.

A religião, pois, quando se não recomendasse ao meu respeito como crença, havia de impôr-se á minha critica como o facto mais capital da historia da humanidade, e só os futeis e os ignorantes podem encontrar no seu espirito sarcasmos para o que constitue a caracteristica da nossa especie e a gloria da nossa raça. Sabe que lhe não digo isto para armar ao applauso dos burguezes ou para captar a benevolencia das almas pias. Não tenho preocupações de popularidade, e já agora espero morrer sem cheiros de santidade, por que até v., que melhor devia conhecer-me, me tracta como um jacobino.

Fez-me uma injustiça, e eu vingo-me avizandoo de que esgrimiui com o vento, por que tendo-me ao seu lado, deu um golpe em falso suppondo-me na frente como seu inimigo. Cegou-o o seu enthusiasmo democratico, o seu amor de proselytismo.

Acalme-se e verá que não é aqui que estão os seus inimigos. Procure-os n'outra parte; procure-os nos falsos liberaes que andam atrazando e empecendo o natural desenvolvimento da sociedade portugueza com umas transacções hypocritas, filhas do cynismo e não do *opportunismo*.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

CABELLOS

Não sei porque hei de amar esses cabelos,
Tão cheios de attractivos para mim,
Tão flúidos, tão d'ebano, tão bellos,
Não sei porque hei de amal-os, se hei de vêl-os,
Sempre captivos, torturar assim!

Os enfeites que pões os desfiguram,
Esses pesados jugos os offendem!
E, cada vez que as tranças se desprendem,
Como estes dedos ávidos procuram
Logo as soltas cadeias que me prendem!

E tu, — a desprezar tanta opulencia!
Sacrificas á moda em demasia.
Compõe-os para mim tambem um dia,
Deixa-os cair, soltar sem resistencia,
Como eu por ti, sendo mulher, faria...

Ou dá-lhes essa fórma antiga e casta
Que o rosto enquadra em maternas *bandós*;
Bem sei que é velho, e que, decerto, afasta
Muitos d'aquelles que esse olhar arrasta...
Mas, aqui junctos, gozaremos sós!

Ha nessa antiga e dôce compostura
Não sei que vago, que suave encanto,
Que me accorda na ideia um templo santo

E, no côro, uma pallida figura
D'alvo capêllo, a soluçar um canto...

E foi assim que eu vi representada,
Nas puras linhas de ideal gravura,
Do doutor Fausto a amante inda illibada,
Mas em funda tristeza mergulhada,
Já presentindo a amarga desventura!...

E essas velhas pinturas que possues,
Essas loiras, formosas raparigas
De cabellos em cachos, como espigas,
E, cheios de malicia, olhos azues?...
Ah! não gostas tambem, que são antigas...

D'accôrdo. Isto é um capricho de momento,
O que eu mais quero é vêl-os sem prisões!
Dá-lhes a vida, a febre, o movimento,
Atira-os como as chammas, quando o vento
As quebra em rectilineas projecções!

Mas liberta-os do jugo que os opprime!
Põe termo um dia á dura escravidão!
Perante a moda será isso um crime,
Mas, quando a sós commigo, — sê sublime!
Desencadeia o negro turbilhão!

M. DUARTE D'ALMEIDA.

O ENSINO GEOGRAPHICO

O brevissimo artigo, que escrevemos sob o epigraphe—*A sociedade de Geographia de Lisboa*, e publicado no numero anterior d'este jornal, é como um curto proemio d'uma série d'outros escriptos ácerca dos momentosos problemas da geographia, cujo estudo está affecto ás sociedades que a cultivam e patrocinam.

O primeiro que se nos depara mais sério e mais grave, é o da refôrma radical dos methodos e programmas actualmente enraizados no ensino official e particular da sciencia dos Ritter, Petermann, Kiepert, Vivien de S. Martin, Levasseur e outros muitos sábios, que tamanho impulso scientifico tem imprimido no seculo actual á geographia na marcha d'esta, brilhantemente progressiva e admiravelmente fecunda em utilissimas noções de toda a especie, ácerca de questões vites sujeitas á jurisdicção de outras sciencias.

A geographia não é pertença das sciencias naturaes nem das politicas, mas tem um character especial. É um elo entre umas e outras, na longa cadeia dos conhecimentos humanos.

As causas, que determinam os phenomenos sociaes, repartem-se em duas classes ou categorias: causas provenientes da natureza, que envolve o homem, e causas chamadas do *meio social*, o qual deriva da estrutura do homem, encarado como producto physico da natureza organica e como ser moral e material.

O objecto da geographia é, pois, o complexo dos phenomenos da natureza, que influem na existencia da sociedade humana.

Os factos que originam o meio social têm, nos ultimos tempos, formado o objecto ou fim de não poucos ramos das sciencias politicas e sociaes.

A geographia deve abranger sómente os factos,

que respeitam á actividade da sociedade, aquelles que se dirigem a explorar as forças da natureza com o fito de preencher as necessidades sociaes e individuaes. São elles que constituem a segunda categoria das noções comprehendidas nos ambitos da geographia, á qual não lhe cumpre espalhar-se demasiadamente em dissertações sobre as materias das demais sciencias.

Exemplifiquemos: — A nossa sciencia registra o numero de habitantes d'uma região; examina as causas pelas quaes existe essa população e não outra: tambem lhe cabe indicar o influxo, que aquelle numero exerce no existir das modernas sociedades; o que a geographia, porém, não tem a fazer é estudar os pormenores do movimento da população e os meios postos em prática, para se realisar o censo: á estatística incumbe essa tarefa.

Descrevendo-se v. g., uma tribu, a geographia commenta-lhe as qualidades dependentes da natureza que a rodeia; vae até testificar, que, afóra as causas naturaes, a decorrida existencia d'um povo actua parcialmente na actual vida social. Não deve, contudo, a geographia estudar criticamente esses alludidos factos; não deve, em summa, investigar a historia d'um povo. Ha de pôr de lado os successos historicos, que não tiverem influencia no character e nas condições de existencia contemporanea da tribu.

Mantendo para a geographia as raias syntheticamente acima delineadas, essa sciencia ha de impreterivelmente progredir, como qualquer outra. E não nos arreciemos das chimericas complicações que alguns, menos avisados, supõem resultar do emprego e applicação á geographia das leis que regem as demais sciencias naturaes e politicas. A physica usa frequentemente da mathematica e da chimica, e sem embargo de tão benefica ingerencia e mutuos serviços, ella sustenta e guarda cautelosa e triumphantemente a requerida e evidente independencia.

O ensino de qualquer ramo dos conhecimentos humanos, na instrucção secundaria, deve mirar ao desenvolvimento das faculdades intellectivas e criticas do estudante, e por tão ponderosa razão é mistér

conceder-se a mais desvelada attenção á disposição dos materiaes geographicos, e conduzir tão methodicamente o ensino que cada phenomeno haja de ser explicado pelas leis e phenomenos anteriormente enunciados e descriptos. Devem estes ultimos ser analysados desde os mais simples e comprehensíveis até aos mais complicados, accomodadamente ao gráo de maturação do entendimento do discipulo.

Registramos acima o principio, ou proposição, sobre que ha de architectar-se o edificio da instrucção secundaria geographica, *explicar cada idéa por aquellas que a precedem*; conseguintemente no curso da geographia professado nos lyceus, ou nos estabelecimentos d'indole similhante, elle, a nosso parecer, começará não pela localidade da escola, como é indispensavel no ensino elementar, e tal o praticam os americanos ha longo tempo e entre nós a *Casa-pia*, mas por noções elementares do aspecto e grandeza do globo terraqueo. Cumpre, ao depois, ordenar as noções elementares de geographia physica e politica em uma ordem methodica, e organizar com ellas um systema racional, applicando-as ulteriormente a pontos em particular do globo terrestre, escolhidos com lucido discernimento e muito tacto.

Até aos 10 annos, proximamente, siga-se o estudo da localidade, onde demora a escola (*Heimathshunde*), todavia este ensino não corresponde ás exigencias intellectuaes de idade mais elevada. Para os primeiros annos é elle d'uma vantagem incalculavel, porque penetra no espirito das creanças pela observação dos objectos visiveis; é um methodo completamente concreto e como tal vantajosissimo; imperfeito é comtudo na geographia secundaria, por intorpecer e retardar a evolução da intelligencia dos discipulos já crescidos em annos.

No proximo artigo esboçaremos o programma da geographia mathematica, como elle é adoptado nos estabelecimentos modelos dos paizes mais avançados nas sciencias geographicas.

(*Continúa*).

ALFREDO OSCAR MAY.

NIHILISMO

And hnow, wat ever those hast been,
'T is someting better, not to be.
BYRON.

Ó sonho predilecto
Da minha phantasia,
Quem é que te seguia
Com esse olhar inquieto.

N'esse febril aneio
Das tragicas paixões,
Por entre as multidoes
Da missa ou do passeio!

Pois que suaves horas
Em noites de luar
Passei a contemplar
A casa em que tu mórás!

Dormias tu ali,
Venusta maravilha,
E mãe, esposa e filha
Eu concentrava em ti.

Ficava então scismando
N'um extasis tão doce,
Como se a alma fosse
N'um paraíso entrando.

Sonhava a natureza
Um sonho immenso e vago,
Qual esse em que divago
Nas horas da tristeza.

A luz d'alguma estrella,
Que muita vez suppuz
Do teu olhar a luz,
Doirava-te a janella.

Ardia dentro em mim
Do pensamento a lava;
Um rouxinol cantava
Nas sombras do jardim.

Sonhavas tu talvez
Noivados opulentos,
E eu n'esses momentos
!Chorando tanta vez!

Chorando sim; que importa
Que alguém se ria d'isto,
Se o pranto, á dôr bemquisto,
Nas mágoas nos conforta!

Mas eu, que andava affeito
Á dôr silenciosa,
Guardei a ingenua rosa,
Do amor dentro do peito.

Votei-lhe uns igneos cantos,
Cobri-a de carinhos;
Por fim sómente espinhos,
E tão agudos, tantos!

Depois tomhou na haste
A casta flor celeste,
E nunca tu soubeste
Do amor que me inspiraste.

Vaes perguntar-me, vaes,
Porque murchou tão cedo?
É este o meu segredo,
Respondo, e nada mais.

Não me acreditas, não?
Cuidas talvez que eu minta,
Agora já extincta
A febre da paixão!

Pois ouve: foi tão fundo
O amor com que eu te quiz,
Que o coração me diz
Não pôde haver segundo.

E crê-me, nada eguala
Essa tremenda luta;
Ainda se me enlucta
A alma ao recordal-a.

Bem sei que não te importa
A minha escura vida,
E esta illusão perdida,
Esta paixão já morta.

Nem eu te peço agora,
Em vez do esquecimento,
A graça d'um lamento,
Minha gentil senhora.

Por isso tambem hoje,
Vê como tudo passa!—
Meu triste olhar se enlaça
No teu olhar, e foge!

E foge, pois procura
Outra mulher amada
Bem mais formosa—o Nada,
A eterna formosura.

É sempre assim. N'um dia
Doirados arreboes,
Perfumes, rouxinoes...
No outro, a cinza fria.

Embalam-se primeiro
Nos braços das amantes
Uns sonhos delirantes...
Depois, nos do coveiro.

Se tudo é falso, e mente!
Se tudo enfim se esquece!
Tão só o Nada, esse
Rebrilha eternamente.

PAULO DE ANDRADE.

A EXPEDIÇÃO SCIENTIFICA PORTUGUEZA AO INTERIOR DA AFRICA

A sociedade de geographia de Lisboa acaba de dirigir a el-rei uma representação, excellentemente pensada e escripta, pedindo para que os poderes publicos tomem a iniciativa de organizar uma expedição scientifica, devidamente dotada, ao sertão africano, offerecendo a sociedade para essa expedição todos os recursos intellectuaes de que possa dispôr, e promettendo abrir desde já uma subscrição nacional para tal fim.

O problema de exploração do interior da Africa occupa hoje todos os espiritos elevados, e por isso a attenção de todos os governos que se prezam de comprehender e de encaminhar a alta corrente das idéas do mundo scientifico contemporaneo.

Para nós a exploração do interior da Africa é, além de uma questão de grandissimo alcance politico e economico, uma obrigação moral indeclinavel, que nos impõem as nossos tradições historicas, que são ainda hoje o titulo mais valioso que podemos produzir em favor da nossa autonomia nacional.

A sociedade de geographia presta por isso um

valioso serviço ao paiz, promovendo o interesse da opinião publica e do governo em favor d'esta grave questão, verdadeiramente nacional.

Os alumnos de todas as escholas superiores do paiz e particularmente o estudante da universidade de Coimbra, entre os quaes este jornal se honra de ter muitos assignantes, tinham n'esta questão um bello ensejo de affirmar a sua elevada comprehensão dos grandes problemas da sciencia moderna e o seu entusiasmo juvenil e intelligente pela regeneração politica e economica de Portugal, alcançando alguns meios pecuniarios para ajuda das despezas da expedição scientifica ao interior da Africa, realisando espectaculos theatraes, promovendo subscrições, solicitando donativos, etc.

É uma lembrança despretenciosa que lhes apresentamos, e cuja gloria pertencerá por inteiro aos que conseguirem convertel-a em facto.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

O SEGREDO MEDICO

Novella por—ROBERT HALT

(TRADUCÇÃO DE ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

(Continuação)

N'este momento um grito rouco, medonho, retumbou no gabinete. O alienista, que conhecia perfectamente este grito, correu logo para alli, e entrou no momento em que o ferido cahia redondo, de costas. O doutor reconheceu, pelos movimentos convulsivos do corpo, pela boca escumante, pelas mordeduras na lingua e pelas numerosas echymoses que lhe appareciam no rosto, que o ferido estava com um ataque de epilepsia. O doutor tomou immediatamente as suas precauções, porque sabia que ao accesso podia seguir-se tanto a prostração como o furor immediato.

Certificou-se de que o doente não trazia armas consigo, arrecadou um punhal, que estava sobre uma mesa e que servia de faca para cortar papel, chamou pelo creado, homem robusto, acostumado a estas scenas e ordenou-lhe que ficasse á porta.

Dentro em pouco o ataque cessou, seguindo-se uma excitação maniaca simples e uns movimentos mais desordenados que violentos.

Paulo Didier passeiava no gabinete recitando versos de Homero misturados com um vasconso arrevesado e umas palavras francezas pouco decentes contra os photographos; tombou a escrevaninha, desatou a rir,

e, depois, agarrando n'um vaso de flores que estava sobre a pedra do fogão, fel-o em pedaços.

Foi tudo. Parou, cahiu sobre um camapé, e, depois de uma longa somnolencia, accordou como de um sonho, perguntando onde estava e o que fazia ali.

A recordação da audiencia, da luta a sôco e do seu proprio rosto ensanguentado reapareceu-lhe pouco a pouco; não tinha, porém, a minima consciencia do accesso epileptico e das suas consequencias.

O doutor acompanhou-o a casa, soube do porteiro que Paulo Didier era a mais pacata, a mais dôce e a mais saudavel das creaturas; que morava n'aquella casa havia seis mezes, e que quasi todas as semanas sahia de Paris para uma das provincias do meio-dia, d'ende era natural.

No dia seguinte o doutor recebeu a visita de agradecimento de Paulo, que elle convidou para almoçar. O moço mostrou-se muito expansivo e contou que era orphão, que tinha quinze mil francos de renda, que nascera em Castel-Sarrazin e que vivia em Paris ha seis mezes para estudar na bibliotheca nacional manuscriptos, de que estava extrahindo uma historia da guerra dos Albigenses.

Tinha a locução facil, clara e muita delicadeza e doçura de maneiras, junta a uma figura agradável e intelligente.

Recordou a audiencia da vespera, excitou-se a proposito do photographo, e tanto, que o doutor desviou a conversação para outro rumo.

—Com effeito, disse Paulo, a questão devia ficar hontem esgotada, porque eu entrei para casa tardissimo. E, a proposito, doutor, os murros far-me-iam taes estragos que entendesse indispensavel dar-se o incommodo de me acompanhar a casa? Mas esta manhã a tumefacção do nariz tinha-me desaparecido quasi completamente.

—Esteve na verdade indisposto muito tempo.

—Dar-se-ha caso que eu adormecesse... diga?

E empallideceu um pouco ao dizer isto. Mas continuou.

—Talvez o meu pesadello?... Seria o terceiro com este. Ha um anno que me deu o segundo, e ha dezeses mezes o primeiro, proveniente de um grande susto que apanhei em Castel-Sarrazin em casa de minha tia. Uma noite, ao atravessar a mata, dei de frente com um enorme cavallo, vermelho de sangue, e que desapareceu depois de muitos corcovos e de uns grandes relinchos terriveis. Na noite seguinte, segundo minha tia me disse, tive um enorme pesadello, e mais tarde, e ainda em casa d'ella, um segundo.

—Viu-o algum medico?

—Minha tia não quiz medico nenhum.

—Sua tia acompanhou-o a Paris?

—Não; a velhice tornou-a imbecil ha alguns mezes.

—É preciso tractar de si.

—Mas, doutor, disse Paulo empallidecendo novamente, eu não estou doente.

—Mas é nervoso. É preciso cortar por algum tempo as suas relações com os espiritos, que lhe fazem muito má companhia, e tractar exclusivamente da historia dos Albigenses... e mesmo os Albigenses... hum!... ha muitos photographos n'essa cousa. O meu amigo devia entregar-se ao estudo da botanica, dar grandes passeios. Tome banhos frios, beba agua com vinho, falle de longe ás mulheres e venha ver-me de quando em quando.

Paulo Didier voltou. O alienista affeiçoou-se-lhe. Era um bello coração paternal o do doutor La Minière, apesar da sua longa carreira de medico e da sua celebridade. As miserias humanas magoavam-n'o até á preocupação dolorosa de lhes não poder dar grande remedio.

—Tenho mais remorsos, dizia elle, do que aquelle que, segundo se diz, os inventou.

Passadas tres semanas Paulo desapareceu. O medico inquietou-se, tomou informações e não conseguiu tranquillisar-se completamente com a explicação, que lhe deu o porteiro, das viagens que Paulo costumava periodicamente fazer á sua provincia.

Para que fazia elle estas viagens? Paulo, interrogado sobre este ponto, guardára um silencio absoluto.

(Continúa).

UM INCIDENTE ACADEMICO

Na aula de direito ecclesiastico portuguez da Universidade deu-se ha dias um incidente, que classificaríamos de extraordinario, se em Portugal se não vivesse no profundo cahos intellectual e moral caracteristico das grandes epochas de decadencia e precursor das fundas transformações sociaes. O sr. Dr. Ayres de Gouveia, bispo eleito do Algarve, lente da Universidade, e regendo actualmente a cadeira de direito ecclesiastico portuguez, marcou aos seus discipulos, antes de ferias e para ser entregue depois d'ellas, uma dissertação. Os alumnos apresentaram com effeito essa dissertação, mas oito dias depois de ferias, visto s. ex.^a não ter fixado o dia para a entrega. O sr. Dr. Ayres de Gouveia viu n'esta demora, se o era, uma tal quebra de disciplina e um tal attentado á inviolabilidade dos estatutos universitarios, —attentado que estava no seu direito de castigar tranquillamente, apontando as competentes faltas aos alumnos — que censurou asperamente todo o curso do quinto anno juridico, taxando-o, segundo se affirma, de menos brioso e pouco digno, e espraçando-se em considerações de alto cathurno philosophico sobre a funda depressão moral da raça latina, á qual s. ex.^a o sr. Dr. Ayres de Gouveia tem a desfortuna de per-

tencer como doutor e como bispo. A não ser o excessivo amor pela rethorica, amor que caracteriza o talento eminentemente phantasiado do sr. Dr. Ayres de Gouveia, não comprehenderíamos os rigores do sr. bispo eleito do Algarve contra a depravação moral da raça latina, que conta entre as causas mais poderosas d'essa depravação o auctoritarismo religioso do catholicismo romano, de que s. ex.^a é adepto infallibilista.

Devemos applaudir a sinceridade do doutor ou censurar a incoherencia do bispo?

Devemos acreditar na critica do philosopho ou duvidar da orthodoxia do theologo?

Em que ficamos?

É ainda o antigo jacobino incoherente e lyrico que falla, ou é o moderno infallibilista que préga?

Ha tambem uma proibidade intellectual e philosophica que se não illude impunemente. A coherencia é tambem uma virtude, que não consta das theologaes, mas que não deixa por isso de ser menos legitima e austera.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO



Fevereiro

1877

NUMERO 6

VESTIGIOS DO PERIODO GLACIARIO NOS AÇORES

A noção talvez mais importante conquistada modernamente na vasta e formosa provincia das sciencias geologicas é a do periodo glaciario, durante o qual grandes massas de gelo envolveram mais de metade do hemispherio boreal. Nessa época, segundo os testemunhos geologicos, imperou aqui um clima analogo ao que se confina hoje nas regiões polares; e existindo já formadas todas as grandes elevações que actualmente subsistem, em todas se formaram geleiros, e pelos mares, então limitados já proximamente no contorno dos modernos littoraes, estrellaram-se grandes accumulações de massas geladas.

Os geleiros das montanhas da Suissa, da Escocia, da Scandinavia, attingiram desenvolvimentos só comparaveis aos dos que revestem agora o Spitzberg e a Groenlandia; os gelos fluctuantes que hoje, no hemispherio boreal, raras vezes salvam o 6.º paralelo, desceram muito áquem vindo demandar as nossas latitudes.

Ha muito já que certos factos despertavam a attenção dos naturalistas; não se podia assentar em explicação razoavel da existencia de flóras analogas nas sumidades montanhosas mais eievadas e nas suas intimas relações com as que povoam latitudes mais frias; do apparecimento de grandes fragmentos de rocha, não rolados mas faciados ou estriados alguns, que em diversas direcções se encontram como marcando rotas, fragmentos evidentemente depositos e não rolados por conservarem vivas as arestas, e transportados, por não mostrarem parentesco com as rochas mais proximas.

Finalmente era assumpto sempre para novas hypotheses e cogitações a singular existencia de flóras semilhanes, vegetando algumas em terras muito afastadas e que ha muito se acham separadas pelas grandes extensões oceanicas: as correntes maritimas e as aerias não podiam dar solução bastante a taes problemas; os outros meios de transporte eram ainda menos admissiveis.

Dois sabios que a sciencia perdeu ha pouco, Lyell e Agassiz, foram dos primeiros a mostrar a resolução d'estas questões. O ultimo principalmente nos seus estudos notabilissimos sobre os geleiros da Suissa, nos

quaes conquistou titulos mui valiosos ao reconhecimento dos estudiosos, marcou á custa de improbas fadigas a formidavel acção dos geleiros durante o periodo glaciario; póde até affirmar-se que foi elle o denunciante de tal época (1).

Os geleiros arrastam no seu movimento descensional diversos fragmentos de rocha que mais tarde, pela fusão dos gelos, são depositos nos terrenos. Taes fragmentos ora marginam os geleiros, ora seguem a linha média dos convalles, formando grandes fileiras ou *moraines*, segundo a designação franceza.

Antes mesmo de Agassiz, outros naturalistas haviam notado taes enfileiramentos de rochas em sitios onde ninguem soubera nem suppozera jámais a existencia de massas geladas: foi elle, porém, o tão celebre sábio, para o qual a sciencia do nosso paiz não teve uma palavra de commemoração, que explicou a origem d'essas *moraines*, verdadeiros monumentos d'um estado climaterico mui diverso do hodierno; e logo, por simples generalisação, se firmou a noção scientifica do periodo glaciario.

Claro era que tal regimen não dominára só nas altas regiões e que nas inferiores e nas maritimas deveriam apparecer tambem testemunhos do phenomeno; de facto as pesquisas dos geologos revelaram logo que a semilhante origem se devia a formação de *drifts* e outras alluviões, e tambem a deposição de rochas extranhas em muitos pontos.

Multiplicaram-se as observações, acudiram muitos dados, e verificou-se a grande extensão do resfriamento, cujos effeitos abrangem grande parte do hemispherio boreal, pois *drifts*, *moraines*, *rochas erraticas*, se encontram nos convalles do Himalaya, em grande parte da Europa, nas planuras do Canadá.

Segundo, porém, outras indagações mais recentes, parece confirmar-se a existencia de varios periodos

(1) Na sessão de 24 de julho de 1837, a Sociedade helvetica, reunida em Neuchatel, ouviu as curiosas demonstrações de Agassiz; a esta memoravel sessão assistiram homens como E. de Beaumont e L. de Buch. V. *Revue des deux mondes*, do 1.º de julho de 1875.

glaciaris, sendo o ultimo ou o mais moderno o da época post-pliocene, alva, por assim dizer, dos terrenos quaternarios. E se um dia, tal noção se poder confirmar, terá a sciencia assignalado um grande progresso, porque da existencia de taes resfriamentos periodicos se poderá talvez chegar á chronologia, isto é, á classificação no tempo dos grandiosos phenomenos geologicos.

O sabio geologo inglez Carlos Lyell dedicou-se com muito esmero ao estudo dos phenomenos glaciares, e nos seus trabalhos lhes consagrou capitulos notaveis e definitivos. É especialmente aos gelos fluctuantes que attribue maior papel. Insta notar-se que a formação de grandes massas geladas não é actualmente igual nos dois hemispherios; no meridional abrangem ellas região muito mais vasta.

«Estes phenomenos, diz Lyell, têm hoje lugar entre o 45.º e 60.º parallelos de latitude sul, em quanto que a zona correspondente na Europa está livre de gelos: mas, cousa ainda mais notavel, acham-se no proprio hemispherio sul, a 1400 kilometros tão sómente da Georgia do Sul, onde as neves perpetuas chegam até ao mar, terras cobertas de florestas, como a Terra do Fogo. A differença da latitude não basta aqui para explicar a luxuriante vegetação num ponto, e a sua falta absoluta noutro, e é preciso admittir, entre as outras causas de resfriamento na Georgia do Sul, estes innumeraveis gelos fluctuantes, que vêm da zona antarctica, e que abaixam, fundindo-se, a temperatura das aguas do oceano assim como a do ar, que enchem de espessos nevoeiros. O contraste entre as condições glaciares e o clima nas zonas correspondentes nos hemispherios norte e sul, e mesmo nas latitudes correspondentes do mesmo lado do equador, faz presumir que a America septentrional e a Europa não experimentaram simultaneamente um frio extremo no periodo glaciario (1).

Esta supposição final está cada vez mais confirmada. O grande resfriamento não foi simultaneo, foi successivo; acompanhou provavelmente, acompanha, póde talvez dizer-se, a deslocação periodica do pólo.

Comtudo Lyell affirma ainda no seu livro, sem duvida pela falta de documentos geologicos, que na America se encontram testemunhos glaciares em latitudes mais meridionaes que na Europa: «—A extensão dos erraticos americanos durante o post-pliocene em latitudes mais baixas que aquellas a que chegam na Europa, concorda bem com a inflexão actual para o sul das linhas isothermicas. Parece que outr'ora, como hoje, dominou no lado occidental do Atlantico um clima mais rigoroso e maior abundancia de gelos fluctuantes».

Basta effectivamente olhar para uma d'essas cartas, tão vulgarisadas hoje, onde estão lançadas as linhas isothermicas ou de igual temperatura média annual, para ver o formidavel golpho de calor, permitta-se a expressão, que ellas formam ao norte do Atlantico.

Siga-se, por exemplo, a linha boreal zero, importante na materia presente, e ver-se-ha como ella depois de cortar o Labrador, ao encontrar o mar, inflecte de subito para o norte, vai rasar o cabo Farewell, bordejando a Groenlandia, salva ainda a Islandia, e ainda sobe mais; vai interceptar o extremo norte da Noruega, inflectindo agora para o sul em precipitada curva, descendo cada vez mais, mantendo-se em harmonia quasi com o paralelo 55.º ao percorrer o sul da Siberia, para outra vez se erguer ao entrar no Pacifico. A flecha do primeiro arco descripto não é inferior a 20 grãos! Mas para isto temos explicação facil e sem replica, é o *gulf-stream*, essa maravilhosa torrente de aguas tropicaes, que vem no seu decurso mitigar os frios numa grande extensão do Atlantico.

Assim, na hypothese de Lyell, teria esta corrente uma funcção já consideravel na época glaciaria, e comtudo urge admittir para estes phenomenos grandes variantes no nivel das terras, logo no regimen aquoso tambem: porque *drifts* e erraticos suppõem grandes massas de gelo; estas precisam de aguas bastante profundas para fluctuarem, e em ambas as margens atlanticas se encontram taes testemunhos a muitas dezenas de metros acima do actual nivel das aguas.

Lyell observou na America rochas erraticas até 42º de latitude; na Europa as conhecidas por elle não desciam tanto; d'aqui a sua affirmativa. Agora podemos asseverar que, se não na Europa, porém mais perto d'ella que da America, nos Açores, existem legados do periodo glaciario. Ora os Açores estão entre 36º57' e 39º41' de latitude norte.

É ao geologo allemão, Jorge Hartung, que devemos uma descripção especial e scientifica do archipelago açoriano (1).

Do mesmo sabio ha estudos sobre a Madeira e Porto Santo.

Algumas palavras de divagação. Muitos accusam Portugal de desleixado; outros lamentam a sua infelicidade, outros emfim taxam-n'o de ingrato.

O que nos parece verdadeiro e para sentir é a vida da sciencia portugueza em regiões inacessiveis ao commum, a sua pouca tendencia para a vulgarisação; não conseguiu por isto ainda ser estimada e acatada geralmente. Aqui, como n'outros paizes secundarios, a gente scientifica fórma uma parcialidade insignificante; como não tem união não tem força. Os nossos homens de estudo carecem de arrojo, e se arrojados, não encontram auxilio nem favor.

(1) Lyell. Geologia, cap. XII.

(1) Die Azoren. Leipzig, 1860.

Não admira, pois, que estrangeiros estudem mais e melhor assumptos nossos. O que se pôde sim estranhar é que sejam entre nós ignorados da maior parte esses trabalhos. Aqui pôde caber a nota de certa dóse de desleixo e ingratidão. Felizmente nos ultimos annos alguns espiritos, seguindo novos caminhos, têm attendido e aproveitado esses labores de forasteiros. Muito devemos á Allemanha; basta citar Racksinski, Wolf, Diez, Schaeffer, Hubner, Bellermann. Estes os mais conhecidos e citados.

Nas sciencias naturaes poderíamos mencionar ainda mais; entre os naturalistas allemães que têm estudado assumptos relativos a Portugal ou suas possessões, tem hoje Hartung logar entre os mais eminentes. O mais elevado sem duvida pertence a W. Peters, que durante oito annos explorou Moçambique, e cuja obra é um verdadeiro monumento. H. Schacht, Heer, W. Reiss têm-se occupado muito de assumptos portuguezes. E onde estão as justas recompensas dadas a taes homens, tão desinteressados nos grandes serviços que prestam a Portugal?

Não fallemos do caso triste de Welwitsch, ha pouco felizmente concluido pelo sr. dr. B. Gomes. Onde estão ao menos os testemunhos de respeito e agradecimento; ao menos a prova de que seus trabalhos são conhecidos, estimados, aproveitados entre nós? A este respeito os nossos homens de letras podem responder mais satisfactoriamente que os de sciencia.

Um exemplo só. O importante trabalho de Hartung sobre os Açores foi publicado em 1860. Em 1875 um portuguez publicou um livro que a imprensa applaudiu; incontestavelmente encerra esse livro muitas e mui curiosas noticias. O auctor não se poupou a pesquisas; teve ao seu alcance os melhores dados, goza ha muito de merecida reputação. Pois bem, esse escriptor descrevendo numa parte do seu livro os Açores, e tratando da sua geologia, diz: — «Á excepção de alguns calcareos que dizem encontrar-se na ilha de Santa Maria todas as rochas são basalticas, etc.» — Dizem encontrar-se! Hartung descreve muito extensamente estes calcareos, notabilissimos por serem os unicos naquelle grupo de ilhas vulcanicas; Bronn foi especialmente convidado a examinar e descrever os seus fosseis, e todavia estas cousas são ainda ignoradas pela sciencia portugueza.

Como dissemos, é ao sr. Jorge Hartung que devemos um reconhecimento sério e completo dos Açores; foi elle quem descobriu e descreveu os importantes testemunhos glaciarios que hoje ali subsistem. Sem demora vamos transcrever na integra a noticia que nos dá o sabio geologo: — «Sobre o apparecimento de rochas não de origem vulcanica nos Açores.» — Na costa sudoeste da ilha de Santa Maria, na «bahia da villa do Porto apparecem numerosos fragmentos de *gneiss* grosseiro, contendo grande porção «de mica preta e branca. Estes fragmentos jazem com

«outros de lavas basalticas ao longo da praia, mas em «tamanha quantidade, que se não podem attribuir a «antigos lastros. Nestas circumstancias deve accredi- «tar-se que as rochas, que propriamente constituem a «ilha, são devidas a primitivas erupções, emquanto «que taes fragmentos foram mais tarde com as lavas «basalticas lançados á praia. Mas tambem em outros «logares dos Açores apparecem grandes fragmentos «de rochas, que não são de origem vulcanica, em cir- «cumstancias taes, que permitem outra interpretação.

«Na costa oriental da ilha Terceira, cobrem o lit- «toral da villa da Praia, além das rochas vulcanicas, «calhãos polidos pelo transporte, de grés vermelho, «de calcareo rijo, de quartzo, de granitos varios com «feldspatho branco amarellado, quartzo, mica preta e «branca e turmalina. Todos estes fragmentos, cujas «dimensões variam desde algumas polegadas até mui- «tos pés, não apparecem sómente á beira-mar, mas «jazem tambem a distancia consideravel para a inte- «rior, espalhados na superficie, onde, juntamente com «fragmentos de lava, os têm accumulado para fazerem «as paredes de pedra solta que circumscrevem os «campos cultivados. É tão incrível que estes fragmen- «tos hajam sido trazidos pelo homem do afastado sitio «da praia, como é impossivel que, no modo de ser «actual, possam ter sido rolados pelas vagas á sua «presente posição. Para o norte é este espaço limi- «tado pela altura que vai de levante a poente, cujo «declive principal deixa ao material a fixidez em que «estão os numerosos rochedos estranhos, e cuja parte «inferior, na extremidade oriental da ponta de Malme- «rendo, está coberta por uma duna arenosa. Para o «sul dilata-se um terreno pantanoso cercado de jun- «caes; sobre uma pequena elevação assentam as casas «da villa da Praia. Para o inferior, finalmente, desap- «parecem as rochas estranhas exactamente onde a pla- «nura, que desde baixo vem subindo docemente, se «torna mais aspera e irregular. As rochas estão por- «tanto aqui espalhadas numa depressão em amphi- «theatro, que para o lado do mar é mais larga e aberta, «emquanto que o volume das terras para o interior, «assim como para o sul e para o norte se eleva gra- «dualmente. É pois provavel que estes fragmentos «estranhos fossem depostos durante o periodo gla- «ciario na Terceira e Santa Maria, comprehendidas «entre 37° e 39° de latitude norte. No Canadá e nos «Estados Unidos encontraram-se taes detritos moder- «namente até 38°. Notando assim o apparecimento «de taes raridades, podemos concluir mais que nas «duas ilhas mencionadas, no periodo glaciario, e nos «mencionados logares, estava já firme approximada- «mente o seu actual relevo orographico ou conforma- «ção da superficie. Na Terceira o modo porque ap- «parecem estas rochas indicam uma certa elevação; é «provavel que os gelos encalhassem em aguas pouco «profundas da bahia antigamente formada pela depres-

«são do valle da Praia, que mais tarde se ergueu sobre o mar. Nestas ilhas, podemos accrescentar, «não só apparecem consideraveis massas lavicas de «apparencia moderna, mas ha documentos da sua acti- «vidade vulcanica desde a descoberta até aos tempos «actuaes. Portanto, é muito crível, que durante a de- «posição das muitas formações vulcanicas modernas, «tenha havido uma elevação ou dilatação das forma- «ções mais antigas».

Carlos Darwin vê nestes factos a explicação mais razoavel da flora açoriana. «=O numero considera- «vel de plantas europeas que habitam os Açores, em «comparação das que povoam outras ilhas oceanicas «mais proximas do continente, e, assim como notou «Watson, o character de certo modo septentrional da «sua flora relativamente á latitude, nos leva a crer «que estas ilhas foram povoadas em parte pelos grãos «trazidos por gelos fluctuantes durante o periodo gla- «ciario (1).»

Do que se leu, consinta-se-nos deduzir, ou antes suppôr, vista a nossa nenhuma auctoridade, a conclusão seguinte. Apparecem vestigios do periodo glaciario em duas ilhas do archipelago açoriano; e denotam que numa d'ellas houve oscillação consideravel: não apparecem nas outras ilhas, ou será talvez mais prudente dizer não os viu Hartung; porque se não pôde exigir que um geologo visite minuciosamente todas as localidades. Se não apparecem, ou as ilhas não existiam então, ou têm de tal arte oscillado e abatido, que encobriram esses testemunhos. Todavia as formações calcareas em Santa Maria, os erraticos aqui e na Terceira, as linhites de S. Miguel, são factos notaveis e dignos da especial attenção dos naturalistas.

Cabe agora de molde uma pergunta. Se na America septentrional, e se nos Açores, em latitude igual á de Portugal, existem vestigios do grande resfriamento, não os haverá aqui tambem? Nada encontro nos poucos trabalhos geologicos publicados entre nós: chamo, porém, a attenção para o facto seguinte. Os terrenos quaternarios occupam especialmente no sul do paiz enorme extensão; parece que ao terminar das edades terciarias um golphão formidavel, ornado de caprichosas angras, semeado de algumas ilhas, se dilatava pelos valles do Tejo e do Sado, futuros valles, desde

as assentadas calcareas de Monte junto aos altos e escarpados flancos de Monchique. A essa época tambem se referem as camadas argilosas, alluviões marinas, dunas arenosas que em muitos pontos do litoral mostram consideraveis desenvolvimentos. Ao sr. Carlos Ribeiro devemos o estudo cuidadoso d'esses terrenos.

Num ponto de tão notavel trabalho, para não multiplicar citações, nos lembrou a possibilidade da acção glaciaria. Diz o sr. Carlos Ribeiro, escrevendo da terceira parte do tracto do Sado, num paragrapho que designa: *Massas de rocha estranha ao deposito, dispersas no sólo quaternario dos valles do Sado e de seus affluentes*. — «Cabe igualmente dizer aqui que «sobre o sólo d'este tracto encontram-se massas de «calcareao jurassico, identico em seus caracteres litho- «logicos ao calcareao jurassico de S. Thiago de Cacem «e da Arrabida; massas de calcareao arenoso grosseiro «ochraceo do peridio terciario inteiramente semelhante «ao das camadas terciarias de Palma e Alcacer do Sal; «calhãos de rocha dioritica micacea semelhante á da «serra de Cintra, e mais particularmente á do grande «affloramento sobre que está assente a aldeia de Col- «lares; em fim, grossas massas angulosas de quartzite «jaspoide inteiramente igual em seus caracteres áquelle «que se vê em grosso affloramento atravessando os «schistos crystallinos na freguezia de Santa Catharina «a 9 kilometros a lésnordéste d'Alcacer. Algumas «d'estas massas terão de 500 a 1000 kilos. É nas «encostas do valle do Sado, a montante e a juzante «d'Alcacer, que semelhantes massas têm sido en- «contradas. Não pertencem ao deposito das camadas «do grupo inferior, representam porém acções ou «phenomenos posteriores ao mesmo deposito e pos- «teriores tambem aos grandes abalos que produziram «a abertura dos valles do Sado e seus confluentes na «parte occupada pelas camadas do referido grupo (1)».

Descripções como esta, e outras de varios depositos e alluviões, trazem á lembrança a possibilidade da acção de massas e formações glaciarias. Se tal acção se sentiu nos Açores, é deveras mui natural suppôr que tambem aqui funcionasse, e que podemos achar ainda vestigios, testemunhos authenticos, do periodo glaciario em Portugal.

G. PEREIRA.

(1) De l'origine des espèces, pag. 439.

(1) Descripção do sólo quaternario das bacias hydrographicas do Tejo e Sado. Lisboa, 1866.

SONETO PAGÃO

De Armand Sylvestre

Não julgues saciar os soffregos desejos,
Que eu sinto em fogo vivo arder dentro de mim!
Porque eu tento fugir do lubrico setim
De teus braços febris e d'essa bôcca aos beijos.

Nas tripodes fataes da Pythia, entre os lampejos
Da fornalha voraz, ardia outr'ora assim,
Em dôr cruel, atroz, igual á minha, emfim,
A serpente roubada á fresquidão dos brejos.

Eu sou como um veado á frente da matilha,
Que em vão por campo e bosque enreda aos cães a trilha
E brame em vão, levando as carnes retalhadas!

Acerta contra mim os olhos teus ardentes,
Os labios sensuaes, esses formosos dentes,
E, em vez de me beijar, oh! morde-me ás dentadas!

PAULO DE ANDRADE.

O ENSINO GEOGRAPHICO



(Continuação)

Indiquemos os principaes phenomenos, que, conforme a doutrina que summariamente acima expozemos, devem ser estudados na geographia mathematica.

1.º *Horisonte*. É o circulo que recae desde logo no campo da observação. É por onde começará o ensino da geographia mathematica elementar.

2.º *Aspecto da terra*. Determinação das dimensões do orbe terraqueo, particularisando-se criticamente os diversissimos contornos dos continentes, cujo influxo é manifesto na maneira d'existir das sociedades. Na geographia physica, ou, melhor, na physica do globo, este capitulo tomará as desenvolvidas proporções, a que o tem levado os grandes geographos modernos.

3.º *Noções geraes da esphera celeste*. Historie-se o seu movimento visivel e quotidiano, e consequentemente o da rotação da terra. Ver-se-ha que este ultimo origina a alternada e constante successão do dia e noite. Quem porá em duvida a enorme importancia d'esse movimento, quanto á vida dos homens, e outrosim á de toda a natureza organica?

4.º *Grandeza da terra*. É este um ramo essencial do estudo do nosso planeta. Por elle vemos, que inexgotaveis recursos e riquezas de toda a especie encerra o globo, recursos de que o homem constantemente se utiliza por meio da sua intelligencia e industria. Note-se que n'este capitulo se indica apenas o numero d'esses bens materiaes, visto como na geographia physica e na geologia se determinará a natureza d'elles.

5.º *Movimento annual da terra em redor do sol*. Produz elle a distribuição geral da temperatura ao de cima da terra. Outra consequencia: — derramamento por igual, entre os habitantes d'um e outro hemispherio, da fruição das riquezas naturaes.

6.º *Pontos, linhas, circulos*. Utilidade d'essas creações ideaes na composição das cartas geographicas, as quaes são como o panorama da superficie do globo, quando a geodesia lhes serve de base e não a phantasia dos desenhadores, posta ao serviço da insaciabilidade mercantil dos editores de mappas geographicos, à *bon marché*.

7.º *Lua*. Sua grande influencia no fluxo e refluxo do mar, e nos movimentos analogos da atmosphaera, cujas leis não são ainda bem conhecidas.

Compartilhamos da opinião dos geographos, que excluem do programma d'ensino secundario geral tudo, que não prepondera fortemente na vida social.

A geographia physica é formada pelo complexo dos phenomenos, occorridos na superficie do orbe terrestre, e influindo directamente nas sociedades humanas.

Desenvolvamos, agora, a lista das materias, que hão de constituir o corpo doutrinal e descriptivo da geographia physica.

1.º Descripção da posição geographica, contorno, relevo e extensão do paiz.

2.º Descripção das propriedades da atmosphaera, que envolve o paiz, — clima.

Será incontestavelmente proveitoso iniciar essa investigação pela distribuição da temperatura á superficie do paiz. Marcar cuidadosamente a dependencia da temperatura das seguintes causas: — *latitude geographica; influencia dos ventos principaes; affastamento dos mares; influxo das correntes maritimas; orographia do paiz*.

3.º Adquiridas as noções respeitantes á distribuição da temperatura, occupar-nos-hemos do grau de humidade do ar, e da repartição dos residuos atmosfericos, que dependem directamente de todas as condições já mencionadas.

Haverá muito desvelo em attentar na influencia dos ventos, do mar e das correntes d'elle. Accentuar, com individuação, que do mar e não das aguas interiores procedem os residuos, caídos á superficie da terra, por elles regada. Influencia dos ventos na distribuição d'esses residuos.

4.º Determinada a quantidade de residuos atmosfericos, assignalem-se as principaes fórmulas, que tomam as aguas interiores: — rios, lagos, lagôas, pantanos e seguidamente tractar das aguas interiores, propriamente assim designadas, quanto á qualidade e á quantidade, dependentes, como se deve crêr, da *humidade, do relevo e da natureza dos terrenos*.

Ha muitos, que julgam a temperatura e a humi-

dade dependentes das aguas interiores. Examinemos o valor d'essa opinião.

Consideremos uma dada região, n'um determinado momento. Imaginemol-a riquissima d'aguas interiores. É inquestionavel o influxo d'ellas na temperatura e no gráo hygrometrico do ar. Essa humidade, porém, não póde ter uma influencia perduravel. O vento arrasta-a. A região secca-se, torna-se até arida, se a humidade do ar e a do sólo não fõrem alimentadas por novos residuos trazidos pelos ventos pluviosos do mar, — esse inexgotavel reservatorio dos vapores aquosos, que se derramam na atmospherá e regam a terra.

Não será, pois, logico preceder a descripção das aguas interiores, da do modo pelo qual o paiz é irrigado pelas aguas das chuvas? É verdade que a humidade está subordinada á distribuição da temperatura, á direcção dos ventos principaes e ao relevo do paiz; será então indispensavel determinar os contornos da região, o seu relevo, a distribuição da temperatura, a influencia produzida sobre a ultima e a direcção dos ventos, anteriormente ao estudo da humidade do ar e á irrigação da terra.

Como se explicará a humidade? Pelo que vimos — expliquemol-a com a direcção dos ventos, com a posição do mar, com o relevo do sólo e com as correntes maritimas. Estas e os ventos são corollarios das propriedades dos liquidos, da distribuição da temperatura á superficie da terra e do movimento de rotação d'esta.

O exame da natureza organica da terra vem como ultimo topico reclamar-nos algumas considerações. É facil é de presumir, que o estudo em questão se apoiará no dos phenomenos precedentemente relatados e analysados.

Elle derivará como um corollario fatal da natureza, estructura e humidade do sólo, da temperatura, da actividade e industria humanas. Se houver, v. g. para descrever a natureza organica das regiões tropicaes, não se olvidará a qualidade ou especie do clima sujeito ao exame, se é *continental* ou *maritimo*. Facil é de comprehender, que tão ponderosa particularidade encontrará no explicado até áquelle ponto os elementos conducentes á sua determinação. É n'elles que o estudante beberá a materia prima e os elementos analyticos da requerida exegese. Vem, depois, por um pendor irresistivel, o olhar attentamente para a orographia.

Do que ultimamente e melhor se ha dito e assentado no estrangeiro ácerca d'esta materia, infere-se que as noções, acima indicadas, são bastantes para a explicação das propriedades geraes da natureza organica—fóra dos limites do influxo da sociedade humana, entenda-se.

Nos magestosos e uberrimos plainos tropicaes, haverá irrigação natural, e portanto vegetação frondente e luxuriante no periodo das chuvas periodicas. No periodo de escassez d'estas desapparece a vegetação. A formosa planice converte-se em um terreno resequido, visto como ali não ha, em geral, vastos

reservatorios, onde se accumulem as aguas subterraneas derivadas das chuvas. Por feracissimo que seja o sólo, desecca-se, e as plantas, estioladas, tornam-se em pó corrosivo. D'ahi a existencia de plantas periodicas annuaes. As florestas, os bosques, que reclamam humidade perenne do sólo, subsistem com as irrigações artificiaes.

Acompanhemos, agora, com a observação, o que ocorre nas regiões montanhosas e continentaes das referidas latitudes.

As chuvas torrenciaes dão origem a grandes lagos, formados nos valles por effeito das inundações. Não seccam elles, em virtude da fraca evaporação, a qual, por sua vez, promana da temperatura pouco elevada d'essas altas regiões. Dos lagos vem rios permanentes, que percorrem os valles e o sopé das montanhas. A isso accresce o encherem-se de agua pluvial as cavidades dos montes, e assim se formam enormes reservatorios subterraneos. Haverá, pois, a necessaria humidade para a producção da vegetação riquissima e esplendidamente variada, com que se enlevam os viajantes e exploradores. Concebe-se facilmente que o numero de lagos e reservatorios subterraneos, augmenta com a altitude das montanhas, e por isso quanto mais alterosas estas, melhor abastecidas serão de agua.

Examinemos, desde já, o que acontece nos paizes tropicaes, de clima *maritimo*. Nas campinas, regadas pelas chuvas ordinarias e pelas periodicas, a humidade e o calor chegam ao *maximum*. A consequencia d'esse facto é o maior desenvolvimento da vegetação. Esta reveste as proporções grandiosas e a magestade inexprimivel, que caracterizam as florestas virgens tropicaes. Nas planices regularmente horisontaes ostentam-se, formosas e admiraveis, as altas hervas, verdadeiros oceanos de verdura.

D'esta maneira de observar, infere-se o seguinte: a ordem no ensino não deve de ser *ad libitum*. As diversas deducções explanar-se-hão da seguinte fórma: —Descripção da planice de clima *maritimo*; descripção das regiões montanhosas com igual clima; descripção das regiões montanhosas de clima *continental*, e por ultimo descripção das planices de clima *continental*.

Quanto aos phenomenos da flora e fauna, cumpre indicar-lhes summariamente as propriedades geraes. Digam-se quaes as plantas e os animaes caracteristicos, que mais importa ao homem conhecer e estudar pelos serviços, que lhe prestam.

5.º Em derradeiro relance de vista apreciem-se os effeitos, originados pelo complexo de todas as condições *physicas* do paiz, actuando sobre o clima e determine-se a influencia d'ellas na saude do homem e na dos animaes domesticos.

(Continúa).

ALFREDO OSCAR MAY.

SONETO A UM LYRIO

Ó grande amante ideal! ó lyrio immaculado!
Serenos como o ceu da casta consciencia,
Desprendes, ao abrir o calice nevado,
As lagrimas do amor e os sonhos da innocencia.

Vens-me fallar talvez da doce transparencia
Dos ceus, a patria d'onde eu ando desterrado!
E julgo ir-me perder ao aspirar-te a essencia
N'um mar cheio de luz ethereo e socegado!

Tu és a flor do Bem, ó grande flor suave!
Feita do olhar das mães, do cantico da ave,
E do infantil amor d'um peito virginal.

Por isso, quando vaes as petalas abrindo,
Eu julgo presentir angelica, sorrindo,
A alma de Jesus no calix de crystal.

COELHO DE CARVALHO.

O SEGREDO MEDICO

Novella por—ROBERT HALT

(TRADUÇÃO DE ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

(Continuação)

Um mez depois o doutor recebeu a visita de um homem de boa apparencia, mas um pouco acanhado de maneiras e que gastou um certo tempo para se resolver a fallar, tal era a commoção de que parecia possuido.

—Senhor, começou o desconhecido, eu tenho uma filha, que, depois da morte da minha santa esposa, é a minha alegria e a minha consolação. É uma criança adoravel, bella, sadia, meiga, o espirito mais ingenuo, mais suave, mais virginal.... emfim, é minha filha. Ha dois annos que esta criança é amada por um excellente rapaz, razoavelmente rico e de boa familia. Este rapaz é orphão; o casamento depende por isso apenas da minha vontade, e estando minha filha para fazer os seus dezoito annos, eu não tive duvida em dar o meu consentimento. Dá-se, porém, ha tres dias o mais triste e o mais inexperado dos successos. O futuro marido de minha filha tinha na provincia uma tia, a senhora Lormier, fallecida ha oito dias. Ora uma outra senhora, muito de bem e muito respeitavel, amiga da fallecida, procurou-me para me dizer a chorar que o noivo padece uma doença gravissima. Foi a propria senhora Lormier que lhe fez esta revelação por descargo de consciencia, segundo ella diz, e sem revelar cousa nenhuma ao sobrinho, com receio de o affligir. A senhora Lormier não declarou qual a doença de que seu sobrinho padece, mas essa doença, se existe, é v. ex.^a que a conhece, por que na vespera mesmo d'este grave acontecimento o moço fallou-me de v. ex.^a, como de uma pessoa que visitava a miudo. Deixei immediatamente tudo para vir a Pariz com minha filha, que está n'uma casa proxima d'aqui com a sua creada.

—A quem tenho eu a honra de fallar, senhor?

—A Humbert, negociante em Toulouse.

—De quem me falla v. s.^a?

—Do senhor Paulo Didier.

O doutor levantou-se.

—Eu não conheço o senhor Paulo Didier. Vejo que v. s.^a ignora, para se ter apresentado d'esse modo em minha casa, que todo o medico está ligado por um segredo de profissão.

—Um segredo?

—Justamente, e sem o qual a segurança, a independencia e muitas vezes a honra dos individuos e das familias estariam á mercê da sua descripção. Eu fui surprehendido, porque julguei que a sua conversação visava a interrogar-me sobre uma questão geral, do contrario ter-lhe-ia posto ponto mais cedo. Permitta-me por isso que lhe não roube mais o seu tempo.

O senhor Humbert balbuciou algumas phrases de desculpa e sahiu.

Esta visita, posto que não fôsse para o doutor a primeira no genero, inquietou-o por alguns dias. Seguir a lettra estRICTA da lei, parecia-lhe d'uma prática commoda para as pessoas que sacrificam tudo á sua propria tranquillidade; mas a balança da sua consciencia era extraordinariamente sensivel. O seu espirito era d'estes que voltam uma questão de todos os lados e sabe-se que a questão mais insignificante é octogona. Além de que o doutor tinha coração; a emoção d'aquelle pae, o seu aspecto grave, o futuro, a vida e a imagem entrevista da noiva, commoviam-n'o tanto como a desgraça e o amor de Paulo Didier.

—É mais facil cumprir o seu dever do que conhecê-lo, pensava elle, e os nossos melhores actos de consciencia têm uns geitos de não poderem caminhar sem tropeçar em alguém ou em alguma cousa.

(Continúa)

PUBLICAÇÕES

—LA ACADEMIA—*Revista de la cultura hispano-portuguesa, latino-americana—Madrid.* Acha-se publicado o 5.º numero d'esta excellente revista, cuja formosa execução typographica rivalisa com as melhores publicações francezas e inglezas d'este genero. A redacção é esclarecida e toda a parte intellectual d'esta publicação está á altura da sua parte material.

—O INSTITUTO—*Revista scientifica e litteraria—XXXIII anno—Janeiro de 1877—2.ª serie—n.º 7—Coimbra.* É uma publicação importante, mas que muito mais o poderia ser, se tomasse o caracter de orgão do movimento scientifico e litterario da Universidade e mesmo da alta cultura intellectual dos outros estabelecimentos superiores de instrucção do nosso paiz, dando ainda conta resumida do movimento scientifico das principaes universidades da Europa. Oppõe-se a isso talvez razões ponderosas, mas que se nos antolham superaveis com a boa vontade, com a forte união e sincera camaradagem entre todos os homens, que no nosso paiz tem a seu cargo o ensino superior das sciencias, e entre os quaes só pôde haver a destincção que dá a competencia individual e não a que provém do velho formalismo universitario. A universidade de Coimbra, onde ha grande cultura scientifica e muitos talentos de primeira ordem, precisa de ser melhor conhecida, mesmo entre nós, pois que não é raro apparecerem por abi uns ledores inscientes de Julio Verne a declamar contra a ignorancia da universidade, sem terem a minima noção do que alli se estuda e se pensa. Estas declamações banaes tem a sua explicação na ignorancia dos declamadores, mas tambem é certo que a universidade precisa de levar para além da *porta-ferrea* a acção do seu ensino, por meio da publicação d'uma revista á altura da sua cathogoria scientifica. O *Instituto* é uma boa publicação, mas parece-nos que, congregados na sua redacção, como julgamos possivel, todos os talentos de que dispõe a universidade e as outras nossas escolas de ensino superior, poderia tornar-se uma publicação de primeira ordem.

—O SECULO—*publicação de philosophia popular e de conhecimentos para todos—1.ª serie—4.º n.º*—Continúa á altura da sua bella missão de vulgarisação de sciencia esta excellente publicação quinzenal. Ha n'esta revista um espirito de independencia philosophica e de probidade scientifica que nos captaria todas as nossas sympathias, quando o jornal não tivesse, como tem, outros e muitos titulos á nossa mais subida consideração. A sciencia tem hoje interesses tão proprios e tão distinctos, que mal lhe ficam umas certas cortesias hypocritas com que ás vezes muitos dos seus sacerdotes pretendem lisonjear as susceptibilidades senis dos velhos preconceitos theologicos. Que os senhores preconceitos se accomodem

como poderem com a sciencia; esta é que não deve pensar em se accommodar com elles. Demais os tem ella poupado, e elles, os biltres, sempre a darem-se ares de menina romantica e nervosa, mal lhes tocam. O *Seculo* não tem taes preoccupações. Diz o que sabe, e sabe o que diz.

—LETTRE A M.^{LLE} MARIE DENIS SUR L'IMMORALITÉ PARISIENNE, par Rouget de la Presqu'île. *Lisbonne.* Paris tem na opinião publica portugueza a feroz reputação d'um antro de corrupções babilonicas. É certo que nos não consta que nenhum dos nossos Josésinhos tenha por lá deixado a capa de *briche* nacional pelas mãos felinas das Hiempsals do Mabilie. Mas corre como certo entre a nossa pudica burguezia que Pariz é um horror de torpezas.

E de que provém esta medonha reputação? Simplesmente d'um facto, e vem a ser—que a maioria dos viajantes portuguezes vão a Pariz unicamente para ver e saborear essas torpezas, e não vêem e não saboream mais nada. Isto é simples, concludente e até symptomatico. O auctor do folheto, de que estamos dando noticia, diz a este e outros respeito cousas cheias de bom senso, posto que tome para pretexto do folheto um motivo futilissimo. O talento artistico de M.^{lle} Denis fica pela capa de livro, e é do que n'elle menos se trata. Apesar d'isso, é bem escripto este folheto e bem pensado.

—AMOR DIVINO—*Estudo pathologico d'uma santa, por Bento Moreno.* Temos de occupar-nos mais detidamente d'este notavel trabalho litterario, e por isso limitamo-nos hoje a agradecer ao seu auctor o offerecimentó honroso que nós fez d'este livro.

—DO REALISMO NA ARTE, por Silva Pinto. O sr. Silva Pinto é um escriptor intelligente, estudioso e de uma inteireza litteraria que se revela a cada passo na phrase desprezenciosa e franca, na energia, ás vezes rude, da censura, na sinceridade e consciencia da critica, na seriedade do elogio e na hombridade do applauso. Vê-se que escreve o que sente e o que pensa, o que não é merecimento tão commum como talvez a muita gente pareça. Agradecemos-lhe as expressões benevolas com que se refere a nós naquella publicação, e esperamos ter occasião de mostrar n'um dos numeros proximos d'este jornal, quaes os pontos, ácerca do realismo na arte, em que concordamos e quaes os de que divergimos das idéas do sr. Silva Pinto.

—Por falta de espaço deixamos de noticiar hoje algumas publicações que nos foram enviadas, e das quaes fallaremos n'outra occasião.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO



Março

1877

NUMERO 7

TRAÇOS GERAES DA PHILOSOPHIA POSITIVA

Duas concepções fundamentaes servem de base á philosophia positiva: a chamada *lei dos tres estados* e a *classificação hierarchica dos conhecimentos humanos*: mas estas duas concepções pertencem principalmente á ordem historica dos factos, posto que pela sua analyse e deducção conduzam á noção dogmatica de todo o positivismo, isto é, a impossibilidade de conhecer as sugestões subjectivas de principio e finalidade, e a necessidade da limitação dos nossos conhecimentos á inducção experimental e deducção relativa.

A origem historica d'estas duas bases dá-lhes esse caracter de realidade, d'onde todas as que d'ella derivam se fortalecerão com a possibilidade de uma verificação e com a tendencia para estabelecer a unanimidade do assentimento nas intelligencias.

A determinação d'estas duas bases do systema philosophico foi um resultado da analyse do estado mental do mundo moderno e da filiação d'este estado, como consequencia da evolução intellectual da humanidade atravéz da historia.

Com a dissolução do regimen catholico feudal, o espirito critico e de livre exame não acceitou mais as explicações cosmogonicas e moraes apresentadas pelos dogmas religiosos. D'esta marcha historica resultou, da parte da religião uma definição estreita da sua orthodoxia nos concilios e nos *Syllabus*; da parte do espirito scientifico um grande numero de descobertas na astronomia, na physica, nas industrias e na grande navegação vieram apoiar a nova direcção mental com factos decisivos, para procurar-se a verdade unicamente no dominio da realidade das causas e pelo instrumento da experimentação.

Á medida que novas demonstrações dos phenomenos da natureza se agrupavam em corpo de doutrina, alargava-se a dissidencia dos espiritos que já não podiam vergar-se á adhesão de todo o systema dos dogmas religiosos, e não tendo, apesar da multiplicidade dos factos scientificos, um systema integral ou theoria que dirigisse as suas concepções, fluctuavam em um estado de criticismo indisciplinado ou de anarchia mental, que atrasou os grandes esforços de renovação philosophica do seculo XVIII, apesar da

gigante phalange dos genios encyclopedistas, que a emprehenderam.

O estado anarchico mental que se reflectiu nas crenças, nos costumes, na politica e nas sciencias é esse phenomeno a que se chama Revolução, com manifestações intermittentes desde a renascença até 1789: no campo das crenças foram as heresias; no campo dos costumes foi a preponderancia da classe burgueza pela industria; na politica foram os estados geraes; e nas sciencias o criterio exclusivo da observação e da experiencia, que assignalaram essa marcha revolucionaria, tendendo para disciplinar-se em um regimen consciente e evolutivo. Se a religião se subtilisava nos devaneios metaphysicos, e a philosophia explicava o universo unicamente por deducções subjectivas, sem outro trabalho mais do que a im ginação submettida a uma coherencia logica, julgando-se assim independente dos processos scientificos, as sciencias accumulavam os seus factos sem nexos, sem a luz da theoria para dirigir a observação e sem a dependencia mutua das diversas especialidades como comprovações anteriores. Em poucas palavras, a Philosophia, isto é, a theologia e a metaphysica, julgavam-se independentes das sciencias para formularem a explicação integral do universo; as sciencias desenvolviam-se sem a preparação nem o intuito de um ponto de vista philosophico.

Foi no auge d'esta crise mental, que o genio de Augusto Comte terminou a sua educação polytechnica; e, tendo descoberto pelos vicios do ensino e pelas perturbações sociaes e conflictos da sua propria individualidade, o facto da anarchia dos espiritos, procurou descobrir uma base positiva sobre a qual as concepções humanas achassem um apoio natural, que as harmonisasse em uma completa unanimidade. O seu trabalho consistiu, primeiramente na analyse das concepções subjectivas que constituem o dominio de toda a philosophia *á priori*, caracterizando a progressão e variabilidade das explicações gratuitas da theologia *tradicional* e da metaphysica *provisoria*, e substituição d'essas explicações por *demonstrações definitivas* das sciencias

A esta successão progressiva e ascendente das concepções mentaes da humanidade, estado theologico e metaphysico, determinando o ponto em que começa a positividade, chamou Augusto Comte a *lei dos tres estados*, a qual se verifica mais ou menos amplamente nas civilisações historicas; foi assim que deduziu a natureza espontanea e provisoria das noções theologicas e metaphysicas.

Para conhecer que a somma das demonstraões accumuladas pelas sciencias, desligadas entre si e sem plano synthetico, era já bastante para determinar o estado positivo mental da humanidade, Comte tentou primeiramente deduzir se existia algum nexo doutrinario ou dogmatico entre todas as sciencias, quaes os processos de methodologia peculiares a cada uma, e quaes os problemas irreductiveis ou inverificaveis, que as sciencias haviam rejeitado para poderem progredir. Do primeiro trabalho resultou a *classificação dos conhecimentos humanos*, fundada, na parte dogmatica, na generalidade decrescente e complicação crescente dos phenomenos da natureza observados pelas sciencias, e na parte historica pelo modo como a propria humanidade, na sua marcha evolutiva, foi explorando gradualmente cada ordem de phenomenos, desde as theorias theogonicas-sideraes até ás formulas aphoristicas da moral social. D'este modo a classificação dos conhecimentos humanos deixou de ser um luxo erudito ou uma systematisação arbitraria, como em Bacon ou Ampère, e passou a ser a primeira subordinação das sciencias a um regimen philosophico.

D'este regimen ou disciplina resultou — a determinação do campo proprio de cada sciencia, e portanto uma clara comprehensão do seu objecto e uma maior perfeição no seu methodo especial; resultou um maior poder de demonstração, pelos recursos fornecidos por outras sciencias correlativas; uma maior e mais evidente utilidade pelos subsidios prestados a outra ordem de investigações, e por ultimo um systema de educação intellectual partindo do estudo das sciencias mais abstractas até ás mais concretas, estabelecendo a verdadeira capacidade geral no accordo entre os conhecimentos encyclopedicos como base dos conhecimentos especiaes.

Se a classificação dos conhecimentos humanos foi um primeiro processo de disciplina philosophica a que foram submettidas as sciencias, por seu turno a philosophia tambem foi subordinada ás sciencias, excluindo da sua synthese todos os problemas de natureza inverificavel, irreductiveis pela experiencia e inaquiesciveis pela demonstração. Por esta via o absoluto, a entidade-mãe de toda a metaphysica, foi excluido das soluções positivas, e o relativo foi dado como o objecto da actividade humana, como fonte de todas as verdades verificaveis, e como o meio de se extinguir a anarchia do espirito e da sociedade, modificando-se pela unanimidade das concepções a fôrma e o destino das instituições.

A consequencia prática da influencia da philosophia sobre as sciencias foi primeiramente a systematisação da biologia (zoologia, entmologia, conchyliologia, botanica, anatomia, physiologia, pathologia, etc.) e depois a subordinação do facto social aos methodos de observação e experiencia pelo criterio da filiação historica. D'este modo a philosophia positiva, pela organização scientifica da sociologia, recebeu o character de uma synthese integral, que a torna mais completa do que todas as theologias e metaphysicas, para as quaes a sociedade e as suas creações eram arbitrios providenciaes.

Pela dependencia da sociologia da biologia, no facto individual explicavel pela physiologia, no facto colectivo explicavel pela hygiene ou mesologia, a philosophia positiva separou-se dos systemas theologicos e metaphysicos como um verdadeiro estado mental do homem moderno; a theologia e a metaphysica partem do estudo do homem para a comprehensão do universo, e a philosophia positiva procede do conhecimento dos phenomenos do mundo exterior, cosmologicos e biologicos, para se elevar ao conhecimento dos factos psicologicos e sociaes por onde se manifesta o homem.

Aqui começa a formação de uma nova consciencia.

THEOPHILO BRAGA.

CHRONICA DRAMATICA

A FILHA DO SALTIMBANCO, DRAMA EM 4 ACTOS PELO SR. ANTONIO ENNES

A escassez de dramas originaes portuguezes é a causa unica do longo periodo, transcorrido desde a nossa ultima chronica. Surge, porém, a nova composição theatral do sr. Ennes, cuja rapida apreciação será o objecto unico d'este artigo.

Buscou o illustre escriptor para thema um senti-

mento, que posto em acção com os esplendores da linguagem da paixão e manifestado através a acção dramatica palpitante d'interesse, irá agitar profundamente a alma do espectador. Amor reciproco de pae e filha.

O primeiro, homem, exercendo a mais baixa das

profissões—politiqueiro de feira; a segunda, menina, que o pae apartára de si aos quatro annos para a arrancar á vida de immensa miseria e cruel aviltamento dos saltimbancos ambulantes.

O auctor não explica as causas, que determinaram Vicente Teixeira, já adulto, a escolher um modo de vida, que era a antithese da sua bella alma e do seu grande coração.

Alice crescera em annos e prendas, e alimenta o natural aneio de conhecer o pae. Fôra educada conjunctamente com una outra senhora, mais velha do que ella, possuidora de ruins instinctos e ambições desregradas. Como sabe que o saltimbanco é o pae de Alice, e que esta seria provavelmente repellida de um fidalgo, que está prestes a unir-se á irmã adoptiva, quando inteirado da ascendencia da futura viscondessa, explora insidiosamente o inexgotavel amor do pae e a curiosidade da filha.

Triumpho, reunindo-os em um abraço admiravelmente verdadeiro, lance culminante do drama, e levando por diante a sua nefanda obra, prepara o escandalo de se divulgar em pleno salão a baixa filiação de Alice.

Então o fidalgo, character tibio, inconstante, exulta com a fatal revelação, e com o acaso, que lhe desvia de casamento a pessoa que elle realmente não ama. Carlota, radiante com o triumpho, não o completará.

O visconde não a desposa. O saltimbanco leva consigo a filha depois de ter disparado violenta, rapida e essencialmente dramatica objurgatoria contra os dois.

Este final do terceiro acto é admiravel d'effeito, mas, para o suppôr verdadeiro, é mister phantasiar um pelotiqueiro, com uma alma não só extremamente amavel, senão tambem muito superior, porque, vendo destruido para sempre a ventura da filha, e nesta lançado o germen da morte, com a phrase do visconde, antevendo um futuro de rebaixamento tenebroso e inoportavel para o seu idolo, ainda encontra excepcional energia, em vez d'acabrunhamento para soltar uma palavra, realmente sublime — «Vós farçantes, nós saltimbancos!»

Suppomos, depois d'este acto, que, no quarto, Vicente Teixeira dispa as vestes do histrião, que tente qualquer outra profissão, que não aquella onde, exercendo-a, acorrentará a meiga, delicada, enfermeira filha ao seu supplicio atroz.

Volta o saltimbanco ao tablado de feira, e Alice, já com as sombras da morte a enublarem-lhe os olhos, vem, de manto e corôa, representar de D. Ignez de Castro. E morre quando subia os degrãos d'aquelle cadafalso, para ella mais ignominioso, do que o da morte por mão d'algoz para o scelerado.

O pae ante o cadaver da filha enloquece e brada, voz em grita, — «*Quem quer ver Ignez de Castro por um pataco.* E' dilacerante!

O drama contém outros personagens secundarios, cujo desenho é esmerado.

Em geral ha bom travamento no dialogo, propriedade de fallar, segundo as circumstancias a que a elocução deve subordinar-se.

A acção corre quasi sempre natural e sempre revestida de interesse, e em boa verdade achamos primorosamente desenhados os dois vultos principaes da peça. Reconhece-se que o 4.º acto foi escripto com uma intenção de effeito theatral.

A nosso ver o melhor acto é o segundo, onde se admira a verdade do lance e do estylo, e um estudo accurado da paixão. Reportamo-nos ao reconhecimento da filha e do pae.

Um sonho narrado por Alice, triste reminiscencia do passado já remoto, é admiravel de colorido poetico e de despedaçadora verdade.

Para os *romanticos* ferrenhos, o valiosissimo trabalho do sr. Ennes será uma obra prima; para os *realistas* intransigentes, uma composição, onde abundam todas as gastas molas da escola romantica. Nem somos d'uns nem d'outros.

Vêmos na peça a rehabilitação da alma humana, observamos a grandeza do sentir sob os guisos do truão, e folgamos de que o affecto filial não esmoreça ante o envilecimento da carreira, ou modo de vida dos paes.

E', pois, rasgadamente nobre, sympathico, sublime o assumpto da peça e não lhe abocanhámos o merito, porque Victor Hugo escreveu *Le Roi s'amuse*, e *Le homme que rit*.

Sejam quaes forem os senões que um escarpello penetrante traga a lume, a *Filha do Saltimbanco* é uma peça de inexcedivel lição moral e mira a um fim de todo o ponto civilizador:—extinguir a horrivel escravidão do saltimbanco, que o fôr desde a mais tenra infancia.

Somos, pois, de opinião que a bella producção do sr. Ennes merece tudo quanto de justamente laudatorio se tem escripto a seu respeito, sem que por isso sejamos arrastados a classificar-a da melhor peça do theatro portuguez. E' uma das melhores, e isto lhe basta ao seu intelligente e illustrado auctor para gloria immorredoura.

Quanto a desempenho, foi elle o mais notavel, que, actualmente, os actores portuguezes lhe poderiam dar, crêmos. Antonio Pedro creou o papel de *saltimbanco*. Magnifico trabalho, muito consciencioso na expressão geral, dupla — pelotiqueiro e pae — e nas minucias de todas as multiplas transições, contra-scenas e movimentos d'um personagem, que, ora acceita submisso a chicotada, para que possa inebriar-se na contemplação da filha, ora cresce em tragica indignação contra os que fogem d'ella, apenas sabem do mysterio da progenitura. Aquelle mixto de esgares e lágrimas, de facecias e contorsões de agudo martyrio, teve interprete á altura do personagem. Antonio Pedro fel-o individual, completou-o.

De Amelia Vieira, louvamos-lhe a maneira intelligente e artistica, disfarçando bem a arte, com que traduziu as violentas sensações da filha heroica, amantissima e pura, que se vê repellida, como responsavel pela profissão degradante do pae!

ALFREDO OSCAR MAY.

A EGREJA

I

Ó Christo! ó Christo! ó alma de setim!
 Ó prégador do exemplo!
 Ha muito que tu estás pregado assim
 Á cruz, no improprio templo,
 Como quem dorme um somno, alegre, bom, eterno!
 Accorda, é tempo já! O espirito moderno
 Necessita de ti, das tuas theorias,
 Da vida socegada,
 E em vez d'essas profundas alegrias
 Na tua Igreja encontra uma farçada
 Ridicula, medonha, theatral,
 Sobre tudo incoherente
 Onde é o actor—o padre, o espectador—o crente
 E a peça—o teu missal.

Bem vês! Tu foste um lutador sem macula,
 E já que azurragaste as carnes purulentas
 Dos vendilhões d'então,
 Acaba-me esta orgia:—a Igreja-crapula,
 E padres, e latim, e resas e aguas bentas:
 —Uma especulação.

Da lampada singela a luz suave e triste,
 A luz serena e doce,
 Já se não vê brilhar, já não existe,
 Como se acaso, indigna de ti fosse!
 E expulsaram-a imagem veneravel
 Da pureza e do amor, da uncção e da virtude,
 Porque a acharam bastante miseravel
 E, além de froixa e baça, em demasia rude!
 Por isso, os padres bons, a seu talante
 Entraram nos cafés,
 Subiram aos salões
 E trouxeram de lá o gaz, que é mais brilhante,
 Para lançar-t'o aos pés,
 Como se fossem alumiar sultões!

A tua mãe, esse anjo de pobreza,
 Maria, a concepção das virgens ideaes,
 Vê-se nos templos cheia de riqueza,
 Como se fôra ahí qualquer burgueza
 Aquem não faltam gozos
 E aquem não faltam joias triviaes,
 Quando ella usava a hôa e pura singeleza
 Das candidas Vestaes!
 E tu não vês, ó Christo! Ó democrata!
 Que n'esses ouropéis insidiosos
 Querem tornar-te a Mãe em dama aristocrata!
 A tua mãe, mulher d'um operario,
 D'um pobre lutador,

D'um pobre carpinteiro,
 Que havia de ganhar, no misero salario,
 O fel de muita dôr
 Depois de trabalhar um dia inteiro!

Oh! irrisões d'agora!
 Supremas ironias!
 Para tornar uma mulher—aurora,
 Uma mulher que sente e ama e sofre e chora,
 Cobrem-a emfim de bellas pedrarias!...

Quando ha festa no Templo, a santa singeleza,
 Imagem da Virtude e da Verdade,
 Veste as gallas postiças da nobreza,
 Os damascos d'altissimo valor
 E os veludos da fina sociedade
 Com ornatos d'esplendido lavôr!
 Nem sabe alguem dizer se alli é com certeza
 O templo do Senhor.
 Depois, no côro, a orchestra então realça,
 Tocando alegremente
 Uma bonita valsa,
 Que por pouco não faz dançar a gente!
 E as musicas sagradas
 As musicas divinas,
 Que foram n'outro tempo as bellas alvoradas
 Das almas chrystalinas,
 Que corriam a orar, crentes em Deus,
 Agora gemem tristes agrilhoadas
 Quaes novos Prometheus!
 Nem sequer a egualdade que pregaste
 Aos padres escapou,
 Joia fina do teu precioso engaste
 Feita da immensa luz, que ainda não raiou!...
 No teu Templo distinguem-se os lugares;
 Os pobres, os plebeus
 Não podem ajoelhar-se aos teus altares,
 São reprobos de Deus!
 De resto a hypocrisia triumphante!
 Lança-se ao lodo o que ha de mais austero
 E passa-se adiante!
 Oh! sombra de Calvino! Oh! sombra de Luthero!

Padres! continuae na torpe sordidez
 Das vossas leis antigas;
 Agarrae a Mentira, o Crime, a Estupidez,
 Atrophiae a infancia,
 E ide cantar depois as lubricas cantigas
 E os psalmos do terror,
 A's pobres raparigas,

E aos homens que professam a ignorancia,
Como se ella encerrasse a eterna paz do amor!
E em seguida lançaes o vosso olhar obsceno.

É muito tarde já, embora na consciencia
Do velho mundo exista a boa ingenuidade!
O sol é um atheu, e a vossa omnipotencia
—A simples negação do Justo e da Verdade.

Morrem a pouco e pouco os Deuses. Lentamente
O mundo vae seguindo a inspiração do Bem,
E n'essa evolução, purissima, attrahente,
Cantam psalms d'amor os paramos d'além.

Tudo o tempo destroel! Crenças, religiões,
A nossa velha fé nas gratas utopias,
E antigos ideaes, falsas philosophias,
Tudo morreu em nós—nos nossos corações!

O Christo não foi mais que um rijo lutador;
Mataram-o a final, e ha muito que descança,
Democrata febril, varado pela dôr,
Na eterna paz da terra, a paz serena e mansa.

As cousas saturnaes!
Depois, que mal faz isso? O Nazareno,
O Christo, já morreu, não pôde voltar mais!

II

O Jehovah lendario, o Deus que ninguem vira,
Foi expulso do azul, banido do real,
E sepulto no horror da estolida mentira
Pela sciencia moderna—a crença universal.

E o mesmo azul sublime, o largo ceu profundo,
Ó phantasistas vãos de crenças cadavericas!
Não é, como julgaes—um novo e eterno mundo,
São simplesmente, ouvis?—camadas atmosfericas.

Satanaz já morreu d'um mal muito moderno;
Matou-o a rude voz fatal da geologia,
Quando estudando o globo, á luz do claro dia,
Não encontrou logar no qual exista o inferno!

No meio de tudo isto, a Igreja é como um cacto,
Sanguinea, rubra, a côr que menos nos seduz,
E com quanto presente o maximo apparatus,
O cacto não quer agua—a Igreja não quer luz!

BARROS DE SEIXAS.

O SEGREDO MEDICO

Novella por—ROBERT HALT

(TRADUÇÃO DE ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

(Continuação)

Estava o doutor, na noite subseqüente ao segundo dia depois d'este acontecimento, meditando nestas cousas sentado ao fogão, quando lhe entrou pela porta dentro Paulo Didier sem se ter annuciado, como pessoa conhecida na casa.

Paulo tinha as feições contrahidas, os labios pallidos e o olhar duro.

—Doutor, disse-lhe elle, o senhor Humbert de Toulouse veio hontem consultal-o ácerca da minha saude, e v. ex.^a declarou-lhe que eu estava gravemente doente.

—Como?...

—Declarou-lh'o com o seu silencio, que equivalia á mais clara e á mais terrivel das declarações. O segredo de profissão que v. ex.^a guarda tão fechado em Paris, parece que anda ás soltas por Toulouse, para onde alguma carta ou alguma bocca indiscreta o levou. Como se explicaria de outra fórma, com effeito, que o sr. Humbert o viesse consultar de tão longe sobre tal assumpto? Responder a essa consulta

com um silencio mysterioso, como v. ex.^a respondeu, é para se fazer ouvir dos proprios surdos. O sr. Humbert entendeu perfeitamente. Eu não venho aqui pedir as provas d'uma doença que não existe. Gozo felizmente d'uma saude admiravel. Venho apenas para lhe dizer o seguinte:—Ha dois annos que adoro Helena Humbert; estou para casar com ella, e declaro-lhe que v. ex.^a me não fará perder este casamento e com elle a vida! O sr. Humbert está a chegar ahi; fui eu que lhe pedi isso e que o resolvi a vir. V. ex.^a vae repetir-lhe deante de mim o seguinte: «Ha dois Paulos Didier, um que eu tratei—porque eu creio que v. ex.^a me prestou os seus cuidados—e outro que goza da melhor saude do mundo, e que é este.»

O segredo medico, continuou Paulo, não se oppõe por certo á reparação de uma falta.

O doutor chamou pelo creado, deu-lhe em voz alta ordem para não deixar entrar ninguem, e depois fez-lhe signal para se conservar ao alcance do primeiro chamamento.

—Como vê, disse elle com firmeza, não receberei o sr. Humbert; procedo como quero e não como quer v. ex.^a

O sr. Humbert commetteu uma imprudencia em Paris, fallando-lhe da visita que me fez, e v. ex.^a tinha já practicado uma tolice em Toulouse, dizendo-lhe que me conhecia; está nisto toda a explicação das minhas confidencias para a provincia a seu respeito. Entenda-se, pois, com os que têm a culpa de tudo isto. Pela minha parte ha de v. ex.^a permittir-me que não leve mais longe o cuidado dos seus interesses, pondo aqui ponto final a todo este negocio.

—Tome cuidado, senhor! bradou Paulo Didier, cujos olhos faiscaram.

—Tome cuidado v. ex.^a, disse friamente o doutor, notando uma alteração na voz e uma congestão na face do seu interlocutor.

Mas estes symptomas ameaçadores dissiparam-se logo. Paulo acalmou-se e a expressão de cólera que se lhe divisava no rosto transformou-se na de uma dôr profunda: dos olhos escorregaram-lhe duas lagrimas.

—Perdoe-me, meu caro doutor, disse elle, e tenha dó de mim. Salve-me, por quem é! Se soubesse o quanto eu a amo! Com que alma, com que concentração, com que sonhos, com que loucura! Ha dois annos... tinha ella então dezaseis, vi-a atravessando a rua, com um ramo de flores nas mãos, risonha, fresca, adoravel de ingenuidade e de belleza. Eu não a conhecia, mas não resisti á tentação de me aproximar d'ella e de a contemplar sem lhe dizer uma palavra. Ella pensou que lhe pedia flores e offereceu-me um ramilhete com uns ares tão graciosos, tão bonitos! E foi-se, levando-me o coração.

Um amigo apresentou-me em casa do pae. Eu era orphão, tinha quinze mil francos de renda e esperanças d'uma boa herança em Castel-Sarrazin d'uma

tia velha. Pedi por isso immediatamente Helena em casamento. O sr. Humbert desculpou-se com a pouca idade de sua filha e com o desejo de a dar a um homem que não fosse um ocioso.

Até então eu tinha sido um ocioso incorrigivel; mas desde esse momento senti-me possuido do amor do trabalho. Lançei-me a estudar. O livro de Faurel = *Crusada contra os Albigenses* = foi o primeiro que me veio ás mãos. Que revelação!

Desde creança que eu era ardentemente religioso, até ao ponto, meu caro doutor, de me sentir ás vezes envolvido em chammes celestes, d'um vermelho vivissimo em que dançavam a Virgem e os santos. O espirito dos *catharos* infundiu-me um tal enthusiasmo e umas exaltações tão superiores, que eu tornei-me albigense. Sentia-me predestinado para resuscitar o catharismo, esta maravilhosa fé oriental depurada pela belleza do duplo principio manicheo e pela alta metaphysica gnostica! Ia mudar a face do mundo com uma palavra! Por muito tempo não sahi da bibliotheca de Toulouse; depois vim para Pariz procurar documentos que alli me faltavam.

Aqui esperava-me a verdadeira religião. Encontrei na bibliotheca nacional um spiritista, cujo spiritismo, que me revelou, me transportou logo como me tinha transportado o catharismo, ou, por outra, elle foi para mim o unico, o verdadeiro catharismo. Eu sentia a cabeça em fogo; sentia-me entrar em pleno ceu, e, para salvar a terra, deixei cair dos labios uma simples palavra—as palavras nisto valem sempre mais do que as cousas — o nome da minha religião: *Catharo spiritismo!* O segundo nome de Helena é Catharina; note isto: *Catharina, Catharo, Cathara!*

Paulo Didier, durante esta divagação, apresentava a nobre attitude classica de um propheta.

(Continúa).

O PENITENTE DE CANOSSA

De H. Heine

No pateo do castello de Canossa
Destaca em pé, na velha cantaria,
Descalço e qual obscuro penitente,
O imperador Henrique;—a noite é fria.

Mais em cima apparecem á janella
Dois vultos, e o luar bate de chapa
Da marqueira Mathilde sôbre o collo,
Na fronte calva de Gregorio, o papa.

E Henrique, abrindo os labios descorados,
Murmura *Pater Noster*, como um crente;
No emtanto, no mais fundo de seu peito
Diz e ruge-lhe a cólera na mente:

«Muito longe d'aqui, na minha patria,
Ha montes, cujo cimo é levantado,
E nas suas entranhas cresce o ferro
De que se forja o rigido machado.

«Muito longe d'aqui, na minha patria,
Florestas de carvalhos têm brotado,
E do tronco nodoso do mais bello
Se talhará o cabo do machado.

«Minha patria fiel, minha Allemanha,
Tambem no seio teu será gerado
O que me ha de vingar da hydra de Roma
E que a ha de abater com o machado!»

MAXIMIANO LEMOS JUNIOR.

PUBLICAÇÕES

AS PENINSULARES — *Collecção de obras poeticas de J. Simões Dias—nova edição, tomo 1.º e 2.º*

É preciso coragem no editor que se resolve a dar a lume um volume de versos, no estado de somnolencia geral do nosso publico, mas é quasi heroismo editar uma collecção de obras poeticas em dois volumes. E' um verdadeiro milagre de dedicação pela arte, e que só se comprehende em Vizeu, patria de Viriato. Antes por isso de passarmos a fallar da obra, precisamos de consignar aqui a nossa admiração e os nossos emboras ao corajoso editor o sr. José Maria de Almeida, por se ter abalancado a uma empresa, que, quando não demonstre grande tino commercial da parte de sua senhoria, revela com certeza uma intelligente dedicação pelas boas letras.

As *Peninsulares* são com effeito uma excellente collecção de lyricas e de poemets moralissimos. O sr. Simões Dias tem em todos os seus versos a correcção litteraria e academica dos mestres da arte. Chega até ás vezes a ser monotono pela irreprehensibilidade da fórma. Vê-se que é um escriptor conhecedor das letras e da lingua do seu paiz, um escriptor conscencioso e erudito, cheio da suave inspiração amorosa e lyrica, que foi o encanto da escola romantica, á qual o sr. Simões Dias pertence por todas as fibras da sua bella alma de poeta. E' por isso que o sr. Simões Dias não é um romantico de convenção, um romantico de programma. A sua indole concentrada e affectuosa, a delicadeza feminina dos seus instinctos e as influencias da sua educação litteraria, fizeram d'elle um romantico e não podiam fazer mais nada, mas um romantico convicto, sympathico, verdadeiro, não um romantico delambido e falso, como nós ainda por cá temos muitos, e que são romanticos até que sejam amanuenses ou galopins eleitoraes, onde crystalisam em patifes: uma raça damninha de litteratos imbecis, especie de cães vadios da imprensa, onde produzem toda a casta de sandices, quando não forjam toda a casta de calumnias por um bilhete da geral ou mesmo por um café.

Nos dois bellos volumes do sr. Simões Dias encontram-se algumas composições modeladas pelas inspirações da nova escola. E' nellas, porém, que se revela a indole essencial e invencivelmente lyrica do auctor, que se sente como *depaysé* naquelle genero. Não lhe está no espirito nem na educação, e a sua individualidade acha-se sufficientemente educada e affirmada para poder prestar-se sem exforço a generos que se não coadunam com a sua espontaneidade de escriptor sincero.

Levariamos gostosamente esta rapida noticia mais longe, se podessemos dispor de mais espaço; limitamo-nos, por isso, a annunciar estes dois volumes de versos como uma obra de subido valor litterario, cheia de talento e de inspiração poetica.

—COSTUMES MADRILENOS—NOTAS D'UM VIAJAN-

TE, por Magalhães Lima—Os livros sobre a Hespanha têm em Portugal o merecimento, quando mais não seja, da curiosidade. Conhecemos com effeito melhor a China e o Japão do que a Hespanha. Esta ignorancia, porém, das cousas e dos homens d'uma nação, nossa mais proxima vizinha, parecendo á primeira vista paradoxal, é perfectamente explicavel pela logica das condições historicas dos dois povos. Primeiro vieram separar-nos pelo odio as lutas para a affirmação da nossa nacionalidade; depois pela emulação a nossa preponderancia nas descobertas geographicas e nas conquistas maritimas; mais tarde, pelo fanatismo da independencia, a expulsão dos Filippes, e modernamente emfim a influencia exclusiva do espirito francez, que nós obliterou os caracteres da nossa individualidade nacional, mas que teve a enorme vantagem de nos adaptar a um certo empirismo constitucional com que temos lucrado, pelo mesmo materialmente. O nosso afastamento da Hespanha tem sido por isso completo, e nem é de estranhar em virtude de taes circumstancias. E' preciso, porém, concordar, que, dadas outras circumstancias historicas, ambos os paizes teriam ganho pela aproximação e mesmo pela fusão numa só nacionalidade. E' com effeito facil de imaginar o que seria hoje a Iberia, se a Hespanha se não tivesse deixado absorver pelo despotismo clerical, ella, a precursora do grande movimento intellectual da renascença, pelos trabalhos philosophicos e scientificos da escola arabe, e pela prodigiosa originalidade dos seus poetas e dos seus artistas.

Um dos maiores crimes do catholicismo é a aniquilação intellectual da Hespanha, no momento preciso em que ella se apresentava á frente do movimento scientifico e litterario da raça latina. Nenhuma nação foi mais profundamente influenciada pelo elemento arabe no momento do seu maior vigor intellectual, e sabe-se que é aos arabes que a Europa deve a resurreição do mundo grego, e por isso a renascença, e por isso a sciencia, e por isso a civilização, e por isso o mundo moderno.... E' um livro por fazer—*A Hespanha Apocrypha*.

O sr. Magalhães Lima dá-nos a Hespanha actual, com os seus cafés, os seus theatros, as suas revoluções, a sua politica e as suas mulheres. E' um livro ao correr de penna e das impressões, sobre o joelho, numa carteira, em *notas de viajante*. Tem esta sciencia facil e agradavel da conversação numa carroagem de 1.ª classe, para matar as horas de viagem, com observações picantes entre duas fumaradas de charuto, com ditos agradaveis e despretenciosos d'um homem que sabe viajar e que sabe conversar. A's vezes, porém, o sr. Magalhães Lima quer dar-se uns ares marialvas de *poseur* do Chiado ou de *habitué* da Havaneza, e cae no recoço lisbonense d'alto *dandy* hypothetico. Eu tenho o fraco de detestar o genero, como detesto tudo o que é falso, convencional e pe-

chisbeque. Nem mesmo o perdou-o ao sr. Ramalho Ortigão, que, como *poseur* litterario, é ainda assim um dos mais supportaveis.

Esta corrente de *dandysmo* está influenciando a nossa litteratura, e o sr. Magalhães Lima deixou-se levar na corrente. Ha de abandonal-a quando o seu bom senso e a sua boa intelligencia lhe mostrarem que um escriptor consciencioso deve ter aspirações superiores ás reputações ephemerias dos *leões* da Havana.

CARTAS BIBLIOGRAPHICAS, por F. T.—O estudo dos productos do espirito humano, nas diversas épocas da sua evolução historica, adquire de dia para dia mais importancia, por se ter comprehendido que as idéas, como os factos que d'ellas derivam, têm as suas leis de desenvolvimento tão necessarias e fataes, como as que regulam os phenomenos cosmicos ou biologicos. A' grande luz da critica moderna não só surgiram mil sciencias novas, mas renqvaram-se todas as antigas sciencias pelos novos horisontes abertos á sua exploração e pela novidade dos seus pontos de vista.

Um ramo de conhecimentos humanos que tomou uma feição inteiramente diversa do que era antigamente, foi, por exemplo, o das sciencias historicas. Entre os processos positivos dos modernos historiadores e a antiga *maneira* artistica dos chronistas classicos, ha a differença que vae da chimica moderna á alchymia; esta queria que os factos se sujeitassem ás suas hypotheses, aquella tira da observação dos factos as leis que os regulam. Este ponto de vista critico penetrou, pela influencia dos progressos das sciencias physico-mathematicas, todos os conhecimentos humanos, e a historia não foi dos ultimos a acceitar o novo methodo.

A bibliographia, na sua plena accepção philosophica, é um ramo das sciencias historicas, que tem por objecto especial o conhecimento dos livros como uma das fórmas em que o pensamento humano se manifesta, e por isso investiga, analysa e classifica todos os factos e todas as circumstancias que produziram essa fórma ou que por qualquer modo influíram na sua producção.

Nenhum d'esses factos e d'essas circumstancias é insignificante, e acontece muitas vezes que os que mais o parecem são os que melhor explicam e definem o caracter da obra, a indole do auctor, a feição do meio social e da época em que os livros appareceram.

Archimedes descobriu num banho as leis da flutuação dos corpos; Kepler os principios fundamentaes da mecanica celeste procurando as virtudes occultas dos numeros; Newton a attracção universal pela queda d'uma maçã, segundo se diz, e se Galvani tivesse considerado como insignificante a contracção dos nervos cruaes d'uma rã morta, não tinha a gloria de ser descobridor dos principios fundamentaes da electricidade statica, e é provavel que este ramo da physica não estivesse hoje na altura em que se acha.

Num livro, e sobretudo num livro produzido em

épocas de intolerancia religiosa e philosophica, muitas vezes uma data, um erro, uma emenda, um defeito de execução typographica, uma rasura, a circumstancia aparentemente mais insignificante tem o alto valor d'uma explicação completa e de uma apreciação scientifica.

E' a intelligente comprehensão d'estas cousas que faz um bibliophilo ou bibliographo, que são para os bibliomaniacos o que a sciencia é para o charlatanismo, o que um jurisconsulto estudioso, erudito e talentoso, é para um rabula fallador e trapalhão.

Em Portugal abundam os rabulas e já não escaceiam os bibliomaniacos. Os primeiros dão á nossa politica a feição *chinfrim* que a distingue, e aos nossos tribunaes judiciais o caracter argucioso, aristotelico e banalmente declamador e metaphysico que os denuncia ao terror dos sequiosos de justiça; e os segundos dão o traço grotesco e a linha comica aos nossos litteratos de velha erudição espectacular e ôca. Assim como o direito é um ramo da sociologia, assim a bibliographia é uma subdivisão especial das sciencias historicas, que são já uma divisão da sociologia. E assim como um grande numero dos nossos jesuitas fazem do direito uma sciencia independente de todas as outras sciencias, assim a maior parte dos nossos bibliographos tomam a bibliographia por bibliomania.

O auctor do livro que temos á vista, o sr. Annibal Fernandes Thomaz—e perdoe-nos o modesto escriptor a indiscreta revelação das iniciaes com que o firmou—tem pelos livros e pelas edições raras a intelligente affeição d'um verdadeiro bibliographo. Ha noticias curiosas nas suas *Cartas Bibliographicas*, que prestam um excellente subsidio á historia d'alguns dos nossos livros, cujas edições eram menos conhecidas ou estavam mesmo ignoradas. As *Cartas Bibliographicas* são um livro consciencioso e erudito.

Parece-nos, porém, que o auctor sacrificou um pouco á bibliomania, fazendo apenas uma tiragem de 100 exemplares, e dando-se o *tic* aristocratico de declarar que os não expõe á venda. Entendemos que as *Cartas Bibliographicas* não precisavam d'estes excitantes para serem apreciadas dos entendedores. Os seus merecimentos reaes dispensavam-n'as de taes arrebiques. Esta circumstancia, porém, que absolutamente é um defeito, tem para nós a vantagem de nos tornar duplamente gratos á offerta do livro e á delicadeza do seu auctor.

CARTILHA MATERNAL, por João de Deus—Falta-nos hoje espaço para fallarmos d'este importante trabalho do sr. João de Deus, o inspirado poeta quasi lendario entre os antigos e deliciosos typos da Bohemia academica.

Diremos no nosso proximo numero o que se nos offerecer sobre este livro, que nos parece notavel a muitos respeitos e de uma oportunidade perfeitamente justificada pela universal inercia da nossa instrucção primaria.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO



Março

1877

NUMERO 8

O ULTIMO RELATORIO DA COMMISSÃO GEODESICA

A sciencia portugueza permaneceu durante largos annos em inalteravel marasmo: causa profundo desgosto percorrer, ou mesmo relancear de longe, esse passado vergonhoso em que a vitalidade d'um povo inteiro jazeu em lethargia; na arte, na sciencia e nas letras só a espaços se divisa um ou outro pequeno vulto rachitico e enfezado; apenas sete ou oito nomes nos quasi tres largos seculos ultimamente decorridos conseguiram salvar as escuridões das sepulturas e chegar até nós.

Nada mais acabrunhante do que tal esterilidade só comparavel á das gandaras e charnecas, animadas de longe em longe tão sómente por modesto casal encimando um cómoru rude, por um grupo de arvores anemicas, á beira de charco sezonatico.

Nessa vastidão desconsoladora apenas avulta a universidade, arvore antiga sobre que applicando diversas enxertias e tratamentos procuraram alguns espiritos arrojados suscitar vigor maior, infundir nova seiva; porém a arvore, a taes carinhos e esforços, só respondia lançando rebentões de formosa, mas apparente virencia, que logo murchavam revelando a genial impotencia do espirito portuguez em tal epoca, contrario então, como agora é improprio ainda, á implantação franca das idéas lá fóra já enraizadas e robustas.

E, especializando agora um menos largo periodo, converse-se um pouco com alguns contemporaneos nossos sobre o estado da sciencia e do ensino ha trinta annos, e ouvir-se-ha um rosario de vergonhas, salvas rarissimas excepções, vergonhas taes que trazem á memoria as tradicionaes lendas dos bernardos.

Nos corpos docentes reinava a rotina mais absurda, no ensino não havia methodo nem disciplina; em tudo a incuria, o desleixo, a reacção organizada contra a minima innovação.

E não se julgue que tal estado nos primeiros decenniis d'este seculo se possa attribuir ás lutas politicas, porque as brigas de armas e paixões avassalavam tambem n'essa epoca as nações estrangeiras e lá, no meio dos combates e das asperas discussões dos partidos, no meio até das guerras de nação contra nação, as sciencias e letras libravam-se cheias de vida aos modernos campos d'acção.

Terminada que foi a principal contenda politica entre nós, fundaram-se novos estabelecimentos, modi-

ficaram-se ou alargaram-se os planos de outros, e decorridos alguns annos já nos espiritos se notavam tendencias mais rasgadas, esperanças mais ardentes.

Um dos meios seguros, a nossa ver, para justamente apreciar o nivel da civilização d'um povo, consiste em seguir os trabalhos dos primeiros estabelecimentos scientificos, onde os seus filhos mais cultos, gozando superiores recursos e vantagens, exercitam os ensinamentos obtidos nos cursos mais altos; ahi, n'esses trabalhos, se podem examinar bem as acções, e suas respectivas intensidades, d'estes dados differentes da intelligencia, vocação, educação e actividade; ahi se póde estudar, palpar, por assim dizer, até onde o espirito de individuos selectos é capaz de adoptar, executar, applicar, e melhorar mesmo, os principios que n'outros paizes têm produzido já conhecidos resultados.

Pela observação dos institutos de ensino superior, no actual modo de ser, é impossivel formar juizos exactos, por diversas razões: uma, talvez a mais importante, e crêmos infelizmente propria de portuguezes, é a falta de união, de mutuo e franco auxilio. Em geral póde affirmar-se que o professor distincto e estudioso, tendo por ideal unico a cultura da sciencia, encontra-se isolado, muitas vezes rodeado até, não de sinceras adhesões, mas de singulares contrariedades. O numero maior obtem os logares com o fim unico de se assugurar uma garantia de vida remediada, que para mais não chegam os proventos de taes lugares; e muitos d'estes os consideram apenas como degrãos para mais levantados e rendosos cargos. O estudar por estudar, por querer saber, simples, platonicamente, quasi se não topa em Portugal. Assim como o alumno procura apenas *passar*, e logo que isto consegue para sempre abandona estudos, assim tambem nos corpos cathedricos se encontram muitos individuos, que, alcançando a posição desejada, sem demora se lançam nas delicias do *far niente*.

A outros subjuga a tentação maxima do nosso paiz, fatal attracção, a politica, pobre arena infecunda que tudo esterilisa, abafando no seu abraço sufocante as mais audazes aspirações.

Entre nós, disse, e não se julgue haver na phrase laivos pessimistas; abundam ahi exemplos dos que n'ella foram extinguir as forças, em quanto que n'outras partes os espiritos, ou por natural condição d'elles ou da politica, nem se cançam nem se exau-

rem em tal luta, antes parece temperarem-se e reforçarem-se; recordem-se tão sómente os Gladstone, Disraeli, Castelar, Simon, Jacobi. Aham-se nas máximas trovoadas, frequentemente á testa das facções, e todavia nas horas de repouso, nas ferias da luta, ás vezes na amargura do exilio, não esquecem as suas especiaes locubrações, e ás letras e sciencias demandam conselho e conforto, e novos meios de affirmar as suas originaes individualidades.

Aqui a politica e o desconforto esterilizam tudo. Como se trabalhará devéras, com afan e consciencia, se ao resultado colhido só responde a indiferença publica? Proventos não os espere ninguem; a consideração publica não acompanha jámais quem se entrega aqui a especulações scientificas; a imprensa contenta-se em registar em poucas linhas o trabalho improbo, a critica desconhece-o inteiramente. E comtudo, já que outro testemunho se não pode dar de attenção, cabe a esta um papel consideravel, pois anima, corrige e incita.

A commissão geodesica tem um lugar distincto entre os institutos scientificos portuguezes. Só no fim do passado seculo se começaram os trabalhos geodesicos entre nós; o muito celebre dr. Ciera os iniciou em 1790; continuaram enfezados por muitos annos, soffrendo varias interrupções; a custo acharam logar nas pobres memorias academicas d'aquella época. O resultado mais importante de tal empresa cifra-se na educação de alguns homens capazes de proseguirem tão levantados estudos e incapazes de olvidarem a firmeza scientifica do veneravel engenheiro, patriarcha e martyr da geodesia portugueza.

Em 1843 tiveram novo impulso e outro mais consideravel em 1852. A este instituto, no modo actual¹, pertencem trabalhos tão vastos como variados. A triangulação do paiz e o levantamento da sua carta é só por si tarefa mui pesada. O conhecimento dos portos e costas maritimas suppõe trabalhos difficeis e aturados. Não fallemos já dos trabalhos astronomicos e geologicos, enfeixados com tal ou qual violencia no mesmo instituto.

Muito ha que este estabelecimento possui um pessoal habilitadissimo, e uma dotação sufficiente se comparada fôr com outras averbadas a diversos institutos scientificos.

Pela natureza, pois, d'esta commissão, pela elevada cathogoria do seu pessoal, importa conhecer quaes os seus trabalhos, não para que se veja o emprego da dotação, mas para avaliar bem a intensidade e actividade que ahí se exercita.

Desde já é preciso declarar que os trabalhos da commissão geodesica são optimos, que no estrangeiro têm sido admirados, segundo por mais de uma vez temos lido e ouvido; todavia pela leitura do relatorio ha pouco publicado² ficamos convencidos de que no

¹ O sr. Pery, no seu livro—*Geographia e estatistica geral de Portugal e colonias*, a pag. 244, traz um optimo resumo da historia d'estes trabalhos.

² Direcção geral dos trabalhos geodesicos, topographicos, hydrographicos e geologicos do reino, Relatorio de 30 de outubro de 1876, publicado nos *Diarios do Governo* de 15 e 16 de novembro.

seu regimen e organização ha vicios, muitos vicios, que urge sanar; e impossivel é que vicios tão singulares não influam nos seus trabalhos. Escrevendo, pois, estas linhas temos por fim, além dos motivos expostos, tornar mais saliente a urgencia de uma reforma e tambem romper o silencio, o terrivel silencio da indiferença, que até hoje tem rodeado esse importante documento.

Começa o sr. F. M. Pereira da Silva, director geral, por notar que os relatorios passados são meras synopses dos trabalhos feitos em cada anno; n'este vai seguir outro caminho e fallar tambem do estado da repartição, administração, etc. Para isto divide os trabalhos em seis classes: geodesicos, topographicos, hydrographicos, astronomicos, geologicos, artisticos e de administração.

Diz da carta chorographica: «Esta carta está dividida em 37 folhas rectangulares de oito decimetros de comprimento e cinco de largura, e cada uma d'estas folhas em cem rectangulos, que na escala 1:100000 abrangem cada um uma superficie de 4:000 hectares. «Dois terços da superficie total d'esta carta já se acham levantados, e podia estar agora muito proxima do seu termo se não fossem distrahidos alguns dos officiaes em outros serviços, a ponto de que presentemente só metade ou seis officiaes são os que «trabalham na chorographia, prolongando-se assim «um trabalho tão urgente e necessario para consultar «em muitos projectos de obras publicas e em outros «serviços.»

Mas em consequencia da difficuldade de levantar em tal escala a provincia do Minho, alteram-n'a para 1:50000, na qual já dez folhas estão levantadas, sendo depois no desenho reduzidas á escala 1:100000. De modo que as folhas não são gravadas como são levantadas, no que haveria muitas vantagens, e ao mesmo tempo está o estado maior levantando outras na escala 1:40000. O sr. director geral vê nisto um desperdicio, e com muita razão.

Mais e melhor se encontra logo no periodo seguinte: «Para evitar repetições de trabalhos identicos «levantados nas mesmas ou em diversas escalas pelos tres ministerios das obras publicas, guerra e marinha «muito convém estabelecer quanto antes os meios de «haver conhecimento reciproco dos referidos trabalhos «em cada um dos tres ministerios, etc.» Estas poucas linhas teem immensa significação, revelam mais um exemplo da caprichosa indole governativa em Portugal: o trabalho á tôa, o desperdicio, a falta de união e de relações, a carencia absoluta d'um plano, d'uma idéa determinada. Que havia mil e uma commissões phantasiosas era já conhecido: mas n'isto tambem, santo Deus! A tôa, a irregularidade, a des-harmonia até na geodesia!

Passemos á hydrographia. No quadro ha sete engenheiros hydrographos. Já é! Sete engenheiros para um litoral vasto, rasgado de portos, para as ilhas, para o ultramar.

Não temos espaço para agrupar citações. Se o leitor desejar ler uma curiosidade magna veja na 3.^a divisão (trabalhos hydrographicos) as obrigações dos

sete engenheiros, e logo abaixo as situações em que estão servindo. Ha engenheiros hydrographos nos observatorios astronomicos e meteorologicos, no ensino da escola naval, e addidos ao estado maior das divisões e esquadras! (Hyperbole mui curiosa).

De maneira que diz o sr. director geral: «Dos sete.... que formam actualmente este quadro, só um «capitão de fragata, está no caso de ser encarregado «de trabalhos hydrographicos fóra d'esta capital».

Mas é uma preciosidade esse capitão de fragata! uma verdadeira raridade! Dos outros seis dois estão no observatorio da Tapada, e quatro.... na direcção geral. Quatro na direcção geral e um só, o maravilhoso capitão de fragata, a trabalhar fóra da capital.

Provavelmente os quatro dirigem este. Note-se mais que este, unico e pyramidal engenheiro hydrographo, anda acompanhado por dois officiaes choro-graphos á falta de engenheiros hydrographos!

Não citaremos o que termina esta parte: é vergonhoso: os trabalhos feitos, como é facil de suppôr, são pouquissimos. Portugal com um littoral vastissimo, com muitos portos bons e alguns optimos, nação maritima, cujos rendimentos provêm em grande parte das alfandegas dos portos maritimos, não pode apresentar cartas perfeitas das suas angras e enseadas, fozes e estuários; ainda não conhece, nem de leve, as suas proprias costas! Carece de balizas, de pharoes, emfim de tudo que é indispensavel a indicar aos navios, apoz as longas rotas, os fundeadouros seguros, as entradas dos portos, os mouchões das barras, as praias limpas e as esparceladas!

Trabalhos geologicos. Basta dizer que o pessoal scientifico comprehende um chefe de secção e um adjuncto. Offerece certa curiosidade o facto de nos mencionarem n'esta secção varios trabalhos de archeologia prehistorica: não se vê bem, por exemplo, a razão de se empregar o desenhador em desenhos de archeologia. O sr. director queixa-se, pois, sem razão do pequeno pessoal e do acanhado subsidio; vê-se que ainda sobra tempo e dinheiro para cousas mui diversas da geologia; demais infere-se que os trabalhos geologicos estão concluidos; infelizmente estão apenas esboçados. Entre nós a geologia tem má sina, segundo a phrase do nosso primeiro geologo e chefe d'esta secção, o sr. Carlos Ribeiro.¹

Ainda visitámos nas salas superiores do convento de Jesus as vastas collecções da extincta commissão geologica: estão hoje na Polytechnica, e, a nosso ver, estão bem. Ahi se devem agora educar geologos, e trabalhar devéras.

Ha tanta razão para que a geologia esteja junta á geodesia, como a botanica ou a zoologia. Diz-se: o geologo precisa de cartas; precisa é verdade, assim como as precisa o engenheiro, o naturalista, etc.

Tratando dos trabalhos artisticos, em que se empregam 20 pessoas, relata o sr. director a seguinte curiosidade:—«Presentemente não ha sala adequada «para reunir os desenhadores que andam dispersos «pelos que estão applicadas a outros serviços, onde

«não encontram as condições necessarias para o de-
«sempenho dos seus trabalhos.»

Escusado nos parece insistir em pontos analogos; a cada periodo se revela neste notavel relatorio a urgencia de reforma radical; o proprio director, para não dizer mais, se admira da morosidade na passagem dos trabalhos á gravura: «Confrontando portanto «os trabalhos de gravura executados no periodo de «sete annos (67 a 74)..... conclue-se que um grava-
«dor durante aquelle longo prazo não chegou a gra-
«var uma das referidas cartas..... não se pode admit-
«tir esta morosidade na reproducção de alguns tra-
«balhos, que devem publicar-se com a maior brevidade.»

Não podemos resistir, perdoe-nos o leitor estas minucias, á transcripção na integra de dois periodos mais. Trata-se da correspondencia e contabilidade:—«A correspondencia é toda feita pelo director geral «e pelos chefes de secção, que põem de parte para «este fim os seus trabalhos scientificos. Dos dois ama-
«nuenses e um continuo, unicos empregados que for-
«mam a secretaria, um d'aquelles passa a limpo as
«minutas, tira copias e regista officios; outro está ser-
«vindo no ministerio da guerra, e o continuo anda
«quasi sempre por fóra em serviço da pagadoria. A
«contabilidade está a cargo do fiel, que muito lhe custa
«vencer este trabalho, que lhe não pertence.»

Como se vê, está este notavel relatorio repleto de curiosidades, e de forma alguma se pode taxar de pouco minucioso ou inexacto: o sr. director geral nem se esqueceu mesmo de mencionar entre os trabalhos da officina lythographica a estapagem de 566 sobrescriptos para officios e de 4:200 folhas para recibos.

Da curta exposiçào que fizemos resulta a illaçào seguinte: a commissão geodesica, para preencher o seu fim, carece de urgente reforma. Os seus trabalhos são morosos; o seu pessoal é pequeno, e parte d'elle distrahido por outras tarefas; não tem as indispensaveis commodidades de installaçào. Demais a sua esphera de acção deve limitar-se á geodesia, topographia e hydrographia de Portugal e suas possessões; e fica ainda com muito que fazer. Os trabalhos geologicos têm o seu lugar no museu nacional da E. Polytechnica; os astronomicos no observatorio da Tapada, que possui hoje recursos muito vastos: claro está que entre estes tres estabelecimentos devem existir sempre as mais intimas relações, a mais leal cooperaçào. Assim talvez se possam conseguir em breve resultados mais positivos. Trabalhar em geologia na com. geod. e na esc. polyt.; em astronomia em tres ou quatro estabelecimentos, quer-nos parecer deploravel systema, sem nenhuma vantagem real ou economica.

Concluiremos pedindo que no *Diario do Governo* appareçam com regularidade documentos analogos e egualmente sinceros dos outros estabelecimentos superiores; ahi têm o seu lugar apropriado, e o publico assim poderá formar idéas exactas sobre os progressos que annualmente se conseguirem.

¹ *Jornal das Sc. Mat. Phy. e Nat.* Agosto 1869, pag. 243.

PHOTOGRAPHIA

Tens no olhar, que me deslumbra,
A languidez das violetas,
Velada pela penumbra
Das longas pestanas pretas.

Toda a alma se me enreda
Nos caprichosos novellos
Dos fios dos teus cabellos,
Dos teus cabellos de seda.

Que macieza de cutis!...
E's como as camelias brancas:
Em teu rosto repercutes
A luz que aos astros arrancas.

Tens a elegancia do abeto,
E a tua face é tão doce,
Que teme a gente que a roce
Alguma aza de insecto.

Tens os dentes côr da neve,
Os labios finos e enxutos,
Um buço rosado e leve
Como a pennugem dos fructos.

Quando uma estranha influencia
Tua face torna rubra,
Ninguem ha que não descubra
Todo o aroma da innocencia.

Quanto em ti vejo me espanta,
Quanto em ti vejo me cega,
No modelo da garganta
Imitas a estatua grega.

No gesto com que me encaras
Tu tens o porte que eleva,
E o rir que arregaça a treva
E me torna as noites claras.

Tua mão é tão pequena,
E' miniatura tão rica,
O' pomba, que até faz pena
Quando a involves na pellica.

As linhas das tuas veias
Transparecem na epiderme...
Como eu desejo prender-me
Nessas mimosas cadeias!...

O teu pé, que eu vejo a furto
Occulto pela botina,
E' tão estreito e tão curto
Que não vi cousa mais fina.

A alma... basta. Eu não prosigo
Em lineamentos escassos:
Pintei-te o corpo n'uns traços,
Fica-te a alma comigo.

SILVA RAMOS.

O SEGREDO MEDICO

Novella por—ROBERT HALT

(TRADUÇÃO DE ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

(Continuação)

—E agora comprehende v. ex.^a a razão porque eu, depois da audiencia da policia correccional, me bati tão rudemente com aquelle chasqueador das cousas santas. Além de que este homem, como muitos outros, seguia-me de ha muito pelas ruas.

—Nunca fallou do seu catharo-spiritismo á senhora Humbert ou a seu pae?... perguntou o doutor.

—Nunca.... São supersticiosos; acreditam no seu cura de Toulouse, e eu receiava que uma conversação sobre um tal assumpto, caso a encetasse, me retardasse o casamento; reservo isso para depois. O Meio-dia ignora-me ainda. O sr. Humbert julga que escrevo simplesmente ácerca das operações de guerra dos albigenses.

—E tem guardado a mesma reserva com essas pessoas que o seguem pelas ruas?

—Tenho. Helena poderia, com medo d'aquella perseguição—que espero acabará com o casamento que pretendem malograr-me—recuar deante de tal união.

—Bem; voltemos ao seu amor e ao caso.

—Voltemos, disse Paulo Didier com accento expansivo. Continuei a viver habitualmente em Paris, trabalhando valentemente cinco ou seis semanas consecutivas, depois das quaes ía a Toulouse vêr a minha querida Helena. Havia quinze dias que eu estava em Toulouse quando hontem, dia em que devia almoçar com ella, me entregaram uma carta na qual o pae e a filha me pediam desculpa de me não pode-

rem receber, porque tinham de se ausentar de Toulouse por algum tempo. Senti-me logo tomado d'uma afflicção terrível. Os creados negam-se a dar-me explicações. Instinctivamente corro á *gare*, onde um empregado me infôrma que o sr. Humbert tinha tomado dois bilhetes para Paris, e que o comboio sahira havia duas horas. Parti no comboio da noite, porque bem sabia onde os devia encontrar. Tinham-se com effeito hospedado em casa d'um amigo, onde o sr. Humbert se hospêda todas as vezes que os seus negocios o chamam Paris.

Encontro á porta da rua d'este amigo do sr. Humbert uma senhora, irmã d'elle, que eu tinha visto duas ou tres vezes. Esta senhora não me quer deixar subir! Espantado de tal prohibição, supplico-lhe com as lagrimas nos olhos que me explique as razões d'um procedimento tão inqualificavel para com um homem que tem a consciencia de não merecer tão atroz castigo. A pobre senhora commove-se, e encarando-me com uma extraordinaria attenção de lastima, diz-me emfim: «*A sua saude, senhor.... tome cuidado com a sua saude!—A minha saude, senhora! que quer isso dizer?*—Ella então pede-me segredo e resignação, e, por umas meias palavras e a custo, conta-me a visita que o sr. Humbert fez a v. ex.^a. Affasto rapidamente a senhora por um braço e em quatro saltos subo ao terceiro andar da casa, apresentando-me deante do sr. Humbert. Interrogo-o abruptamente, e elle não tem coragem de me negar a verdade, com a qual parece magoadissimo.

—Pois quê, clamo eu, ousaria violar assim as suas promessas, a sua fé jurada, roubar-me Helena, matar-me emfim? E com que pretexto?

O sr. Humbert encara-me com a mesma estranha attenção que eu já notara na irmã do seu amigo e cala-se levantando os braços ao ceu.

—Mas, sr. Humbert, digo-lhe eu, ha aqui evidentemente uma extraordinaria confusão, um engano de pessoa! Eu tenho uma saude de ferro; toda a minha doença provém de me ter batido com um patife que pretendia negar a existencia das cousas sobrenaturaes por meio d'uma boneca sem cabeça. Levaram-me um pouco contuso a casa do doutor, que, como lhe disse, continuei a visitar, grato ás attensões com que me tinha tratado; e nada mais.

Que lhe disse pois o doutor?

—Negou-se a dizer-me cousa nenhuma.

—E vêem d'esse silencio as suas apprehensões? Pois bem, aceite um contracto: Nós vamos ambos a casa do doutor; d'esta vez elle ha de responder, e dir-lhe-ha que ha dois Paulos Didier, um doente e outro que sou eu.

O sr. Humbert calou-se ainda.

—Mas diga alguma cousa, senhor?

O accento com que pronunciei estas palavras commoveu-o, e o sr. Humbert respondeu-me:

—Tornarei a conversar com o doutor, mas eu só. E' uma necessidade de delicadeza que o meu amigo deve comprehender. Prometto-lhe que hei de tornar a vêr o doutor.

—Ah! senhor!... E Helena sabe alguma cousa?

—Não; ignora tudo.

—Deixe-me vêl-a, deixe-me fallar-lhe! A ella ao menos tenho a certeza de que a hei de convencer.

E abracei-me aos joelhos do sr. Humbert desfeito em lagrimas, que me assegurou e jurou que sua filha estava descansando e que me daria uma resposta immediata.

Despedi-me d'elle, e eis-me aqui. Recusará ainda v. ex.^a, responder cathegoricamente ao sr. Humbert?

O doutor guardou um largo silencio olhando ora para o tapete, ora para Paulo Didier. Depois começou:

—O sr. Paulo Didier não tem umas quinze mil libras de renda? Pois, senhor, essas quinze mil libras de renda não lhe pertencem.

—Como?!...

—E' uma fortuna mal adquirida, roubada....

—O que?!...

—E que é preciso restituir. Provar-lh'o-hei.

—Ah!

—E se lh'o provar terá coragem de restituir essa fortuna?

—Tenho.

—Com certeza?

—Com certeza.

—Eis o que lhe posso dizer mais: A sr.^a Helena Humbert corre neste momento um grandissimo perigo.

—Côrro a casa d'ella, clamou Paulo caminhando para a porta; quero salva-a.

—Arrisca com isso a sua vida.

—A minha vida é d'ella.

—Socegue um instante. Eu contava com essa explosão de energia e de consciencia. O sr. Paulo Didier tem um grande coração e uma grande alma. A sua fortuna é muito sua, e Helena está descansando muito tranquillamente. Deixe-me agora contar-lhe um caso de que fui testemunha ha dez annos: Um homem padecendo uma doença desgraçada, casou-se. Está hoje morto, e a mulher morreu tambem da mesma doença, depois de ter dado successivamente á luz tres creanças, um cego e dois idiotas, tres novos presentes á terra. Este homem conhecia, quando casou, a sua doença e as consequencias d'ella. Que diz, sr. Paulo Didier, d'este homem?

Paulo Didier estremeceu e encarou no medico, que pelo seu lado o fixava com o seu olhar firme e penetrante de operador.

—Como v. ex.^a disse, sou nervoso, mas por isso não me julga doente?

—E se o fôsse? Se a pessoa que ama corresse um grande perigo?

Depois d'estas palavras houve um grande silencio.

—E então?... insistiu o doutor.

—Cale-se, doutor, murmurou Paulo levando as mãos á cabeça; o som da sua voz vibrava-me no cerebro como um dobre infernal de sinos.

Paulo levantou-se, deu alguns passos na casa absorto; depois batendo rapidamente na testa como ferido d'uma idéa desatou uma gargalhada:

—Ah! Ah! disse elle; comprehendo! Julga-me lou-

co! É alienista; tudo são manias para elle, como para o outro tudo eram cristeres. Agarrò-me; quer applicar-me *douches!*

E depois continuou a rir-se com um riso agudo e estridente, mas sem outros symptomas d'um accesso immediato.

O doutor continuou:

—Não, meu amigo, não está... mais louco do que outro qualquer.

—Ah! Ah! interrompeu o monomaniaco continuando a rir; eu sou espiritista.

—Espiritista, mas tambem doente.

—E qual é a minha doença, queira dizer-me?

O doutor pegou-lhe affectuosamente nas mãos; mas Paulo Didier retirou-as com vivacidade.

—Quero immediatamente a prova do que assegura, clamou Paulo imperativamente: quero-a.

—Mas não lh'a posso dar! E ainda que aqui lh'a apresentasse com a mais clara evidencia, o meu amigo não a veria. Já neste mesmo gabinete ella se produziu bem manifesta... Creia no que lhe digo.

—Quer que o acredite? E que garantias me dá de que isso é verdade?

—A garantia da minha palavra de medico e do meu vivissimo e paternal interesse por si.

—E a prova produzida neste gabinete fui eu que a dei, eu mesmo?

—Foi o meu amigo mesmo, sem consciencia, sem memoria, de modo que lhe é preciso fazer um acto de fé—a fé não lhe custa muito—para com a unica testemunha d'esse facto, e um acto de probidade para com a sociedade, á qual esse facto immediatamente interessa. O seu senso moral está por emquanto vivo e são; demonstraram-m'o as suas palavras de ha pouco; ha de ser o meu amigo mesmo que responderá ao sr. Humbert: não.

E aproximando-se de Paulo o doutor murmurou:

—O meu amigo não póde casar!

Sob este terrivel golpe Paulo Didier vacilou como ferido d'um raio; quebrou-se-lhe toda a resistencia e balbuciou algumas palavras inintelligiveis. Depois, desfeito em lagrimas, soluçou:

—Doutor, que tenho eu, diga? Posso ouvir tudo.

—O meu amigo padece d'uma nevrose grave.

—Nevrose... doença de nervos?

—Justamente.

—Grave... vejamos, diga-me o nome, por quem é, insistiu Paulo com uma entonação dilacerante.

—Pobre moço! exclamou o doutor commovido e abraçando Paulo.

—Diga, doutor; preciso saber o que padeço para regular o meu procedimento.

—O meu amigo é epileptico.

Paulo Didier desprendeuse dos braços do doutor, e recuou até á extremidade do gabinete.

—Ha quinze dias que o meu amigo cahiu ahi, com a escuma na bocca, as echymoses no rosto, com as convulsões, com o accesso em toda a sua furia e ao qual sua tia chamava pesadelos. Agora considere quaes seriam as consequencias hereditarias da sua doença. Leia isto...

E o doutor apresentava-lhe um livro aberto.

Paulo leu uma pagina e cobriu o rosto com as mãos abafado em soluços.

—Sim, uma geração envenenada e arrastando-se, através de todos os soffrimentos, para uma rapida extincção da raça; uma menina que o meu amigo ama pela sua belleza, pela sua saude, pela sua futura fecundidade, deshonrada por si em tudo isto, alcançada de desgostos, condemnada a um eterno desespero, se vivesse em sua companhia, e á immoralidade ou aos horrores da solidão se se separasse de si! E será isso o que o meu amigo quer? Ame-a, pois, mais do que a si proprio. O seu estado mental, apesar de tudo, vale bem mais do que o seu estado physico; os seus sentimentos são por emquanto d'um moço intelligente, honesto e generoso. Basta um acto da sua vontade, um nobre esforço, meu amigo, meu filho. Tem um grande ensejo para uma renuncia honrosa e cuja verdadeira causa ficará secreta, posso assegurar-lh'o. O meu amigo renuncia ao casamento por causa do seu amor proprio, ferido pelas suspeitas do pae de Helena. Escreva-lhe e diga-lhe que se retira perante taes desconfianças. A mulher que ama chorral-o-ha, mas depois, consolada, conservar-lhe-ha no fundo d'alma o sentimento mais precioso, mais delicado e mais raro com que uma mulher póde recompenhar um homem: a poesia d'uma saudade purissima e o culto intimo de uma imagem adorada. A imagem vale sempre mais do que o modelo. Vae escrever ao sr. Humbert, não é verdade? Dá umas supremas satisfações interiores o cumprimento d'um dever, sobretudo quando esse dever é indispensavel. Escreve, sim?

E o doutor pegou-lhe de novo nas mãos. Paulo desatou num choro convulso, interrompido por uns gritos lugubres, que, perdido e desesperado, debalde tentava abafar mordendo um lenço.

—Pois bem, doutor, pois bem, disse Paulo emfim, convengo-me... não a verei mais! O doutor espantou-me, assombrou-me... não a verei mais, a minha alegria, a minha vida! Ir-me-hei para longe, morrerem! Não me abandone, doutor, continuou Paulo lançando-se-lhe nos braços: sou tão desgraçado! Oh! que espantosa miseria a minha! Condemnado á morte! E porque? Pelo crime de ter nascido! E para que nasci eu? Quem fez tudo isto? Quem creou as aguas para as envenenar, a vida para a deshonrar e destruir?

—Não percâmos tempo á busca das causas primarias, respondeu o doutor; não investiguemos se taes causas existem e se são responsaveis. Aqui tem uma penna e tinta; escreva.

Paulo Didier assentou-se com a cabeça inclinada para traz, soltando uns murmurios surdos e gutturaes. Dos olhos meios fechados cahiam-lhe grossas lagrimas.

—Os nervos aguentar-se-lhe-hão ainda por muito tempo?... pensou o medico.

E mettem-lhe uma penna na mão.

(Continúa).

ADEUS

Não me tornes a olhar! Os teus olhos, Maria,
Jorraram sobre mim torrentes de agonia,...
Senti-me vacillar, quasi morto de luz!
Oh! Não queiras tornar mais agro o meu calvario,
Deixa que eu leve occulto, ignoto e solitario
Ao Golgotha fatal a minha enorme cruz.

Escuta: affeito estou á sombra—esquecimento;
Fez-se em torno de mim a calma do moimento,
Vejo tudo sombrio, esteril, ermão e nu;
Se ao menos o destino, o acaso, a providencia,
Á mingoa de riqueza, á mingoa de opulencia,
Me houvesse feito, flor, tão nobre como tu....

Mas apenas me coube em partilha, Henriqueta,
Em vez de um d'esses bens, uma alma de poeta,
—Cousa que o mundo julga uma infamia, um labéu;
Sim, nada mais possuo, e no entanto eu queria
Ter o que os outros têm: riquezas, fidalguia,
E em cima de tudo isto o teu amor—um céu!...

Passo como um proscripto, um reprobado, um bohemio,
Quem me ha de dar na terra o meu perdido gremio,
—A santa Chanaan dos santos ideaes?—
Homem da estrella má, maldito, reprovado,
Quer no céu, quer no inferno, absolto ou condemnado,
Deus não nos pôde unir! Que horoscopos fataes!

Deus, esta cousa atróz, esta palavra horrivel!
Chata como um burguez, negra como um impossivel!
Sempre esta sombra ignara, esta palavra—Deus!—
Mas Deus é poderoso, omnipotente e forte,
Inaccessivel rei, senhor da vida e morte,
Não me tornes a olhar, Maria, adeus, adeus!...

ALFREDO CARVALHAES.

PUBLICAÇÕES

CARTILHA MATERNAL OU ARTE DE LEITURA, por João de Deus.—Sob este modesto titulo acaba o sr. João de Deus, a mais viva e espontanea inspiração poetica da nossa litteratura contemporanea, de dar á estampa uma obra eminentemente revolucionaria e original, a refórma completa e raccional dos antigos methodos de ensino das primeiras letras. E' revolucionaria esta obra, porque, cortando francamente pela rotina dos velhos processos, funda o seu methodo de ensino em principios perfeitamente racionaes e criticos, habituando a criança a procurar a razão das cousas; é tambem original este livro, porque não conhecemos, nem o sr. João de Deus conhece, methodo nenhum semelhante ao seu. «*Esse meio ou esse methodo*, diz o sr. João de Deus, *não pôde ser essencialmente differente do methodo encantador pelo qual as mães nos ensinam a fallar, que é FALLANDO, ensinando-nos palavras vivas, que entreteem o espirito, e não as letras e syllabas mortas, como fazem os mestres.* No prologo d'este notavel livro tinha já observado o sr. João de Deus: «*Porque razão observâmos nós a cada passo nos filhos da indigencia meramente abandonados á escola da vida uma irradiação moral, uma viveza rara nos martyres do ensino primario?*

Todo o methodo deriva d'estas duas observações, profundas de verdade e de bom senso. A criança começa, pois, por aprender as cinco vogaes e logo as palavras que com ellas se formam *ai, ui, eu, ia*. Depois, partindo da classificação eminentemente racio-

nal das consoantes em consoantes de som prolongavel e de som instantaneo, a criança aprende a conhecer o *v*, como a consoante mais perfeita, por isso que o seu som se pôde prolongar indefinidamente, e logo palavras que com elle e com as vogaes conhecidas se fórman, como *vá, vai, vi, viu, viva*, etc. Em seguida passa-se ao *f* e assim por diante, collocando sempre, ao lado do pequeno esforço para aprender uma consoante, a satisfação de formar palavras com ella e com as vogaes e consoantes já conhecidas.

Este methodo, que, como se vê, é d'uma simplicidade admiravel, e tanto, que chega a gente a espantar-se de que não tenha lembrado ha mais tempo, tem dado excellentes resultados práticos, e era impossivel que os não désse, fundando-se em principios tão racionaes e comprehensiveis. A rapidez no ensino é uma das vantagens d'este methodo, o seu resultado pratico immediato; a segunda vantagem, para nós mais importante, posto que não seja tão immediata, é o habito que incute nas crianças de aprenderem, percebendo a razão do que aprendem. Esta circumstancia é para nós de tal magnitude, que não hesitamos em classificar a *Cartilha maternal* como um dos livros de mais alcance social que se tem escripto neste paiz.

—HISTORIA NATURAL—BOTANICA, redigida em conformidade com o programma official dos lyceus, por Miguel Archanjo Marques Lobo. —E' um outro

livro destinado ao ensino, mas ao ensino secundario. A utilidade e a oportunidade de publicações d'este genero é obvia para quem conhecer o estado lastimoso e cahotico em que se acha a organização da nossa instrução secundaria e os inconvenientes que resultam de falta de livros em portuguez para o ensino das materias que constituem aquella instrução. O sr. Miguel Archanjo reúne á sua muita competencia scientifica uma larga prática de ensino. O seu livro revela estas duas qualidades; é um trabalho de compilação e de coordenação perfeitamente organizado para o fim a que se destina.

—NOITES AMENAS—CONTOS—QUEM TUDO QUER TUDO PERDE—A VERDADE NUA E CRUA, por *Henrique Perez Escrich*, traducção de Julio Gama.—Perez Escrich é um romancista hespanhol de merecimento e já hoje justamente favorecido pela popularidade. Não tem a imaginação desordenada de Ponson, mas a phantasia de Dumas. Interessa, não *enguiça*; commove, não *arrepia*. A traducção pareceu-nos boa, porque nem tem o maneirismo classico d'uns certos traductores de erudição quinhentista barata, cuja sciencia da nossa lingua consiste no emprego d'uns termos bolorentos, e que confundem o classicismo com o archaismo, nem tem as irreverencias demagogicas dos *communistas* da litteratura, que escrevem num vasconso repugnante, onde ha tanta ou mais falta de senso commum do que de grammatica.

—RECORDAÇÕES LITTERARIAS, por *Soares Romeu Junior*.—O sr. Soares Romeu viveu no Brazil, e foi alli provavelmente que se lhe desenvolveu o seu talento litterario ao mesmo tempo que adquiria pelo trabalho honrado os meios para voltar á sua patria. Tem por consequente pelos homens e pelas cousas de Portugal a alta veneração d'um patriotismo entusiasta, acrisolado pelas saudades d'um longo exilio voluntario. A alma de Portugal, a antiga alma cheia de entusiasmo pela patria, vive hoje no Brazil. Nós aqui, desilludidos das cousas e dos homens pela aproximação, que lhes é sempre desfavoravel, temos um patriotismo da convenção banalissimo, que exhibimos nas occasiões solemnes, como exhibimos as commendas ou os escandalos, ou um pessimismo rabugento e não menos rethorico, que nos leva a dizer mal de tudo e de todos para nos darmos ares superiores de critico difficil. Em nenhum d'estes dois sentimentos ha verdade; é tudo pura convenção e pura rethorica, porque nem possuímos a forte ligação moral d'um grande pensamento nacional, como o possui a França pelas suas glorias e pela consciencia do seu papel no mundo moderno, como o possui a Alemanha pela sua unidade, a Italia pela sua regeneração, a Suissa pela sua liberdade, a America pela sua republica e a Inglaterra pela sua prosperidade, nem chegámos ainda á completa consciencia da nossa propria situação, que nos levaria a dizer mal de muitas das nossas cousas, não para fazermos estylo e cocegas aos nossos burguezes ociosos, mas para estudarmos ou provocarmos o estudo dos nossos males e procurar-

lhos os remedios. Nos nossos compatriotas residentes no Brasil ha a sinceridade e a vitalidade d'um forte patriotismo, com todas as suas dedicações, com todos os seus heroismos e com todos os seus enthusiasmos. E' esse o grande laço moral que prende e liga entre si longe da patria aquellas almas como os membros de uma só familia.

O livro do sr. Soares Romeu respira em cada uma das suas paginas este grande sentimento do amor de patria, o amor menos egoista que se conhece. Esta forte luz illumina todo o livro, e dá-lhe um singular encanto de ingenuidade e de espontaneidade. O livro é, além d'isso, util e instructivo. Pareceram-nos bem escriptos os capitulos ácerca de D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa, e de D. Francisco Alexandre Lobo.

—LITTERATURA OCCIDENTAL—REVISTA DE SCIENCIAS, LETTRAS E ARTES—1.^a serie—1.^o fasciculo.—O jornalismo litterario e scientifico está tendo em Coimbra um periodo de verdadeira efflorescencia.... tropical. Nada menos de cinco jornaes puramente scientificos ou scientificos e litterarios se publicam actualmente em Coimbra, não contando uma *Revista de Theologia*. O jornal que temos á vista—*Litteratura Occidental*—tem por director e principal redactor o nosso amigo e collaborador Sergio de Castro, uma boa intelligencia fecundada pelo estudo e pelo trabalho. Este numero traz escriptos dos srs. Sergio de Castro, Silva Ramos, Coelho de Carvalho, D. Guiomar Torresão, Nunes da Ponte, dr. Frederico Laranjo, Macedo Papança, Julio Cesar Machado, Gonçalves Crespo e Luciano Cordeiro. Os nomes sufficientemente conhecidos d'aquelles escriptores, dispensam-nos de mais commentarios e são prova bastante para se concluir da excellente collaboração d'aquelle jornal.

—LA TABLE DE BRONZE D'ALJUSTREL—*rapport adressé à monsieur le ministre de l'interieur, par Augusto Soromenho*.—Eis um pequeno livro que revela uma profunda erudição e um enorme trabalho de investigação scientifica. O relatorio do sr. Soromenho é uma verdadeira memoria d'um academico erudito e estudioso sobre um assumpto d'um alto interesse archeologico. E' um d'estes livros destinados a passar ignorados do publico portuguez, quando não seja chasqueado pelos risos idiotas dos nossos criticos ineditos, e a levantar lá fóra, no seio das sociedades sábias e entre os archeologos e antiquarios, largas e profundas discussões scientificas. Confessamos a nossa absoluta incompetencia para apreciar este trabalho em todo o seu valor, que deve ser grande pela importancia e pelo interesse que lhe deram homens como Hubner e Mommsen, mas julgamo-nos com a sufficiente comprehensão da importancia de tal estudo para o considerarmos como um dos titulos mais valiosos do sr. Augusto Soromenho á sua reputação de um dos primeiros archeologos da Peninsula, e uma das glorias do nosso professorado superior.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO

Abril

1877

NUMERO 9

A IMAGINAÇÃO CONSIDERADA COMO INSTRUMENTO DE SCIENCIA

Num artigo publicado no tomo V da *Revista de philosophia positiva* sobre o Ensino Integral, diz o sr. Paulo Robin, fallando da imaginação, o seguinte: «Reinará (a imaginação) sempre na poesia, na pintura, na sculptura, na musica; mas fóra d'ahi crêmos, sem grande mágoa, que o seu desenvolvimento perderá muito pela generalisação da educação positiva a que nós aspiramos; não ha duvida que algum dia ella teve a sua utilidade; pôde proporcionar aos desgraçados alguns momentos de agradaveis illusões, que lhes façam esquecer a realidade da sua triste condição; nas épocas de despotismo dá aos apóstolos do progresso as seductoras roupagens que não de envolver as idéas novas e fazel-as aceitar pouco a pouco, graças a esses atavios; será finalmente ainda útil ás intelligencias incultas das raças inferiores, para darem os primeiros passos na estrada da sciencia, etc., etc....»

Longe de nós o contestarmos á imaginação os serviços que ella presta á concepção e á elaboração artistica, á propaganda dos apóstolos do progresso nos torvos periodos de despotismo, que assombream por vezes a marcha da humanidade, e aos primeiros balbucios da infancia da sociedade na difficil acquisição dos primitivos rudimentos da sciencia. Queremos simplesmente, nas linhas que vamos escrever, mostrar que a esphera de acção da faculdade imaginativa é um pouco mais larga; e que, a nosso vêr, a escola positiva lhe não pôde negar, e antes lhe ha de reconhecer, um papel importante nos progressos da sciencia, como instrumento para valiosos descobrimentos.

A nova concepção positiva das faculdades cerebraes,—concepção presentida por Gall na sua famosa theoria da localisação,—estabelecendo como um facto de observação a relação intima existente entre o órgão cêrebral e o seu functionalismo, e exigindo como elemento indispensavel, para a formação das nossas idéas e das nossas sensações, os phenomenos do mundo externo (entendendo-se por «mundo externo» egualmente o organismo do individuo, origem de um determinado grupo de sensações, e como tal de idéas)

veiu assentar numa base solida—por isso que lhe deu por criterio a experiencia e a observação—a psychologia, que pouco a pouco se vae, por assim dizer, dissolvendo numa sciencia inteiramente nova—a physiologia cerebral.

Foi Augusto Comte o primeiro que, fazendo da psychologia, até ahi apanagio dos theologos e metaphysicos, um capitulo da vasta sciencia biologica, deu o ponto de vista que promette em breve systematisar uma sciencia que, ha bem pouco tempo ainda, era o escolho da escola experimental e o refugio inacessivel do metaphysicismo *à priori*. Com este ponto de vista, idéas absolutas, idéas necessarias, idéas innatas e toda a ôca phraseologia da escolastica, são apenas entes de razão que vão desapparecendo ante a sciencia positiva, velharias quando muito dignas de figurarem no quadro paleontologico—seja-nos relevada a analogia e a palavra — das criações da phantasia humana, ao lado dos *archetypos* de Platão, das *entelechias* de Aristoteles, das *hypostases* dos Alexandrinos e neoplatonicos, etc.

Hoje o mundo subjectivo só se comprehende como o producto de uma excitação exterior nos nossos órgãos sensorios, cujas vibrações ascendentes transmitidas pelos nervos ao cerebro, ali são elaboradas por um modo mysterioso, até se transformarem em sensações, sentimentos e idéas.

Pódem os metaphysicos ainda hoje sustentar a necessidade absoluta do que elles chamam—psychologia racional. A sciencia, pela physiologia e pela pathologia cerebral, apossou-se já do problema da formação das idéas e das sensações, e ante a evidencia dos factos que ella adduz, que podem ser corrigidos mas não negados, têm que calar-se todas as objecções de escola.

Nesta nova theoria psychico-physiologica das faculdades mentaes, o que é a imaginação? É a faculdade de elaboração «não immediatamente applicada ás impressões originadas por uma excitação externa nos nervos periphericos, mas trabalhando sobre as

diversas vibrações resultantes de excitações antecedentes (por uma propriedade das cellulas cerebraes, analogo á phosphorescencia de certas substancias, como o demonstrou o doutor Luys) complicadas com vibrações directas.

Assim, para usar da phraseologia vulgar, a concepção de uma obra d'arte, por exemplo, ou de um producto qualquer da phantasia, não é immediatamente produzida pela sensação de um objecto externo, mas sim pela combinação, pela selecção, por assim dizer, inconsciente de diversas impressões preexistentes fixadas pela memoria e evocadas pela remeniscencia, que depois se reúnem numa impressão unica e complexa. É este em duas palavras, e sem entrarmos em mais detalhes nem adduzirmos as demonstrações, que não tem cabimento neste artigo, o functionalismo da faculdade imaginativa.

Claro está que, conforme os elementos sobre que a imaginação trabalhar, assim os seus productos terão um valor mais ou menos objectivo e real.

Mas do que se não pôde prescindir é de comprovar a todo o momento *à posteriori*, as construcções de uma faculdade essencialmente subjectiva e tão subjectiva a perder-se nas extravagancias do devaneio. Neste ultimo caso estão todas as aberrações do espirito humano, desde o nihilismo da religião boudhica até ao mysticismo monacal da idade-média, desde os extravagantes systemas da metaphysica indiana, até ás abstrusas construcções da philosophia allemã da primeira metade d'este seculo.

Taes hypotheses, longe de alargarem a área dos nossos conhecimentos, têm siolo o maior dos embaraços para a constituição da verdadeira sciencia, principalmente pela pretensão dogmatica, que as caracteriza, de encerrarem toda a verdade e de se imporem aos factos, deturpando-os, quando esses factos as contradizem.

O valor, porém, das hypotheses positivas, assim chamadas pela sua constante dependencia dos factos, é bem differente, e é nellas que se manifesta o que pôde a imaginação como instrumento de sciencia, quando applicada com descripção.

Apoiando-se constantemente no exame dos phenomenos esclarecidos pela experiencia, pela observação e pela comparação, convém essas hypotheses á sciencia e prestam-lhe verdadeiros serviços, como explicações provisórias de um grupo de phenomenos, aos quaes dão por este modo unidade.

A systematisação de phenomenos da mesma ordem por meio da hypothese pôde dar e tem dado com effeito pontos de vista inteiramente novos, relações até ahí desconhecidas, ás quaes a sciencia deve grandes progressos.

Quando um facto qualquer vem infirmar a hypothese, ainda que esta tenha por garantia a auctoridade de um grande nome, e por titulos de gratidão emi-

nentes serviços prestados, se por acaso a conciliação se torna impossivel e a antinomia é de todo o ponto irreductivel, põe-se essa hypothese de parte e procura-se outra, que explique todos os phenomenos anteriormente conhecidos e mais esse, que ultimamente se apresentou. E assim de hypotheses em hypotheses, cada vez mais provaveis, por isso que cada vez abrangem um maior numero de phenomenos, se pôde chegar a uma theoria verdadeiramente scientifica, com todos os requisitos para ser acceite definitivamente.

Foi o que aconteceu com a theoria das emissões applicada á luz. Durante um certo tempo explicou satisfatoriamente todos os phenomenos conhecidos da optica. Vieram, porém, os phenomenos da difração e da polarisação para os quaes ella não tinha uma explicação cabal, e a hypothese pôz-se de lado, não obstante o grande nome de Newton, e lançou-se mão da hypothese das ondulações. Com esta segunda Fresnel chegou a dar uma explicação completa de todos os phenomenos da optica moderna; mas se por acaso um só algum dia a contradisser, forçoso será procurar noutra concepção synthetica a explicação desejada.

Eis a vantagem e a superioridade das hypotheses positivas.

E o que dizemos da das ondulações na optica, dizemos da dos atomos na chimica, da de um fluido electrico na electrologia, da das acções lentas em geologia, da do systema do mundo em mechanica celeste, da da selecção natural em biologia, etc., etc.

D'esta fôrma, pois, a imaginação, bem guiada e corrigida pela demonstração *à posteriori*, é um poderoso instrumento de sciencia.

Se não fôra esta faculdade, ser-nos-ia vedado o emprego de um poderoso meio de investigação, e nós acabamos de vêr o que elle importa para a sciencia.

Percorrendo a historia de todos os progressos scientificos, havemos de encontrar qual é a utilidade que das hypotheses tira o espirito humano na difficil tarefa da systematisação hierarchica dos nossos conhecimentos.

Grande numero de descobertas, e das de maior alcance, fôram precedidas de tentativas de explicação provisoria, que em grande numero de casos se reconheceu satisfazerem a todos os requisitos de uma explicação scientifica, ou pelo menos para ella prepararam o terreno.

E por ultimo, no emprego da faculdade imaginativa, podemos nós mais uma vez verificar a passagem do nosso estado mental da metaphysica para o regimen positivo. O estado metaphysico da imaginação corresponde a todos os devaneios do espirito humano em busca de uma supposta causa e de uma supposta finalidade da creação e da humanidade. Pelo contrario a discreta applicação d'este precioso recurso, dentro dos limites prescriptos pelo methodo objectivo, caracteriza a sua phase positiva ou disciplinada.

Empreguemol-o, pois, a bem da sciencia, constantemente aquilutado pela mais rigorosa observação, sem

cair no vicio do *à priori*, nem tão pouco dar um crédito absoluto ás suas explicações.

Z. CONSIGLIERI PEDROSO.

HOJE E AMANHÃ

PREVISÕES E PREVENÇÕES SOBRE A QUESTÃO SOCIAL

Lançando a vista sobre o estado geral e politico da Europa no seculo XIX, seguindo as mutações de scena que nelle se têm dado, vemos que a humanidade luta e se revolve nas incertezas do desejo e nos transes da impotencia.

A sociedade antiga cahiu exausta e mal ferida em 1789. Não a decepou o cutelo triangular da guilhotina franceza, derrubou-a a lei immutavel e providencial, que, para abrir caminho aos que vem, abate os que estacionam. Lei que fertilisa a terra com a abundante folhagem do arvoredado, para fazer germinar a planta rasteira que ha de produzir o grão e alimentar os homens.

A sociedade velha cahiu porque estacionou. E a lei da natureza é proseguir, a lei providencial é caminhar.

A individualidade tende a desaparecer das sociedades. O homem é muito pouco, a sociedade é tudo. Ao bem geral, ao aperfeiçoamento do todo, á edificação do templo do futuro, necessariamente se sacrificam os idolos do passado. A revolução franceza, que fez baquear a sociedade antiga, lançou os alicerces da futura. Fez muito. Fez um esforço titanico, e por isso insustentavel. Cahiu; mas por sobre os antigos privilegios de classe tinha passado uma esponja embebida no sangue ainda tepido da primeira nobreza da França. Ficou uma nodoa livida na historia, mas sob ella desapareceu o cunho de muita servidão ignominiosa, de muita infamia consagrada pelas leis e pelos costumes.

É triste o marco que nos separa do seculo passado; mas é um marco, e nós caminhamos.

Ao esforço supremo seguiu-se o espasmo lethargico. A revolução cançou. Estava ebria; ebria de sangue, ebria de luz, ebria de gloria.

A sociedade velha ergueu-se tropega e vacillante; ergueu-se e quiz viver. Mas todos a viram então. Todos a viram tal qual era, porque a revolução tinha feito a luz e ella não pôde apagal-a nem supportal-a.

É esse enorme facho, que ainda hoje nos allumia, faz empallidecer as lentejoulas das antigas monarchias, faz desbotar as purpuras das realezas de outras eras.

De então para cá, defrontando-se sempre hostis e sempre em luta, vêem-se de um lado os representantes do passado tentando avassalar, de outro os apóstolos do futuro procurando convencer. O passado, tronco despido que apenas se alimenta pelas raizes;

o futuro, vergonhea mimosa que bebe a vida pelas suas frondes.

A luta alimenta a vida, desenvolve os membros e cria as forças patenteando-as; mas a luta prolongada cança, os esforços infructiferos empobrecem e desanimam.

O passado, ferindo os ultimos combates, conscio de que são definitivos, luta com desespero, com affinco, com denodo.

Não escolhe armas, enfeixa-as; e com todas bate, com todas mina, com todas fere. Emprega a força, a astucia, a sedução, a veniaga. É principalmente mineiro. A luz repugna-lhe e a publicidade prejudica-o. Queima, arrasa, despedaça um povo, dilacera uma nação, e quando afinal é repellido, quando o obrigam a abandonar o theatro dos seus vandalismos, apenas na apparencia o abandona. Fica nos confissionarios, propagando a desordem; fica na familia para destruil-a, dividindo-a; fica no pulpito para semear terrores e para amedrontar os tímidos e os ignorantes; fica principalmente no collegio para se apoderar da criança, penhor do futuro. Fica para desvirtuar, para inutilisar, para entorpecer e para destruir os germens do bem e as aspirações para a verdade.

É no confissionario, na familia, no collegio e na escola inocula o veneno subtil da reacção, semeia a ignorancia, condensa as trevas.

É os liberaes, os representantes da idéa nova, deixam-n'ó minar; deixam-n'ó propagar, semear e colher; deixam-n'ó que intimide o povo, que desvirtue a criança e limitam todo o seu esforço a offerecer-lhe combate em campo aberto. Combate da imprensa, que elle não acceita, repto leal a que rarissimas vezes responde.

É no entanto o clericalismo campeia e a sua obra de toupeira caminha sempre.

A causa do futuro não morre, pela simples razão de que não póde morrer. Não pára tambem, porque é da essencia do espirito humano progredir. Mas trepida, hesita, atraza-se e quasi que por vezes se eclipsa. E a humanidade soffre, porque a ignorancia adoenta-a e atrophia-a.

Não deve prolongar-se este estado actual de cousas. É violento e é incommodo.

Mas podemos contar como victoria a primeira mutação que venha a operar-se? Triunphará ainda o passado? Batido em Hespanha, derrotado na Italia, malgrado em França, ferido na Allemanha, terá Deus por ventura marcada a sua queda definitiva? Conven-

cido da sua impotencia, aceitará a morte pela consciencia de que perdeu o direito á vida? Não; não morrerá ainda. Repellido em Hespanha, nas guerrilhas de D. Carlos, acoita-se nas antecamaras de D. Affonso. Não fugiu com as hostes mal trapidas, que foram longe esconder a sua derrota e a sua vergonha; ficou nas aldeias mesquinhas, onde a civilização não chega. Ficou nas praças publicas, onde a população, embrutecida acintemente, se extasia com a morte d'el

tôro. Ficou nos conventos e nas sachristias, ficou nos paços dos reis e nas cabanas dos pastores.

Aos reis, que são seus filhos, diz-lhes que a sua causa é commum; aos pobres, que embruteceu, diz-lhes que, como elles, mendiga; que, como elles, é repellido; que, como elles é desherdado. Insinua-se, trabalha, mina, avilta-se, mas conserva-se.

(Continúa).

JULIA FERREIRA.

O MONTE DAS OLIVEIRAS

I

RECOLHIMENTO

O clarão do crepusculo fenece,
Desmaiando entre as brumas transparentes,
E as arvores suspiram como crentes
Absortos nos murmurios d'uma prece.

Hora triste em que a alma desfallece!...
Jesus envolto em linhos rescendentes,
Tão puros como as almas innocentes,
No sombrio olival desaparece.

Prostrado como um anjo luminoso
Do Getzmani no arido rochedo,
Olhando o ceu, tremendo e receioso,

Como quem confia um intimo segredo:
— «*Meu pae*, disse Jesus, *oh! Deus piedoso...*
E o vento suspirava no arvoredado.

II

PRECE

— «*Meu pae*, disse Jesus, a nupcia sagrada,
O casto beijo teu na face da materia
As almas inundou da branca luz etherea,
E a carne transformou na ostia immaculada.

O grito da pobreza em noite regelada
Ergueu-se a soluçar pela amplidão aerea,
E, nas benções de amor, choveu sobre a miseria
O grande mar de luz dos ceus da madrugada.

O ceu é o pavilhão da paz e da concordia,
Que solta a mão de Deus, mas a descrença morde-a,
Como a panthera morde o ferro d'uma lança.

Senhor, se vão findar meus transes dolorosos,
Meu corpo transformae nos anjos gloriosos,
Tres virgens immortaes— a Fé, o Amor, a Esp'rança.»

III

RESIGNAÇÃO

— «Proteja a vossa mão a triste sorte
Dos lyrios solitarios da orphandade,
E aponta á humanidade a luz do norte,
Barca perdida pela immensidade.

Meu coração é triste até á morte!
Senhor! Senhor! Que negra anciedade!...
Meu Deus!... Se a carne é fragil, a alma é fortel...
Contra a minha cumpri vossa vontade!

Do calix beberei o fel amargo...»
E caiu sobre a terra, onde choviam
As lagrimas do ceu profundo e largo,

As arvores e o espirito cediam
N'aquella noite ao glacial da tarde!...
Christo ergueu-se... os discipulos dormiam.

IV

TRAIÇÃO

Silencio sepulchral!... Nem um astro despona
Na abobada celeste annuviada e fria,
O espirito bradava, immerso na agonía;
A carne é o Caim que a mão d'Abel aponta.

A aurora vai raiar, mas inda a treva affronta;
Assim o labotar da duvida sombria
É como o vacillar por entre a noite e o dia.
O corpo recuava, a alma estava prompta.

Escuta-se um ruido e Judas apparece;
E ao beijo que elle deu Jesus empallidece,
Como se fóra dado em limpidos crystaes!

Tinham um rythmo triste as arvores chorosas,
E aos lividos clarões das tochas resinosas
Olhavam-se sorrindo os guardas imperiaes.

COELHO DE CARVALHO.

A LENDA DA CREAÇÃO NA INDIA¹

A India é a origem de todas as civilizações actuaes, o centro d'onde irradiaram as primeiras imigrações que se espalharam por sobre a terra.

Se fôsse licito duvidar d'esta verdade, tínhamos ahí abundantes provas para a confirmar.

Para os que ainda acreditam na originalidade dos livros de Moysés, escrevemos nós alguns trechos modelados na tradição, que ainda hoje se conserva na bocca do povo e nos livros fundamentaes da velha religião da India.

Será Luiz Jacolliot que nos virá contar a lenda da criação do homem, tal como elle a ouviu repetidas vezes e a leu nas fontes genuinas dos livros sagrados da India.

Lá, e principalmente em toda a extrema oriental e na ilha de Ceylão, onde mais puras se conservam as velhissimas tradições, desde o indio de baixa classe até ao brahmane, sacerdote respeitavel, todos sabem de cór a lenda que os livros conservam escripta. No Bagaveda-Gita, Christna, o messias indio, conta-a ao seu discipulo e fiel collaborador Ardjuna, e proxima-mente pelos mesmos termos que os livros sagrados.

A terra estava coberta de flores, as arvores vergavam com o pêso dos fructos, milhares de animaes passavam vida deliciosa nas planicies e nos ares, os elephantes brancos passeavam alegres á sômbra de florestas gigantes, quando Brahmá entendeu que era chegado o momento de crear o homem, a quem estava destinada esta feliz habitação.

Tirou da grande alma, da pura essencia, um germen de vida com que animou dois corpos, a que deu sexos diversos, a fim de que podessem reproduzir-se, como as plantas e os animaes; deu-lhes a consciencia e a palavra, o que os tornou superiores a tudo o que tinha já sido creado, mas inferiores aos Devas e a Deus.

Deu ao homem a força, a magestade das fórmas, e pôz-lhe o nome de Adima, que na lingua classica da India significa—*primeiro homem*.

A mulher recebeu a graça, a doçura e a belleza, e pôz-lhe o nome de Eva, que significa—*complemento da vida*.

Receberam em dote a antiga Taprobana, a ilha de Ceylão, logar de delicias pelo seu clima, pelos seus exquisites productos e esplendida vegetação. E' o paraíso terreal, berço da humanidade.

Conservam-se ainda inalteradas as palavras com que o Deus Brahmá instruiu os recém-creados nas suas divinas prescrições: «Ide, lhes disse elle, uni-vos e produzi seres, que serão a vossa viva imagem sobre a terra, muitos seculos depois de terdes «voltado a mim. Eu, senhor de tudo o que existe, creei-vos para me adorardes durante toda a vossa vida, e «os que me acreditarem partilharão da felicidade in-

«finda que me cêrca, depois de findarem todas as «cousas creadas.

«Ensinae estas doutrinas a vossos filhos; que elles «me não esqueçam, e eu estarei com elles sempre «que invocarem o meu nome.»

Em seguida prohibiu a Adima que se afastasse de Ceylão, nos seguintes termos: «A vossa missão deve limitar-se a povôar esta ilha magnifica, onde se acha por mim reunido tudo o que vos pôde ser agradavel. O resto do globo está ainda por habitar; se mais tarde o numero de vossos filhos crescer de fórma que esta ilha seja pequena para elles, que me façam as suas supplicas acompanhadas de sacrificios, e eu lhes direi a minha vontade.»

Dito isto, desapareceu.

Então Adima, voltando-se para a sua companheira, contemplou a sua formosura!....

O coração palpitou pela vez primeira impressionado por tamanha belleza....

Eva conserva-se de pé diante d'elle, sorridente de virginal candura, palpitante de desconhecidos desejos; seus fartos cabellos desenrolavam-se cobrindo-lhe as delicadas fórmas, enlaçando em espiraes caprichosas o rosto cheio de pudor, e os seios nus, que a emoção pela vez primeira agitava.

Adima aproximou-se tremendo. Ao longe o sol no poente ia desaparecer no oceano; as flores dos bananeiros erguiam-se para aspirar o orvalho da tarde; milhares de formosissimas aves de pennas multicores entoavam doces murmurios nos ramos dos tamarindos e das palmeiras; os luciolos phosphorescentes voltijavam nos ares, e todo este concerto da natureza ascendia até Brahmá, que se revia na propria obra na sua celeste mansão.

Adima passando temeroso a mão nos cabellos perfumados da sua companheira, pareceu-lhe que um doce calefrio percorria os membros de Eva, e lhe passava para os seus.... Tomou-a então nos braços e deu-lhe o primeiro beijo. As brandas brisas transmittindo aquelle beijo, levavam dois nomes que os labios pronunciaram ao dal-o. Eva, embebida na mais suave languidez, deixou-se cair desfallecida nos braços do companheiro....

«A noite tinha descido, as aves eram já mudas, «e o Senhor sentia-se alegre porque o amor tinha «nascido, e a união dos sexos estava realisada, como «consequencia d'esse amor.»

Assim o tinha querido Brahmá, para ensinar ás creaturas que a união do homem e da mulher sem amor não passa de uma monstruosidade contraria á natureza e á sua lei.

Adima e Eva viveram por algum tempo numa completa felicidade. Nada havia que estorvasse a sua vida de amor.

As arvores offertavam-lhe os fructos mais deliciosos, bastando estender a mão para os colher. O sólo que pisavam dava-lhes o arroz mais fino e mais

¹ Devemos o presente artigo á benevolencia do nosso amigo e intelligente collaborador dr. Zeferino Candido, que anda trazendo a obra de Luiz Jacolliot—*A Biblia na India*.

bello. A agoa corria em limpidos monanciaes; e os canticos divinos da natureza lá estava em continuo concerto a seus ouvidos.

Um dia, porém, uma vaga inquietação começa a dominal-os. Invejoso pela felicidade do par, e pela sublime obra de Brahmá, o principe dos Rakchasas, o espirito do mal, começa por segredar aos esposos desejos desconhecidos. «Passeiêmos a ilha, diz Adão á sua companheira, e vejamos se ha logar mais bello ainda. Eva seguiu seu esposo. Caminharam dias e mezes, descansando ao pé das fontes, á sombra das arvores gigantes que lhes escondiam a luz do sol... Mas, ao passo que avançavam, Eva sentia-se invadida por inexplicavel terror. Adima, dizia ella, paremos; para que ir mais longe?... parece-me que desobedecemos ao Senhor. Não vamos nós já longe do logar que elle nos concedeu por morada?»

Não temas, responde-lhe Adima; não vês que a terra que pisamos é ainda formosa, que nada se parece aqui com os logares inhabitaveis de que elle nos fallou?

E continuavam caminhando....

Pararam emfim no extremo da ilha. Defronte d'elles viram um braço de mar estreito, e do outro lado uma extensa terra que parecia infinita. Um estreito caminho formado por alcantilados rochedos unia as duas terras.

Da praia viam-se ao longe enorremissimas arvores, cujos cimos eram povoados por aves de mil côres.

«Que formosas paragens, diz Adima, e que deliciosas fructas se devem produzir ali! Vamos vêr de perto aquellas bellezas, e se forem preferiveis a estas, collocaremos lá a nossa tenda.»

Eva, tremendo, supplica Adima de não fazer coisa que podesse irritar as iras do Senhor.—Não estamos nós bem neste logar? Temos aqui agua pura, fructos deliciosos, para que ir procurar outra coisa?

—Socega, nós voltaremos, lhe replica Adima. Que mal nos poderá vir d'uma simples visita a um sitio proximo e desconhecido? E dizendo isto, aproximou-se dos rochedos, seguido por Eva cheia de susto.

Pegando na companheira ao côlo, começou a atravessar a ponte dos rochedos.

Apenas chegados ao lado opposto, um inaudito estampido se faz ouvir; arvores, flores, fructos, aves, tudo que os tinha encantado de longe desaparece subitamente; os rochedos, que lhes tinham servido de ponte, submergiram-se nas aguas, ficando apenas algumas pontas aguçadas á superficie do mar, como indicadores da antiga passagem, que a colera divina acabava de desfazer.»

Entre a ponta oriental da India e a ilha de Ceylão, existem no Oceano indico os rochedos que conservam o nome de Palam-Adima, ou ponte de Adão.

Quem se dirige por mar para a China e para a India, tendo transposto as Maldivas, avista um morro azulado dominando as paragens indianas e parecendo

tocar o ceu. É do pé d'esta montanha que, segundo a tradição dos naturaes, Adima começou a sua desastrosa passagem. Esta montanha conserva o nome de pico de Adão desde tempos immemoriaes, e a sciencia aceitou o nome.

Assustado por tamanha desgraça, lança-se Adima por terra, proclamando entre copiosos prantos a sua desdita, quando Eva se lhe lança nos braços, dizendo-lhe:

—Consola-te; oremos ao Deus Supremo pedindo-lhe perdão das nossas faltas.

Subitamente uma vós saindo das nuvens, pronuncia estas palavras:

«Mulher, tu apenas peccastes por acompanhares teu marido, que eu te recommendei que amasses, e todavia confiaste em mim.

«Eu te perdoo, e a elle tambem por tua intervenção! Mas não voltareis mais para o jardim de delicias que vos tinha dado.

«Por causa da vossa desobediencia o espirito do mal acaba de invadir a terra.—Vossos filhos, obrigados a soffrer e trabalhar o sólo por vossas culpas, tornar-se-hão perversos e ingratos para comigo. Mas eu enviarei Vischnú, que incarnará no seio d'uma mulher e levará a todos a esperanza d'uma recompensa futura e o remedio para alcançar a cura dos seus males.»

Levantaram-se os dois, consolados pela vós divina; mas naquelle momento começou para elles uma vida de duro trabalho, para alcançar da terra os alimentos que ella se recusava a produzir espontaneamente.

Lenda transmittida de paes a filhos em milhares de gerações, historia gravada nos livros authenticos de data tão remota, que de balde se lhe procura o nascimento, verdade explicativa da nossa insondavel origem, ou ficção architectada pelo desejo insano do saber, a genese india ahi fica resumida, e qualquer poderá facilmente aquilatar-lhe o valor, comparando-a com a narração de Moysés.

Qualquer poderá ver que o auctor do pentateuco foi um copista na comprehensão fundamental, desvirtuando os mais sublimes pensamentos que encontrou na fonte.

A promessa do Redemptor, filho de Deus, incarnado numa mulher, o perdão concedido a Adima por intermedio de Eva, que abrandára as iras de Brahmá na sua obediencia conjugal, é d'uma grandeza logica que encanta.

O mundo de Moysés, como o mundo de hoje, tinha ali bem que aprender. E é esta sublime idéa do peccado de Adima, resgatado pela subjeição amorosa da mulher, que Moysés esquece, substituindo-lhe o peccado de Eva. A situação moral do mundo na época em que o sabio hebreu publicou as suas idéas dá facil explicação de tão absurda transformação.

A. ZEFERINO.

O SEGREDO MEDICO

Novella por—ROBERT HALT

(TRADUÇÃO DE ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

(Continuação)

Neste momento sentiu-se tocar a campainha da porta, e logo uma segunda vez.

—É o sr. Humbert, disse Paulo levantando-se; é talvez elle e ella. Ah! deixe-me vê-la uma ultima vez.

—Ella? que quer o meu amigo que ella venha fazer aqui? Assistir a algum ataque da sua doença?

Estas ultimas palavras fizeram estacar Paulo, que se achava já á porta.

Voltou para traz, deu alguns passos rapidos no gabinete, depois parando como quem acabasse de tomar uma resolução, disse:

—Será o ceu que me dictará o meu procedimento; vou consultar os espiritos!

E ajoelhou com os olhos postos no tecto.

—Isso não é o ceu, é o estuque, disse o doutor. Os espiritos dão-se muito mal nos gabinetes dos medicos. Não delapide aqui as suas orações. Seja razoavel e não abandone a sua boa resolução de ha pouco.

—Atfirmo que ha um ceu! exclamou Paulo com um braço erguido no ar. Ah! desgraçado homem, por que não tem fé?

—Porque a fé é uma imprudencia: não é sensato affirmar-se aquillo de que se não tem a certeza. Levante-se.

Mas Paulo ficou ajoelhado ainda dois minutos, findos os quaes se levantou para exclamar:

—Onde tinha eu a cabeça? Para que me hei de desesperar? Não perdi Helena. Eis o que dizem os espiritos: se estás doente este medico te curará.

—Hei de tratar de si.

—Quanto tempo durará a cura?

—Não sei.

—Como! exclamou Paulo com vivacidade e desconfiança; ignora isso e sabe que estou doente? Que sciencia e que ignorancia é essa? Onde estou eu pois! Este homem assegura que sabe de mim cousas que eu fiz á luz do dia, e das quaes não tenho o minimo sentimento; sabe tudo o que me póde condemnar, ignora tudo o que me póde salvar!...

Oh! Oh! senhor! Sim, talvez haja sonhos e mesmo pesadelos no meio de tudo isto. Mas quem sonha? Eu ou o doutor? Ha aqui dois cerebros... qual é o são, qual é o doente? Qual é o que deve condemnar o outro? Se eu digo que é o meu, quem julgará? O doutor ou os seus amigos? Por ventura um homem só não tem ás vezes razão contra cem mil? Queira pois fixar-me os caracteres indiscutíveis da verdade. Pois que! um dia o acaso conduz-me a sua casa; v. ex.^a convida-me a voltar aqui, faz-me fallar e eu conto-lhe toda a minha vida. Apresenta-se depois uma pessoa estranha, pede-lhe uma sentença de morte contra mim e o doutor dá-lh'a! Corro aqui para protestar,

e o doutor responde-me que é preciso que eu morra?!..

Paulo, no tom imperativo e aspero de um juiz, levantou um braço no ar e continuou:

—O doutor tinha um amigo e vendeu-o; estava ligado por um dever e violou-o!... É um infame, exclamou Paulo exaltando-o! Ah! Ah! Como é que num negocio tão claro me faltou o bom senso para lhe consentir sequer que abrisse a bocca? Aqui ha manifestamente uma conspiração contra mim! Ouse agora negar que não é o chefe dos meus perseguidores?... Não lhe permitto que me interrompa! Não tem nada que allegar, mas muito que fazer; apello para o que lhe possa ter restado de consciencia!... Não quer tornar a receber o sr. Humbert?... seja; mas vae com toda a certeza escrever-lhe e declarar-lhe que ha dois Paulos Didier, um doente e outro que sou eu. Aqui tem uma penna — e apresentava-lhe a penna. —Vamos, senhor, vamos, eu estou doente, se isso lhe apraz; e v. ex.^a é um medico. O segredo de profissão, illustre doutor! O segredo. A lei ordena-lh'o. O segredo... é preciso guardar o segredo. Pegue na penna! O segredo!

Paulo gritava com toda a energia dos seus pulmões.

—Tome cuidado, observou o doutor, olhe o accesso!

—O accesso... O accesso! Pois bem, appareça o accesso, que o quero vêr.

Paulo estacou a perna direita para a frente, cruzou os braços, como quem desafia um inimigo, e continuou dando á voz não sei que vibrações metalicas d'um clarim:

—Vamos, avance o accesso! Avante, senhor accesso!... Esperamol-o... appareça, se quer que o reconheçam, aliás é mythol... O accesso apparecerá?... não apparece, ah! ah! ah!—e desatou a rir convulsivamente.

O doutor foi entreabrir a porta do gabinete para se certificar de que o creado estava no seu posto.

—Muito bem, continuou Paulo ainda a rir, mas já mais naturalmente, o accesso não appareceu.

Está julgado, doutor.

Ouse agora repetir-me que sou doente ou que já o fui. Veja como sae d'isto. Tem de confessar que sendo alienista vê nevroses por toda a parte, ou que o doutor é que é epileptico. Escolha, ou epileptico ou infame e meu perseguidor; não ha meio termo. Decida.

—Bem, disse o doutor, vá-se embora; tenho estado a perder o meu tempo e eu tenho muito mais que fazer do que atural-o... Adeus.

E abriu a porta.

(Continúa).

PUBLICAÇÕES

REALISTAS E ROMANTICOS

ESTUDO LITTERARIO A PROPOSITO DA—COMEDIA DO CAMPO, SCENAS DO MINHO, volume 2.º—AMOR DIVINO, (*Estudo pathologico d'uma santa*) por Bento Moreno.

Na renovação intellectual que se está operando entre nós, e cujos symptomas são já sufficientemente numerosos e claros, para que os espiritos despreocupados deixem de lhes dar fóros de cidade, a litteratura é uma das fórmulas do pensar colectivo onde essa renovação mais accentuada se manifesta. E não podia deixar de ser assim sendo a litteratura, como é, o traço de ligação natural entre a alta especulação scientifica e o sentimentalismo artistico; o cadinho mysterioso em que a sciencia se transfórma em arte e a arte se converte em sciencia; uma especie de média arithmetica entre a alta cultura intellectual e as aspirações instinctivas e inconscientes, para o bello e para a verdade, da grande maioria dos espiritos. Essa média é variavel, porque são variaveis os dois termos de que ella se forma.

A grande cultura intellectual, um d'esses termos, cresce, porém, pelos progressos da civilisação, numa proporção superior ao desenvolvimento do sentimento popular, que é quasi constante em quantidade e varia apenas em qualidade, e perdoe-se nos esta termonologia um pouco de escola, que no entanto tem a vantagem de exprimir com rigor o que pretendemos significar.

D'essa variabilidade nascem as diversas escolas litterarias, cujo apparecimento no seio das civilisações é o symptoma menos fallivel para a avaliação do valor moral e intellectual dos povos em que ellas se manifestam.

As escolas em litteratura são por isso uma designação abstracta, que indicam o agrupamento d'um certo numero de caracteres intrinsecos e extrinsecos que os productos litterarios revestem numa dada época, caracteres que se fixam e apresentam com mais ou menos relevo e intensidade, conforme o movimento intellectual foi mais ou menos rapido e vigoroso no espaço, que mediou entre a affirmação e fixação de duas épocas litterarias consecutivas.

Nas escolas litterarias não ha pois uma relação de antagonismo, mas uma relação de filiação; não ha reacção, ha evolução. O romantismo deriva tão naturalmente do classissismo, como d'aquelle deriva o realismo.

Todo o producto litterario caracteristico é uma affirmação de convicções, a manifestação d'um methodo. Essas convicções podem ser mais ou menos claras e explicitas, mas formam sempre o fundo d'essa obra, dão-lhe o ponto de vista, a intenção moral e até o processo artistico.

Numa accepção mais restricta é a philosophia, dominante de facto, ao tempo da producção da obra litteraria, que lhe dá a sua caracteristica de escola.

Á philosophia theologica, arguciosa e auctoritaria, corresponde o classissismo, com o fanatismo da fórmula, com a idolatria intransigente pelos antigos modelos, especie de paraíso da arte posto como meta inacessivel a todos os talentos, como a logica de Aristoteles, nos domínios da philosophia, a todas as intelligencias.

Ao neo-platonismo e ao espiritualismo, individualista, indisciplinado, devaneador e incoercivel, corresponde o romantismo deista, livre pensador, catholico-liberal, ethereo, meditativo e nostalgico. Ao realismo, impessoal, critico, despreocupado e frio corresponde o positivismo scientifico, com todo o seu rigor de methodo, com toda a sua indiferença religiosa, com a sua profunda comprehensão do dever e do direito. Toda a obra litteraria é por isso a manifestação artistica de uma philosophia, ás vezes apenas presentida nas suas affirmações geraes pelo auctor, mas em todo o caso revelada na intenção moral da obra, nos seus methodos de observação, nos seus processos de analyse, no caracter das suas syntheses e até na propria fórmula litteraria.

Entre a escola romantica e a escola realista, apenas iniciada entre nós, ha por isso a mesma differença fundamental de methodos que existe entre a metaphysica e a philosophia positiva. A metaphysica, como o romantismo, partem do conhecimento das causas para a explicação dos effeitos, e tomam a analyse psicologica, independente de todos os conhecimentos positivos das funcções do cerebro, pelo mais alto e quasi exclusivo assumpto da philosophia. A philosophia positiva, como o realismo, partindo da relatividade de todos os nossos conhecimentos e da incapacidade genial da intelligencia humana para a comprehensão de todas as idéas de origem e de essencia, estuda os phenomenos, busca-lhes as leis e as condições da sua producção. O romantismo é deductivo, o realismo é inductivo.

Em todas as grandes obras caracteristicas da escola romantica o auctor é o protogonista da obra, quer esta se desenvolva na fórmula de poema, quer de drama, quer de romance. Os heroes fallam pela sua bocca, tem os seus gestos, os seus preconceitos, o seu entusiasmo, a sua indiferença, as suas convicções e o seu estylo. O romance sobretudo, que pela amplitude da sua fórmula se presta a todas as analyses as mais minuciosas, é menos uma obra d'arte do que uma psicologia do proprio auctor.

D'ahi aquelle velho apherismo de Buffon de que o estylo é o homem, verdadeiro principalmente para a escola romantica.

São inteiramente diversos e mesmo oppostos os principios do realismo.

(Continúa).

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO



Maio

1877

NUMERO 10

LITTERATURA DOS CONTOS POPULARES PORTUGUEZES

Nos trabalhos tão completos de Benfey, Lieberich, de Ancona e Gubernatis sobre os Contos tradicionaes, os paradigmas da tradição portugueza são totalmente desaproveitados por se desconhecer a sua existencia. Vamos apresentar uma rapida informação sobre esses thesouros da imaginação popular, sobretudo na parte em que elles penetraram na litteratura portugueza, aliás tão separada pela sua pretensão erudita das verdadeiras fontes naturaes da inspiração. Este breve estudo servirá como de introdução a uma série de Contos que temos colligido das ilhas dos Açores, nas provincias da Extremadura e do Minho, e que publicaremos mais tarde.

O Conto mais antigo, que se acha escripto na lingua portugueza, está inserido no Nobiliario do Conde D. Pedro, do seculo xiv; a allusão ao cavallo-fada *Pardallo* (o *pardalus*, de Aristoteles) e ao *coouro* (o *gouril*, bretão) provam-nos uma origem erudita, que determinaremos abaixo, tornada tradicional nas lendas genealogicas. No Conto, hoje conhecido pelo titulo da *Dama pé de Cabra*, se lê: «E alguns ha em Biscaia, que disseram e dizem hoje em dia, que esta sua mãe de Enheguez Guerra, que este é o *coouro* de Biscaia.» E tambem: «E mais dizem hoje em dia hi, que jaz com algumas mulheres hi nas aldeias ainda que não queiram, e vem a ellas em figura de escudeiro, e todas aquellas com quem jaz tornam *escoouradas*.» Nas Costas de Finisterra acredita-se na existencia de uns diabos malignos, que dançam ao luar, chamados *courils*, que M. de Cambraye descreve na sua *Voyage dans le Finistierre* (1791). Leroux de Lincy traz tambem as fórmãs de *Gourils*, *Gories* e *Crious* (1). No velho francez *carole* significa a dansa em redor; tanto no inglez *carol*, como no italiano *carola* e tambem no portuguez, este vocabulo exprime um vestigio de um costume celtico. Na comedia *Aulegraphia*, de Jorge Ferreira de Vasconcellos, escripta

antes de 1554, vem esta locução popular: «soltam a *carola* á esperanza.» (Act. IV, sc. 5).

No mesmo Nobiliario se encontra rapidamente narrado o conto do *Rei Lear* (*Leyr*), o que prova que a corrente celtica se estendeu a Portugal, onde o *Roman de Brut* teve auctoridade historica (1). A influencia franceza é manifesta em muitos romances populares, e mesmo n'este Nobiliario existe outro conto de um fidalgo que mata a mulher adúltera e o frade que estava com ella, incendiando o seu castello e tudo o que estava lá dentro; o mesmo se encontra na *Cem Novellas novas*. No seculo xvi eram os contos francezes conhecidos na sociedade hespanhola pelo nome de *Francias*, o que vem corroborar os factos indicados. Os contos que receberam elaboração litteraria devem essa conservação inconsciente não ao ter-se comprehendido o seu valor nem a uma renovação artistica individual, mas ao andarem ligadas ás lendas genealogicas das familias nobres de Portugal; tal é o conto da Serêa ou *Marinha*, d'onde tira sua origem o solar dos Marinhos, e o conto de *Gaia*, das tradições arabes, que vem no já citado Nobiliario, e se conserva ainda no onomastico local do Porto, em *Gaia* e *Miragaia*. D'estes contos existem algumas imitações litterarias de diferentes épocas da litteratura portugueza; o *Rei Lear* é a base de um Auto de Antonio Prestes; *Gaia* foi metrificada em outava rima no seculo xvii por João Vaz, de Evora, e a *Dama pé de Cabra* foi elaborada de novo por Alexandre Herculano nas suas *Lendas e Narrativas*. Garrett tambem metrificou o conto de *Gaia* em uma série de quadras em redondilha, que intitolou *Miragaia*. São estes os unicos vestigios dos contos populares no seculo xiv.

É tambem um documento da existencia dos contos populares a designação com que entre nós foram conhecidos; as *Fabulas jogralescas*, os *Rumores*, os *Noellaires* provençaes e *Lais* bretãos, apparecem-nos

(1) Livre des Legendes, p. 167.

(1) Vid. estes dous Contos no *Manual da Historia da Litteratura portugueza*, p. 72 a 79.

referidos nos escriptores dos seculos xiv e xv, mas nenhum se conservou pela escripta. No Regimento da Casa de D. Affonso III, estatue-se a presença de tres jograes no palacio, e um d'elles, Martim Moxa, diz em uma canção:

Uns joglares
Sus nobles *falares*
Soyam dizer...

Affonso IX de Castella, ouvindo um *fablieau* de Ramon Vidal, disse-lhe: «Jogral, tuas *fabulas* são agradáveis e formosas.» É esta a mesma corrente indicada por Martim Moxa, que era como Vidal, da classe dos *Segreis*, ou narradores. O conto allegorico provençal chamado *Noellaire* vem tambem citado por Martim Moxa:

D'estes privados não sei *noellar*...

Na parte perdida do Cancioneiro portuguez do Vaticano é de crêr que os cinco *Lais* apontados no index de Colloci não fôsem somente lyricos, mas sim narrativos. A tradição popular das *Fadas* era aproveitada por estes metrificadores da classe jogralesca, de origem plebêa; diz Martim Moxa, na sua canção:

As nossas *Fadas*
Iradas
San achegadas
Por este *fadar*, etc.

O conto narrado á mesa dos principes e grandes senhores, chamado *Rumor*, acha-se designando este costume opulento da idade média nos versos de Ayres Telles de Menezes; e como significando a tradição em geral, emprega-se nos versos dos *Lusiadas*: O *Rumor* antigo conta, etc. Estas designações nos mostram a existencia de um grande veio tradicional, que a litteratura portugueza desconheceu.

No seculo xv accêntua-se mais na litteratura portugueza a existencia do conto, e são mais evidentes as relações intimas com a corrente franceza. Não se conheceu em Portugal o *Roman du Renard*, mas Fernão Lopes allude a esse cyclo de aventuras na palavra *Raposias*; e no *Cancioneiro de Baena*, d'esta mesma época, corresponde um egual vestigio da corrente litteraria:

Sea asno ó letrado por contradicion
Segunt que del dixo la *sabia raposa*.

(Ed. Pidal, t. I, p. 118).

Na Encyclopédia da idade média portugueza, o

Leal Conselheiro, de el-rei Dom Duarte, citam-se resumidamente os contos da *Manta* e o *Chocalho* ⁽¹⁾ e o das *Duas Barcas*. Este ultimo parece ter inspirado Gil Vicente nos seus *Autos das Barcas* por via da tradição popular. N'este periodo o conto apresenta um caracter moral e ascetico, e é conhecido pelo nome de *Exemplos*, usados nas comparações religiosas dos pregadores. Entre os eruditos a tradição novellesca é conhecida pelo nome de *Estoria*, como o emprega Fernão Lopes, e ainda hoje o povo em muitos pontos de Portugal chama ao conto *Historia*. Pelo *Leal Conselheiro* sabe-se que mesmo na classe aristocratica era costume ouvir contos, tal como entre o povo, que ainda hoje faz *seroadas*, á maneira das *zambras* mouriscas. Os dois termos *Exemplo* e *Estoria* acham-se na prosa de Dom Duarte, alludindo a este costume: «E d'aquesta guysa erramos per este desasseseço: se no tempo de orar e ouvir officios divinos, nós conselhos proveitosos, falamentos ou desembargos, levantamos *Estorias*, recontando longos *exemplos*.» (*Op. cit.*, ed. de Paris, p. 192). O seculo xv é o periodo em que na litteratura portugueza maior influencia exerce o cyclo das tradições epicas da Tavola Redonda; esses longos poemas enchem as estantes das livrarias de el-rei D. Duarte e de seu irmão D. Fernando, e alguns nomes dos seus heroes tornaram-se populares e ficaram no uso do onanastico civil. Tudo isto favorecia o desenvolvimento do conto e lhe dava uma côr cavalheiresca. Infelizmente nada se conservou na fôrma escripta, nem tão pouco resta signal de conhecimento da collecção arabe de *Calila e Dimna*. No Cancioneiro de Baena, onde estão colligidos os versos da aristocracia hespanhola, tão relacionada com a aristocracia portugueza da côrte de Affonso v, acham-se frequentes allusões á collecção de *Calila e Dimna*, signal de que por ventura seria tambem lida em Portugal:

Reyne de Byrra toda su peresa,
E las falsedades de *Cadyna Dyna*
Sean mostradas, porque muy ayna
Gosen las nobles que aman limpieza.

(ed. Pidal, I, 115).

Que mudan discordias, consejos peores
Que *Dina* é *Cadina* con su lealdad.

(ib., p. 119).

Na *Chronica da Conquista de Guiné*, de Azurara, (ed. de Paris, p. 148) cita-se «obras dos *Romãos*» indubitavelmente a *Gesta Romanorum*. No Catalogo dos livros de uso, de el-rei D. Duarte, vem citadas

(1) Entre o povo ainda hoje existe o anexam: *O diabo tem uma manta e um chocalho*.

as collecções hespanholas do *Conde de Lucanor*, as obras do Arcipreste de Hyta e a *Conquista de Ultramar*. Cita-se também a collecção novellesca de João Gower, *Confissão do Amante*, que chegou a ser traduzida por um tal Roberto Payno. É d'este seculo a folha manuscripta da bibliotheca do Porto, que traz a fabula do *Mons parturiens* em redondilhas, e um fragmento de episodio que suspeitamos pertencer á *Historia de Baarlam e Josaphat* (1).

Nos versos de Affonso Valente, colligidos no Cancioneiro de Resende, allude-se á tradição popular: «As Fadas que me fadaram...» E em uns versos de Duarte da Gama, n'este mesmo Cancioneiro, allude-se ao *noellaire* provençal da *Chuva de Maio*. Nas festas do casamento do principé D. Affonso, filho de D. João II, representou-se ás portas de Aviz uma allegoria *fiabesca* ou *Mómo*, em que se prognosticava a ventura do consorcio:

Aqui as Fadas estavam,
Segundo lhes coube em sorte,
Que á princesa fadaram
Cada qual de sua sorte.

(Ayres Telles, st. XXI),

O seculo XVI, a grande época de esplendor da litteratura portugueza, coincide com um maior conhecimento da tradição popular e dos contos, bem como dos cantares heroicos ou Romances. Basta conhecer o phenomeno extraordinario da situação de Portugal em frente da civilização da Europa desde o seculo XVI até hoje, para deduzir que a sua indiferença pela réforma, pela elaboração scientifica do seculo XVII e pela renovação critica do nosso tempo, deve ser compensada por uma rudeza ingenua, em que se reúnem as condições de vitalidade e interesse das antigas tradições da idade média. Mas essa indiferença produzida pelos terrores de um catholicismo sanguinario e por uma monarchia alliada com o Queimadeiro, atrophiaram este povo, a ponto quasi de se esquecer das suas tradições e ignorar as suas origens. As tradições existem na realidade, mas em um syncretismo resultante de já não comprehender o que repete. Na litteratura portugueza do seculo XVI os maiores escriptores são aquelles que mais se inspiraram das tradições populares, taes como Gil Vicente, Sá de Miranda e Jorge Ferreira de Vasconcellos, como provaremos apontando os contos a que elles alludem. É no seculo XVI que achamos vulgarizadas as principaes collecções de novellas do fim da idade média, e póde-se com certeza affiançar que a influencia franceza dos dois seculos anteriores está aqui substituida pela litteratura italiana. Pelos *Indices Expurgatorios* do Santo

(1) Publicada no livro sobre o *Amadiz de Gaula*.

Officio conhece-se o gráo de vulgarização d'esses livros de novellas; no Index de 1564, fl. 168, expunge-se: «Boccacio, *Decades, seu Novella centum*»; e a prova de que já esta collecção era anteriormente conhecida, é o achar-se citada no *Espelho de Casados* do dr. João de Barros, que diz: «*João Boccacio fez muitas novellas contra as mulheres*, e d'ellas diz mal no livro da Caída dos Principes» (fl. 128). No *Index Expurgatorio* de 1581, fl. 17, v., cita-se: «*Cento Novelle scelte da piu nobili scriptori de la lingua volgari, con la junta de Cento altre Novelle*»; e n'este mesmo Index vem citado: «*Facecia e motti e burle raccolte per M. Ludovico Domenico e Guiejardin*.» (fl. 19). No mesmo Index (fl. 21, v.) cita-se o *Pecorone di Messer Jovani Fiorentino*. No Index de 1597, fl. 29, enumeram-se entre os livros, cuja leitura era prohibida em Portugal: *Gestas Romanorum et Cymbalum mundi, de Bonaventura Perier*. Por esta lista succinta se póde fazer uma idéa das leituras da classe illustrada, que durante o seculo XVI costumava ir educar-se á Italia.

Nos costumes palacianos e universitarios, o conto tomou uma grande importancia, sobretudo desde que os prégadores os introduziram nos seus sermões a titulo de *Exemplos* (1). Na *Vida do infante D. Duarte*, de mestre André de Resende, se fala d'este uso: «Ora, senhor, deixemos a febre e fallemos em cousa de passatempo. Comecei-lhe então a dizer *patranhas*, com que o tornei alegre.» O pobre infante, victima de uma temente educação catholica, fingiu-se doente para não dar lição ao jurisconsulto Madeira; André de Resende tirou-o da sua apprehensão com contos mentirosos. Aqui a palavra *patranha*, significa o conto imaginoso, e ainda hoje é o nome de desprezo com que se designam as narrativas populares. Nos seus versos, Sá de Miranda referindo-se ao conto de um rei mouro, diz: «Não do rei mouro a *patranha*...» (Ed. 1804, p. 104). Pelo alvará de 23 de setembro de 1538, vê-se quanto se intermettia no ensino publico o conto, substituindo por um pedantismo de moralista a disciplina scientifica; n'esse alvará encontramos: «Eu el-rei, faço saber a vós reverendo bispo reitor dos estudos e Universidade de Coimbra, e aos reitores que ao diante pollos tempos forem, que per quanto ás vezes acontece a lentes nas lições que leem, e nos Autos publicos que se fazem, dizerem palavras de que outros lentes ou letrados, que nos ditos autos estam presentes, recebem escandalo, e assi os ditos lentes nas lições que têm se põe a *contar Estorias* fóra da materia da lição, em que guastam o tempo sem proveito, hei por bem que o lente que cada uma das ditas cousas fizer, por cada vez perqua ho orde-

(1) E folgam de ouvir *novellas*
Que durement noites e dias.

nado da lição d'aquelle dia...» Ainda hoje, com vergonha o dizemos, succede isto mesmo na Universidade de Coimbra, que conserva a immobilidade acintosa, aggravada pela degradação a que a levou o nepotismo cathedratico. O conto tornava-se um lugar commum das conversas. Em uma carta a el-rei D.

Manuel, um capitão da ilha de S. Miguel dizia-lhe: «estou aqui como o *Peregrino de Jerusalem*» por ventura conto perdido na imaginação popular.

(*Continúa*).

THEOPHILO BRAGA.

A NOSSA ACADEMIA

(A PROPOSITO DA REJEIÇÃO DE RENAN)

(A ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

A nossa Academia de Lisboa,
Dormente instituição de neo-grades,
Tem feito mal a muita gente boa,
Bem—apenas a algumas nullidades.

Bem, quer dizer, soprou-lhes as vaidades,
Fêl-os inchar, alevantar a prôa;
Mas como a fama pelo bairro sôa,
Elles exploram taes formalidades.

N'este ponto de vista espero um dia,
Em podendo dispôr de algum dinheiro,
Dar uma ceia e entrar na Academia,

Fulminar os atheus, caturra, ordeiro,
E, matando de inveja o meu barbeiro,
Ser a gloria da minha freguezia.

M. DUARTE D'ALMEIDA.

O ENSINO GEOGRAPHICO

(*Conclusão*)



Para completar o esboço traçado nos artigos precedentes ácerca das bases do ensino da geographia, apontaremos muito succintamente como se deverá realisar o estudo da geographia politica.

É hoje ponto assentado, que este ramo das sciencias geographicas brota naturalmente do tronco—physica do globo e geographia physica. É por isso que o exame, maduramente exercido, de cada um dos phenomenos, produzidos na sociedade, dimana do conhecimento anteriormente obtido, do que respeita a descripção e pintura physica do paiz.

D'esta sorte tem cabida o fixar como axiomatico, que a sociedade não póde alterar as leis primitivas da natureza, cujos phenomenos estão subordinados a leis fundamentaes. O mais que os homens poderão fazer, é guiar, para um determinado fim, após laboriosas investigações e observações, as forças do cosmos, e modificar,—permitta-se a expressão,—a fórma exterior d'uma dada região. Qual deverá ser a ordem mais racional no estudo da geographia politica? A que mais recentemente se adopta nos paizes estrangeiros é a seguinte:

1.º Indicação da posição geographica do estado ou paiz e das fronteiras.

2.º População absoluta e relativa, encarada, nas

varias porções d'uma região, como resultado da differença local entre os meios d'existencia fornecidos ao homem pela natureza, e os que se alcançam da actividade da sociedade, facto que modifica mui sensivelmente os phenomenos naturaes.

3.º População do paiz, ethnographica e religiosamente considerada. E' mister não olvidar, na apreciação das diversas nacionalidades constitutivas da população d'um paiz, as suas particularidades caracteristicas, que são o effeito necessario da influencia permanente exercida pelo territorio, e tambem o producto do desenvolvimento gradual da vida intellectual, resultado do influxo dos demais elementos de vida social.

4.º Gráo d'instrucção da população e fórma do governo, que ambas actuam enormemente na productividade das forças physicas da natureza e das forças intellectuaes do homem.

Apreciando o estado da instrucção publica, cumpre marcar os meios d'educação de que se póde dispôr, e as causas que em certos paizes difficultam e até mesmo matam o seu desenvolvimento.

5.º A industria publica, todos o sabem, é o resultado final das condições da natureza do paiz e do gráo de civilisação do povo. E' claro que as condi-

ções da natureza hão de ser consideradas como razões directas ou indirectas da existencia de designada industria no paiz, e com a unica razão do desenvolvimento das que exploram as materias brutas. Vê-se evidentemente que no ultimo caso o gráo de cultura do povo é uma circumstancia, que concorre para o incremento da industria predominante, mas elle, por si só, não póde crear uma nova industria, incompativel com a natureza do paiz.

6.º Não se omittirá que as habitações do homem, tanto ruraes como urbanas, são o producto ou effeito do theor de vida do povo, da densidade da população do gráo d'instrucção e da industria predominante.

Não é necessario prestar demasiada attenção á descripção topographica das cidades. As construcções

caracteristicas e os edificios notaveis pertencem aos dominios da historia. Sabemos, que a esses objectos não deve ser estranha a geographia, mas estudal-os miudamente em um curso d'esta sciencia, é augmentar inutilmente as materias de ensino estabelecidas pelos programmas. Descrevendo-se as cidades, basta assignalar apenas as particularidades topographicas, que caracterisam o seu desenvolvimento industrial e commercial, bem como o do paiz.

A differença de physionomia, que se observa actualmente nas diversas cidades europeas, deriva, quasi em todas ellas, da vida passada ou anterior dos povos, e tem, portanto, um interesse historico e não geographico.

ALFREDO OSCAR MAY.

N'UM DIA D'ANNOS

A A. C. R. da C.

A gloria, quando tu, ousado e pequenino,
Corrias sem temor nos pincaros do monte,
Ou ias, descuidado, errante, sem destino,
Mostrar o rosto alegre ao espelho d'uma fonte.

Sorria-se, e dizia:—assim pelas agruras
Da vida, ó filho meu, teu genio ha de pairar,
Medir sereno o abysmo, erguendo-se ás alturas,
Brilhante como o ceu, profundo como o mar!

Mas, sempre que o rumôr dos bravos calorosos
Teu seio fatigar, e anceies o repouso,
Na fonte do teu lar teus labios sequiosos
Virão libar do amor o incomparavel gôzo!

Coimbra, 30 de março
de 1877.

AMELIA JANNY.

HOJE E AMANHÃ

PREVISÕES E PREVENÇÕES SOBRE A QUESTÃO SOCIAL

(Continuado do n.º 9)

E no entanto os liberaes discutem entre si as fórmas de governo mais adequadas ao espirito do seculo. Descuidados e imprevidentes discutem principios, analysam systemas, desvanecem-se com pequeninas victorias, entoam lóas ao futuro e olham o adversario commum tão do alto do seu desdem, que nem de leve lhe suspeitam a grandeza. Julgam-n'ó pequeno pelo facto de que lhe não convém a elle apresentar-se grande, porque, pretendendo avassalar com as trevas, occulta-se na escuridão e some-se na humildade da sotaina.

O combate é desigual e absurdo; mas ha de prolongar-se assim. Ha de prolongar-se, porque, como a idéa não morre, o partido liberal tem de vencer. Ha de prolongar-se, porque o outro é mais astuto, mais habil, mais insidioso. Em quanto um paira nas alturas, o outro rasteja pela terra. Um é o sol que illumina, o outro é a mão que semeia. O sol, allumiando e aquecendo, dá vida a tudo o que abrange;

amadurece a espiga e faz crescer o parasita que lhe rouba os succos. Assim, á luz benefica da liberdade e sustentando-se d'ella, se conserva a reacção, tomando alentos da tolerancia que combate.

É necessario que os homens de fé e de crenças opponham cruzada a cruzada, propaganda a propaganda. Insistencia, trabalho e affinco no estudo do mal; esforço e união na luta grandiosa e ultima que deve espargir a frouxo a luz da nova idéa.

Se a liberdade, se a egualdade, se os principios, que são o verbo e o credo dos codigos liberaes, tendem todos a proteger o fraco contra o forte, a desopprimir os pequenos, a libertal-os de aviltamentos e servidões, a abrir-lhes os aditos do futuro, a fazel-os tomar parte fraternal no convivio da humanidade, d'onde vem que os fracos, os pequenos, os inermes, que esses principios redimem, são o maior obstaculo para a effectividade de taes principios? É que os fracos não estendem os braços para o amparo que se

lhes offerece, porque o não devisam. Os pequenos não acolhem alvoroçados os principios liberaes, porque lhes não conhecem os mirificos effeitos. Os cegos não reclamam a luz, porque a essa palavra não sabem ligar uma idéa.

E os que pretendem esclarecel-os e dotal-os esquecem-se ou não attendem a que nem todos os espiritos pôdem alar-se á altura dos iniciadores; que as intelligencias precisam tanto do cultivo para produzir, como a terra de adubo para crear; que aos encerrados nas lobregas estancias da ignorancia é, primeiro que tudo, preciso fazel-os atravessar gradual e lentamente espaços de luz diffusa e branda. Apresentar os que sahem das trévas em face da limpida irradiação solar é mudar-lhes a cegueira. Com as pedras rendilhadas para as soberbas edificações manuelinas, que ainda hoje possuímos, mal se poderia construir o pavimento das estradas, que nos vão dando ao paiz uma circulação vivificadora.

Assim no mundo moral não edificaremos nunca sem havermos preparado o terreno, polido e cinzelado os materiaes, criado as correlações, marcado os logares. Desbastar, polir, esclarecer, educar; depois edificar. Sem isso não percâmos forças, não barateêmos riquezas, não desperdicêmos trabalho. Não se consolidará nunca o edificio, sem que as pedras estejam talhadas de molde. O architecto verá desabar a abobada, antes de collocar o fecho.

II

«Toute loi, tout regime qui serait contraire aux idées et aux moeurs du pays, n'aurait que la durée d'une mode de chapeau ou de gilet.»

Encerram estas palavras uma verdade muito conhecida, que Alphonse Karr não fez mais que consignar.

Se pela novidade, pela surpresa ou pelo magnetismo da eloquencia se consegue impôr a uma nação qualquer fórma de governo, para que não haja sido preparada, esse governo terá necessariamente vida ephemera e trabalhosa.

Está averiguado, pela observação dos factos, que a natureza tem tendencia para se reproduzir, e que as cousas se repetem pela simples razão de que anteriormente se produziram assim.

Tem o mundo moral a mesma tendencia.

Applicando a um cadaver a pilha galvanica, esse cadaver anima-se, agita-se, ergue-se, mas não deixa por isso de ser cadaver, e de cair logo que afrouxe ou cesse a força estranha que o sustenta.

Fazer vingar uma revolução é a phase menos difficil d'ella. Ditar um codigo liberal e justo é mais difficil, mais grave, mas não é ainda o ponto culminante do problema social. A suprema difficuldade não é levantar o rochedo, é equilibrar-o no vertice da montanha.

Posto isto como principio e admittido como verdade, será que a voz do desanimo chegue aos que combatem? Reconhecendo a impotencia dos esforços e dos trabalhos encetados, reconhecendo que caminham sobre um terreno minado e falso, que d'um instante para o outro pôde aluir e sorvel-os, pensarão em depôr as armas do combate, á mingoa de fé na causa? Não.

Proseguir e caminhar sempre; mas caminhar organizados e disciplinados. Fazer menos para fazer bem. Caminhar de modo que o trilho fique bem visível e pronunciado. Andar menos caminho, mas caminhar em columna cerrada e potente.

Para ir assim é necessario retrogradar; principiar de novo, mas sem hesitações nem incertezas.

Virão unir-se ao troço do exercito os mais imprudentes e ousados, os que aventurando-se ao fogo de guerrilhas queimaram polvora inutilmente. Depois, juntos e fortes pela união, estudar o terreno para proseguir; parar para organizar.

E a organização forçoso é que seja a divisão do trabalho. Na primeira fila os mais ardentes e os mais habéis movendo a roda do prelo, essa metralhadora que vomita idéas. Movendo-a para crear o livro, para vulgarisar o jornal. Mas para aproveitar o jornal e para entender o livro é preciso, primeiro que tudo, ler... e o povo não lê. Não lêem uns, porque não sabem, não lêem outros, porque não querem, e não lêem todos, porque lhes não ensinaram o para que isso sirva. O livro é para o menor numero, e o jornal, comquanto tenha areia muito mais vasta de exploração, encontra ainda muitas povoações fechadas ao seu benefico influxo.

(*Continúa*).

JULIA FERREIRA.

O SEGREDO MEDICO

Novella por—ROBERT HALT

(TRADUCÇÃO DE ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

(*Continuação*)

O louco assentou-se porém tranquillamente com todas as apparencias de um homem perfeitamente senhor de si, e começou a discorrer sobre a importan-

cia e sobre a necessidade da consciencia medica em termos tão cordatos, com razões tão bem deduzidas e num tom tão circumspecto, que o doutor, ao

pé d'elle, contrariado e nervoso, tinha movimentos tão febris, que se entrasse naquelle momento ali um magistrado, teria prendido o medico e não o doido.

—Esteja socegado, senhor, continuou o doente, porque essa agitação não lhe serve de nada; ha de ir até onde eu quizer. Responda-me: o segredo medico obriga o medico?

Era preciso responder.

—Obriga, respondeu o doutor, excepto quando o medico deve ceder o passo ao homem e o dever profissional ao grande dever social.

—Por conseguinte não declara ao sr. Humbert que ha dois Paulos Didier?

—Não.

—Então que lhe diz?

—A minha boca, como a minha porta estão fechadas para elle como para si. E deixe-me.

—Muito bem; supponho-o sincero a si e a mim doente. Que prognostica o doutor da minha doença?

—Tudo o que é preciso para legitimar os conselhos que lhe dei ha pouco.

—E se se enganasse?

—Continúa a sabatina? perguntou o doutor impaciente; tenho mais que fazer.

—Muito bem; eu deixo-o já. Tome, porém, sentido nas minhas ultimas palavras. O doutor prometteu estrangular-me. Ora eu declaro-lhe que me não deixarei estrangular, e que adoro Helena; quero-a e tenho uma excellente saude.

E, Paulo, ao dizer isto, bateu fortemente no peito, que deu um som vigoroso; mexeu rapidamente os braços e as pernas, para demonstrar a sua agilidade e depois deu tres grandes saltos no sobrado.

—Vou enviar-lhe uma segunda vez o sr. Humbert; se o doutor o não receber ou se lhe não responde de fórma a ser-me restituída aquella que o encarregaram de me roubar... pois bem, tão certo como estarmos aqui, mato-o.

Ao ouvir estas palavras o doutor, que se tinha até então contido a custo, exaltou-se subitamente e clamou:

—Mata-me? Mas era a mim que me cumpria matar-o a si, creatura mal nascida e perigosa, que eu tenho entre as mãos e que não deveria largar senão depois de morta! Sim, epileptico, doido, maniaco, é o que o senhor é, já que o seu estado de insanidade, neste momento lucido, lhe permite ouvir-me. E o suicidio ou o homicidio é com effeito o termo, a explosão final do seu estado morbido.

É fatal num minuto, num mez, num anno.... a questão é só de tempo.

Já aqui o vi a braços com os seus ataques. Póde escapar á repetição d'elles, mas em todo o caso o senhor é um organismo viciado, que é preciso eliminar. É meu dever velar pelos interesses da humanidade. E o senhor para ella não passa d'um aborto, d'um monstro! Tratei-o ao principio com bondade, como a um desgraçado, com carinho como a um amigo: pareceu-me por um momento que o seu coração sentia, comprehendia...

E o doutor calou-se para vêr o effeito d'estas ultimas palavras no rosto do louco, que ficou impassivel; depois estendeu-lhe a mão, que este repelliu.

—Tem razão; tréguas á sensibilidade, continuou o doutor passeando agitado no gabinete e como falando consigo proprio. Sim, sejamos implacaveis como a guerra, que poupamos demasiadamente; é preciso refazer tudo e principalmente o ser humano. Neste mundo de orates, o homem occupa-se da selecção dos seus bois, dos seus cães, dos seus cavallos, sem pensar na sua propria, como se o aperfeiçoamento da sua raça lhe tenha de cair das nuvens qualquer dia prompto e completo. A fraqueza, o envenenamento, a morte são respeitadas e conservadas tão luxuosamente como deuses. Ah! O senhor contém em si um espantoso germen de doenças, de degradações, de impotencias, de dores, de martyrios, e hei de deixal-o semear esses germens tranquillamente?! hei de deixal-o ir á reprodução legal, á pacífica eternisação de todas aquellas miserias?! Não, mil vezes não!... A longa imbecillidade d'este crime não deve durar mais; é preciso que chegue o dia da sciencia; e chega; a separação entre os bons e os máos vai fazer-se, porque só ella é a justiça celeste.

É no seu entusiasmo o doutor avançava direito para o louco.

—Bem vê, o meu dever era supprimil-o. Vá-se embora.

E impelliu-o para a porta.

—Até amanhã, disse energicamente da porta Paulo Didier. Dou-lhe vinte e quatro horas para reflectir.

—Bem, respondeu o doutor, póde matar-me quando quizer, mas não se casará.

—Até amanhã.

(Continúa).

PUBLICAÇÕES

MUSEU TECHNOLOGICO—Vol. 1.º n.º 1—Director
—M. da Maya Alcoforado.

A industria portugueza, como tudo o que neste paiz demanda actividade physica e intellectual, vive na somnolencia fradesca da nossa ineptia nacional e no sybaritismo dos seus queridos direitos protectores.

Em Portugal ha quatro milhões de individuos, que concorrem annualmente com uma verba avultada para

sustentarem na inutilidade e na ignorancia dez ou doze industrias portuguezas com 150 ou 200 exploradores d'essas industrias, grandes eleitores e aos quaes por isso o estado precisa de proteger, a pretexto de auxilio ao trabalho nacional. O motivo real vem a ser a protecção á industria do voto, a verdadeira e quasi unica industria portugueza.

Por exemplo: Portugal não está em circumstan-

cias de fabricar obras de ferro; faltam-lhe para isso as mais fundamentaes e importantes condições de exito, que são a materia prima e o combustivel. E' preciso, porém, que Portugal tenha fundições, porque o contrario seria uma vergonha nacional.

E que se faz neste caso? Contribue-se vergonhosa e brutalmente a obra de ferro importada e por fórma que o ferro por obrar e o carvão possa ser trazido do estrangeiro, e arranja-se assim uma industria nacional para gloria dos lusos e proveito de meia duzia de sujeitos, á custa do sacrificio pecuniario de todos os habitantes d'este paiz, com excepção da tal meia duzia. Apesar de tudo isso, porém, a industria nacional, como criança estragada de mimo, adormece nos braços da sua querida protecção, e quando mal o pensa, tem a industria estrangeira a puxar-lhe as orelhas. A industria portugueza berra, clama pela mamã e é preciso accommodal-a com dôces. Elevam-se por isso os direitos de pauta e os artefactos estrangeiros tem novamente de fugir.

A industria estrangeira, porém, estuda, trabalha, progride, e um dia pôde concorrer novamente ao nosso paiz com as industrias indigenas.

Novo puxão de orelhas, novos berros da criança e nova elevação de direitos de importação. E assim successivamente, de modo que a melhor e unica historia da industria em Portugal está nas cifras das pautas das nossas alfandegas.

A publicação que temos á vista, — *Museu technologico* trata de encaminhar a industria portugueza na unica direcção possivel para a sua sustentação e desenvolvimento, dando noticia do que fazemos, aconselhando o que devemos fazer, indicando e discutindo os nossos processós e comparando-os com os processos das industrias similares dos outros paizes.

O numero 1.º, unico publicado, é como uma introdução ao jornal e trata da classificação das industrias e da historia a largos traços do seu desenvolvimento. O director d'esta revista, o sr. M. da Maia Alcoforado, revela-se um escriptor elegante, erudito e correcto. Tem a consciencia da necessidade e da oportunidade d'uma tal publicação, e apresenta-se por isso com a seriedade d'um homem que cumpre um grande dever social, ensinando, simples e desambiciosamente, o que sabe a um paiz onde tão poucos se dão ao trabalho inglorio de estudar a industria, esta incarnação quasi divina do enorme trabalho scientifico da mundo moderno.

— ESTUDOS JURIDICOS Á CERCA DO PROJECTO DE CODIGO DO PROCESSO CRIMINAL, do *conselheiro José da Cunha Navarro de Paiva*, por *Francisco José Medeiros*. — O unico poder do estado que em Portugal dá ainda algumas garantias de seriedade e de dignidade é incontestavelmente o poder judicial, e muitas mais poderia dar, e ha de dar com certeza, logo que a nossa monstruosa e cahotica legislação seja raccionalmente codificada e que na propria organização judiciaria se introduzam as refórmias, que ella está pedindo instantemente.

O sr. Navarro de Paiva, espirito que reúne a um grande entusiasmo liberal uma alta competencia juridica, acaba de fazer um louvavel e generoso esfor-

ço, com a apresentação do seu *Projecto de Codigo do Processo Criminal*, para eliminar da administração da nossa justiça umas velhas fórmulas obseleatas e absurdas, introduzindo-lhe refórmias em harmonia com o direito moderno.

O livro que temos á vista é um estudo do sr. Francisco José Medeiros, delegado em Chaves, sobre aquelle projecto, estudo feito com a maxima consciencia e independencia, e acompanhado d'uma replica do proprio auctor do Projecto ás observações do sr. Medeiros. E' uma discussão instructiva e delicada, e que deve aproveitar a todos os que se entregam a estudos de direito. Confessamos-nos incompetentes para apreciar em todo o seu valor scientifico o trabalho do sr. Medeiros, mas agradou-nos immensamente o livro pela incisão da argumentação, pela urbanidade e independencia da critica e pela humbridade do elogio.

A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA E A PROPOSTA DE LEI Á CERCA DO BANCO DE PORTUGAL, por *J. J. Rodrigues de Freitas*.

Chegam a ser vergonhosas de inepecia as repetidas provas de ignorancia dos mais rudimentares principios das sciencias economicas que os governos dão quotidianamente em Portugal. Os casos mais graves da politica e da administração, são resolvidos pela facil metaphysica do *à priori*, lyricamente, sentimentalmente, na systematica insciencia de todas as condições scientificas e positivas das questões. Empobrecem-nos a emigração?... Nomeia-se uma comissão para estudar o assumpto; a comissão reúne-se duas vezes por anno, exhibe discursos academicos, deita relatorio sentimental, cheio de estylo e de banalidades, e a questão fica justamente no mesmo ponto em que se achava. E' pessima a instrucção secundaria? Nomeia-se outra comissão, que exhibe discursos, que deita relatorio e que não adeanta um ponto no assumpto. Ha uma crise monetarea, arruinam-se fortunas, quebram os bancos, paralysa-se o commercio, supprimmem-se as transacções, a industria definha? Outra comissão, que não chega felizmente a exhibir relatorio, nem estylo, e que é esmagada na casca pela celebre lei sobre a reconstituição do banco de Portugal, na qual lei se estatue o privilegio da emissão de notas, o juro de 5 o/0 para as operações a 3 mezes e outras cousas engraçadas como se os phenomenos sociaes e mesmo meteorologicos e sideraes tivessem, para se produzirem, de pedir licença ao governo portuguez. O sr. Rodrigues de Freitas, espirito em que nós admiramos e apreciamos tanto a forte educação e competencia scientifica como a elevação moral e a austeridade politica, trata, no folheto que temos á vista, esta grave questão economica com a profundeza d'um verdadeiro professor e com a proficiencia d'um especialista. E' um pequeno livro instructivo e moralizador.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

ERRATA

A paginas 68 do n.º 9 d'esta revista, linha 25, onde se lê:

Naquella noite ao glacial da tarde—deve lêr-se: —Naquella noite ao glacial lethargo.

A EVOLUÇÃO



Maio

1877

NUMERO 11

LITTERATURA DOS CONTOS POPULARES PORTUGUEZES

(Continuação)

O desprezo pelos contos populares foi-se tornando mais pesado á medida que prevaleceu a erudição na litteratura, e este veio tradicional chegou a perder-se completamente; Soropita, o editor das lyricas de Camões, falla d'esses contos do fim do seculo xvi com um desdem notavel: «Primeiramente, assim no tapete da obra appareceram certos aventureiros pagens da lança da tolice, cujo officio é contar contos prolixos, de uns certos manganazes desencadernados, que primeiro que puguem uma lança do que querem contar, irão cem vezes a Roma; e os ditos meios assim lhes aguardam pelo fundo da alma, como se de suas mãos houvesse de sair as táboas d'Apelles. E se vem á mão, ou por a *historia* não ser tão branda que se deixe facilmente conversar, ou pelos seus entendimentos serem de ferro, tal que não cortarão por um queijo fresco, ao cabo de os pobres historiadores torcerem o queixo trezentas vezes e metterem toda a munição que podem para se declararem, ficam elles tão virgens do negocio como se nunca ouviram nada». (*Poesias e Pros.*, pag. 103).

Este desprezo caracteriza em geral a litteratura portugueza, cujos escriptores estiveram sempre em contradição com a alma popular; fazem uma excepção a esta regra Jorge Ferreira de Vasconcellos, Sá de Miranda e Gil Vicente, os quaes pela sua comprehensão das tradições se tornaram profundamente nacionaes. Antes de Perrault colher da tradição oral o conto da *Cendrillon*, já elle era conhecido em Portugal, como vemos pela comedia *Ulyssipo*, escripta por 1546; ahi diz Jorge Ferreira: «Pois eu tambem não quero *Gatas borralheiras*.» (Fl. 32; e fl. 14). É este o titulo com que a *Cendrillon* é conhecida entre o povo portuguez.

O conto ainda hoje repetido entre o povo, as *Tres Cidras do Amor*, já por nós publicado de uma versão do Porto, acha-se citado por Soropita, no fim do seculo xvi: «Se não quando, falando com referencia, appareceram por prôa as *Tres Cidras do Amor*.»

(*Poes. e Pros.*, pag. 103). Na *Grammatica* do chronista João de Barros, a proposito de uma figura de dicção, vem narrado o conto de um pae que deixa a herança a um amigo com a condição de dar ao filho o que quizesse; (op. cit., p. 170) este conto estava já seculos antes colligido no *Novellino*.

Sá de Miranda introduz nas suas obras *contos e fabulas*, quasi sempre de origem litteraria; uns vêm narrados por inteiro, como a *Fabula do Rato do campo e o rato da cidade*, e o noellaire provençal da *Chuva de Maio*; do *Cavallo que se deixa enfrear para vencer o seu inimigo*; do *Bacoro ovelheiro*; e a fabula philosophica de *Psyche*. Outras vêm simplesmente esboçadas ou alludidas em um verso; taes são:

A cabeça os membros manda, (pag. 39)

alludindo á fabula entre os membros e a cabeça, attribuida a Mnenio Aggripa, a qual já se encontra nos *Avadanas* traduzidos do chinez por Stanislas Julien. Seguem-se outras fabulas alludidas no texto:

Ao Leão deram a corôa
Entre a gente montesinha... (p. 39)

Com que lhes fazem das leis
Fracas têas das aranhas. (p. 40).

Diogenes, claro o dia. (p. 59 e 72).

Em outros versos allude á fabula da *Cigarra e da Formiga*:

Ajunto como as Formigas,
Porque ninguem me lançasse
Como á Cégarrêga em rosto
No dezembro que bailasse,
Pois cantára em agosto. (p. 59).

Cita tambem a fabula de *Apelles* (p. 119) e o *Par-*

to da montanha (p. 144). Estas fabulas litterarias têm um ponto de contacto com o conto, na moralidade final, e confundem-se entre si com o titulo de *Exemplos*, designação frequentemente empregada por Sá de Miranda e Gil Vicente:

Como diz o *Exemplo* antigo:
Que não são eguaes os dedos.

Ainda hoje entre o povo portuguez é vulgar a locução: *Como diz o outro*, com que precede todos os seus aforismos. É em Gil Vicente que se encontra a maior riqueza para se recompôr a área da tradição popular portugueza; o conto da *Bilha de leite*, sobre que Max Müller fez uma monographia importante por onde demonstra a universalidade das tradições, acha-se em uma fórma ingenua no auto de *Mofina Mendes*, que o illustre philologo desconheceu, e que pertence ao primeiro quartel do seculo xvi. N'esse conto escreve Gil Vicente:

Vou-me á feira de *Trancoso*... (t. I, p. 117).

Trancoso, na Beira, era no seculo xvi um centro popular de contos, prophcias e superstições; d'ali são naturaes os dois escriptores mais populares, Gonçalo Eannes Bandarra, cujas prophcias se ligavam ao futuro da nacionalidade portugueza, e Gonçalo Fernandes Trancoso, celebre pela sua collecção de *Contos proveitosos*, de que abaixo fallaremos. Da Beira saíram os typos populares dos *Ratinhos*, dos autos hieraticos do seculo xvi, nome tomado da simpleza dos moradores de *Rates*; e o conto popular de João *Ratão*, é uma synthese d'este typo nacional de Marculpho.

Gil Vicente cita nos seus autos cançonetas e musicas francezas, e no auto da *Floresta de Enganos*, traz a scena do *Doutor Justiça Mayor*, que já se acha no conto xvii das *Cem Novellas novas*; isto provém do resto da influencia franceza, a que obedecemos no seculo xv. Gil Vicente abunda em allusões á crença popular das *Fadas*, thema fundamental dos contos:

—*Más fadas* que me fadaram. (Obras, t. III, p. 19)

—*Boas fadas* vós hajaes. (Ib., t. II, p. 45)

—Bom prazer veja eu de vós
E *boas fadas*. (Ib., t. III, p. 93).

—Ando nas encruzihadas
As horas que as *boas Fadas*
Dormem somno repousado. (Ib.)

Esta distincção entre *boas fadas* e *más fadas* tambem se conserva nos proverbios populares portuguezes:

—De gallinhas e *más fadas*
Cedo se enchem as casas.

—Quem *más fadas* não acha,
Das *boas* se enfada.

—Cerejas e *más fadas*
Cuidaes tomar poucas
E vem dobradas.

—Cá e lá, *más fadas* ha. (Delic., *Adagios*)

A tradição erudita das *Sereias*, chamadas, pelo povo das ilhas dos Açores, *Marinhas*, acha-se com este mesmo nome em Gil Vicente. Nos *Cantos populares do archipelago açoriano* (n.º 32, p. 271) um romance começa:

Escutae, se quereis ouvir
Um rico, doce cantar,
Devem de ser as *Marinhas*,
Ou os peixinhos no mar.

Elle não são as *Marinhas*...

E no romance n.º 28, da mesma collecção: (p. 259)

Que vozes do céu são estas
Que eu aqui ouço cantar?
Ou são os anjos no céu,
Ou as *Sereias* no mar.

Estas citações indicam a fonte tradicional onde Gil Vicente soube inspirar-se:

Vae logo ás ilhas perdidas,
No mar de penas ouvinhas,
Traze tres *fadas Marinhas*,
Que sejam mui escolhidas. (Ob., t. III, 101)

No *Auto das Fadas*, representado por Gil Vicente diante de D. João III, perseguidor incansavel das inofensivas superstições populares, o poeta pede tolerancia para a innocente credulidade. Ali evoca as *Fadas Marinhas*, que vêm fadar o rei, a rainha e os infantes. Se Gil Vicente tivesse tido a liberdade de Shakespeare para dar fórma a uma creação como o *Sonho de uma noite de S. João*, não lhe faltava um sentimento do lyrismo natural. N'este auto as *Fadas marinhas* cantam:

Nós partimos caminhando,
Com lagrimas suspirando,
Sem saber como, nem quando
Fará fim nossa jornada;
Qual de nós vem mais cansada
N'esta cansada jornada.

Na comedia de *Rubena*, representada em 1521, Gil Vicente introduz duas Fadas cantando, com os mesmos attributos com que figuram nos contos. A *Fada*, que recebeu pela fatalidade da nossa ethnologia um caracter maritimo e se confundiu com a *Sereia* ou *Marinha*, tambem pelas nossas relações com o arabe adquiriu uma nova feição, é a *Moira encantada*. A *Moira* é para o povo portuguez a fada que guarda os thesouros escondidos; é sempre uma donzella arabe, que vive sob fascinação invencivel, desde que os sarracenos foram expulsos da Peninsula pela reconquista christã. Ainda hoje, quando o povo portuguez quer fixar uma época remota, exprime-se pela phrase generica: *No tempo dos Mouros*. Em Gil Vicente encontramos formulada a crença popular:

Eu tenho muitos thesouros
Que lhe poderão ser dados,
D'elles do tempo dos Mouros,
D'elles do tempo passado.

(Ob., t. II, pag. 489).

Nas *Córtes de Jupiter*, Gil Vicente introduz uma *Moira*, que vem fadar a infanta D. Beatriz quando partia para Saboya:

E a *Moira* ha de trazer
Tres cousas que vou dizer
Para do Estreito ávante:
Um *anel* seu encantado,
E um *didal* de condão.
E o precioso *terçado*
Que foi no campo achado
Depois de morto Roldão.
O *terçado* para vencer;
O *didal* é tão fecundo
Que tudo lhe fará trazer;
O *anel* para saber
O que se faz pelo mundo.

(Ob., t. II, p. 415).

O dote que a Fada concedia chamava-se *Condão*; n'este verso de Gil Vicente: «o *terçado* para vencer» allude-se ás espadas magicas, tradição que se liga á historia portugueza na lenda da espada invencivel do condestavel Nuno Alvares Pereira. A comprovação de

um vasto campo de tradições populares no seculo XVI, explica-nos o apparecimento de Gonçalo Fernandes Trancoso, auctor dos *Contos e historias de Proveito e Exemplo*, para os quaes chamamos a attenção dos eruditos europeus, que estão formando a nova sciencia da litteratura comparada.

A collecção de Trancoso compõe-se de vinte e nove contos, uns derivados immediatamente da tradição popular, outros de fontes eruditas, confundidos em diffusos commentarios catholicos e difficilmente narrados; ainda assim os *Contos proveitosos* são bastante importantes para o estudo comparativo.

Diremos algumas palavras da personalidade de Trancoso, tão ignorado pelos bibliographos portuguezes; como já deixamos notado, era este novellista natural de Trancoso, na provincia da Beira, d'onde veiu viver para Lisboa, exercendo aqui a profissão de mestre de humanidades, isto é, ensinando latinidade e rhetorica, em um tempo em que estas disciplinas não eram ainda privilegio exclusivo dos jesuitas (1555). Nos seus contos refere-se: «ao glorioso S. Pedro, cujo freguez sou»; d'aqui se deduz que vivia na freguezia de S. Pedro de Alfama, e por ventura no archivo d'esta freguezia existirão assentos do seu casamento e obito.

A época em que Trancoso se fixou em Lisboa é anterior a 1544, bem como quando começou a escrever os seus Contos. Elle mesmo diz, contando a historia de uma armadilha de jogo: «e elle levava consigo duzentos e vinte *reales de prata*, que era isto o anno de 1544, que havia quasi tudo reales». (Contos, p. 153).

No conto XIII, da primeira parte, que versa sobre o anexim do *real bem ganhado*, allude outra vez a esta moeda: «o qual com muito contentamento por ver que soube escolher, lhe deu *um real*, em dois meios, como ora costumam». (Ib., p. 46). E tambem: «meteu *real e meio* na mão». (Ib., pag. 247). Estas allusões fixam irrevogavelmente a época em que escrevia Trancoso.

Uma das circumstancias que levaram Trancoso a redigir os seus Contos, no meio do pedantismo erudito do seculo XVI, foi o terror que espalhou a *Peste grande* de Lisboa, no anno de 1569; esta circumstancia faz pensar na peste de Florença, que determinou Bocaccio á composição do *Decameron*.

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.

DEPOIS DE MORTA

Quando jazer teu corpo inanimado
Na fria solidão da terra escura
E o teu seio de rigida brancura
Fôr pelos vermes sensuaes beijado.

Ó minha idolatrada creatural
Teu mudo coração triste e gelado
Ha de florir num lyrio immaculado.
Do teu amor contendo a essencia pura.

N'uma noite calada e luminosa
Irei cortar a flor mysteriosa
E deposta n'um calix de crystal,

Ao vago aroma que exhalar do seio
Recordarei o casto devaneio
Do teu primeiro beijo virginal.

Porto.

TORQUATO GRAVE.

ESTUDOS POPULARES DE HYGIENE PUBLICA

A emigração para o Brasil

A emigração dos portuguezes para o Brasil despertou nos ultimos annos a attenção do publico, que intuitivamente prevê os pessimos resultados, que d'ahi podem advir, no extenso desenvolvimento por ella atingido. Os poderes do estado, têm, por vezes, procurado estudar as causas que a promovem, e encontrar os meios de a impedir, sem que, com verdade o digamos, se tenha chegado a resultados práticos satisfatorios.

Não queremos neste rapido estudo apreciar as opiniões, até hoje manifestadas, sobre o modo de tolher a crescente impulsão da emigro-mania, favorecida pelos esforços dos engajadores. O nosso fim é mais restricto. Todavia sempre diremos que entre a repressão immediata, prohibindo a emigração, e a repressão mediata, instruindo o povo dos inconvenientes que ella acarreta, somos por este segundo alvitre, embora adoptassemos provisoriamente o primeiro, emquanto se não generalisasse e calasse no animo da população a educação neste sentido. Este ponto importava largos desenvolvimentos.

Como problema de hygiene publica, e é neste campo que o esboçaremos, a emigração abrange vastos horizontes. Se a regeneração de um povo depende, como está provado, da sua organização physiologica, é claro que se não póde esperar a regeneração do povo portuguez de um phenomeno destinado, em nosso juizo, a subverter completamente as naturaes condições de vida, de intelligencia e de moralidade, que podiam esperar-se, aproveitando os nossos elementos nacionaes.

Compreender-se-ha melhor a nossa idéa, exemplificando. Supponhamos em primeiro logar um emigrado, nas melhores condições de vida, robusto, valido, novo, solteiro. Quando desembarca no Brasil encontra immediatamente emprego, e trabalha um certo numero de annos, depois dos quaes volta ao paiz com alguma riqueza. Neste tempo sujeitou-se a varias influencias nocivas e irremediaveis: habitou uma terra hostil pela sua temperatura, pela rapidez das mutações atmosphericas, pela abundancia da humidade, pela existencia, em vastissima escala, de toda a especie de febres—febre amarella, cholera, typhos, intermittentes, remittentes de todas as fórmas—pelo apparecimento quasi fatal das molestias dos testiculos, do figado, do baço, dos intestinos, pelos acasos do amor facil e seu cortejo habitual,—a syphilis;

teve os excessos do trabalho, as noutes mal dormidas, a alimentação má, a falta de aceio proprio; lutou com a nostalgia, com as preoccupações do ganho, com as incertezas do futuro. Quando voltou, trouxe alguns contos de reis, um organismo devastado por aquelles inimigos e vontade de tomar estado. Casou, fabricou uma casa, comprou algumas propriedades, e produziu uma prole, que necessariamente mostra, como testemunho da vida do pae, a escrophula, a phtisica, a chlorose, o cancro, a surdo-mudez, o idiotismo e tantos outros males. Uma familia assim extingue-se á segunda geração.

Como este exemplo muitos outros ha; mas a maior parte acham-se em peiores condições. Os curados de alguma enfermidade, ou naturalmente debeis á partida, não encontram trabalho apenas chegados, ou se o encontram, é superior a forças minadas pela fraqueza primitiva e por influencias deleterias indigenas. Voltam miseraveis, se podem voltar; e se não podem, morrem ao acaso pelas fazendas e pelas officinas, nos hospitaes e nas cadeias. E são tantos os milhares de cidadãos roubados ao sólo patrio, como de paes roubados á familia e á prole.

Muitos emigrados ha que partem nas magnificas condições do primeiro grupo, e são mais infelizes. Não podendo supportar a acção do novo meio, por motivo especial do seu organismo, ou morrem ou voltam, como os anteriores, e vêm concorrer da mesma fórma para o empobrecimento vital da sua raça.

Ha quem vá para o Brasil já depois de casado. Aqui se deixa a mulher e os filhos, e na esperança de um futuro melhor vae-se tentar a sorte na America. Os elos da cadeia intima, que constitue a familia, foram violentamente partidos; os filhos ficaram apenas sob a vigilancia das mães, e a educação resentiu-se d'isso; as mães não resistem muitas vezes ás necessidades impostas pelo sexo, pela pobreza, pelo abandono ou pelo esquecimento; os paes, afastados da familia, que augmentariam e vivificariam com o trabalho, com o exemplo, com a alegria e com a saude, entregues aos caprichos da fortuna, não poucas vezes contrahem ligações perigosas e illicitas, e acabam de cortar laços, já profundamente abalados. Taes exemplos, altamente nocivos, reflectir-se-hão de futuro nos descendentes.

(Continúa).

AUGUSTO ROCHA.

EMILIA

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente
Repoisa lá no ceu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

CAMÕES.

Em tres palmos de terra piedosa
Descança á beira-mar quem tão menina
Levou comsigo o riso que me trouxe,
Aurora d'uma vida côr de rosa,
Fechado n'esse calix de bonina
Que avara me escondia o mel mais doce.

Descança á beira-mar, sobre um cabeça,
Calvo e despido já, sósinho e ermo,
A mais terna, a mais candida andorinha,
Por quem agora mesmo eu indoideço,
Doce estrella polar d'um mar sem termo,
Onde á sorte me corre a vida minha.

Como nuvem levada pela aragem
Se vai no azul das agoas refletindo,
Na intima pupilla veio, apenas,
Estampar-se-me um dia a leda imagem
D'aquella, cujo nome fui abrindo,
Pouco a pouco, na cruz das minhas penas.

Não posso, pois, mostrar contentamento
Não tendo a quem sorrir na mocidade!
Ditoso o que no rosto prazenteiro
Só dá mostras de ledó pensamento,
E não vê, pelas campas da saudade,
A sua alma em tão triste captiveiro.

Oh minha doce Emilia, quem pudesse
Dar vida e côr á rosa desfolhada,
Unindo contra o seio o tenro calix;

Que emquanto voz e harpa Deus me dêsse
Te andaria a minha alma enamorada
Cantando alegres arias pelos valles!

Ainda me parece estar ouvindo
No soalho o teu passo miudinho,
Já fazendo um ruido semelhante
Ao da brisa na flor do rosmaninho;
Parece que te vejo o gesto lindo,
A boca pequenina, o olhar galante;

E sofrego de vida, neste encanto
De falazes memorias se me antolha
Ouvir o alegre som do teu folguedo!
Mas lettra inicial de eterno canto
Quem foi que te apagou da branca folha
Onde eu ia dizendo o meu segredo?

Pequena, como a rosa, e perfumada
O calix d'um só lyrio te bastava
Para berço de tantas alegrias,
Poisavas sobre nuvem prateada;
E ainda o teu cabello fluctuava
Quando vi que de todo te encobrias.

Por força que o destino sempre cego
Em meu mal anda agora conspirando!
Apague d'uma vez tão triste vida,
Ou nunca mais eu saiba o que é socego,
Pois que te vi, florinha, suspirando,
E pallida de todo, emmurchecida!

Albufeira.

F. C. DE MELLO LEOTE.

HOJE E AMANHÃ

PREVISÕES E PREVENÇÕES SOBRE A QUESTÃO SOCIAL

(Continuado do n.º 10)

E nessas povoações, onde o progresso não tem voz, onde a escuridão é absoluta, fórma-se o nucleo do exercito do passado. Retrogada e contamina. Está alli firme e cego.

E quando os que nada semearam se lembram de lá ir colher, encelleiram o joio que deprecia a colheita.

E' preciso metter bem fundo o arado, rasgar o

seio á terra para estirpar as raizes nocivas e limpá-las das sementes parasitas.

O campo não cultivado é porém immenso e faltam-nos braços para o arar em toda a sua extensão. Torna-se preciso fazer a este campo o que fazem os lavradores ás terras menos productivas ou mais cansadas: dividir em secções e cultivar alternadamente.

E é urgente principiar. E' urgente crear o homem para lhe adequar as instituições. E' o contrario do que se tem feito, do que até hoje tem tentado fazer-se.

Talham instituições sem tratar de saber se existe um corpo que lhes caiba. Elevem-se ellas bem alto, colloque-se bem alto e bem visível o código em que se archivam, mas creêmos as intelligencias que as decorem, que as gravem, e depois do homem e do código, da intelligencia e da lei, do dever e da justiça, da obrigação e da vontade, teremos feito um corpo tão homogêneo e tão perfeito que será inseparavel e indissolúvel.

Que onde haja homem haja noção do dever e da justiça. Que onde haja intelligencia haja aptidão. Que a vitalidade se reproduza, que a força se dilate, que Deus se manifeste.

Para formar o homem é necessario lançar mão da criança, alimentar-lhe o corpo, elevar-lhe a alma.

O passado é para nós uma nodoa. Tratemos de redimil-o pelo futuro.

Creêmos a escola. Mas creêmol-a de principio. Façamos d'ella um templo, do ensino um sacerdocio e da ignorancia um stigma.

III

A escola rural, a escola de instrucção primaria para os dois sexos tem-se nos ultimos annos consideravelmente propagado.

Póde argumentar-se, com dados estatísticos, que os governos de Portugal não tem poupado esforços para disseminar a instrucção e alargar a orbita intellectual do paiz. Ao augmento, porém, das escolas não corresponde infelizmente o augmento da instrucção popular. No ensino superior, sobretudo no das sciencias, não tem Portugal ficado muito distanciado do movimento scientifico europeu. Mas nas camadas inferiores a rudeza popular nada tem perdido da sua primitiva aspereza.

O ensino continúa a ser um privilegio das classes favorecidas. As escolas superiores, taes como estão, obrigam o alumno a dispendios, que á minima parte da população é dado satisfazer. Quando se conseguir que pobre deixe de ser synonymo de ignorante, terá a civilisação dado um grande passo.

Raras são as povoações ruraes de alguma importancia que não tenham solicitado dos poderes publicos o estabelecimento d'uma escola.

E' este um favoravel symptoma para quem, contentando-se com as apparencias, não profunda a razão dos factos. O povo solicita a escola, deseja a instrucção, sente a sede do ensino. Pela razão de que querer é poder, o povo será instruido, porque o seu instincto de conservação lhe faz sentir a necessidade de o ser. Mas este symptoma é falso. O povo não quer aprender. O povo está contaminado da fatal mania do funcionalismo. Pede a escola para o mestre, não pede o mestre para a criança. Na concessão da escola vê o modo de vida d'um homem. Quando a solicita raro é que o mestre, o aspirante a funcionario não esteja de antemão indigitado.

Estabelece-se a escola, cabendo quasi sempre á localidade que a requer a obrigação de fornecer a casa. Casa na maior parte das vezes impropria para o mester, de triste aspecto e de tristes condições.

O mestre é quasi sempre um homem que, pelas suas condições physicas, é incapaz de trabalho braçal. O lavrador que tem na familia um parasita declina-o para o estado. Faz-lhe aprender rotineiramente o sufficiente para satisfazer ao exame, e não é raro que tão superficialmente o aprenda que, passados os tres annos de magisterio, não esteja inapto para o segundo exame.

Outras vezes é o padre que accumula os dois sacerdocios; mas a educação e condições de vida da maior parte do nosso clero rarissimas vezes o collocam á altura de exercer os dois.

O mestre faz do magisterio o seu ganha-pão, e como o trabalho é monotono e fatigante, e a recompensa é parca e insufficiente para a sustentação de um homem, dá apenas á escola algumas horas de assistencia physica e de ausencia intellectual.

Ha annos que a Sociedade Madrepora estabeleceu, como incentivo ao adiantamento dos alumnos de instrucção primaria, um livro de premio annual.

Ao professor de cada escola era remettido regularmente o *Archivo Pittoresco*, agradável e instructivo hebdomedario, que com as suas gravuras e illustrações formava de cada anno um bonito album. Aos professores impunha-se-lhes com a remessa a obrigação de entregarem o volume ao mais distincto alumno, e de, como segundo premio, participarem á associação o nome do premiado.

Creemos que bem raros alumnos o receberam. Não córavam alguns mestres de confessar que na sua escola não se encontrava nenhum alumno distincto, dando-se assim a impossibilidade da entrega do livro. Outros nada diziam, mas nada faziam tambem. E os pobres e pequenos alumnos da escola de instrucção primaria nem sequer ficavam sabendo que lá longe, muito longe, havia uns trabalhadores expatriados que os olhavam com interesse e que lhes estendiam o braço amigo e protector.

(Continúa).

JULIA FERREIRA.

O SEGREDO MEDICO

Novella por—ROBERT HALT

(TRADUÇÃO DE ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

(Conclusão)

No dia immediato o doutor recebeu a seguinte carta.

«Paris, segunda feira, 10 da manhã.

«Ex.^{mo} Sr.

«Solicito de V. Ex.^a o especial favor de me attender hoje ás 4 horas da tarde; o soffrimento do sr. Paulo Didier dilacera-me, e as suas affirmações inquietam-me a ponto de ter hontem procurado V. Ex.^a; não tive a honra de ser recebido. O sr. Paulo Didier não me deixa, affiançando-me que V. Ex.^a estava ausente e que deseja ver-me.

«Que pensar de tudo isto? A's 4 horas de hoje espero ser attendido.

De V. Ex.^a

«Criado e venerador

«Humbert.

«P. S. Já depois d'esta escripta soube por Victorina, criada particular de minha filha, um facto gravissimo. Hontem á noute o sr. Paulo Didier deu-lhe uma nota de mil francos, convidando-a a auxiliá-lo no rapto de minha filha, juntando áquelle dinheiro rogos e ameaças de morte, que a espantaram. Estava tratado que hoje de tarde a criada sahiria com a ama, a pretexto de um passeio, e que o sr. Paulo Didier as esperaria com uma carroagem na rua dos Santos Padres. A criada, cheia de remorsos, confiou-me chorando este lamentavel projecto d'um homem, que lança mão dos meios mais extremos, evidentemente pelo sentimento da cruel situação em que se vê, e pela demora d'uma resposta da qual depende talvez todo o seu destino.

«Terá V. Ex.^a coragem para me deixar viver em taes afflicções e de me recusar a graça que de novo solicito de V. Ex.^a com a mais justa inquietação pelo futuro de minha filha?

«H.»

A's quatro horas da tarde o doutor estava no seu gabinete, quando o criado introduziu uma senhora nova, que parcou no limiar da porta, tímida e risinha. Um raio de sol cahindo-lhe sobre os cabellos louros aureolava-lhe a cabeça com uma poeira de ouro; a pelle, d'uma brilhante riqueza de carnação, tinha a frescura d'um pecego avelludado. As fôrmas elegantes e onduladas, o peito alto e amplo completavam a mais bonita mulher do mundo.

—Ah! que bello Rubens! murmurou o doutor, que era amator de pintura. E que adoravel criança!... ajuntou ainda ao notar a expressão ingenua do rosto, que contrastava com esta riqueza de fôrmas e de côres.

O doutor fel-a graciosamente entrar e assentar-se.

Ella disse-lhe então, um pouco trémula de commoção, que seu pae a enviára alli; e depois de ter olhado para o doutor fixamente com toda a ingenuidade dos seus bellos olhos, continuou:

—V. ex.^a parece-me tão boa pessoa, que me admiro como pôde ser o inimigo e o perseguidor do sr. Paulo Didier.

Neste momento entrou o sr. Humbert.

—Quiz que a visse primeiro, disse elle baixo ao medico; por isso me fiz preceder.

O doutor levou-o para o vão d'uma janella e disse-lhe rapidamente:

—Saia já da casa onde está; esconda-se por algum tempo. Vá, senhor, não perca um minuto! Vá!

O tom e olhar com que acompanhou estas palavras completaram as explicações. O sr. Humbert abafou um grito e levou sua filha espantada, que o medico seguiu com os olhos murmurando:

—Era um crime!

A' meia noite d'esse dia o doutor sahio do salão d'um collega.

Ao chegar a casa e quando fechava a porta da rua sentiu-se agarrado pelas costas e ferido com uma punhalada entre as espaldas, sem tempo de fazer um gesto. Caiu.

O assassino inclinou-se sobre elle, apalpou o sangue que sahia da ferida e disse:

E' bom e quente. E' para Helena e para os espiritos!...

Depois saiu cerrando a porta.

Um locatario que entrou um instante depois, tropeçou no corpo estirado no chão e gritou. Acudiu gente. A victima respirava ainda. O criado veio tambem debulhado em lagrimas. Passado um instante estava alli toda a vizinhança lamentando e perguntando o que tinha sido. O medico fez um gesto e todos se callaram; e empregando todas as suas forças pôde pronunciar estas palavras:

—O assassino é um louco... mania epileptica... digam isto á justiça.

Um quarto de hora depois expirou.

Em quanto a Paulo Didier, só deram com elle d'alli a um mez numa aldeia dos suburbios de Paris. Uma manhã tinha-se formado na rua um grande ajun-

tamento á roda de um homem com um ataque epileptico.

O acesso parecia terminado, e o doente estava já de pé quando, tirando uma navalha que trazia no bolso, se lançou sobre uma rapariga ferindo-a num hombro.

Conseguiram arrancar-lhe a navalha, lançal-o por terra e amarral-o.

—Deixem-me convertel-a, raivava o doido aos que o levavam; conheço-a, é photographia... A mim, albigenses! Ah! Ah! Ah! Catharo, Cathara! Salvae a minha religião!...

O desgraçado está hoje num hospital de alienados.

PUBLICAÇÕES

REALISTAS E ROMANTICOS

ESTUDO LITTERARIO A PROPOSITO DA—COMEDIA DO CAMPO, SCENAS DO MINHO, volume 2.^o—AMOR DIVINO, (*Estudo pathologico d'uma santa*) por Bento Moreno.

(Continuado do n.^o 9)

Para um romancista da escola realista o primeiro talento é o da observação, o talento descriptivo, por que sendo os *actos* que explicam as intenções, deduzindo-se dos factos as leis que os regulam, não pôde escapar á observação um gesto, uma phrase, uma circumstancia, que seja essencial e caracteristica d'umas certas intenções.

Os realistas, compenetrados das altas verdades adquiridas pela sciencia moderna, que considera o homem physico e moral um producto fatal do meio social, geographico, historico e ethnographico, e a psychologia uma divisão natural da physiologia, não sendo por isso o pensamento mais do que manifestações da actividade cerebral, é d'estas manifestações, traduzidas em actos pela vontade ou pelos impulsos espontaneos, que descem á analyse das intenções que os produziram, ou das paixões mais ou menos conscientes que as revelaram.

O homem é, pois, dominado no desenvolvimento do seu organismo, na evolução das suas idéas, no character das suas paixões pelas influencias tanto do meio moral como do meio physico.

Da comprehensão d'esta verdade nasce para os realistas a necessidade da discripção exacta tanto da natureza physica, que cérca os heroes dos seus romances, como do meio social que os envolve.

Ao talento *scientifico* da analyse, da observação e da critica deve um realista reunir o talento *artístico* de *apanhar* bem o traço que caracteriza uma physionomia, a circumstancia que define uma situação, a feição que dá relevo a uma paisagem, a phrase que dá ao leitor a comprehensão do meio intellectual em que a acção se passa, o preconceito que retrata um espirito, o ridiculo que define uma sociedade. Depois d'estes talentos deve o realista finalmente possuir a alta imparcialidade critica d'um verdadeiro positivista, para o qual as theorias derivam fatalmente da comprehensão dos factos, sendo da sua observação e da sua comparação que sahem as leis que os regulam, unico objecto das sciencias. O realista não pertence a nenhuma escola politica, não está filiado em nenhuma seita religiosa. Tudo é assumpto de observação e de estudo. Para elle Ravallae é um maniaco,

Santa Thereza uma doente, Torquemada um furioso e o Raphael de Lamartine um hypocondriaco. D'ahi a ausencia indispensavel da declamação, da rethorica, do estylo florido. Quasi estylo scientifico; sobrio e correcto como um poema homerico; frio e analytico como o olhar d'um operador; fino, verdadeiro e vivo como um quadro de Rosa Bonheur.

A arte, pois, sob o ponto de vista da escola realista, é quasi uma sciencia, que só pôde ser cultivada com exito e exercida com distincção pelos que tiverem uma forte educação intellectual, um alto senso critico, um superior talento de observação e de analyse e aquelle dom artistico especial, que é quasi uma inspiração, e que consiste em achar numa phrase, num traço, num golpe de vista a synthese, a feição dominante, o character d'um espirito, d'uma situação ou de uma paisagem.

O *Amor divino* reúne em alto gráo todas as qualidades d'uma verdadeira obra d'arte, no sentido realista do termo. Tem o character profundamente positivo d'um verdadeiro trabalho scientifico, tranquillo, impassivel e critico, como um estudo pathologico. Nunca em Portugal os intuitos e as aspirações da escola realista foram melhor comprehendidos nem mais methodicamente seguidos.

O *Crime do Padre Amaro*, que é um notabilissimo ensaio de transplantação e de iniciação realista em Portugal, apesar das suas mui pouco vulgares qualidades artisticas, superiores, em quanto á originalidade do estylo e amplitude de desenho ás do livro do sr. Bento Moreno, não tem, como a Comedia do Campo, tão profunda comprehensão dos intuitos e do ideal da nova escola positiva de litteratura.

Tanto porém o livro do sr. Eça de Queiroz como o do sr. Bento Moreno são duas obras d'arte isoladas, sem precedentes na litteratura nacional?

E'oo que negamos terminantemente. A litteratura portugueza, por circumstancias que não é facil explicar, tem a fortuna de possuir tres romancistas contemporaneos como não ha muitos lá por fóra: Alexandre Herculano, que produziu o Parocho de Aldeia, um verdadeiro primor d'arte, pela completa assimilação da vida portugueza numa das suas feições mais caracteristicas; Julio Diniz, que apesar do seu mysticismo philosophico e do seu ecletismo espiritualista, é um delicadissimo observador e um talentoso paysagista; e, finalmente, Camillo Castello Branco, o mais intelligente de todos, o mais original, o mais inconscientemente realista.

(Continúa).

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO



Dezembro

1877

NUMERO 12

LITTERATURA DOS CONTOS POPULARES PORTUGUEZES

(Conclusão)

No conto ix, da segunda parte, confirma Trancoso esta origem: «Assi o exemplo d'este marquez, os que este anno de mil e quinhentos e sessenta e nove a esta parte perdemos mulheres, filhos e fazenda, nos esforçaremos e não nos entristecemos tanto, que caiamos em caso de desesperação sem comer e sem paciencia dando occasião a nossa morte.» (Ib. pag. 208).

Foi esta peste de 1569 uma das maiores que invadiram Portugal, e conservou entre o povo o nome vulgar de *Peste grande*; d'ella restam abundantes memorias particulares, e ainda hoje subsiste nos costumes de Lisboa a festa e procissão da *Saude*, instituida por esse tempo.

Inspirado pelo fervor religioso, que succedeu ao fim da peste, Trancoso publicou logo em 1570 um opusculo das *Festas mudaveis*, dedicado ao Arcebispo de Lisboa.

A redacção dos Contos ficou suspensa desde que cessou a peste: «e assim eu, ainda que tenho desejo de escrever este mez trinta historias, as ditas para desenfadamento....»

Este curto praso mostra-nos que elle tirava essas historias das suas reminiscencias e leituras; a perda de algumas pessoas de sua familia, mulher, filhos, e a falta de lições, obrigaram durante a tremenda crise a esses exercicios de desenfado, para se não deixar cair em desfallecimento.

Na primeira edição dos *Contos proveitosos*, de 1575 (ignorada dos bibliographos) vem uma *Carta á Rainha D. Catharina*, bastante preciosa, por descrever a peste grande de 1569, que despovoou a cidade de Lisboa; nessa carta narra Trancoso que lhe morreu em casa sua mulher, uma filha mais velha de vinte e quatro annos, um filho estudante e um outro que era menino de côro. Foi no meio de tantos desastres que escreveu os Contos, que alguns amigos lhe fizeram publicar. Pela carta á Rainha se pôde deduzir que Trancoso casára pouco antes de 1544; as suas

relações com a Rainha dão-nos o sentido da allusão á morte do principe Dom João, e por ventura levam a crer que Trancoso fôra mestre no paço.

A determinação de alguns paradigmas dos *Contos proveitosos*, é que nos pôde dar a conhecer a extensão das reminiscencias de Trancoso e a importancia do seu livro. O Conto *do segredo revelado á mulher*, do qual se serve contra o marido em um momento de colera, acha-se na *Gesta Romanorum*; (cap. 144 do *Violier des Hist. rom.*) nas *Novellas de Sacketti*, n.º xvi; nas *Cento Novelle antiche*, n.º 100; nas *Cem Novellas novas*, n.º lii; nas *Notte piacevoli*, de Straparole, 1.ª da primeira noite; e no Livro de *Chevalier de la Tour*, cap. 128.

O Conto *das tres donzellas, que desejavam servir o rei*, acha-se tambem em Straparole (Nott. iv, fav. iii), e já foi submettido a um estudo comparativo por A. Coelho.

O Conto *do rapaz que resgata a captiva christã e compra a reliquia*, acha-se tambem em Straparole (Nott. xi, fav. 2).

O Conto, *o que Deus faz é pelo melhor*, acha-se em uma versão identica no *Conde de Lucanor*, de D. João Manuel, fl. 81, v.

O Conto *de minha mãe calçotes*, é uma variante do conto da *Bilha de leite*, de Gil Vicente, e tem as suas raizes tradicionaes no *Hitopadessa*.

O Conto de *D. Simão, que responde a todas as advinhações que lhe propõe o rei*, acha-se ainda hoje na tradição oral portugueza, com o titulo o *Padre João Sem cuidados*, e existe uma versão publicada no *Almanach de Lembranças* para 1866, p. 323; nas *Novellas de Sacketti*, Nov. iv, se acha um paradigma litterario, o que torna mais extensas as suas fontes tradicionaes.

O Conto iv de Trancoso, acha-se nas *Gesta Romanorum* (Violier, p. 392); na *Disciplina clericalis*

de Pedro Alfonso, e no *Decameron*, (Jorn. viii, nov. 10).

Trancoso também traz um extenso Conto de *Griselidis* digno de ser comparado nos seus principaes episodios com a versão de Bocaccio, e com as demais fontes já accumuladas ou Edelestand du Méril. Nos anexins portuguezes encontra-se um que parece alludir á historia de *Griselidis*:

Pelo marido vassoura,
Pelo marido senhora.

Ultimamente o sr. Ad. Coelho, em um jornal litterario do Porto, a Harpa, analysou segundo o systema empregado por Domenico Comparetti, o Canto xv da Parte primeira das *Historias proveitosas*, de Trancoso, aproximando-o dos paradigmas já reunidos por Benfey, na introduccão ao *Pantehatantra*, § 166, seguindo assim a corrente tradicional nas versões tibetana, russa, allemã, italiana e inglesa.

D'esta analyse minuciosa conclue Ad. Coelho: «Vê-se que Trancoso não pôde tirar o seu Conto de nenhuma d'essas fórmulas conhecidas, nem das immediatamente anteriores, e como o Conto não se acha em nenhuma das collecções antigas de contos e novellas que maior giro tiveram na Europa, torna-se muitissimo provavel, podemos dizer, quasi indubitavel, que elle bebesse na *tradição oral portugueza*, para onde elle viria por alguns dos muitos canaes, que cá trouxeram grande numero de contos orientaes.» Era esta a nossa opinião, que Coelho começou por combater no seu estudo: «Nada mais difficil a nosso ver, do que provar que Trancoso bebeu na tradição popular, nenhum testemunho directo nol-o affirma...»

O segundo conto analysado por Coelho, foi o *das tres irmãs*, e indica-lhe fontes arabes, florentinas, sicilianas, húngaras, allemãs, gregas, catalans, e tres versões populares do Minho, de Coimbra e de Castello Branco; conclue que Trancoso só poderia ter conhecido unicamente a fórmula litteraria de Straparole.

A collecção dos Contos de Trancoso compõe-se de tres partes, interrompidas pela morte do auctor; a primeira parte deve fixar-se por 1544, e talvez impressa separadamente, como se poderá inferir de uma edição desconhecida, citada por Brunet.

A segunda parte, redigida em 1569, foi reimpressa ainda em vida de Trancoso com a primeira em 1585; a terceira parte, não continuada, appareceu depois da morte do auctor, publicada por seu filho Antonio Fernandes em 1596. Por estas edições se conhecem as relações litterarias de Trancoso com o poeta Luiz Brochado, auctor das popularissimas *Trovas do Moleyro*. Além das numerosas edições d'este livro, nos seculos xvii e xviii, acham-se também muitas referencias aos Contos nas Comedias de cordel, (farças

populares) e em notas dos versos de Filinto, cuja educação esteve em contacto com o povo.

Os Contos tornaram-se raros e foram deixando de ser lidos, ao passo que entre o povo se vulgarisavam as folhas volantes traduzidas do hespanhol desde o governo dos Philippes, taes como a *Donzella Theodora*, a *Formosa Magalona*, o *Roberto do Diabo*, a *Historia de Carlos Magno*, os *Sete Infantes de Lara*, que formam a base da litteratura popular portugueza; outros escriptores, como Balthazar Dias, descobriram também o segredo de se apoderar da imaginação do povo, e é d'este poeta cego a elaboração litteraria da grande lenda de *Crescencia*, conhecida e ainda vigente em Portugal sob o titulo de *Historia da Imperatriz Porcina*. As aventuras de *Bertholdo*, *Bertholdinho* e *Caccaseno* foram traduzidas do italiano; resumiu-se do francez a *Historia de João de Calais*, e o velho conto oriental dos tres irmãos corcovados foi assimilado sob o titulo de *Historia dos tres corcovados de Setubal*.

A vulgarisação crescente d'estes opusculos explica-nos porque é que os Contos de Trancoso deixaram de ser lidos pelo povo; a classe média foi também desviada do seu gosto pela diffusão de deploraveis traduções dos mais desgraçados romances francezes.

No seculo xvii o Conto recebeu uma fórmula e disciplina litteraria; Francisco Rodrigues Lobo, na *Côrte na Aldéa*, estabelece as regras e os diversos generos de Contos, e o modo como devem de ser narrados, chegando a parodiar um conto tradicional com todas as suas tautologias. Na *Côrte na Aldéa*, intercala bastantes contos, taes como o do *Usurario*, do *Thesouro*, *Amores de Aleramo*, o das *Tres Aguas*, e outros muitos trazidos para exemplificar generos, mas que se afastam das origens tradicionaes. O facto de saber comprehender o valor poetico da tradição, torna Rodrigues Lobo um dos mais eminentes lyricos do seculo xvii.

Nos Sermonarios e livros asceticos d'este seculo, tão rhetorico nos paizes catholicos, é que os Contos receberam uma exclusiva intenção moral. Na *Arte de Furtar*, attribuida ao Padre Vieira, vem o mesmo thema resumido sobre que se fez a comedia do *Advogado Pathelin*. No *Estimulo pratico*, do ascetico Padre Bernardes, cada conto serve de texto para uma longa explanação moral.

Estes contos narrados pelos prégadores são em geral tirados dos velhos Thesouros de Exemplos, tão usados na predica da idade média da Europa, mas renovadas em Portugal bem extemporaneamente. Pertence ainda a este periodo o livro intitulado *Baculo pastoral*, de Saraiva, que traz bastantes contos derivados da mesma origem que acabamos de indicar; ali se acha a celebre tradição da rainha Santa Isabel e do pagem que a servia, que escapou de ser quemado por se demorar a ouvir missa; vem o conto do filho do rei, a quem disseram que as mulheres eram

os diabos, tal como se lê no *Novellino*; e a do príncipe que era castigado pelo mestre nos doze meninos que costumavam brincar com elle, que tambem se acha no *Novellino*, conto LIX.

No seculo XVIII ainda apparece esta mania compiliatoria, na *Hora de Recreio*, do Padre João Baptista de Castro, na qual alguns contos se resumem em anedoctas, e outros são exclusivamente de proveniencia litteraria, como o *Matrona de Epheso*.

Modernamente os Contos populares estão ainda com grande vitalidade pelas aldeias, e nos trabalhos domesticos é costume geral o contar *Casos*. Na sua applicação para distrahir as crianças são chamados Contos da *Carochinha*. Alguns contos antigos já se perderam, deixando apenas na memoria do povo a moralidade condensada em um anexim:

—Faze por ter
Vir-te-hão vêr.

—Tanto vale cada um na praça,
Quanto vale o que tem na caixa.

No Conto do *Rei Lear*, Cordelia exprime este mesmo pensamento:

Tant as, tant vaux, et tant je t'aime
Tant comme j'eus, et tant valus,
Et tant aimé et privé fus.

O velho anexim conservado por Jorge Ferreira de Vasconcellos, na comedia *Eufrosina*, de 1521:

O Lobo e a Golpelha (Vulpecula)
Fizeram uma conselha,

allude a um dos episodios do *Roman du Renard*, já desconhecido entre o nosso povo; d'este mesmo cyclo existe outro anexim:

Da pelle alheia
Grande corrêa.

A palavra *Conselha*, que acima fica, é tambem empregada pelo povo hespanhol para designar o Conto tradicional, *Conseja*, por ventura por causa da conclusão moral. Nós fomos o primeiro que começou a explorar esta riqueza tradicional do povo portuguez. Á medida que a direcção scientifica d'este seculo tem penetrado em Portugal, já alguns collectores vão apprehendendo organizar collecções dos nossos Contos; infelizmente os livreiros são analfabetos, e não se atrevem a dar publicidade a livros d'esta ordem.

O estado da tradição popular é bastante vigoroso, e d'aqui provém talvez o não dar-se importancia a estas creações primitivas; ácerca da tradição oral na

Ilha de S. Jorge, diz-nos o nosso respeitavel amigo Dr. João Teixeira Soares: «Aconteceu o outro dia passar aqui uma noite a Maria Ignacia. Chamei-a e á minha criada para junto d'esta meza de trabalho para as interrogar sobre Contos populares, a que o povo chama *Casos*. Desculpam-se da falta de memoria juvenil, para entrarem francamente neste campo, comtudo disseram bastante para me deixarem estupefacto. Que peripecias! que maravilhoso! que poesia! Affirmaram-me unanimemente que seria impossivel ao investigador mais diligente formar uma collecção completa de todos os *Casos* sabidos do povo:—Todos escriptos, enchiam esta casa! disse a Maria Ignacia».

Sobre tudo a maior extensão e a parte mais vital dos Contos é no sentido *decameronico*, em que o frade se torna o heroe privilegiado; alguns d'esses contos oraes acham-se nas collecções litterarias, como o das *Ceroulas do Padre Sam Francisco*, que se encontra em Sachetti; o do *Passarinho guardado e confiado como segredo ás freiras*, e o da *Unhada do diabo*, que se lêem em Rabelais.

Alguns contos ainda não publicados, como o do *Manoel Feijão*, faltam na série dos paralogmas do *Petit Poucet* analysados por Gaston Paris; ou a da *Cemadrede Morte*, que pertence á série dos paradigmas tradicionaes do *Beiphegor* de Machiavelli.

As vias que se podem determinar para a introdução em Portugal dos Contos mais geraes da tradição universal são *litterarias* e *oraes*. As litterarias, são provençaes, bretans e francezas até ao seculo XV; eruditas e as provenientes da corrente dos novellistas italianos no seculo XVI. A via popular ou oral é mais difficil de determinar, mas uma das principaes foi a communicação com a sociedade arabe, influencia que fez que em Hespanha se redigisse o *Calila e Dimna*; Camões allude ao costume de contar contos a bordo dos navios, na longa navegação da India, e Rodrigues Lobo tambem fala d'este costume nas guarnições militares nas possessões do Oriente. Algumas vezes a corrente litteraria vulgarisava-se entre o povo, por via dos prégadores. Muitos contos conservam vestigios mythicos inconscientes; a persistencia da tradição entre o povo tem tambem o seu porque historico; os *Pagi*, na organização social da idade média eram as povoações ruraes, com a sua vida industrial propria, com a sua crença e egreja local, alheias a todo o movimento intellectual dos grandes centros.

Foi nos *Pagi*, que os restos dos polytheismo romano, do culto odinico germanico, do druidismo celtico, e dos cultos magicos trazidos pelos romanos e arabes dos Egypcios e Chaldeus, se encontraram com o christianismo ainda em estado sentimental. Mais tarde a egreja, ao realisar a sua unidade, condemnou essas tradições populares, chamando-lhes *paganismo*. Nos Contos de fadas o caracter *pagão* é tanto mais evidente quanto maior é o syncretismo; o typo da *Fada*,

tanto na parca grega *Moirá*, como na *Moer* scandinava, como na *Moirae* celtica, ou como na *Moirá* encantada de Portugal, entra nos Contos populares com toda esta complexidade de origens, recebendo interesse historico, segundo as épocas que atravessa; nesses contos allude-se ás grandes *fómes*, á antropophagia dos *Ogres*, á brutalidade feudal na situação de *Griselides*, ou ao symbolo juridico dos esponsaes pelo sapatinho, como na *Cendrilon*. O ponto de vista mythico é o mais importante e o verdadeiramente scientifico.

Uma questão mais alta se levanta com relação á origem dos Contos populares, hoje que Benfey e Max-Müller demonstraram a universalidade das tradições. Como se sabe, o Conto é um resto dos mythos de um polytheismo decahido; Gubernatis determinou nesta decadencia duas fórmulas, uma *nacional*, que produz as fórmulas da Epopéa, e outra domestica ou *familiar*, que se perpetua no Conto. Póde-se dizer que estão achadas as leis da imaginação humana, e que a pretendida originalidade subjectiva se dissolveu do mesmo modo que perante a sciencia se dissolveu o dogma de uma creação do nada. A cadeia tradicional está reconstituída desde a sua fonte indiana até á Europa, e póde-se dizer, que até onde os mythos vedicos penetraram, já na fórmula épica e puranica, já nas especulações

buddhicas propagadas entre as raças amarellas, já no naturalismo das migrações indo-européas, em toda a parte se foram transformando em Contos populares.

Se o Conto é uma phase de decadencia dos mythos áricos, confundidos com restos fetichicos nos *Bestiarios* e *Lapidarios*, existe um outro subsólo da imaginação humana, mais obliterado, mais inconsciente, é o das Superstições, restos provenientes de religiões ainda mais antigas que o polytheismo árico: taes são os cultos magicos turaniano-kuschitas, conservados pelos gregos, e trazidos pelos romanos e arabes para a Europa da tradição do Egypto e da Chaldéa. Não é menos importante esta fórmula da vida da tradição, que se vae tornando pela leitura dos hieroglyphicos e dos cuneiformes, objecto de uma sciencia. A *Superstição* e o *Conto* são duas decadencias diversas de dois grandes e vastos systemas religiosos.

Para o estudo das superstições e dos Contos contribuiremos com o muito que em Portugal se conserva; terminando esta indicação da área da nossa litteratura popular, servir-nos-ha este ensaio de prologo aos *Contos populares açorianos*, que reservamos para esta Revista.

THEOPHILO BRAGA.

HOJE E AMANHÃ

PREVISÕES E PREVENÇÕES SOBRE A QUESTÃO SOCIAL

(Continuação)

A criança entra na escola como entra na officina para qualquer outra aprendizagem. Ha uma differença porém: é que ao entrar na officina ella sabe ao que vae e para que vae. Sabe que a coroar o esforço do trabalho empregado lhe fica uma prenda, um mister praticavel e tangivel, que lhe ha de ser sustento e independencia. O para que lhe servirá a leitura não lh'o diz o pae, não o sabe ella e não lh'o ensina o mestre.

Além do livro de ensino que lhe collocam nas mãos, não tem idéa de nenhum outro que não seja aquelle, que, aos domingos, vê sobre o altar entre lumes e flores. E esse não lhe desperta a curiosidade. Ouve-o, mas não o entende. Para que aprender então?... pensa a creança. Para ser professor como o seu mestre? Elle é tão pobre e tão humilde!... Para ser padre?... Não; a criança entregue a si não tem tendencia para o sacerdocio. Tem pae e quer ser pae.

É o natural pendor.

Não aprende então.

D'ahi vem que, de cem que frequentam as escolas publicas de instrucção primaria, nem dez talvez ficam habilitados para a mecanica comprehensão d'um livro.

E aos poucos que aprenderam perguntamos: de que lhes serve a prenda que tão laboriosamente adquiriram? O lêr não póde ser um fim, mas apenas um meio.

A aquisição da leitura é uma segunda vista que nos abre vastissimos horisontes; mas, encerrados em lugubre recinto, entre paredes sombrias e viscosas, póde acaso aproveitar-nos a vista?

Os eminentes estadistas que *decretam* o progresso, presenteando o povo com a escola, entregam-lhe uma chave. É a chave da bibliotheca, da instrucção, da sciencia; é a chave que lhe franqueia o atrio do mundo civilisado, que lhe dá proveitoso convívio com toda a humanidade, que lhe descobre os laços que estreitam a vastissima familia universal.

Essa chave é um magnifico presente; mas onde está a porta, onde está a fechadura em que ella sirva?

Esqueceram-se d'isso apenas. Poliram a chave com esmero, mas não crearam, ou antes não tornaram accessivel por ella o recinto promettido. Não ha bibliotheca para o povo, não ha livros, não ha codigos. Sabem ás vezes que ha uns livros com este nome, mas sabem-n'o muito tarde e muito inutilmente. Sabem-n'o no banco dos réus, quando o juiz, invocando esses codigos, lhe commina penas que elle não conhecia, depois de commetter faltas que lhe não ensinaram a evitar.

E o povo sentado nesse logar, é apenas o cumplice da sociedade, da sociedade que o não guiou, da sociedade que tinha luz e que lh'a não deu. E a sociedade condemna-se ao julgal-o, e a sociedade deshonra-se ao feril-o.

É vergonhosa a ausencia de cuidados e de solicitude que os poderes publicos consagram a essa grande maioria de todas as nações, o povo.

Nos codigos modernos começa a fallar-se do mesquinho, os partidos avançados invocam-n'o, mas apenas como um auxiliar desconhecido, ou como uma figura de rethorica de effeito theatral.

O homem do povo sahido das escolas actuaes, raras vezes fica sabendo ler. Mas ao que adquiriu essa prenda não lhe é dado exercel-a de modo que contribua para a sua cultura intellectual.

As faculdades do espirito desenvolvem-se exercitando-se: e no mundo intellectual como no mundo physico, um orgão inactivo é um orgão atrophiado.

Mas atrophiado não é extincto, e por muito que se faça ou por muito que deixe de fazer-se, existe em todo o ser humano alguma cousa de immaterial e subtil, que se impõe, que se faz sentir, e que requer exercicio e alimentação propria.

O homem que trabalha desde os dez annos com o arado, com a enxada, com a vara ou com a foice; o homem que súa sobre a terra, trocando o esforço pelo pão, não se contenta apenas com isso. Ao meio dia durante as horas da sesta, á noite ao largar do trabalho, precisa de uma distracção qualquer que lhe occupe a mente e que lhe tome o espirito em quanto lhe descança o corpo. É uma necessidade imperiosa e que não se illude. É para satisfazel-a que os homens de todas as gerarchias e de todas as classes procuram os seus iguaes, para trocar idéas, para saciar amisedades.

Para as classes abastadas ha os gremios, ha as sociedades, ha os theatros; mas que porta se abrirá para a distracção do pobre e rude trabalhador? Quem o receberá com o seu fato grosseiro, com as suas mãos callejadas, com o seu aspecto inculto? E todavia era nessa hora que a civilisação o podia tomar, era nesses momentos que o encontrava accessivel. Se os altos espiritos, se os que se alcunham de progressistas — unicamente por asseverarem que o mundo caminha sem pensarem em impelil-o — vizitassem o povo, o enorme desconhecido; se não desdenhassem auscultal-o, seria então que o encontrariam docil, curioso, predisposto para o ensino.

A par da escola era util e absolutamente necessaria a prelecção. A escola para a criança, a prelec-

ção para o adulto. Ensaia-se já este meio nos grandes centros de população, e alli é menos necessaria porque a maioria é menos crua.

Aos infieis, senhor, aos infieis, como se dizia do celebrado milagre de Ourique. Para as aldeias, para as aldeias, para o sertão continental da nossa ignorancia!

A palavra fallada tem mais encanto do que a palavra lida, e para principiar a desbravar seria d'um auxilio immenso.

A casa espaçosa, ventilada, limpa e franca, e um homem intelligente, agradável, instruido, explicando os deveres do homem, os direitos do cidadão, as obrigações e necessidades do individuo, eis a primeira condição do apostolado moderno. Tornando-se pequeno com os pequenos, desfazendo preconceitos, derrocando superstições, implantando idéas, distribuindo livros, fazendo leituras publicas pausadas e claras; depois, com o livro na mão, explicando, corroborando, apontando exemplos; um dia fallando dos deveres do homem para com o homem, outro dos homens para com Deus; agora explicando aos que lutam com a terra os mil segredos d'ella, logo fazendo comprehender os innumerables phenomenos quotidianos que se produzem em volta de nós e que passam despercebidos á ignorancia e á rotina; depois de tudo desfazer invejas, sanar feridas, amaciar corações; pôr finalmente um grupo de homens emparedados na mais mesquinha das nossas aldeias á altura de fraternisarem e conviverem pelo espirito com os povos de todas as nações cultas, fazendo-lhes conhecer os principaes systemas de governação e os direitos e deveres que cada um d'esses systemas garante, contar-lhes a largos traços a historia da humanidade, não como uma simples successão de factos mais ou menos curiosos, mas como a evolução constante de todas as forças organicas da nossa especie para a conquista da verdade e da justiça. Encher estas almas de responsabilidade, derramando-lhes toda a luz que ellas comportarem, não para tornar de cada homem um sabio, mas um cidadão. Trabalhar para conseguir não que todos vejam tudo, mas que todos saibam apreciar tudo aquillo que tenham de ver. Dotar cada homem com o conhecimento da dignidade propria. Espiritos livres em corpos livres. Estabelecer em bases solidas o respeito á virtude, o respeito á intelligencia, o respeito á propriedade, o respeito ao dever, o respeito á liberdade. Ensinar que a egualdade não é a egualdade de posições, de haveres ou de capacidades, porque nesse caso a egualdade era synonymo de monstruosidade; mas que a egualdade consiste em que o que trabalha nos alicerces do edificio moral e o que colloca a pedra da cimalha devem ser, cada um na sua tarefa, igualmente dextros, igualmente habeis, igualmente justos, eis a grande tarefa dos homens que se sentem cheios das grandes responsabilidades que lhes impõe a civilisação.

JULIA FERREIRA.

ESTUDOS POPULARES DE HYGIENE PUBLICA

A emigração para o Brasil

(Conclusão)

As mulheres... Também emigram mulheres para o Brasil, e faz-se com ellas, no ultimo quartel do nosso seculo, um commercio tão vergonhoso e tão immoral, que só pôde conceber-se, pensando em que ahí a influencia da escravatura introduziu e arreigou habitos, que serão o estigma indelevel de um povo, que se diz culto. Estas desgraçadas, pela maior parte açorianas, ou são directamente absorvidas pelos lupanares, ou enviadas para os fazendeiros do interior, os quaes as abandonam para as substituir por outras. Nos ultimos dez annos emigraram pela barra do Porto mais de quatro mil mulheres. Que se medite um pouco não só no abaixamento do nivel moral, a que o desejo de tentar fortuna por este meio leva o sexo feminino, e nas tristes consequencias do exemplo, que facilmente se propaga, mas também nas faculdades productoras que se esterelisaram, porque as emigrantes ficam inteiramente perdidas para a patria, e calcular-se ha a enorme pendente por onde descahe a saude e a robustez dos habitantes d'este pequeno tracto da península.

Dos menores podem fazer-se duas classes. Uns vão recommendados e dirigidos, e empregam-se no commercio. Não ficam por isso menos sujeitos que outras classes de emigrantes ás influencias do meio, mas voltam quasi sempre ricos, e ainda novos; a emigração imprimiu todavia sobre elle o seu cunho fatal. Os outros, a maior parte, sumiram-se nos beccos e viellas do Rio de Janeiro, nos esgotos humanos da grande cidade americana.

Todos estes factos prestavam-se a calculos estatisticos interessantes. Por agora basta dizer-se que nos ultimos dez annos tem abandonado a patria mais de cem mil colonos. Por aqui se pôde ver que a transusão dos elementos mais vitaes do paiz no sólo americano ha de depauperar a nossa raça; e como nenhum elemento novo vem compensar os prejuizos soffridos, poderemos affirmar que, continuando a emigração, Portugal desapparecerá, como nação, e como raça, em um futuro mais ou menos remoto.

Não se pense que exaggeramos. Se a natureza d'este trabalho permittisse largos desenvolvimentos, e podessemos por isso estudar, uma a uma, as acções nocivas, que cercam o emigrado na America, e o influxo de cada uma d'ellas sobre a raça portugueza, a verdade, que acima esboçámos, seria vista em maior nudez, e com mais repulsão. Infelizmente, para tentarmos esse trabalho, como cumpria, faltam certos documentos officiaes insubstituiveis. Além dos relativos ás entradas e sahidas dos colonos, sua idade, pro-

fissão, estado, etc., fazia-se mister que elles fossem vigiados medicamente desde a partida até muito depois do regresso. Isto só podia alcançar-se, montando em vasta escala repartições especiaes; ora sabe-se como estamos longe da perfeição a este respeito.

Ainda assim a carencia de meios para conhecer com exactidão o perigo que nos ameaça, nem por isso o escurece ou minora. Sem elles temos apenas a vantagem de não saber precisamente como e quando morrerá na Europa o ultimo portuguez. Soberba consolação!

Examinadas as cousas sob o seu melhor aspecto, e supposto por consequencia que, pelo que toca ás condições de vida, o colono só muda de residencia, que poderá esperar-se do homem, a quem a febre do ouro faz esquecer de tudo quanto o prende ao sólo, que vae viver durante annos, como parasyta, com uma sociedade corrupta, como o são fatalmente todas as que só entretêm e excitam as preoccupações do dinheiro? Que pôde esperar-se d'aquelles, cujo unico feito, durante annos, vae ser o de explorar por todas as fórmulas o meio que o recebe? Poderíamos responder com factos eloquentes a estas interrogações.

O descenso da moralidade é pois uma tristissima consequencia da emigração. D'ahi deriva a desorganisação da familia, isto é, o augmento das exposições de creanças, do infanticidio, da prostituição, do jogo, do luxo, do alcoolismo, da miseria publica emfim, sob todas as suas fórmulas.

Estes escuros toques são relevados ainda por mais considerações. O Brasil absorve-nos todas as faculdades intellectuaes effectivas: os nossos industriaes, os nossos actores, os escriptores, os guarda-livros, os pintores, os engenheiros, os medicos, tudo o que ha verdadeiramente valioso nesta boa terra, tudo se abysma nessa extensissima região americana.

Deve, portanto, combater-se a emigração a todo o transe, que não é determinada por nenhuma acção fatal,—o amontoamento da população, a pobreza da terra, a concentração da propriedade, e extensão do pauperismo, a guerra intestina ou limitrophe, a falta de cultura intellectual, de liberdade politica. Nós não emigrariamos, se o Brasil não fallasse o portuguez, e se poetas, por indole, nos não illudisse a falaz e fascinadora miragem, que se desenha além-mar, no magestoso paiz das florestas.

AUGUSTO ROCHA.

IMPROVISO

Quando em janeiro de 1865 alguns jornaes portuguezes publicaram a celebre encyclica pontificia, que anathematiza todo o movimento philosophico e scientifico contemporaneo, Guilherme Braga, a organisação mais eminentemente poetica que tem apparecido em Portugal ha muitos annos, escreveu no *Café Portuense*, a lapis, na margem d'um jornal, que reproduzia aquelle documento da intolerancia papal, o seguinte improviso:

Por isso mesmo que os applaude o Papa,
Eu nunca me fei nesses livrinhos
Que escreve um homem de sotaina e capa,
Porque a c'roa de Christo era de espinhos
E do Papa o diadema panteagudo
É forrada de seda ou de velludo.

ALEXANDRE HERCULANO E AS MISSAS POR SUA ALMA

A secção de archeologia do Instituto de Coimbra mandou celebrar no dia 8 do mez passado no templo de Santa Cruz uma missa por alma de Alexandre Herculano. E' digna de louvor de todas as almas tementes a Deus esta doce piedade catholica da parte da archeologia para com a memoria d'um homem, que tem o seu nome preso á expulsão do milagre dos estudos historicos em Portugal, e que mereceu por isso e pela publicação da sua Historia do Estabelecimento da Inquisição os raios theatraes do Vaticano, figurando gloriosamente no *Index* como um dos escriptores mais damninhos... á Igreja.

Não percebemos que beneficios espirituaes póde receber com as missas, mesmo archeologicas, uma alma excommungada. Poderá a secção de archeologia do Instituto tirar-nos d'esta confusão de idéas? E' certo que estão em moda as missas por alma de Ale-

xandre Herculano, porque o publico portuguez só conhece duas fórmas de manifestação solemne dos seus sentimentos: a missa, para os casos tristes, e o foguete para os casos alegres.

Quererá, porém, a secção de archeologia do Instituto da Universidade de Coimbra equiparar-se em responsabilidade philosophica e scientifica com o pasado corpo commercial do Porto?

Andamos sequiosos de verdade e de seriedade, e não é por certo por estes caminhos suspeitos d'um mysticismo convencional e incongruente, que os corpos scientificos, as grandes auctoridades espirituaes do mundo moderno, hão de chegar á investidura do alto sacerdocio social que lhes está commettido.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

PUBLICAÇÕES

REALISTAS E ROMANTICOS

ESTUDO LITTERARIO A PROPOSITO DA—COMEDIA DO CAMPO, SCENAS DO MINHO, volume 2.^o—AMOR DIVINO, (*Estudo pathologico d'uma santa*) por Bento Moreno.

(Conclusão)

Declarámos, na introducção a este jornal, que não temos exclusivismos intolerantes de escola, nem rancores obscuros de seita litteraria. Faremos novamente esta declaração, porque ha por ahi muito quem não conceda a salvação senão aos fanaticos da propria religião.

Esse espirito de intolerancia litteraria póde ás vezes servir a inspiração artistica, mas é sempre prejudicial á imparcialidade da critica. Camillo Castel-

lo-Branco é para nós um dos primeiros romancistas da Europa contemporanea. Não conhecemos em nação nenhuma individualidade litteraria mais original, mais profundamente accentuada, escriptor mais correcto, phantasia mais finamente engraçada, espirito mais vivo e sarcastico. Camillo Castello-Branco seria menos assombroso se tivesse sido educado intellectualmente na moderna escola positiva de philosophia artistica. Assim, alimentado pelo velho espiritualismo moribundo e esteril, é verdadeiramente prodigioso pela vitalidade, pela comprehensão instinctiva dos destinos da arte moderna, pela scintillação do estylo, pela impetuosidade, pela fria dissecção anatomica d'uma individualidade ou de uma situação. Camillo Castello-Branco tem personagens, cuja criação Balsac invejaria e que Flaubert, Alphonse Daudet, Cherbulliez, Droz e Zola não seriam capazes de reproduzir

mais vivos nem com mais relevo. E' um estudo por fazer a critica do grande trabalho litterario, um verdadeiro trabalho de Hercules, dos romances de Camillo Castello-Branco, ao qual ha de acontecer-lhe o que aconteceu a Balsac. Do seu tumulo é que ha de surgir, assombrosa e immensa, a sua grande figura immortal de um dos escriptores mais originaes da litteratura europêa contemporanea.

Os formosos trabalhos do sr. Eça de Queiroz e Bento Moreno, á parte a consciencia do ponto de vista da arte moderna e de systematisação positivista, tem pois, para nós, gloriosos precedentes na litteratura nacional.

E nem podia deixar de ser assim, sendo a litteratura, como já tivemos occasião de o afirmar, uma das manifestações do espirito em que o principio da evolução mais claramente se manifesta.

O *Amor divino* é, no genero e sob o ponto de vista da systematisação positiva, o trabalho mais completo que se tem escripto em Portugal. Por isso passou ignorado e desaplaudido, porque marca um periodo de evolução intellectual, a que ainda não chegou o nosso publico, educado na metaphysica sentimental de um espiritualismo milagreiro. Aquelles processos de analyse pycologica, aquella fria e impessoal observação dos factos, aquella ausencia de declamação sentimental e de espirito de partido num drama, em que se vê uma mulher alegre, robusta e admiravelmente constituída para as grandes lutas da vida prática, caminhar rapidamente para a sepultura pela mão do fanatismo religioso mais asiatico e bestial, passa despercebido á maioria dos leitores, que não comprehendem o valor artistico e a intenção positivista de taes processos de analyse.

O *Amor divino* é precedido pela seguinte epigraphe, que resume admiravelmente toda a intenção social da obra: *La passion la plus excitante sur le système nerveux vaso-moteur et la plus déprimante sur les fonctions nutritives c'est l'amour, et sur tout l'amour divin.* (DR. CHARBONNIER—DEBATTY—*Maladies et facultés diverses des mystiques*).

Poderiam tambem servir de prologo ao bello livro do sr. Bento Moreno as seguintes palavras d'um livro notavel: *En résumé je me suis efforcé dans ces recherches, qui n'ont d'autres visées que de faire pénétrer les données de la physiologie contemporaine dans le domaine impénétré jusqu'ici de la psychologie spéculative, de montrer que les actes les plus complexes de d'activité psycho-intellectuelle se resolaient tous, en définitive, par l'analyse en véritables processus réguliers de l'activité nerveuse;—qu'ils obéissaient à des lois d'évolution régulière;—qu'ils étaient susceptibles, comme tous leurs congénères de l'organisme, d'être interrompus ou troublés dans leurs manifestations par des dislocations survenues dans l'intimité du substratum organique qui les supporte; et qu'en un mot—il y avait dès maintenant une véritable physiologie du cerveau, aussi légitimement assise, aussi légitimement constituée que celle du cœur, du poumon et du système musculaire.* (Le cerveau et ses fonctions, par J. LUYS—pag. X).

É este fecundissimo ponto de vista da physiologia contemporanea e da philosophia positiva que o sr. Bento Moreno tentou systematisar numa obra d'arte. E conseguiu-o, porque dispunha para isso d'um grande sentimento dos destinos da arte moderna e de uma forte educação scientifica, adquirida pelo estudo da medicina. A medicina é com effeito a mais completa educação intellectual que se está dando actualmente neste paiz e a que melhor prepara o espirito para a alta comprehensão da vida e por tanto da arte. Littré, o mais sabedor e o mais austero apostolo da philosophia positiva, é medico, como Flaubert, o primeiro dos romancistas francezes contemporaneos. E é ao corpo medico francez, a mais sabia corporação do mundo, que a Europa e o mundo estão devendo a grande reforma intellectual e scientifica, por que está passando a gloriosa e immortal raça aryana.

O livro do sr. Bento Moreno ha de ser comprehendido mais tarde, quando o publico portuguez chegar a distinguir as inepcias de Mañoco da sciencia do sr. Curry Cabral e os devaneios da sr.^a Guiomar Torresão da critica litteraria do sr. Theophilo Braga.

Falta-nos absolutamente o espaço para darmos conta minuciosa de todas as publicações que temos recebido ultimamente. Limitamo-nos portanto a agradecer as seguintes:

—*Revue Geographique internationale*—journal mensuel illustré des sciences géographiques—Bureaux—37 rue Scheffer—37—Trocadero.—Cada numero d'esta interessante revista é acompanhado de magnificas cartas originaes coloridas, e redigido com uma illustração e competencia, que tornam esta publicação uma das melhores no genero que se publicam actualmente em França.

—*Cadiz*, revista de artes, letras e sciencias—directora-proprietaria—Patrocínio de Biedma—Anno 1.^o—n.^o 23.—Esta revista, que, como o titulo o indica, se publica em Cadiz e da qual é directora a sr.^a Patrocínio de Biedma, uma das senhoras mais intelligentes da Hespanha actual, é collaborada pelos melhores escriptores hespanhoes.

—*O Ensino*, jornal do Collegio Portuense, dedicado aos paes—director e proprietario P. J. Alves Ferreira.—Tinhamos sinceros desejos de dar ácerca d'esta excellente publicação noticia mais desenvolvida e mais digna d'ella. Limitamo-nos, por falta de espaço, a recomendar a sua leitura como a de um dos melhores jornaes do paiz.

—*Revista litteraria do Porto*, publicação semanal.—Anno 1.^o, n.^o 22.—São conhecidos os créditos litterarios de que goza esta revista, que soube, pelo talento dos seus collaboradores e pela boa critica dos seus redactores, sair da esteira de banalidades lyricas em que navega a maioria das publicações d'este genero em Portugal.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

N.º 12

DEZEMBRO—1877



A EVOLUÇÃO

REVISTA QUINZENAL DE LITTERATURA, DE CRITICA E DE VULGARISAÇÃO SCIENTIFICA

REDACTOR—ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

SUMMARIO

- | | |
|---|---|
| I LITTERATURA DOS GONTOS POPULARES PORTUGUEZES, (conclusão) por Theophilo Braga. | ção para o Brazil, (conclusão), por Augusto Rocha. |
| II HOJE E AMANHÃ; <i>previsões e prevenções sobre a questão social</i> (continuação), por Julia Ferreira. | IV IMPROVISO. |
| III ESTUDOS POPULARES DE HYGIENE PUBLICA; <i>a emigração</i> | V ALEXANDRE HERCULANO E AS MISSAS POR SUA ALMA, por Alexandre da Conceição. |
| | VI PUBLICAÇÕES, por Alexandre da Conceição. |

COIMBRA
IMPRESA ACADEMICA
1877

N.º 12

DEZEMBRO 1937

A EVOLUÇÃO

REVISTA QUINZINAL DE LITTERATURA, DE CRITICA E DE VULGARISAÇÃO SCIENTIFICA

REDACTOR—ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

SUMMARIO

- I LITTERATURA DE COSTAS PORTUGUESAS (continuação)
- II HONORABILIDADE E VULGARISAÇÃO SCIENTIFICA
- III LITTERATURA PORTUGUESA DE HONORABILIDADE

COIMBRA
IMPRESA ACADEMICA
1937

MENSAL

REVISTA DAS ARTES E LETRAS

PRIMEIRA ANOTAÇÃO EM DIA DE MENSAL DE REVISTA

PUBLICAÇÃO MENSAL E ILUSTRADA

DIRETOR M. DA SILVA ALCOFORADO

PRIMEIRA ANOTAÇÃO

(Para subscrever, ou depois da publicação de cada número)

EM PORTUGAL

1800

For sale in...

NO BRASIL

2800

For sale in...

REVISTA DAS ARTES E LETRAS

REVISTA DE PROGRESSO DO COMERCIO BRASILEIRO

COMITADO GERAL DE CULTURA DO PAIS

Comitê de Cultura do País

A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA

PROPOSTA DE FIDUCIARIA DO BANCO DE PORTUGAL

Comitê de Cultura do País

MUSEU TECHNOLOGICO

REVISTA DAS INDUSTRIAS PORTUGUEZAS E ESTRANGEIRAS

E DOS

PRINCIPIOS SCIENTIFICOS EM QUE AS MESMAS SE FUNDAM

PUBLICAÇÃO MENSAL E ILLUSTRADA

DIRECTOR—M. DA MAIA ALCOFORADO

PREGO DE ASSIGNATURA

(Paga adiantadamente ou depois da publicação de cada numero)

EM PORTUGAL

Por seis mezes	1\$000 reis
Cada numero de 16 pag. a duas col.	200 »

NO BRAZIL

Por seis mezes	2\$000 reis
Cada numero de 16 pag. a duas col.	400 »

Assigua-se nas principaes livrarias do reino.

ESTUDOS JURIDICOS

ÁCERCA DO PROJECTO DO CODIGO DE PROCESSO CRIMINAL

DO

CONSELHEIRO JOSÉ DA CUNHA NAVARRO DE PAIVA

POR

Francisco José Medeiros

A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA

E A

PROPOSTA DE LEI ÁCERCA DO BANCO DE PORTUGAL

POR

J. J. RODRIGUES DE FREITAS



ALVORADAS

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

2. EDIÇÃO, MUITO AUMENTADA

PREÇO 100 REIS

As vendas nas principais livrarias e lojas de artigos de papelaria e de material de ensino.

A EVOLUÇÃO

REVISTA QUINZINAL DE ESTUDIOS DE ECONOMIA E DE TECNICAS VARIAS

REDACTOR - ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

PREÇOS DE ASSIGNATURA

Revista de Economia e de Tecnicas Varias

RM COLMEIA

Revista de Economia e de Tecnicas Varias

PROVINCIAS

Revista de Economia e de Tecnicas Varias

ALVORADAS

POR

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

2.^a EDIÇÃO, MUITO AUGMENTADA

PREÇO 400 RÉIS

A' venda nas principaes livrarias de Coimbra e do Porto, e em casa do auctor.—Coimbra.

A EVOLUÇÃO

REVISTA QUINZENAL DE LITTERATURA, DE CRITICA E DE VULGARISAÇÃO SCIENTIFICA

REDACTOR—ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

PREÇOS DE ASSIGNATURA

PAGA ADIANTADAMENTE

EM COIMBRA

Por um mez.	400 réis
Por tres mezes.	360 ,
Por seis mezes.	720 ,

PROVINCIAS

Por tres mezes.	400 réis
Por seis mezes.	800 ,

